VARIEDADES
SOBRE OBJECTOS RELATIVOS A'S ARTES, COMMERCIO, E MANUFACTURAS,
CONSIDERADAS

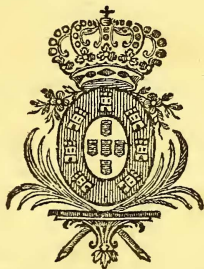
SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA

ECONOMIA POLITICA.

POR

JOSÉ ACCURSIO DAS NEVES.

TOMO II.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1817.

Com Licença.

ASPECTO DA EUROPA

DEPOIS DA PAZ GERAL.

Congresso de Vienna.

Os extraordinarios acontecimentos politicos, e militares, que tem occorrido na Europa depois que concluí o primeiro tomo desta Obra, formão hum quadro importantissimo, que exige de mim algumas reflexões principiando o segundo. Faz huma nova época na Historia; e he nelle que as nações presentes devem lêr os seus futuros destinos, não só pelo que respeita ao poder, mas tambem á sua prosperidade, e riqueza.

Os exercitos victoriosos das potencias confederadas entrárão em França, e destruindo o poder colossal de *Bonaparte*, que arrojárão em degredo para a ilha d'Elba, collocárão os *Bourbons* sobre o throno de *S. Luiz*, e proclamárão a liberdade da Europa. Mudárão-se as decorações do theatro; e aquella capital, que hontem enviava as suas leis, e os seus decretos sanguinarios a tantos povos opprimidos, humilhada as recebe hoje dos seus vencedores. As antigas dynastias reassumírão os seus direitos, e a Europa entrevio pela primeira vez o termo das suas desgraças depois de vinte e cinco annos de perturbações, que tinhão reproduzido nesta parte do globo quanto

nos offerece de horroroso a historia de vinte e cinco seculos.

O Congresso de Vienna, em continuação das conferencias e convenções de Chaumont e de Pariz, devia consummar a obra; e as nações esperavão o resultado com impaciencia. Respirando do seu longo captiveiro, parecia-lhes verem já quebradas todas as prisões da industria, do commercio, e da navegação, dissolvidos os exercitos, abolidas as taxas oppressivas, que a guerra fizera necessarias, e restabelecido hum novo equilibrio entre as potencias, que segurasse o futuro repouso da Europa, e fizesse renascer todos os bens, que as artes produzem á sombra de huma paz permanente. Embebidas nestas idéas promettião-se, nos transportes da sua exultação, dias afortunados, como esses de *Saturno*, que *Virgilio* e *Horacio*, na effervescencia do seu enthusiasmo, ou mais depressa na baixeza das suas adulações, promettião ao mundo, quando *Augusto* lhe deo a paz, mas que desgraçadamente nunca se realizárão sobre a terra. O Congresso não as deixou esperar por muito tempo; mas he necessario confessar, que se achárão enganadas a muitos respeitos, conhecendo por huma triste experiencia quanto he mais facil destruir, que reedificar.

A Europa não conhecia ainda toda a extensão dos seus males, porque o calor dos combates a não deixava sentir toda a gravidade das suas feridas. Era huma victima escapando ao sacrificio, porém despedaçada e esvahida em sangue: a ordem social soffria em todas as suas partes; e males desta natureza não se curão em hum Congresso. Felizmente as luzes, e o espirito de industria se tinhão propagado muito, e no maior encarniçamento das guerras o entendimento hu-

mano se elevou tão alto, que a metralha, e as baionetas não podem mais suspender o seu vôo. He delle, e da sabedoria dos Governos em aproveitar-se das luzes do seculo, que se deve esperar o remedio.

Traçárão-se os planos de hum novo equilibrio, mas fundado no engrandecimento de potencias já extraordinariamente grandes, para formarem entre si a balança do poder. Levantárão-se alguns novos reinos; porém algumas daquellas mesmas nações, que por muitos seculos tinhão gozado de huma representação distincta, perderão a sua existencia politica, para engrossarem a massa desses corpos gigantescos, que segundo a natureza das cousas humanas estão dispostos a combater-se mutuamente, e ameação novas ruinas ao primeiro choque. Fôra melhor que os mais poderosos tivessem a generosidade de repartirem com os mais fracos huma parte das suas acquisições, unico meio de tranquillizar a Europa no seu justo receio de futuros desastrosos, affiançando aos povos huma paz duradoura, e aos Soberanos a permanencia dos seus thronos.

Depois de todas as reducções, que com a volta da paz as potencias belligerantes tem feito nos seus exercitos, he espantosa a multidão de tropas, que a Europa ainda conserva em armas. Eis-aqui o abysmo, em que vai perder-se a porção mais util da sua povoação, obstaculo eterno aos progressos da agricultura, e das artes: eis-aqui a origem primaria do calamitoso estado, em que se achão por toda a parte as rendas publicas, e do pezo dos tributos, com que as nações gemem opprimidas. O Governo Inglez abolio a muito custo a taxa sobre a propriedade, o Portuguez a contribuição extraordinaria de defesa, e todos em ge-

ral tem procurado fazer melhoramentos a este respeito; mas qual he o paiz, onde a somma dos impostos não seja muito superior á sua justa proporção com as rendas? Como póde haver prosperidade, sem se poderem tapar esses sorvedouros da substancia publica? Como podem licenciar-se os exercitos, em quanto subsistir a politica actual? Arma-se huma potencia, he necessario que as outras se armem para lhe resistir: dobra ella ou triplica a sua força armada, he necessario que tambem as outras a dobrem ou tripliquem; e hum momento de descuido, ou de irresolução póde ser fatal á tranquillidade das nações, cujas disputas se decidem sempre com o ferro, e só deixarão de ter disputas, quando não houverem paixões.

He huma desgraça inevitavel, porque tem a sua origem na natureza humana; mas em quanto a Europa esteve dividida em pequenos Estados, fazia-se menos sensivel, porque nas guerras sómente se empregavão exercitos, que hoje parecerião destacamentos á vista das enormes massas, que apresenta qualquer potencia. Dos ambiciosos projectos de *Carlos V.* e *Filippe II.*, que reunindo na sua casa possessões immensas, e mui dispersas, inquietárão a Europa por largo tempo, nasceo a idéa deste famoso equilibrio, de que a concepção se attribue a *Henrique IV.*, e a execução ao Cardeal de *Richelieu.* Mas que equilibrio, e que execução? Póde dizer-se, sem temor de errar, que elle não tem poupado huma só gota de sangue: pelo contrario deo novo motivo real, ou apparente, a novas guerras, e tanto mais devastadoras, quanto erão maiores as forças, que a nova distribuição dos poderes, e o augmento das riquezas permittião pôr em movimento. He cõm o pretexto da conservação deste imaginario equili-

brio que os Principes ambiciosos se tem armado, e cuberto o motivo verdadeiro do seu engrandecimento, ordinariamente á custa dos pequenos Estados, que no meio destas convulsões politicas são sempre olhados como propriedades em litigio. E se forão taes os fructos do equilibrio estabelecido em Westphalia; se de nada tem servido tantos congressos, e tantos tratados posteriores; se a Europa não depoz ainda este aspecto guerreiro, a que se acha habituada ha tantos seculos; se a experiencia nos tem convencido que os breves momentos de repouso não são mais que tregoas, em que se depõem as armas por cansaço, e sómente em quanto se adquirem novas forças para combater, que esperanças póde dar-nos o novo equilibrio estabelecido em Vienna?

Tambem se esperavão regulações que fixassem o direito maritimo; e he precisamente hum ponto de que se não tratou. As mesmas questões, que excitárão huma nova guerra entre a Grã-Bretanha, e os Estados Unidos da America, ficárão indecisas no tratado que restabeleceo a paz entre os dous paizes.

Façamos porém justiça ao Congresso. A Europa tinha feito hum esforço muito superior ás suas circumstancias, em que não podia persistir: devia acudir-se-lhe promptamente com o repouso, e he o que pedião todos os povos, porque estavão cahindo de cansados. Este era o objecto primario do Congresso; e para chegar a elle era necessario abrir mão de mil considerações secundarias, que ou se reservavão para deliberações posteriores, ou se deixavão á discussão, e convenções das differentes potencias entre si, algumas das quaes com effeito se tinhão já prevenido com os seus tratados.

Para segurar a duração deste tão desejado repouso, não podia dispensar-se o Congresso de estabelecer os alicerces do novo edificio politico, demarcando as raias dos differentes Estados da grande familia Europea, que sendo bem organizada, e perfeitamente concordes as suas partes, seria felicissima no interior, e ao mesmo tempo invulneravel aos ataques do mundo inteiro. Aqui he onde estava a difficuldade, porque entrava a luta das differentes pertenções; e para se conhecer quanto ella foi grande, bastare flectir na fluctuação em que estiverão por muito tempo os negocios da Polonia, da Saxonia, de Napoles, do ducado de Parma, e na alteração da politica Ingleza a respeito de Genova, de que Lord *Bentink* proclamou a independencia, e que o General *Dalrymple* entregou ao Rei de Sardenha.

Restabelecer a mesma ordem politica, que existia no anno de 1789, ou no de 1792, como desejarião alguns bons espiritos, nem satisfazia ao fim proposto, nem era possivel. Já não existião os elementos, que vinte e cinco annos de revoluções tinhão destruido, nem podião consolidar-se as bases, que o tempo havia despedaçado. Não erão de tanta grandeza os interesses que se discutírão em Munster, e Osnabruck, e com tudo depois de longos debates diplomaticos, resultou sim huma paz, que socegou o abalo que tinhão causado as opiniões de *Luthero*, mas a Europa ficou mudada, e sanccionada a Reforma, contra a qual se tinhão armado tantas nações.

Não erão findas as negociações, quando hum extraordinario, e imprevisto acontecimento veio perturbar o seu curso, e augmentar as difficuldades. O prisioneiro d'Elba, quebrando o seu degredo, apresenta-se quasi só em França; e atra-

vessando-a como em triunfo, apodera-se em vinte dias, não só da capital, mas de todos os recursos da nação. Agita-se de novo a Europa, correm de toda a parte numerosos esquadrões para se opporem á explosão, e *Bonaparte*, seguido sem difficuldade por aquellas desmoralizadas falanges, que tantas vezes conduzíra á victoria e ás rapinas, he o proprio que vai procurar os exercitos alliados nos seus acampamentos.

A furia Franceza, sempre temivel nos primeiros impetos, e de que elle quiz agora aproveitar-se, para destruir separados os grandes corpos de exercito que se dispunhão a atacallo, dá-lhe algumas vantagens; mas bem depressa muda a scena. *Wellington*, e *Blucher* decidem a lide em hum só dia, affogando em sangue os ultimos restos do poder de *Bonaparte*, que pouco depois se entrega á descripção do Governo Britannico, e he conduzido em rigorosa prizão para os rochedos de Santa Helena.

O Congresso pôde então continuar livremente as operações, paralizadas neste intervallo pela fluctuação dos negocios públicos. Trabalhou-se sobre as mesmas bases, que se tinhão adoptado, porém com as modificações devidas á impressão dos successos recentes, principalmente a respeito da França.

" Os Soberanos alliados desejão que a França
" seja grande, poderosa, e feliz, porque a poten-
" cia Franceza no estado de grandeza, e força he
" hum dos fundamentos do edeficio social da Eu-
" ropa. Desejão, que a França seja feliz, que tor-
" ne a reviver o commercio Francez, que as artes,
" aquellas bençãos da paz, floreção outra vez,
" porque hum povo grande sómente póde estar
" tranquillo á proporção que for feliz. As poten-

"cias confirmão ao imperio Francez huma exten-
"são de territorio, que a França nunca teve no
"tempo dos seus Reis." Assim proclamárão os
Soberanos alliados em Francfort no 1.° de dezembro de 1813, quando ainda se ignorava o modo porque se desenvolveria o chaos, e o procurárão cumprir, quanto as circumstancias permittião, no tractado de Pariz de 30 de maio de 1814. Porém os novos acontecimentos, os partidos, e esta força revolucionaria, que outra vez se levantava no meio da França, mostrárão a necessidade de rebater hum pouco aquellas promessas, impor-lhe sacrificios mais pezados, e sentinellas, que a não deixassem abusar do seu poder. Era tambem necessario ter contemplações com as grandes potencias, que davão a lei ao Congresso, e especialmente com a Russia, e Inglaterra. A primeira tinha a offerecer em serviços o incendio de Moscow, e os ultimos sacrificios que fizera a bem da causa geral com todas as suas forças; a segunda esta constancia inabalavel, com que á custa da sua povoação, e thesouros, havia sustentado desde os primeiros momentos a terrivel luta, de que resultou a liberdade da Europa.

Em execução deste plano conservou-se á Russia o ducado de Varsovia, que as suas armas já occupavão; a Inglaterra reteve aquella parte das suas conquistas, de que não fez dimissão voluntaria, a cujo respeito se tinha já arranjado nos seus tractados com os Paizes-Baixos, e Dinamarca, e no de Pariz; e obteve para o seu Soberano o antigo eleitorado de Hannover com o titulo de reino, e demarcações mais regulares. Alongárão-se as fronteiras da Prussia, de modo que ficasse em contacto, e servisse de barreira entre a Russia, e França; deo-se maior consideração ao novo reino dos

Paizes-Baixos, e aos de Sardenha, e Baviera; e indemnizou-se exuberantemente o Imperador d'Austria na Italia do que perdêra na Alemanha. Cahio a sorte sobre a Polonia, Veneza, e Genova, que forão riscadas do numero das nações livres, e sobre outros Estados de menor consideração, cujos governos tinhão sido destruidos, e que assim como não tiverão forças, com que se resgatassem, e unissem a causa geral, tambem lhes faltárão para apoiar as reclamações do que por direito lhes pertencia, e de facto se achava alienado. Tambem sobre o Rei de Saxonia, que quizerão punir tirando-lhe a metade dos seus Estados, pela sua alliança com Bonaparte, crime em que tinha muitos complices, mas nenhum com tanta perseverança.

Considerações sobre a Russia, e Inglaterra.

Deixo aos politicos as mais amplas considerações sobre estes, e outros arranjos territoriaes, ou sanccionados, ou consentidos pelo Congresso, e aos publicistas o disputarem de direito sobre elles. Mas antes de passar a diante observarei por alguns momentos os dois gigantes, que vejo levantar ao norte, hum terrestre, outro maritimo, de que o primeiro ameaça subjugar a Europa, o outro absorver-lhe toda a substancia, e deixalla hum esqueleto. Não fallo do Imperador *Alexandre*, cujas idéas pacificas me inspirão esperanças, e não terrores, nem do actual Governo Inglez, a quem a Europa deve o respirar livre: o imperio da Russia, e o poder Britannico, são os que se me appresentão á imaginação. Mas em tudo ha excessos:

empreguem outros o seu tempo em imaginar novas revoluções, guerras imminentes, e quanto possa suggerir-lhes hum espirito timido, ou inquieto, que eu nada vejo que indique hum perigo immediato. Não creio que tantos Soberanos illustres se congregassem para se atraiçoarem; e ainda elles não acabárão de enxugar as lagrimas aos seus vassallos, para os quererem sepultar em novas calamidades. Porém os tempos mudão, e desgraçada a Europa, se descançando sobre o presente, for inattentiva ao futuro.

A Russia já era temivel antes da revolução; mas ainda que preponderante ao norte, onde *Pedro* o grande lhe firmou a cabeça, como todos os seus esforços se dirigião para o Mar Negro, era considerada a respeito das mais nações da Europa como huma potencia Asiatica. Por mais de huma vez seus exercitos tinhão tomado parte nas contestações da Alemanha; como porém sómente figuravão de alliados, feita a paz se retiravão socegadamente aos seus lares: só na Polonia he que tinhão começado a formar cabeça. A revolução os chamou até o fundo da Italia, discorrerão pela maior parte da Europa, e ultimamente os vimos entrar duas vezes victoriosos em Pariz: neste momento ainda guarnecem huma parte da França, que se não póde queixar de ser victima, tendo sido a origem de todo o mal. As suas ultimas acquisições da Moldavia em toda a margem esquerda do Pruth, e a da Finlandia derão-lhe hum consideravel augmento de poder: as da Polonia a fizerão huma potencia Europea, com meios e recursos para subjugar as outras, se com tempo se não prevenirem.

Não podendo ser flanqueada pela sua direita, porque se encosta ao Baltico, e aos gelos do cir-

culo polar, nem pela retaguarda, porque tem regiões immensas, por onde estende o seu imperio até a China; se pela esquerda não achar alguma resistencia, não tem senão adiantar-se hum pouco para a sua frente, e esmaga a Europa com o seu pezo. As outras nações Europeas bem unidas terião na verdade forças mais que sufficientes para embaraçarem os seus progressos; mas a Historia, e principalmente a da França nas duas epocas de *Luiz XIV.* e da revolução, nos tem ensinado duas cousas: 1.ª a facilidade que tem huma nação preponderante, quando he dominada por hum Governo activo, e ambicioso, para pôr o mundo em desordem: 2.ª a difficuldade de se formar, e manter huma liga, que lhe resista. Esta ultima, que humilhou a mesma França, foi acompanhada de tantas circumstancias extraordinarias, que he singular nos annaes da Europa. A Russia ainda tem mais huma vantagem, que faltava á França: póde recuar sobre a cauda, como a serpente, senão for bem succedida, e esperar occasião opportuna para novos ataques. Todo o exercito Europeo, que a fosse atacar aos seus antigos limites, teria o mesmo successo que os de *Bonaparte* diante de Moscow.

Confia-se muito na superioridade das artes, e da Tactica Europea; e eis-aqui como escrevia em 1812 hum erudito e experimentado official Inglez: (1) "A arte da guerra, que como as "outras sciencias requer huma assidua cultura, "tem feito pequenos progressos na Russia, e nós "achamos os seus officiaes lamentavelmente igno-

---

(1) *Henry Augustus Dillon. A Commentary on the Military Establissements and Policy of Nations. Vol. II. Cap. VII.*

"rantes, apezar da experiencia que elles tem ti-
"do." As campanhas de *Souwarof* parece que devião ter inspirado outra linguagem ao escriptor Inglez a respeito da officialidade Russiana: as de *Kutusoff*, *Bennigsen*, *Barclay de Tolly*, *Woromsof*, *&c.* dissipárão complectamente a illusão.

A pintura dos soldados Russianos, que faz o mesmo Escriptor) e todo o mundo reconhece ser verdadeira) tendo huma obediencia cega aos seus chefes, immoveis como creaturas inanimadas no meio de todos os perigos, sem que os abale o sentimento dos maiores soffrimentos, nem mesmo o temor da morte, acostumados a todos os climas, levando ás costas tudo o necessario, he a pintura de hum exercito de conquistadores. São os mesmos barbaros, que tendo militado primeiramente a soldo dos Romanos, acabárão por destruir as suas legiões, e repartir entre si os despojos do imperio. Faltão-lhes os recursos pecuniarios: vãs esperanças, com que alguns se illudem! são os pobres os que procurão o paiz das riquezas, e irão buscar os recursos onde os houver: he ainda o caso dos barbaros do Norte, que destruirão o imperio Romano. Está muito aperfeiçoada a arte de sustentar os exercitos em territorio alheio, de que *Federico* deo ensaios, e *Bonaparte* lições de mestre.

O imperio Ottomano he a potencia, que ainda no seu enfraquecimento póde sustentar a barreira pela esquerda. A expulsão dos Turcos para além do Bosforo tem sido o objecto de fervorosos votos, em outro tempo justissimos, e hoje indiscretos. Quem poderia com a Russia senhora dos Dardanellos? Não he mais o tempo dos *Solimões*, e dos *Selins*, que fazião tremer a Europa: ha mais de hum seculo que o imperio Ottomano declina, e

o da Russia cresce, conservando na sua robustez o mesmo espirito emprehendedor, que caracterizou os reinados de *Pedro* o grande, e *Catharina* a grande. Maltha, e as ilhas Jonias já por vezes tem tentado a sua ambição, e a politica Europea tem sabido até agora desvialIo de estabelecimentos no Mediterraneo: possa ella tomar taes medidas, que a livrem de ser outra vez invadida pelos povos do Norte.

Se do continente voltamos os olhos para as ilhas Britannicas, vemos hum imperio em que tudo he grande, mas por differentes principios: pela navegação, commercio, e industria, e pelas riquezas, que são o seu resultado. A natureza de acordo com a arte parecem ter destinado a Ingaterra a ser huma nação poderosa; a energia do seu governo, o caracter nacional, huma serie não interrompida de acontecimentos felizes, e os erros dos seus adversarios derão-lhe a monarquia universal sobre os mares. Não ha caminho para chegar ás suas praias, senão pelo elemento em que ella domina, e os mesmos ataques que se lhe têm feito a constituírão guerreira: foi forçada em certo modo a elevar-se a hum ponto de grandeza, a que nenhuma outra nação tinha chegado.

Quando entrou na luta, já era formidavel pelo seu poder maritimo, mas era tida em pouco como potencia terrestre. Os seus exercitos tinhão perdido toda a consideração no continente desde as ultimas campanhas do *Duque de Cumberland* na Alemanha, e principalmente depois que se vio, que não pôde obstar á revolta das suas colonias da America; mas a sua rival a fez mudar de caracter. Não pôde excogitar meio de ataque que lhe não fizesse, e o Governo Britannico, que conheceo serem-lhe precisos esforços mais que ordina-

rios, augmentou as suas esquadras, e levantou exercitos, com que foi procurar os Francezes em toda a parte onde os podia encontrar. O successo foi tal, como devia esperar-se. Em quanto os exercitos da Inglaterra erão infelizes no continente Europeo, as suas esquadras constantemente victoriosas varrião os mares, destruindo a marinha, e o commercio, e tomando as colonias, não só da França, mas de todas as nações, que hião cahindo debaixo do jugo Francez.

No mesmo tempo em que o Governo Francez preparava a sua famosa expedição do Egypto, tambem empregava emissarios na Asia, para suscitar contra os Inglezes o odio mal extincto de *Tipo Saib*, a quem promettia soccorros. Era o projecto invadir as possessões Inglezas na India, e destruir-lhes o commercio. Sabe-se qual foi o resultado: perderão os Francezes a esquadra, e o exercito do Egypto, e derão occasião aos Inglezes a acabarem com aquelle Sultão, e com os seus Estados, unico obstaculo que punha limites ao imperio Britannico na India.

Com tudo a Inglaterra via crescer o seu perigo, á medida que as nações do continente, ou erão absorvidas no imperio Francez, ou depunhão as armas. Vio construir as canhoneiras, e ajuntar os exercitos, que a devião invadir, e a crise se tornou desesperada, quando Bonaparte depois da paz de Tilsit reunio a Europa ás suas bandeiras, e fechou todos os portos ao commercio Inglez. Foi então que a Inglaterra se vio precisada a abrir todos os seus thesouros, e pôr em movimento todos os seus recursos. Recordou-se dos dias brilhantes do *Principe Negro*, e do *Duque de Malborough*, e resolveo appresentar-se de novo sobre o continente com todo o apparato do seu poder.

Mas foi em Portugal que os exercitos Inglezes, depois de terem sido tantas vezes batidos no continente da Europa, começárão a ser felizes; porque achárão huma nação espirituosa, e guerreira, que os recebeo com união sincera, e hum exercito que augmentou grandemente a sua força. A bahia de Lavos foi o primeiro ponto, onde desembarcárão com pé firme: do Mondego desceo para o Téjo, e do Téjo se communicou até Petersburgo a faisca electrica, que reanimou as nações, para recobrarem a sua independencia. Em Portugal começou *Wellington* a ser grande, e á frente do exercito Anglo-Luso he que elle ajuntou á serie sem exemplo dos triunfos maritimos da Grã-Bretanha esta torrente de victorias, que o imortalizão. Com ellas adorna a nação Ingleza os seus fastos, sendo devidas em tão grande parte ao patriotismo, e valor Portuguez; mas a posteridade dará a cada huma das nações o que de justiça lhe pertence.

Tal era o estado da Inglaterra, quando se apresentou nas primeiras conferencias dos Soberanos alliados: com hum exercito respeitavel no continente, sem contendedor sobre o mar, e senhora de todas as colonias da França, e das outras potencias que esta subjugára. Se as quizesse reter todas, ninguem ousaria disputar-lhas; porém huma simples carta geografica he bastante para mostrar o augmento de poder, e as vantagens commerciaes, que lhe resultão das que os tratados lhe affianção.

Pontos imperceptiveis, como a ilha de Helgoland, convertem-se nas mãos dos Inglezes em possessões importantissimas: he a arte dos Governos sabios, e activos. Helgoland os aproxima ao Baltico, e lhes franquea as bocas do Elba, e do

Weser: por alli farão sempre, ainda em tempo de guerra, o commercio de Hamburgo, Altona, Lubeck, e outras das mais ricas praças da Alemanha: offerece-lhes para o Norte as mesmas vantagens militares, e commerciaes, que lhes dão a respeito da França Jersey, e as outras ilhas do pequeno arquipelago do golfo de Normandia; em quanto o corpo principal das ilhas Britannicas ameaça em frente o centro da Europa, e o reino de Hanover abre passagem aos seus exercitos para o interior.

Em Gibraltar já tinhão as chaves do Mediterraneo; e o empenho que sempre mostrárão de occupar algum ponto central neste mar, lhes foi agora satisfeito com o senhorio de Malta, e a protecção da republica das Sete ilhas. O Cabo da Boa Esperança, que nós os Portuguezes desprezámos, e de que os Hollandezes fizerão hum precioso estabelecimento, a ilha de França com as suas dependencias (Rodrigo, e Sechelles) a rica Ceilão, e outras possessões de menor importancia, que lhes forão cedidas na India, segurão-lhes o dominio daquelles mares, dão novo grão de força ao seu imperio, annullão inteiramente a influencia dos Francezes na Asia, e impossibilitão o reino dos Paizes Baixos de recuperar a que os Hollandezes tinhão antes da revolução.

A America septentrional, e parte da meridional está circumvallada com esta corda de estabelecimentos Inglezes continentaes e insulares, huns antigos e outros modernos, que a tem como em bloquêo. Falta-lhes dominarem o mar do Sul: tempo virá, e talvez não esteja muito remoto, em que o consigão por meio da Nova Hollanda, onde já tem huma colonia de Europeos, e com a policia Européa; onde já se escrevem periodicos, e a

imprensa começa a espalhar as luzes. E quem sabe finalmente o partido que a Inglaterra tirará hum dia do vasto continente da Africa, que vai perder-se para o resto da Europa com a abolição do commercio da escravatura, e onde ella parece ter fixado particularmente as suas vistas? (1)

Com tudo he necessario conhecer a natureza deste colosso, que nos espanta. Toda a sua força está na sua riqueza, e na energia do seu Governo. Bem clamava *Bonaparte* contra o ouro da Ingla-

---

(1) He notavel a insistencia dos Inglezes nas suas expedições ao interior da Africa, tendo por principal objecto seguir o curso do Niger, rio misterioso de que se conhece huma parte da corrente, e se ignora a embocadura, e as cidades não menos misteriosas de Tombucto, e Houssa, de que além de outras noticias pouco authenticas ha huma relação do Arabe *Shabeni*, que residio oito annos na primeira, e dois na segunda; e se o acreditassemos, julgariamos a povoação de Houssa tão numerosa como a de Londres, ou do Cairo. O Governo Inglez, e com o seu auxilio a Sociedade Africana, cujos trabalhos para introduzir a civilização no interior da Africa são bem conhecidos, tem feito muitas tentativas até agora inuteis. As mais notaveis são a do Major *Hughton* que partio do Gambia em 1790, e foi assassinado na expedição, e as de *Mungo Parck*, que seguio o mesmo caminho em 1793, e voltou á Europa depois de immensos trabalhos, tendo descoberto huma grande parte do curso do Niger; e emprehendendo segunda viagem em 1805, tambem pereceo nella. A Sociedade Africana publicou todas as informações, que se pudérão haver destas viagens. Ultimamente se preparou huma nova expedição com grandes preparativos, que foi commettida ao capitão *Tuckey;* porém os seus primeiros progressos já tem sido marcados com infelicidades, que diminuem as grandes esperanças, que a respeito della se havião concebido. Deos abençõe tão louvaveis emprezas, se ellas tem por objecto introduzir naquellas regiões a civilização, e o commercio, e augmentar a massa dos conhecimentos humanos; e se dellas deve resultar o melhoramento da sorte dos seus habitantes, tratados até o presente pelos Europeos como bastardos da especie humana.

terra; e com effeito este ouro foi o que destruio o seu imperio. A riqueza vem-lhe da sua industria, e do seu commercio, sustentado por huma marinha immensa, que o mundo inteiro já não tem força para arrostrar, e por hum vasto systema profundamente combinado, e seguido sempre sem a menor variedade. Serve-se do poder para sustentar o commercio, e do commercio para conservar o poder: eis-aqui o circulo da sua politica; em se affroxando ou variando, a Inglaterra está perdida. Por maiores que sejão os seus recursos, tem limites; e parece que os tem tocado, ou chegou mui perto com os esforços que acaba de fazer na ultima guerra, como indica o pezo dos tributos, com que a nação foi sobrecarregada, e o enorme augmento da divida publica; porque sem o recurso dos emprestimos era impossivel ao Governo fazer frente a tão extraordinarias despezas, e quem se acostuma a viver de emprestimos caminha para a sua destruição.

He este o motivo, porque á Inglaterra se tem presagiado a ruina, e onde os seus inimigos tem fundado as suas esperanças desde a guerra da America: apezar disso ella tem sustentado o seu credito, e zombado das profecias. Os politicos tem excogitado mil razões, para explicarem este fenomeno: eu acho huma muito simples; he porque a divida publica tem por fiadores a constituição, e o Governo Britannico, e por hypothecas huma massa enorme de riquezas accumuladas, e o commercio do mundo; mas tudo tem o seu termo. Para a Inglaterra sustentar tantos, e tão dispendiosos estabelecimentos dispersos por toda a terra, e essa mesma immensa marinha, que constitue essencialmente o seu poder, nunca poderá pôr no continente, sem se arruinar, hum exercito

permanente de cincoenta mil homens; e cincoenta mil homens he pouco no estado em que se acha a Europa.

São pois as potencias maritimas, e principalmente as mais ricas em colonias, as que tem tudo a temer da Inglaterra; porém ateado o incendio entre ellas he mui facil fazer-se geral. He o effeito da politica moderna das nações, e do systema commercial que o mundo tem abraçado : hum tiro de peça, ou a tomada de hum navio nos mares da America abraza tudo até os mares da China. He o que temos visto nas guerras passadas, especialmente na de sete annos; e o que devemos recear que se renove, dada a occasião.

Commercio, e industria. O Systema continental de Bonaparte he substituido pelo systema exclusivo dos Mercantis.

QUANDO *Bonaparte* se vio obrigado a mudar o destino do exercito, que ajuntára para invadir a Inglaterra, e se desenganou de não ter á sua disposição meios sufficientes para se medir face a face com esta potencia, encaminhou todos os seus esforços a destruilla por meio do seu systema continental. O projecto de fechar a Europa ao commercio, e ás manufacturas Britannicas, e fazer morrer os Inglezes, como elle se expressava, sobre fardos de lã, na verdade era grande; mas tão grande que não coube no seu poder conduzillo á perfeita execução, nem ainda depois que a paz de

Tilsit, e a invasão de Portugal lhe derão o senhorio temporario de todas as costas maritimas desde a Noruega até Gibraltar, e de Gibraltar até á Grecia. E logo que vio que o não podia executar completamente, devia tambem prever que a reacção lhe seria fatal.

Era hum systema destructivo para todas as nações industriosas e commerciantes; porque atacava na origem as fontes principaes da sua opulencia: porém pezava menos sobre a Grã-Bretanha que sobre o continente. A corda de estabelecimentos maritimos, com que os Inglezes tiverão sempre a Europa em bloquêo, os seus navios, as suas esquadras, que cobrião os mares, erão canaes por onde continuamente passavão as suas mercadorias para o interior: vinhão buscar-lhes ao mar as que elles não podião desembarcar em terra; e nós vimos os seus exercitos fazerem ao mesmo tempo a guerra, e o commercio. Além disso á proporção que na Europa diminuia o consumo das suas manufacturas, elles abrião novos mercados, porque respirando em huma atmosfera livre, tinhão por theatro das suas especulações as tres partes restantes do mundo, principalmente depois que a revolução da Hespanha lhes abrio os portos da America Hespanhola.

Quão diverso era o aspecto do continente! Interrompidas as suas communicações maritimas, bloqueados os seus portos, não podendo exportar as suas producções, e manufacturas, nem receber as estrangeiras, e os generos coloniaes, a que os povos estão habituados ha seculos, e de que não podem já dispensar-se; huma só causa o privou simultaneamente de todos os beneficios do commercio, e o reduzio ao mais penoso estado de soffrimentos e privações. Esta causa era o systema

continental; e na situação violenta em que elle tinha posto a Europa, era inevitavel mais cedo, ou mais tarde a explosão que aconteceo. Grande lição para todo o despota, que attentar contra as nações na carreira do seu commercio, e industria, para onde irrevogavelmente se tem voltado! nenhumas barreiras poderão oppor-se-lhes, que ellas não derribem.

Acabou o systema continental; cessárão os famosos decretos de Berlin, e de Milão, em que o dominador da França fulminou o seu inutil *veto* contra a industria Ingleza, e as ordens em Conselho, com que o Governo Britannico lhe respondeo. Levantou-se o bloquêo geral, e o interdicto posto ao commercio de todas as nações pelas duas potencias rivaes, que encarniçadas nos meios de se destruirem mutuamente, envolvião o mundo nas suas contendas. Não sendo mais necessario o soccorro da artilheria para se fazerem as communicações por mar, e por terra, os povos do Norte, e os do Sul permutárão livremente as suas mercadorias; os generos coloniaes achárão prompto consumo nos seus antigos mercados; a Europa recebeo em troca das suas manufacturas as producções d'entre os tropicos; soltárão-se as prizões da industria. Por outra parte a terra deixou de ser regada com o sangue dos seus cultivadores; a amnistia, e a paz restituio-lhe hum sem numero de emigrados, e prisioneiros, que as revoluções, os partidos, e a guerra lhe havião roubado; e consolidados os Governos, a propriedade respirou ao abrigo das leis. Tudo se reanimava com esta nova ordem de cousas, e principalmente o commercio maritimo levantava a cabeça entre os mais ramos de prosperidade; mas para ser ainda affectado por alguns revezes.

As producções coloniaes, e as manufacturas Britannicas, de que o continente estava sequioso, obtiverão hum preço maior que o natural pelos fins do anno de 1813 (depois da batalha de Leipsick), e decurso do de 1814, o que deo vantagens momentaneas ás nações que tem colonias, e sobre tudo aos Inglezes. Mas estes introduzirão humas e outras com tanta abundancia em todos os mercados da Europa, e entregárão-se inconsideradamente a especulações tão excessivas, comparativamente ao estado actual dos povos, que se achárão enganados nos seus calculos. A demasiada affluencia produzio estagnação; o que em hum mez se fabricava, ou encommendava com apparencias de grande lucro, no seguinte dava perda; e bem de pressa o commercio esmoreceo, e as fabricas declinárão: o que foi tanto mais sensivel para aquella nação industriosa por excellencia, quanto a sua prosperidade tinha sido maior naquelles mesmos momentos, em que correo risco a sua propria existencia. Com muita razão escrevèo *Smith:* (1) "Que podem as manufacturas florecer grandemente no meio das mais destruidoras guerras, e pelo contrario podem declinar na volta da paz.

A necessidade, authora de tantos inventos uteis, tinha ensinado o continente a imitar muitas manufacturas, que costumava receber dos Inglezes; as cidades livres da Alemanha, que dellas fazião antigamente hum extraordinario consumo, tinhão-se empobrecido, e mudado de caracter debaixo dos governos oppressivos, a que estiverão sujeitas; e o genio da industria tinha ao

---

(1) *Livro IV. Cap. I.*

mesmo tempo produzido huma revolução tal nas artes, e manufacturas, que a Inglaterra achou o continente, depois da paz, todo differente do que era antes da guerra.

A seguinte tabella, apresentada officialmente á Camera dos Communs na ultima sessão do Parlamento, mostra o valor das exportações da Grã-Bretanha em cada hum dos annos desde o de 1792, em que começárão as hostilidades, até o de 1816, com distincção do que se exportou em productos Britannicos, e em mercadorias estrangeiras, e coloniaes. Por ella se fará idéa da extensão do commercio Inglez, e das suas alterações neste periodo.

Annos de	Producções, e manufacturas Britannicas £	Mercancias estrangeiras, e coloniaes £	Exportação total £
1792	18,336$851	6,109$998	24,446$849
1793	13,892$268	5,784$417	19,676$685
1794	16,725$402	8,386$043	25,111$445
1795	16,338$213	8,509$126	24,847$339
1796	19,102$220	8,923$848	28,026$068
1797	16,903$103	9,412$610	26,315$713
1798	19,672$503	10,617$526	30,290$029
1799	24,084$213	9,556$144	33,640$357
1800	24,304$283	13,815$837	38,120$120
1801	25,699$809	12,087$047	37,786$856
1802	26,993$129	14,418$837	41,411$966
1803	22,252$027	9,326$468	31,578$495
1804	23,935$793	10,515$574	34,451$367
1805	25,004$337	9,950$508	34,954$845
1806	27,402$685	9,124$499	36,527$184
1807	25,171$422	9,395$149	34,566$571
1808	26,691$962	7,862$305	34,554$267
1809	35,104$132	15,182$768	50,286$900
1810	34,923$575	10,946$284	45,869$859
1811	24,131$734	8,277$937	32,409$671
1812	31,244$723	11,998$449	43,243$172
1813(1)			
1814	36,092$167	20,499$347	56,591$514
1815	44,053$455	16,930$439	60,983$894
1816	36,714$534	14,545$933	51,260$467

(1) Faltão as clarezas do anno de 1813 por se terem incendiado.

As exportações de 1815, subindo a 60:983,894 £, forão quasi o triplo do que erão, anno commum, quando começou a guerra: o anno de 1816 apresenta huma diminuição de quasi 10 milhões; porém assim mesmo ainda fica mais do dobro do que era naquella epoca. Foi no mesmo anno de 1816 (e já no de 1815) que hum clamor geral por toda a Grã-Bretanha elevou tão alto a desgraça das classes da lavoura e manufacturas, que se julgaria que a nação hia sepultar-se nas suas ruinas.

Na verdade a industria agricola tinha seguido em Inglaterra, durante aquelle periodo, os mesmos passos que a fabril, e sempre na razão inversa do continente. Os homens, e os capitães, que entre as outras nações não achavão segurança, nem emprego, hião procurar huma, e outra cousa naquelle paiz, augmentar a sua lavoura, e fabricas, e a massa das suas riquezas. Grande parte dos immensos fundos, que as manufacturas, e o commercio alli tinhão accumulado, converteo-se em augmentar a cultura das terras já lavradas, arrotear outras de novo, melhorar terrenos fracos, secar paúes, e aproveitar charnecas; servindo de estimulo aos proprietarios, e lavradores o alto preço, que tiverão os fructos em todo o tempo, que durou a guerra, pela difficuldade da sua importação de paizes estrangeiros; o que produzio rapidos, e extensos progressos na agricultura Ingleza. Além disso nem as suas cidades, e os seus campos soffrêrão invasões hostís, nem a conscripção, ou a violencia lhes arrancou os braços uteis. (1) Com a paz cresceo a concorrencia, e diminui-

(1) A conscripção foi huma das maiores calamidades, que vierão á Europa. Alguns escritores Francezes não o disfarçá-

rão os preços, e consequentemente as grandes fortunas, que se formavão por este genero de industria.

O golpe previo-se antes de chegar. Clamárão os proprietarios, e os cultivadores, o Parlamento procurou atalhallo por meio de huma reforma nas leis sobre o commercio do grão, mas não pôde obstar a que innumeravel multidão de operarios ficassem reduzidos á pobreza, e á miseria, tanto da classe da lavoura, como da das fabricas, que continuavão em desalento. Estes infelices sem emprego, e sem meios de subsistencia, ou emigrárão, ou ficárão sendo hum pezo inutil á sociedade, cahindo sobre os estabelecimentos de caridade. O

---

rão, mesmo debaixo do jugo tyrannico, que a fez nascer; e o horror que ella inspirou, foi hum dos principaes motivos da indisposição dos povos contra *Bonaparte*. *Nada de conscripção*, disserão os precursores de *Luiz* XVIII; *nada de conscripção*, disse este bom Rei na sua entrada em França, e o confirmou na Carta Constitucional. Os recrutamentos forçados tumultuarios, não inspirão tanto horror como a conscripção, porque são convulsões passageiras, a que todos esperão poder subtrahir-se; porém os seus effeitos não são menos funestos, principalmente nos campos, que he onde mais pezão. Pedem-se duas ou tres recrutas a huma villa, ou aldêa; para se poderem escolher he necessario prenderem-se dez ou doze mancebos, e para se prenderem, toda a terra se põe em desordem por muitos dias, os trabalhos ficão abandonados, e as familias em confusão. Figurai reproduzida esta scena por toda a extensão de hum reino, e tereis huma pintura verdadeira destes recrutamentos. Desgraçada politica da Europa! atè quando porás os Governos na dura necessidade de recorrer a hum destes meios igualmente violentos? Os Inglezes não descançavão em leitos de rosas em quanto as outras nações gemião: foi-lhes necessario sacrificar huma parte da sua povoação, para augmentarem a sua marinha, e os seus exercitos atè o ponto, a que os chegárão; porém as circumstancias por huma parte lhes facilitavão os meios de reparar esta perda, e por outra lhes permittirão sempre huma ordem mais suave nos seus recrutamentos.

Parlamento tambem lhe quiz dar remedio, reformando as leis dos pobres; porém depois de muitas informações, commissões, e disputas nas duas Camaras, e não obstantes repetidas associações de particulares, que zelosamente se tem formado para auxiliarem nesta parte o Governo, o mal ainda continua. Mas são isto commoções passageiras, ou affectão essencialmente a prosperidade da nação? Suspendamos por ora o nosso juizo a este respeito.

O continente não era mais feliz. Via-se por toda a parte a maior estagnação do commercio, e das fabricas, a maior pobreza, e miseria, as bancarrotas, e huma emigração horrorosa; porque tudo se resentia, e resente ainda dos estragos da guerra; dos abusos do credito publico, do papel moeda, dos impostos excessivos, e da desgraça das rendas publicas. A povoação perdida, e os capitáes destruidos não se reparão senão lentamente, e sendo raro que com estas causas claras, e visiveis se não compliquem outras, que se não percebem, ou a que se não attende, acontece muitas vezes applicarem-se remedios inefficazes, ou contrarios, que em lugar de curarem o mal, o aggravão mais.

Quasi por toda a parte se tem procurado reanimar as manufacturas nacionaes substituindo á guerra de canhão a das Alfandegas, ao systema continental de *Bonaparte* o exclusivo dos Mercantis: isto he, procurando evitar a introducção das producções, e manufacturas estrangeiras por meio de leis prohibitivas, ou direitos excessivos. Tocou-se a rebate desde Cadix até S. Petersburgo contra as manufacturas Inplezas, e nisto não se fez mais do que imitar o exemhlo do Governo Britannico. Hespanha, os Paizes-baixos, e a propria

França começárão as medidas de rigor; as mais nações adoptárão o mesmo plano com hum excesso nunca d'antes visto.

Quem poderia prever a guerra obstinada, que a Russia, a Prussia, e a Dinamarca estão fazendo ás producções dos paizes meridionaes? Quem diria que em Stockolmo, e debaixo dos gelos do circulo polar, se havia de proscrever o uso do vinho? He o maior triunfo, que tem obtido o systema exclusivo em hum tempo, em que as doutrinas liberaes de *Smith*, e de todos os escriptores da sua escolla, parecião ter anniquilado os seus principios.

Tem-se levantado em alguns Estados sociedades de particulares com o mesmo fim de protegerem a industria nacional fazendo guerra á estrangeira. Tal he a da Prussia estabelecida em Berlin, de que os associados, segundo referem os papeis publicos, promettem com juramento não entrar em negociação algumă de qualquer genero de manufacturas de paizes estrangeiros, nem usar dellas. Tal a sociedade de Gand, e de Tournay, cujcs membros em seu nome, e nos de suas mulheres, e filhos, se compromettem nos mesmos principios de hostilidade designadamente contra as manufacturas Inglezas, posto que tomão por thema a profissão de fé dos seus Estados provinciaes—*Prohibir contra os que prohibem; e prohibir sómente para acabar com todas as prohibições*—Tal a sociedade Americana em Newyorck, de que são membros as primeiras personagens do Estado, como *Thomaz Jefferson*, *James Madisson*, e o velho *João Adams*, que na idade de octogenario promove o bem do seu paiz com todo o vigor da mocidade.

Clamou-se por toda a Europa que não havia

dinheiro, e que a Inglaterra tinha absorvido o do continente; sem se advertir que alli se formavão as mesmas queixas, e mais justificadas; porque os subsidios pagos por esta nação a quasi todas as potencias belligerantes, e a manutenção dos seus exercitos no continente lhe tinhão levado huma grande parte do seu numerario; sem se observar que disso mesmo era huma prova o estado do cambio, que por esse mesmo tempo chegou a estar tão contrario á Inglaterra para com as maiores praças da Europa, como nunca se tinha visto. Mudou-se de lingoagem, e disse-se que o dinheiro da Europa tinha corrido para os Estados Unidos da America; porém os Americanos tambem se queixavão da sua raridade, e para supprirem a falta delle creavão novos bancos, e davão providencias para que os banqueiros pagassem as suas notas em metalico.

Desta sorte as queixas erão geraes ao mesmo tempo que a massa do numerario, bem longe de diminuir, augmentava cada vez mais; porque nem cessavão de escavar-se as minas dos metaes preciosos, nem estes de ser cunhados em moeda. Sendo huma mercancia que tão geralmente se fabrica, não a ha que menos se consuma com o uso; e a massa circulante do numerario he ainda augmentada com as enormes quantias de papel moeda, que tão grande embaraço causão por toda a Europa. Todos pois clamavão contra os soffrimentos publicos, e ninguem se entendia sobre as suas verdadeiras causas, e sobre os meios de os remediar. Até houve quem imputasse a miseria das classes indigentes ao innocente *Watt*, e a outros illustres inventores de novas maquinas, e novos methodos industriaes; porque dispensando, ou economisando o trabalho do homem, deixavão

muitos individuos sem emprego, devendo antes considerallos como bemfeitores do genero humano, pelo grande augmento de riqueza, a que derão occasião, augmentando as faculdades productivas.

Qualquer destes objectos pede maior desenvolvimento; porém o meu plano não he o de huma Obra systematica: irei tratando de alguns na continuação destas *Variedades*, segundo se me offerecerem as occasiões.

Golpe de vista sobre as causas da prosperidade, e adversidade das nações.

A PROSPERIDADE publica de huma nação he a somma das prosperidades dos particulares, que a compõem; e hum individuo não he mais feliz sómente porque he mais rico. Muitas outras cousas devem entrar em linha de conta; porém a Economia Politica considera sómente as riquezas; e he debaixo deste ponto de vista que eu trato principalmente a materia.

Smith indagando as causas do grande augmento de opulencia das nações modernas, comparadas com as antigas, começa estabelecendo: Que os maióres adiantamentos nas faculdades productivas do trabalho, a destreza, e pericia com que este se applica na sociedade, parece não serem effeitos de outra alguma causa que a divisão do mesmo trabalho. Este principio fundamental, sendo o primeiro na ordem, he tambem hum dos principaes de que se servio na construcção da sua

Obra immortal sobre a riqueza das nações. A divisão do trabalho tem na verdade concorrido muito para os progressos da industria, e riqueza dos modernos; mas nem he a unica causa, nem os seus effeitos se estendem a tanto como pensa *Smith.* Tem limites, e *Say* lhos prescreveo com muita exactidão. (1)

Em outra parte o mesmo *Smith* (2) attribuindo este excesso de opulencia mais ás economias dos modernos que ao augmento das faculdades productivas, opinião de que tambem foi *Turgot,* accrescenta: Que a frugalidade do maior numero de individuos de huma nação he mais que sufficiente para resarcir os máos effeitos não só da prodigalidade dos outros, mas até dos erros, e dissipações dos administradores da fortuna publica: Que aquelle uniforme, e constante esforço, que os homens fazem para melhorar a sua condição, verdadeira origem a que devem a sua opulencia tanto o publico como os particulares de huma nação, he capaz de sustentar a propensão natural das cousas para o seu adiantamento, apezar de todas as inadvertencias, que possão verificar-se em hum Governo, e das maiores equivocações na sua administração. Compara este seu principio ao desconhecido principio vital dos animaes, que a maior parte das vezes lhes restitue a saude, e o vigor, não obstantes, não só as enfermidades, mas tambem as erradas operações de quem as pertende curar.

---

(1) *Liv. I. Cap. VIII.* Todas as citações do *Tratado de Economia Politica de Say*, que eu fizer daqui em diante, sem designar edição, entendão-se da de Paris em 1814. As que tenho feito no *tom. I.* da presente Obra referem-se á edição de 1803; porque ainda não tinha apparecido a de 1814.
(2) *Livro II. Cap. III.*

Smith escreveo em tempos ordinarios. *Say*, sem fazer tanta honra ao principio da frugalidade do maior numero, admitte que ao menos no nosso tempo quasi todas as nações da Europa crescem em opulencia; o que não póde acontecer, sem que cada huma, tomada em massa, consuma menos do que produz, não tendo sido as revoluções modernas seguidas de invasões geraes, e assolações prolongadas como as antigas: Que por outra parte tendo estas mesmas derribado tantas barreiras incommodas, destruido tantos prejuizos, e aguçado os espiritos, parece terem sido mais depressa favoraveis do que contrarias aos progressos da opulencia.

Isto escrevia *Say* na edição de 1803; (1) porém na de 1814 (2) fallando com mais liberdade, limita-se deste modo: " Salvo com tudo nos ins-
" tantes de guerras crueis, ou dilapidações exces-
" sivas, como as que acontecêrão em França de-
" baixo da dominação de *Bonaparte*. Não se póde
" duvidar que durante esta epoca desastrosa para
" o paiz, mesmo nos momentos dos triunfos milita-
" res, houvessem muito mais capitaes consumidos
" que os augmentados por economias. As requi-
" sições, as destruições da guerra, juntas ás des-
" pezas forçadas dos particulares, e aos impostos
" excessivos, tem indubitavelmente destruido mais
" valores que aquelles, que alguns particulares
" tem podido substituir productivamente com o
" seu bom governo."

Se isto he verdade a respeito da França, com muito maior razão se póde affirmar a respeito da

---

(1) *Liv. I. Cap. XIV.*
(2) *Liv. I. Cap. II.*

Europa em geral; porque a nação conquistadora por certo não padeceo tanto como as que por ella forão roubadas, e postas em contribuição. Sem sahir-mos do nosso Portugal, a nação tinha chegado a hum ponto de prosperidade, e opulencia maior do que geralmente se pensava: a melhor prova he ter podido resistir a tantas desgraças como cahírão sobre ella. Mas como podião deixar de diminuir horrorosamente os nossos productos accumulados, com tantas extorsões que soffrêmos da parte dos francezes, já como amigos, e já como inimigos? Com o desvio dos immensos fundos, que os nossos mais ricos capitalistas transportárão para fóra do reino, ou porque emigrando os levárão comsigo, ou porque ficando os mandárão pôr em segurança em paiz estranho? Com hum bloquêo de dez mezes, que nos vedou inteiramente os mares, e nos separou das possessões ultramarinas? Com hum emprestimo forçado de dous milhões, seguido immediatamente por huma contribuição de quarenta milhões, que por felicidade não chegou a preencher-se? Com a espoliação do ouro, e prata das igrejas, o saque de Evora, e de Leiria, roubos publicos, e particulares, vexações de toda a especie, durante o governo de *Junot!* Com a devastação da provincia do Minho, e parte de Traz-os-montes, e saque da rica praça do Porto por ordem de *Soult!* Com a completa assolação da provincia da Beira, e da Estremadura até ás linhas na invasão de *Massena?* Com a total estagnação do nosso commercio, e ruina das nossas fabricas? E depois de tudo isto, com os incriveis, e inimitaveis sacrificios de toda a nação para repellir o inimigo além das nossas fronteiras, fazer-lhe a guerra na Hespanha, e ir atacallo na propria França, &c. &c. &c.?

Isto faz-se-nos tanto mais sensivel quanto nos toca mais de perto; porém as mais nações da Europa pagárão todas o seu contingente, e algumas dellas já tinhão sido assoladas mais de huma vez quando chegou o nosso fado. Seria curioso se podesse fazer-se o inventario dos roubos, e estragos causados pela revolução franceza, e pelas guerras, que se lhe seguírão; e mais curioso ainda o modo porque se nos quizesse provar, que tudo foi compensado com a divisão do trabalho, ou com as economias do maior numero. He verdade que nem todos os valores roubados forão realmente destruidos: muitos não fizerão se não mudar de possuidores, e podião empregar-se tão utilmente nas mãos de huns como nas dos outros; porém isto he nada em comparação da massa enorme das riquezas consumidas improductivamente, ou em pura perda; e he raro que o roubador faça tão bom uso dos objectos das suas rapinas, como faria o infeliz, a quem forão arrebatados.

A' volta da paz as mais ricas praças de commercio se achárão sem forças, para renovarem as suas antigas emprezas no mesmo pé que antes da guerra. A Hollanda, por exemplo, quiz apropriar-se do commercio do chá por meio de huma companhia privilegiada estabelecida em Amsterdão, que devia ter hum fundo de sete milhões de florins, distribuidos em Acções por subscripção voluntaria; mas nem naquella praça, nem em todo o reino dos Paizes-Baixos se tem aprompiado mais que hum decimo daquella somma. Poderião apontar-se muitos factos comprobativos desta inercia, em que ficárão os povos commerciantes, e he pela mesma razão que Hamburgo, e as mais cidades maritimas do Norte entregárão o seu commercio a estrangeiros; e quando estes estrangei-

ros multiplicárão as suas especulações, achárão estagnação e perdas.

Em quanto virmos que continúa a emigração, podemos concluir que continuão as desgraças publicas: nem ha hum symptoma mais decisivo do máo estado de hum paiz do que a deserção dos seus habitantes. Com tudo não desanimemos; porque com o auxilio de hum bom systema administrativo as desgraças podem reparar-se mais depressa do que se pensa. A natureza tem condemnado todos os estados, e reinos, e melhor direi, todas as cousas humanas a vacillarem perpetuamente em successões alternadas de prosperidade, e adversidade; e a mudança muitas vezes he inesperada, e imperceptivel. Acontece que assim como huma nação na realidade decadente póde apresentar ainda todas as apparencias da opulencia, á maneira do prodigo, que tendo arruinado a sua casa, se conserva ainda no fausto, e na profusão, huma outra que se julga em paroxismos mortaes, resurge como o enfermo já sem esperanças de vida, a quem a natureza por si mesma restabelece o vigor. He o principio vital de *Smith*; mas, para não dizer palavras sem sentido, este espirito vital não he mais que o ajuntamento das causas de prosperidade, que atacão as de adversidade, e quando são mais poderosas as vencem, e lhes anniquilão, ou contrabalanção os effeitos.

Quando as causas de adversidade são connexas com os habitos da nação, ou procedem de vicios internos, o remedio he difficil; porque, além de encontrar huma grande resistencia, de ordinario vem tarde. Estas causas obrão lentamente como a tisica, e em chegando o mal a certo ponto, o Governo mais sabio, e activo não tem forças pa-

ra lhes deter os progressos, e cahe com a nação no mesmo tumulo, que os seus erros, e descuidos desde longo tempo lhe tinhão preparado. Pelo contrario quando procedem de catastrofes externas, ou de acontecimentos politicos, de que os effeitos são passageiros, assemelhão-se ás febres violentas, que decidem mui breve do destino dos enfermos: ou os matão logo, ou estes se restabelecem. A natureza conjuntamente com a arte, e muitas vezes a natureza só lhes renova as forças, ou porque destruio o *principium morbi*, ou porque este cessou por si.

Em que abismo se não teria precipitado a Europa, se a torrente de infortunios, que experimentou nos ultimos vinte e cinco annos, não achasse hum dique nas causas de prosperidade, que tem contrariado os seus effeitos? Mas tambem a que ponto se não teria ella elevado, se não fosse suspendida por huma força contraria na carreira da sua prosperidade? Debatia-se havia mais de tres seculos, para melhorar de fortuna, e perdendo muitas vezes por hum lado, e ganhando por outro, sempre adiantava alguma cousa: cahio sobre ella a tempestade, e apresenta agora o aspecto de hum vasto campo assolado, mas que ainda conserva os principios da sua natural fertilidade. Se o lavrador desmaia, tudo he perdido; se cuidadoso trata de reparar os muros abatidos, entupir as escavações, remover os entulhos, desenterrar as plantas alagadas, e renovar outras em lugar das que forão destruidas, verá reproduzida mui breve a prosperidade do seu campo, e premiada a sua industria.

A perda de capitáes vai-se já reparando; e com tanto que não sobrevenhão novas tormentas, o mais virá com o tempo, e tanto mais breve,

quanto mais temos melhorado nos meios de obter maior somma de productos com a mesma, ou menor quantidade de trabalho. A Historia he sempre a grande mestra, que devemos consultar em todos os negocios da vida humana: retrocedamos hum meio seculo, e contemplemos a Prussia depois da guerra de sete annos. Que prodigios de industria em provincias inteiramente assolladas! que melhoramentos! que augmento de prosperidade! Tudo se deveo á sabedoria, e á firmeza do grande *Federico* em reparar as desgraças, de que em grande parte elle mesmo tinha sido a causa. (1) São estas virtudes pacificas, que elle ostentou sobre o Throno nos momentos, em que a ambição, ou o amor da gloria o não arrastravão aos combates; he o filosofo, e não o guerreiro que eu proponho para modêlo. Sejão *Federicos* todos os Soberanos da Europa, e as nações prosperarão ainda com mais rapidez que a Prussia, porque tem hoje á sua disposição meios imcomparavelmente maiores. Porém não basta que o sigão na concepção dos planos; he necessario que o imitem na constancia em seguillos, e executallos. Sem systema, e sem unidade não podem haver melhoramentos solidos, nem verdadeira prosperidade; e he onde pecão pela maior parte os Governos da Europa; não o da Inglaterra, onde hum systema se tem formado, e seguido inalteravelmente ha seculos; e por isso a nação tem chegado a hum tão alto gráo de poder, e de opulencia. He porque tem hum systema, e são invariaveis na execução delle, que os Estados-Unidos da America crescem diariamente em povoação, e riqueza com huma rapidez, que espanta.

---

(1) Veja-se no *tom. I.* a Traducção do *Cap. II. do tom. V. das Obras Posthumas de Federico II.*

Não depende de cada hum dos Governos separadamente o remover os obstaculos, que a Politica offerece aos progressos da prosperidade publica: divisa-se o bem, mas sempre misturado com huma boa dóse de mal. Seria necessario que todos se dessem as mãos para mudarem este aspecto militar, que a Europa apresenta, e acabar com estas rivalidades, que a agitão, e com esta ambição, que subsiste depois dos combates, e dos tratados, e tem as nações em desconfiança humas das outras sempre armadas, e fazendo esforços, com que não podem. Falla-se em hum novo congresso dos Soberanos alliados; e que objecto mais importante para o bem da humanidade poderia occupar as suas discussões?

Arrastrados entre tanto pelo turbilhão dos negocios publicos, o que os Governos podem fazer de melhor, cada hum no seu particular, he aproveitarem cuidadosamente as sementes da prosperidade, que se achão dispersas por todas as nações, porém com desigualdade, cultivallas, e colher os fructos, que as suas circumstancias lhes permittirem. Tocar o summo da perfeição em nenhum genero he permittido aos homens. Devem imitar a marcha da natureza, que nada faz de salto, e evitar os meios violentos, que a contrarião. O impulso está dado ás nações para o seu melhoramento: he melhor limitar-se a remover-lhe os obstaculos, e deixar-lhe livre o curso do que arriscar-se a remedios equivocos, que muitas vezes são males maiores, que os que pertendem curar-se.

Sciencias, Artes, Sociedades Literarias.

O PRINCIPAL distinctivo, que caracteriza a presente época, e nos dá huma superioridade assignalada a respeito dos nossos antepassados, he o prodigioso augmento, que tem recebido os conhecimentos humanos, e a revolução por elles produzida nas artes industriaes. A immensidade da natureza offerece huma carreira ao genio do homem, na qual se não divisão limites; mas até onde chegará elle, se continúa na mesma progressão em que vai? O augmento das luzes deve trazer comsigo o da prosperidade; e que lisonjeiro aspecto o que se prepara para as gerações futuras! Só póde obstar-lhe a ambição, a cruel sêde de mandar: pois tem esta origem no coração do homem as maiores calamidades, que affligem a especie humana.

Na escuridão dos seculos barbaros, que se seguírão á decadencia do imperio Romano no Occidente, tudo era baixo, e mesquinho, porque os conquistadores tinhão affugentado as sciencias, e as artes, que fazem a gloria das nações, e o principal ornamento da sociedade. Poder, consideração, e riquezas, tudo ellas dão aos Governos, que as acolhem: obscuridade, e fraqueza he a sorte dos que as desprezão. Os Godos, que se distinguírão dos outros povos do Norte pela extensão, e permanencia do seu novo imperio, ainda as quizerão abraçar; porém desgraçadamente já não

achárão senão alguns restos. Succedeo o mesmo a *Carlos Magno:* no imperio Grego conservavão ainda algum esplendor; e entre tanto os Arabes, guiados pelo genio de seu famoso Califa *Arão Raschild*, as levárão em triunfo a Damasco, a Méca, ao Cairo, a Bagdad, a Bassora, a Ispahão, a Samarcand &c., para ahi perecerem ás mãos de outros barbaros. Tambem as trouxerão ás Hespanhas; porém os odios de religião privárão os nossos antepassados de as aproveitarem.

Do Oriente, onde permanecião alguns raios de huma luz amortecida, reflectio sobre o Occidente hum novo crepusculo precursor de épocas mais brilhantes. Inventou-se a bussola, a polvora, e a imprensa, dobrou-se o Cabo da Boa esperança, descobrio-se a America, e o genio do homem voltou-se, em todos os sentidos, para o grande, e o sublime. Os seculos XV., e XVI. da nossa era forão assignalados pelas grandes descobertas, e grandes concepções de espirito, que produzirão huma agitação universal. O entendimento humano poz-se em marcha; porém detido nos escolhos da Filosofia Escolastica, e nos tortuosos labyrinthos de huma Metafisica incomprehensivel não podia ainda avançar com segurança. Hum *Bacon* (nome illustre na Inglaterra) mostrou-lhe o caminho luminoso para chegar ás mais profundas investigações da natureza; e foi seguido por hum grande numero de homens grandes, que consummárão a obra.

Veio ainda o seculo dos systemas, que erão os desgarramentos das sciencias na idade juvenil; porém dos seus mesmos debates, do concurso de tantas hypotheses diversas, e opiniões oppostas resultárão as demonstrações, e os calculos sublimes do Geometra, e do Astronomo, que, para assim

dizer, se tem arrojado ao infinito, as enumerações do Naturalista, as descobertas do Fisico, e do Chimico, que tem abraçado o universo com as suas indagações, e surprendido a natureza nas suas leis primitivas.

As bellas letras, e as bellas artes precederão ás sciencias na sua carreira (e he o que tambem aconteceo nas épocas passadas em que humas, e outras florecêrão) porque tem encantos, que as fazem amaveis, e arrastrão em certo modo os espiritos: não se chega ás sciencias senão por meio de fadigas, e trabalhos tanto mais penosos, quanto de ordinario são mais mal compensados. As artes communs forão sempre andando seu caminho abraçadas com a cega rotina; porque como depende dellas a satisfação das precisões mais urgentes do homem, huma vez descobertas, não se perdem. Porém aquelles aperfeiçoamentos, aquellas artes mais sublimes, que dependem de maior reflexão, e de combinações mais delicadas, não vem senão com as sciencias, e he sómente na sua idade madura, que estas repartem com abundancia os seus fructos abençoados.

Muito resta ainda que fazer; mas a differença já he pasmosa, se comparar-mos o estado actual das sciencias, e das artes industriaes com o que era ha cincoenta annos, ou mesmo ao começar da revolução Franceza. Parece que a Providencia tinha em reserva estes grandes meios para consolar a humanidade na occasião dos seus maiores soffrimentos; e que as sciencias se esforçavão tanto mais em procurar aos homens os recursos da sua subsistencia, quanto a ambição mais se empenhava em destruillos.

Quando a guerra, a guilhotina, e a emigração se dispunhão a despovoar a Europa, a Medi-

cina, a Chimica, e felizes descobertas devidas ao acaso, vierão poupar immensas vidas. Foi então que a vaccina começou a obrar os seus prodigios, e que se aperfeiçoárão os methodos de desinficionar o ár, suspendendo o progresso dos contagios por meio de fumigações descobertas alguns annos antes pelo Chimico francez *Guyton de Morveau*, e pelo Medico inglez *Smith*, que trabalhárão simultaneamente nesta materia, empregando o primeiro o acido nitrico, e o segundo o acido muriatico. A Botanica, e a Agricultura tinhão prevenido as fomes; a primeira aproveitando nos bosques, e desertos dos mais remotos paizes do mundo novas plantas nutritivas, que trouxe aos nossos jardins da Europa; a segunda espalhando-as pelos campos, e apropriando-as aos nossos usos.

Enfraqueceo a producção das oliveiras em varias partes da Europa; e além de muitas outras substancias, com que logo se tratou de supprir a falta do azeite, descobrio-se o methodo de extrahir do carvão hum gaz, que dá huma luz mais commoda, e mais bella, com que já se illuminão as ruas de Londres, de París, e de muitas outras cidades. Até nas casas particulares se estabelecem reservatorios desta luz, d'onde se diffunde para todos os aposentos por meio de torneiras, que se abrem, e fechão á vontade, como se conduz a agoa de hum chafariz. Encarecêrão os viveres, e o combustivel; *Rumford*, e outros melhorárão as fornalhas; e por meio de novos melhoramentos na economia domestica, e rural, facilitárão o modo de fazer subsistir com muito menor despeza os povos, e principalmente a classe dos indigentes. Quando a guerra maritima fez raros, e carissimos em quasi toda a Europa os generos da America, e das outras partes do mundo,

achárão-se os meios de os supprir; e principalmente o açucar chegou a extrahir-se economicamente das plantas indigenas. (1)

(1) A extracção do açucar das plantas indigenas da Europa he huma das mais celebres descobertas dos modernos. *Marggraf*, chimico de Berlin, e hum dos que mais concorrêrão para os progressos desta sciencia, introduzindo methodos simplices, e desembaraçados de todo o espirito de systema, e de hypothese, obteve a sua extracção de muitos vegetaes, e principalmente da betarraba por meio da analyse com o alkool. Não se deo então huma applicação util a esta descoberta, nem se podia esperar em tempos ordinarios; porque não parece possivel o fabricar-se açucar de plantas naturaes em tal quantidade, e preço, que houvesse de competir com o que as Indias Orientaes, e Occidentaes transmittem aos mercados da Europa. Em taes circumstancias he melhor que a industria Europea se empregue em outros objectos, e que continuemos a comprar o açucar, que vem de fóra. A mesma cana do açucar (*Saccharum officinale*) deixou de ser cultivada na Sicilia, e mais paizes meridionaes da Europa, onde em outro tempo o foi com successo, depois que transportada para o continente e ilhas da America, fez ahi tão grande fortuna. Mas sempre he huma felicidade para qualquer paiz ter dentro de si objectos, que o fação independente dos productos estrangeiros em casos extraordinarios, como o da França, e de huma grande parte da Europa nos tempos da sua guerra maritima, e do seu systema continental.

Foi então que se recorreo á descoberta de *Marggraf*. *Achard* fez os seus ensaios sobre as betarrabas de Paris, que achou tão ricas em açucar como as de Berlin. O Governo, e debaixo das suas vistas o Instituto, promoveo com grande calor esta empreza, mandando examinar os trabalhos de *Achard* por huma commissão composta de homens tão abalisados como *Cels, Chaptal, Darcet, Fourcroy, Guyton, Parmentier, Tessier, Vauquelin, e Deyeux*, cujo relatorio, sobre o assumpto feito á classe das sciencias Mathematicas e Fisicas do Instituto, se póde ver no tomo XXXV. dos *Annaes de Chimica*. Outros continuárão a trabalhar na materia, principalmente o citado *Deyeux*, cuja *Memoria* sobre a extracção do açucar da betarraba apresentada á primeira classe do Instituto em 19 de novembro de 1810, se acha no tom. LXXVII. dos mesmos *Ann. de Chim.* Os resultados forão muito felizes, chegando a fazer deste açucar hum artigo consideravel de in-

Apresentão resultados ainda mais felizes para a riqueza das nações, a extracção, e fabricação da soda, dos acidos mineraes, da pedra

---

dustria, e de commercio. E ultimamente veja-se a Memoria de *Chaptal* lida á primeira classe do Instituto Real de França em 23 de outubro de 1815.

Proust voltou-se para o mosto das uvas, e achou que continha açucar em bastante quantidade para se extrahir economicamente. *Foucques* deo depois hum methodo da sua extracção, que o Governo francez tambem mandou examinar por huma commissão composta de *Chaptal*, *Vauquelin*, *Proust*, *Bertholet*, e *Parmentier*, cujo relatorio ajuntárão os traductores francezes do *Diccionario de Chimica de Klaproth*, e *Wolff* em huma nota ao artigo — *Sucre* — O mesmo *Parmentier* continuou depois neste trabalho, em que foi muito feliz, como póde ver-se no seu *Aperçu*, e no *Nouvel Aperçu* em que expoz os resultados, que obteve nos annos de 1810, 1811, e 1812.

Além de outros póde tambem ver-se o celebre Chimico Prussiano *Hermbstaedt na Dissertação sobre o modo de extrahir o açucar de substancias indigenas*, e varias *Memorias* de *Dubuc*, boticario Chimico de Ruão, sobre o açucar de maçãs, e peras, e as *Considerações e Notas geraes* sobre as mesmas *Memorias*, que vem no tom. LXXVII. dos *Ann. de Chim.*, e o *Manual* para extrahir o açucar do cacho por *J. Poggi.*

Fallarei tambem do medronho, fructo do medronheiro, ou ervedreiro (*arbutus unedo*) que tanto abunda em Portugal. *Armesto*, que fez nelle os seus ensaios pelos annos de 1807, e 1808 na provincia de Orense em Galiza, affirma que este fructo silvestre não contém menos de hum quinto do seu pezo em açucar; e falla com tanto enthusiasmo desta sua descoberta, que compára a satisfação, que com ella recebeo, á de *Archimedes* quando descobrio a mistura de cobre com ouro na coroa de *Hieron.* Custou-lhe a conter-se, diz elle, que não exclamasse — achei, achei a arvore do açucar.—*Annaes das Artes, e Manufacturas tom. XLIV. pag.* 144.

Demos algum desconto ao enthusiasmo de *Armesto;* porém confessemos que o medronheiro he hum dos arbustos, que desprezamos, e parece merecer hum melhor destino. O seu fructo, ainda que pouco saboroso por falta de acidos, he hum sustento muito nutriente, de que os camponezes se aproveitão em muitas terras. Produz alkool em muita quan-

hume, dos oxidos de chumbo, e de outras substancias proprias para as artes, e manufacturas.

Não amontoarei mais factos particulares. Basta lançar-mos os olhos para as nossas mezas, vestidos, gabinetes, e por todos os objectos, que nos cercão, para conhecer-mos o muito que as sciencias naturaes nos tem enriquecido em productos novos. Basta dar hum passeio pelos campos nos paizes, em que a civilização, e as luzes se tem adiantado mais para se verem os grandes melhoramentos da agricultura, e seus methodos, e instrumentos. O exame de qualquer officina nos mostrará os beneficios, que a industria humana tem ultimamente recebido dos progressos das sciencias Fisicas, e Mathematicas, sobre tudo da Mechanica aperfeiçoada por *Lagrange*, e desta admiravel Chimica reformada por *Lavoisier*, que tão util tem sido nas suas applicações praticas dirigidas pela mão dos *Bertholet*, *Chaptal*, *Fourcroy*, *Vauquelin*, *Gay-Lussac*, *Thenard*, *Davis*, *Parmentier*, *Marcel de Serres*, e infinitos outros.

Muito tem concorrido as academias, sociedades literarias, e outros estabelecimentos scientificos, e patrioticos, debaixo de differentes no-

---

tidade, e em nada inferior ao que se extrahe das uvas, como verifiquei por experiencia propria. Das suas folhas, dizem os Naturalistas, que se servem na Grecia para curtir couros; o que indica hum gráo consideravel de adstringencia, por cujo motivo tambem se recomenda para usos medicinaes. Sua madeira tem huma bella côr amarella, e poderia servir para moveis: a folha he hum bom pasto para os gados; nunca perde a verdura; e os seus bellos fructos de hum vivo encarnado amadurecem no inverno; o que faz que esta planta poderia fazer-ss hum agradavel ornamento para os jardins nesta estação de tristeza, em que o commum das arvores murchão; e he provavel que com a cultura obteria consideravel melhoramento.

mes, onde a emulação estimula o genio, e que á maneira das companhias de commercio instituidas para promover emprezas mercantis, que excederião as forças de qualquer particular, animão aquelles trabalhos, que não estão ao alcance de cada hum dos associados de per si, ou de que os resultados não podem ser uteis senão passado muito tempo. Depositos permanentes, onde se vai accumulando, e diffundindo pela sociedade a rica mercancia das luzes, e que não permittem, que mais se apague o fogo sagrado da verdadeira sabedoria.

A Italia, que, como a Grecia, teve sempre por destino receber as luzes do Oriente, e communicallas ao restante da Europa, foi tambem a que nos inspirou o gosto destes estabelecimentos. Retrocedendo para os tempos barbaros achamos algumas sociedades literarias anteriormente estabelecidas em outros paizes. *Carlos Magno*, Principe tão limitado na erudição, como vasto em projectos, estabeleceo huma na Alemanha por conselho de *Alcuino*, em que o mesmo Imperador figurava debaixo do nome de *David*, *Alcuino* com o de *Flaccus*, sobrenome de *Horacio*, hum outro literato com o de *Homero*, e semelhantemente os mais associados, tomando cada hum o de alguma personagem da antiguidade, por quem tivesse concebido mais gosto: forão sementes, que se perdêrão em huma terra inculta. O renascimento das letras, e das artes he a epoca que mais nos deve occupar; e segundo huma *Historia abbreviada das academias por Jarckius* impressa em Leipsick no anno de 1725, a que se refere a *Encyclopedia de Diderot* no artigo —*Academie*— havia quinhentas e cincoenta na Italia, de que sómente á cidade de Milão pertencião vinte e cinco. Que faus-

to de literatura! He verdade que em muitas dellas se introduzem vicios, que impedem, em lugar de promover, os progressos das sciencias, e das artes; mas destruiremos nós todas as searas, porque com o trigo se misturão algumas vezes as más sementes?

He desnecessario referir os serviços, que se devem á Sociedade Real de Londres, á Academia Real das Sciencias de París, ao Instituto, e Academia de Bolonha, á de Prussia estabelecida em Berlin, e a outras muitas corporações desta ordem. He desnecessario referir os que estão fazendo á Europa, e ao mundo inteiro a Sociedade de Agricultura de Londres, a de fomento *(d'Encouragement)* de París, e algumas centenas de estabelecimentos desta natureza espalhados por toda a Europa, principalmente além dos Pireneos, e em Portugal a nossa Academia Real das Sciencias de Lisboa. Devem-se-lhes em particular os principios technologicos, ou conhecimentos das artes, e officios, de que se vão formando collecções immensas, de que porém se poderia tirar muito maior proveito se se resumissem em huma Obra elementar, que chegasse a todos, e se ensinasse em escolas publicas. Tem-se multiplicado as bibliotecas, museos, jardins botanicos, laboratorios chimicos até como objectos de recrêo, e de luxo; porém o que faz prosperar tudo he a intervenção da authoridade publica, que com mão poderosa dá o impulso, anima, e fornece os meios. Huma força occulta impelle os Governos a promoverem o progresso das luzes, como o principal fundamento da prosperidade dos povos, que não chegárão a recolher os seus copiosos dons, senão depois que a filosofia conseguio assentar-se sobre os thronos. Os Governos não terão de que arrepen-

der-se, nem que sentir as despezas, que fazem com a instrucção publica, e com os estabelecimentos literarios, que em toda a parte não passa de huma porção mui limitada das rendas publicas, e produz, quando pouco, o centuplo do seu valor.

Maquinas, e novos methodos industriaes.

O QUE tem cooperado mais que tudo para desenvolver as faculdades productivas do homem, e augmentar a fortuna publica, e dos particulares he o extensissimo uso das maquinas, e os rapidos aperfeiçoamentos, que as mesmas tem adquirido nos ultimos tempos. Tem-se creado hum novo poder productivo, que os nossos antepassados não conhecião, e he tambem o effeito do maior desenvolvimento das sciencias, e suas applicações a objectos uteis principalmente em Mecanica. Desde *Newton*, que nos seus descobrimentos da analyse, e do calculo infinitesimal lançou os mais solidos fundamentos deste importantissimo ramo das sciencias fisico-mathematicas, não cessou ella de enriquecer-se com os melhoramentos que foi recebendo dos *Eulers*, dos *Desaguliers*, dos *d'Alemberts*, dos *Marias*, dos *Ximenes*, dos *Fabres*, dos *Girards*, dos *Bossus &c.*, até que hum *Lagrange* a levou ao gráo de perfeição, que podia desejar-se. Deo-lhe formulas, que comprehendem todos os casos possiveis, e reduzio por este modo todos

os seus problemas a questões de analyse mathematica.

Com tudo a theoria da Mecanica não he o mesmo que a theoria das maquinas: desta ultima se tem formado huma sciencia á parte, que deve andar ligada á primeira, para ambas produzirem todas as utilidades de que são susceptiveis, ou seja nas suas relações com o systema dos conhecimentos humanos em geral, ou nas applicações á vida social. Homens illustres, como *Belidor*, tinhão já pertendido confundir a linha de demarcação, que as separava; mas ainda que apresentárão resultados muito felizes para as artes, e manufacturas, como os seus trabalhos se limitavão mais a objectos particulares, do que a formar hum systema de doutrinas, ou principios elementares, erão peças separadas, que ornavão a galeria das sciencias, sem constituirem hum corpo distincto, como pede a sciencia das maquinas, isto he, a arte de as construir, e applicar, e o conhecimento dos seus effeitos.

Berthelot derramou novas luzes na sua *Mecanica applicada ás artes, ás manufacturas, á agricultura, e á guerra*, publicada em 1781; e *Prony* excedeo a todos na *Nova Arquitectura Hydraulyca*, de que publicou a primeira parte em 1790. Era raro que o constructor de maquinas possuisse assaz os conhecimentos mathematicos, para fazer delles huma exacta applicação; e não menos raro que o Geometra conhecesse todas as circumstancias, que influem no bom, ou máo effeito das mesmas; de que resultavão muitos embaraços, e grande imperfeição nos trabalhos de hum, e outro. Aproximallos por meio de huma lingoagem commum, fazer sentir ao primeiro os inconvenientes de caminhar ás apalpadellas, e inspirar ao segun-

do o gosto pela observação, foi o ponto de vista, a que *Prony* dirigio as suas obras, que por tão justos titulos merecem a estimação dos sabios.

Sabe-se quanto avançárão nesta carreira *Lempe*, *Baader*, *Smeaton*, *Perronet*, *Monge*, *Carnot*, e *Poisson*, e o fomento que lhe derão em França a escola polytechnica, e a escola estabelecida no conservatorio das artes. Já temos grandes collecções, que comprehendem huma infinidade de conhecimentos praticos desta natureza, como, entre outras, o *Repertorio das artes e manufacturas*, a *English Encyclopedia*, a *Encyclopedia Britannica*, e os *Annaes das Artes*, *e Manufacturas*. Já temos obras elementares, como o *Tratado de Mecanica pratica*, *e descriptiva* por *Olinthus Gregory*, o *Ensayo sobre a sciencia das maquinas* por *Guenyveau*, o *Tratado elementar das maquinas* por *Hachette*, e a Obra de *Lantz*, *e Betancourt*, que contém a descripção, e o emprego dos elementos das maquinas. (1)

Mas assim como os primeiros homens se servírão por muito tempo de cordas, picaretes, e alavancas, que são maquinas simplices, sem conhecerem as leis do equilibrio, e do movimento,

(1) Não conheço a Obra de *Gregory* senão por alguns extractos em outras; e a de *Lantz*, e *Betancourt* pela noticia della, que vem no *tom. XLVI.* dos *Ann. das Artes*, debaixo do titulo — *Mecanique* — Huma das razões do atrazamento das sciencias, e das artes em Portugal he a falta de livros. São poucos os nossos homens de letras, e artistas, cujas fortunas lhes permittão prover-se de todas as Obras, que desejarião, e principalmente das novas publicações nos paizes estrangeiros, que são immensas, e muito custosas em todos os generos; e os livreiros não fazem surtimentos senão á proporção do consumo. Isto só tem hum remedio que o Estado póde dar; he augmentar, e fazer surtir as bibliotecas publicas.

tambem os modernos conseguírão inventar, e aperfeiçoar hum grande numero de maquinas complicadissimas, que servirião de assombro a hum *Archimedes*, e a todos os engenheiros da antiguidade, antes que houvessem Obras de *Prony*, de *Monge*, e *Lagrange*, nem Conservatorios das artes, ou escolas polytechnicas. He a marcha usual dos conhecimentos humanos: só por meio da observação, e da analyse he que se chega aos principios universaes, que huma vez estabelecidos tanto accelerão os progressos das sciencias.

Os Piemontezes tinhão inventado os moinhos de organsinar a seda, que lhes tem produzido mais riquezas do que a Portugal as minas do Bra-Brazil. Os irmãos *Perrier* tinhão estabelecido em França as suas bellas officinas. *Arkwright* tinha aperfeiçoado a tal ponto em Inglaterra as maquinas de fiar algodão, que antes de poucos annos os fabricantes Inglezes poderão vender o fio por menos da terça parte do seu antigo valor, e *Watt* reunindo a theoria á pratica, no que se distinguio do grande numero de artistas celebres, que o precedêrão, ou tem sido seus contemporaneos, havia aperfeiçoado as maquinas de vapor. *Arkwright e Watt:* bastárão estes dois homens para segurar á Inglaterra o sceptro da industria, que nenhuma outra nação poderá arrancar-lhe, em quanto ella proseguir no seu actual systema, a não ser por effeito de alguma daquellas revoluções extraordinarias, que escapão a todos os calculos da previsão humana. Nenhuma a iguala nos conhecimentos praticos, e na pericia dos seus artistas, nem reune tantos meios de conservar a sua primazia, os quaes desenvolve com prodigiosa actividade. A França, que em nada quer ceder-lhe, vê-se obrigada a reconhecer-se muito inferior a este respei-

to. (1) E que diremos nós? que dirão aquellas nações, a quem sepára ainda huma distancia incomparavelmente maior?

As maquinas, e os methodos industriaes aperfeiçoados, que produzem os mesmos effeitos, apresentão vantagens, que não he possivel desconhecerem-se. Supprem as forças do homem, e economizão a mão d'obra: preenchidas estas condições, ou sómente a segunda, que he a mais geral, resulta huma maior quantidade de productos com a mesma, ou menor porção de trabalho, e a mesma, ou menor despeza. Porém ainda fazem mais; porque em muitos generos, pela certeza e regularidade do seu trabalho, tambem supprem a habilidade, e pericia dos obreiros, e dão obras mais perfeitas do que nunca se poderião obter da simples mão do homem. Tal he a sua influencia sobre a riqueza, e commodidades dos povos, em que im-

---

(1) Em 9 de abril do anno proximo passado (1816) proferio *Beugnot* hum discurso á Camera dos Deputados em Paris sobre o estado das manufacturas francezas, no qual attribue a tres causas a grande superioridade dos Inglezes neste ponto: 1.ª o augmento progressivo, que diariamente adquirem as maquinas em Inglaterra; 2.ª o seu capital extremamente abundante; 3.ª o seu facil supprimento das materias primeiras. Os francezes não cedem aos inglezes nas concepções do espirito, mas cedem-lhe no talento, e facilidades da execução: esta causa, e a grande desigualdade nos capitaes são as que mais influem na inferioridade dos primeiros. Quer-se em Inglaterra qualquer maquina, uteusilio, ou instrumento da agricultura, e das fabricas, logo apparecem officinas, a escolher, onde tudo se executa promptamente com perfeição, e por preços commodos: em quanto nos outros paizes não acontecer o mesmo, serão baldados todos os esforços, para competir com aquella nação, que além disso sabe amoldar-se ás circumstancias melhor que nenhuma outra, espreita os usos dos povos, com que commercea, e fabríca ao gosto de todos elles.

primem o seu poderoso impulso. Multiplicão-se, e aperfeiçoão-se á proporção que a industria cresce: hum descobrimento, ou huma nova combinação occasiona outras, seguidas sempre de novos effeitos, e assim se avança em huma progressão, que não tem fim; porque as combinações, e a faculdade da invenção são inesgotaveis.

Daqui vem, que em hum limitado numero de annos augmentou tanto a massa dos productos em Inglaterra, e por consequencia a somma da sua riqueza, que parecia não ter mais limites; e o extraordinario consumo, que a guerra procurava a huma infinidade de objectos, se por huma parte dissipava, por outra dava estimulos á producção. Entre muitos planos apresentados ás Camaras do Parlamento Inglez, e ás associações, que se tem formado para soccorro dos individuos sem emprego das classes da lavoura, e manufacturas, tenho á vista o de *Owen*, no qual se affirma que a Grã-Bretanha, quando cessou a guerra, tinha hum poder productivo creado principalmente nos vinte e cinco annos precedentes, como se a sua povoação tivesse crescido quinze, ou vinte vezes mais. Aponta-se para exemplo deste novo poder mecanico hum só estabelecimento d'aquelle paiz, onde existião maquinas em obra, que ajudadas de huma povoação de não mais que duas mil e quinhentas pessoas, produzem tantos effeitos como produziria toda a povoação existente da Escossia, trabalhando pelos methodos ordinarios, que estavão em uso ha cincoenta annos. E como este ha muitos estabelecimentos na Grã-Bretanha. Vimos pela Tabella das suas exportações desde o anno de 1792, que estas triplicárão; mas isto não basta para nos dar huma idea aproximada da sua producção: o seu consumo interno não deve ter aug-

mentado menos que o de exportação. Além disso não he pelos consumos que póde avaliar-se a riqueza, e o estado da industria de huma nação; porque estes, quando se não fazem para reproduzir, empobrecem em lugar de enriquecer; he sim pelas producções, nas quaes consiste a origem de toda a riqueza.

Com estes principios já podemos interpor juizo, com mais acerto, sobre a estagnação do commercio, e das fabricas, que ultimamente se tem experimentado em Inglaterra. São effeitos passageiros da mudança repentina de circumstancias, que no meu conceito não affectão essencialmente a prosperidade da nação, e hão de reparar-se por si mesmos, á medida que as cousas forem entrando no seu equilibrio natural. Os clamores do negociante, e do fabricante inglez são como os de hum rico proprietario, que se queixa de não poder dar sahida aos seus fructos por causa da grande abundancia; mas entre tanto tem chêos os seus celeiros. O negociante, e o fabricante das outras nações queixa-se com mais razão, porque tem os seus armazens vazios, e faltão-lhe os meios para os encher.

Na Inglaterra, assim como nos mais paizes, ficou sem emprego huma infinidade de pessoas, que tiravão a sua subsistencia das differentes repartições, e ministerios da guerra, e sem actividade muitas fabricas, cujas manufacturas consumia a mesma guerra; mas em estes individuos abraçando outros meios de vida, em a industria, que se empregava nestas fabricas, tomando outra direcção, o que gradualmente se hirá fazendo, cessará de todo a commoção, em que as maquinas, e os aperfeiçoamentos dos methodos industriaes não tiverão a menor parte.

Quando huma nova maquina substitue hum trabalho humano já em actividade, fica sem emprego huma parte dos braços, cujo serviço he substituido; porém, como observa *Say*, (1) este inconveniente he passageiro, e a multiplicação dos productos fazendo abaixar o seu preço, e estendendo o seu uso, não tarda em occupar mais trabalhadores do que antes. Não entra em duvida que o trabalho do algodão emprega hoje muito maior numero de braços entre as nações industriosas do que antes da introducção das maquinas, que abbreviárão singularmente este trabalho. Os fiadores de algodão da Normandia quebrárão em 1789 estas maquinas, que então se introduzírão naquella provincia da França; e que aconteceria se elles persistissem na continuação de semelhante absurdo? Nos outros paizes se fiaria o algodão por maquinas, e se fabricarião os estofos; e elles, não podendo concorrer nos preços, ver-se-hião obrigados a renunciar inteiramente a estas manufacturas. O mesmo *Say* se serve tambem do exemplo da imprensa, que ainda põe o objecto em mais clareza.

Quando começou a empregar-se este admiravel invento, huma grande multidão de copistas deveo ficar sem occupação, porque pode avaliar-se que o trabalho de hum obreiro impressor equivale ao de duzentos copistas; e aqui temos que de duzentos obreiros ficárão cento, e noventa e nove desempregados. Mas que aconteceo? A maior facilidade de ler as obras impressas que as manuscriptas, o baixo preço a que os livros descêrão, o fomento que esta mesma invenção deo

(1) *Liv. I. Cap. VII.*

aos authores para comporem maior numero de Obras, ou seja de instrucção, ou de divertimento, fizerão que, passado pouco tempo, houverão mais obreiros impressores do que anteriormente de copistas. Se hoje se podesse calcular não só o numero de individuos empregados immediatamente nas imprensas, mas tambem nos outros officios, e industrias que ella faz trabalhar, como fundidores de caracteres, fabricantes de papel, livreiros, encadernadores, carreteiros, &c. pode ser se acharia que o numero de pessoas empregadas na fabricação dos livros he cem vezes maior, que dos que antigamente se empregavão no mesmo objecto.

Não continuarei com o mais, que o citado escriptor judiciosamente diz sobre o assumpto, nem repetirei o que eu mesmo tenho escrito em outro lugar. (1) Em Inglaterra, onde as maquinas tem reduzido tão consideravelmente o emprego dos braços humanos, que homens judiciosos movem a questão, se conviria restringir o seu uso, para evitar a mendicidade, e a emigração, a materia pediria talvez maior discussão: relativamente a Portugal tenho dito quanto basta para mostrar a absoluta necessidade, em que estamos, de fazermos grandes esforços para a sua introducção, e melhoramento. He condição, sem a qual não poderemos levantar as nossas manufacturas do abatimento, em que existem, nem sacudir o jugo, que nos tem imposto a industria estrangeira.

---

(1) *Tom. I. pag.* 51.

DIGRESSÃO

SOBRE AS MAQUINAS DE VAPOR.

Primeiros descobrimentos.

Os ANTIGOS nos ensinárão a pronunciar com respeito os nomes de *Archimedes*, de *Apollonio*, e de outros, que em tempos mais remotos empregárão os seus talentos na construcção das maquinas; *Virgilio* collocou nos Elysios os inventores das artes juntamente com os bemfeitores da humanidade, todos com distinctivo glorioso: (1) e porque

(1) *Inventas aut qui vitam excoluere per artes,*
Quique sui memores alios fecere merendo;
Omnibus his nivea cinguntur tempora vita.
AEneid. L. VI. v. 663.

Os testemunhos de homenagem para com estes homens verdadeiramente dignos da immortalidade, de que estão cheios os Poetas, e Oradores Gregos e Latinos, bem nos dão a conhecer a admiração e respeito, em que elles erão tidos na opinião dos povos. Na Asia, no Egypto, na Grecia, e depois em Roma os constructores das maquinas, e dos edificios destinados para o culto dos Deoses, ou para a celebração das festas, e outras solemnidades, constituião associações com seus

não pagaremos tambem algum tributo do nosso reconhecimento aos *Archimedes*, e *Apollonios* modernos, que concebendo, e executando o projecto de sujeitar o fogo ás leis da Mecanica, fizerão deste terrivel elemento o mais poderoso, e ao mesmo tempo o mais docil de todos os motores conhecidos, que existem á disposição do homem?

O fogo applica-se ás maquinas como motor por tres modos: 1.° convertendo o combustivel do

---

mysterios privativos. No seculo de *Augusto* ainda havia este costume, e sómente os associados, que erão pela maior parte Gregos ou discipulos de Gregos, edificavão os templos, circos, amphitheatros, e hippodromos. Daqui vem o dizer-se em huma Obra aliàs excellente, e de grande utilidade para as artes: " Tudo induz a crer, que a sociedade dos *pedreiros-li-* " *vres*, chegada até nossos dias, não he senão hum resto desta " antiga fraternidade." *Risum teneatis?*? " Em nossos dias, " continúa a mesma Obra, as sciencias tem sido cultivadas " com tão grande successo, que ellas tem dado passos de gi- " gante; mas posto que possamos affirmar, que a Chimica e " a Fisica nunca tocárão hum semelhante gráo de perfeição, " duvida-se ainda, se os antigos nos excedêrão em conheci- " mentos mecanicos, isto he, em meios simplices e praticos " para a construcção das suas maquinas." *Annaes das artes, e manufacturas tomo XVI, sobre a theoria, e construcção das maquinas.*

Eu não faço tão alto conceito da sciencia dos antigos sobre esta materia. Como os poderei suppor tão adiantados em conhecimentos mecanicos, quando sabemos que empregavão homens em moer o grão, por não conhecerem o uso dos moinhos movidos por vento, e até o tempo de *Augusto* se presume que nem por agoa! Os conquistadores, quando voltavão das suas expedições militares, conduzião bandos immensos de captivos, que empregavão nas obras publicas, e principalmente nas que destinavão a perpetuar a sua gloria ou a sua vaidade; e isto explica bem como elles podião edificar estes monumentos colossaes, como as pyramides de Memphis, que parecem querer insultar o tempo. Sem duvida erão necessarias maquinas, para se moverem e elevarem as grandes massas, assim como para o ataque e defesa das praças; mas o que isto induz a crer he, que o maior adiantamento dos

estado de solido no de gazoso, como acontece com a polvora nás bocas de fogo; 2.° elevando a temperatura do ar, ou de hum gaz permanente, como no *pyreolophore* inventado por *Niepce*; 3.° convertendo a agoa, ou outro liquido em gaz, como nas maquinas de vapor. He destas que eu passo a dar algumas noções historicas.

Devem-se os primeiros ensaios ao *Marquez de Worcester*, do qual se conta, que estando prezo na

---

antigos consistia naquellas maquinas, que se empregavão para supprir a força dos homens nestes objectos, e não nas que se destinão a objectos economicos, e tem por fim supprir a pericia, e economizar a mão d'obra nas manufacturas. Penso que em *Vitruvio*, e na descripção das maquinas, de que usou *Archimedes* na defesa de Syracusa, que nos transmittírão outros escriptores Latinos, poderemos achar a medida dos conhecimentos dos antigos em mecanismos. Em algumas das artes liberaes, que dependem do gosto e da sensibilidade, he que talvez os não temos ainda igualado. Primogenitos da Natureza, e sem esta multidão de instituições positivas, que temos interposto entre nós e ella, parece que elles a sentião melhor; mas privados da herança accumulada de experiencias, e de conhecimentos que hoje possuimos, obra dos seculos, e da reflexão, não a podião conhecer tão particularmente.

Quando fallo dos antigos he com referencia aos tempos conhecidos. Somos meninos, que não temos noticia do mundo senão desde hum limitado numero de annos; e assim como elle tem sido abalado por espantosas catastrofes, e revoluções fisicas, de que nos não consta senão pelos vestigios que deixárão, sobre que a Geologia tantas conjecturas, e tão diversos systemas tem formado, que revoluções moraes não terá elle soffrido, que serão para nós hum segredo eterno! Ainda mesmo dos tempos conhecidos he necessario confessar, que muitas artes desapparecêrão, as quaes os modernos tem procurado resuscitar, e só em parte o tem conseguido. Começa por exemplo a imitar-se a pintura, e o verniz á *encaustica*, tão familiar entre os antigos Gregos e Romanos; mas ainda não sabemos imitar a solidez, com que estes ultimos construião as suas estradas, nem estas soberbas abobadas de arquitectura Gothica, que admiramos em muitos dos nossos templos.

A media idade, e os seculos barbaros tambem tiverão as

torre de Londres observára em huma occasião, em que se lhe preparava a comida no seu quarto, que a tampa, estando bem ajustada ao vaso, saltára pelos ares com huma explosão produzida pela força expansiva do vapor, o que o conduzio a serias reflexões, que terminárão com a sua importante descoberta. E porque alguns duvidão levar tão longe a applicação do vapor aquoso ás maquinas, copiarei traduzida a exposição, que este ho-

---

suas artes, que não temos podido igualar; e não se faz dellas tão justa idéa pelo que se tem escrito, como pelo que se póde observar nos monumentos que nos restão daquelles tempos, e principalmente naquelles, em que mostrárão maior empenho os Soberanos que os fizerão executar. Temos em Portugal, entre outros, a antiga cathedral de Coimbra, que apresenta excellentes peças da antiga arquitectura Gothica. Os mosteiros de Santa Cruz na mesma cidade, e S. Bernardo em Alcobaça forão fundados pelo Senhor Rei *D. Affonso Henriques;* restão poucas obras primitivas nestes sumptuosos edificios, que successivamente tem sido augmentados, e reformados em diversos tempos; porém essas, que existem, não se esperarião de hum seculo tão obscuro. A igreja de Alcobaça, segundo a opinião de *Murphy (Travels in Portugal tom. I. pag.* 92*)* he hum dos primeiros ensaios do moderno Normando-Gothico, e talvez o mais magnifico da Europa naquelle antigo periodo em que foi fundado. No intervallo, que mediou desde o Senhor *D. João I.* até o Senhor *D. Manoel* fizerão as artes grandes progressos: com tudo o convento da Batalha, obra do primeiro destes Soberanos, contém retalhos bellissimos, com que não póde competir o de *S. Jeronymo* de Belem, no qual ostentou o segundo a sua magnificencia. He hum dos mais ricos monumentos que existem no seu genero, em que até se descobre hum gosto mais depurado do que em qualquer outro edificio do estilo Gothico, e mais desembaraçado desta multidão de insignificantes e superfluas esculturas, com que tanto os sobrecarregavão, como observa o mesmo *Murphy (ibid. pag,* 33.*)* A arte de pintar em vidro, que tanto floreceo na media idade, he huma daquellas que quasi se perdêrão inteiramente: só em Inglaterra se exercita com algum successo; e he tambem alli onde se conserva algum gosto pela arquitectura Gothica.

mem celebre nos deixou em huma Obra, que tem por titulo *A century of inventions*, impressa no anno de 1663. "Hum meio admiravel, e de maior
" força, para elevar a agoa pelo fogo, não consiste
" em puxalla, ou absorvella por cima; porque, co-
" mo diz o Filosofo, isto não póde ser senão *intra*
" *sphærum activitatis*, isto he, dentro de huma
" certa distancia. Este meio não tem limites, se
" os vasos forem bastantemente fortes; porque eu
" tomei huma peça de artilheria inteira, de que a
" ponta tinha estalado, e a enchi de agoa tres quar-
" tos, fechando a parafuso a ponta quebrada, e
" tambem o fogão; e tendo feito debaixo della hum
" fogo constante por espaço de vinte e quatro ho-
" ras, ella arrebentou com grande estrondo. De-
" pois disso tendo achado meios de construir va-
" sos muito fortificados interiormente, e enchellos
" hum depois do outro, vi saltar a agoa como hu-
" ma fonte perenne a quarenta pés de altura; hum
" vaso de agoa rarefeita pelo fogo fez saltar qua-
" renta de agoa fria. Hum homem que queira ap-
" plicar-se com cuidado a esta operação, não tem
" senão mover dous registros para que em se con-
" summindo a agoa de hum dos vasos o outro co-
" mece a forçar, e a encher-se de agoa fria, e as-
" sim successivamente, continuando sempre a en-
" treter-se o fogo constante, o que a mesma pes-
" soa póde muito bem executar nos intervallos em
" que não he necessario mover os registros."

Esta descripção he na verdade muito concisa, e pouco clara, para nos dar a conhecer por miudo a maquina, e o methodo do *Marquez de Worrester*, porém deixa sem duvida, que elle inventou hum aparelho que fazia subir a agoa por meio do fogo, e que o seu principio de acção consistia na elasticidade do vapor. Hoje que o espirito publico se

tem voltado tão decididamente para as maquinas, com tão grande vantagem das nações industriosas, hum tal projecto apenas conhecido despertaria a attenção dos sabios, e daria materia aos artistas, para empregarem os seus talentos; naquelle tempo ficou esquecido entre muitos outros do mesmo author, a maior parte impraticaveis na execução.

Foi pelos ultimos annos do seculo XVII. que elle começou a ser hum objecto de sisudas especulações; e he nesta época que devemos fixar o seu uso. Tres homens de distincto merecimento trabalhárão simultaneamente para lhe acharem uteis applicações: o Capitão *Savery* em Inglaterra, o Doutor *Papin* na Alemanha, e *Amontons* em França. *Savery* publicou o resultado dos seus trabalhos na Obra intitulada *The Miner's Friend*, e em outro pequeno Tratado sobre huma das suas maquinas, que deo á luz em 1699; *Papin* em huma Obra *sobre hum novo methodo de elevar a agoa por meio do fogo*, impressa em Cassel no anno de 1707; *Amontons* em huma *Memoria da Academia Real das Sciencias de Paris* do anno de 1699. *Prony*, referindo-se á Historia da Academia do anno de 1705, se lembra tambem de *Dalesme*, que propoz empregar o vapor aquoso como motor proprio para se applicar a huma maquina, que fazia saltar a agoa a huma grande altura.

Savery, sem fazer menção dos precedentes descobrimentos do *Marquez de Worcester*, dá como sua a idéa, attribuindo a hum feliz acaso os conhecimentos que adquirira sobre a força do vapor. *Papin* tambem se arroga á originalidade, sem com tudo negar a *Savery*, e aos Inglezes a gloria da invenção, tendo-lhe podido vir ao pensamento a mesma idéa, assim como a muitos, sem se lhe communicar por outrem; e apoia-se na authoridade do Landgrave *Carlos* de Hesse-Cassel, por

cuja ordem fizera hum grande numero de experiencias, as quaes communicára a muitas pessoas, e entre ellas a *Leibnitz*, que lhe respondêra ter tido o mesmo pensamento. *Desaguliers* decide-se a favor de *Papin*, deprimindo assaz a gloria de *Savery*; mas esta lhe foi restituida por *Prony*, e em parte o tinha já sido por *Belidor*, e outros que o seguírão, e dão huma notoria preferencia á maquina do capitão Inglez sobre a do Doutor Alemão, cujas experiencias sobre o vapor devem mais a sua celebridade ao uso, que dellas fez, para dissolver os ossos por meio do seu *digestor*. He porém necessario reflectir, que *Belidor* confunde a maquina de *Savery* com a de *Newcomen*, e *Cawley* ou *Calley*, de que logo vou tratar; e a este respeito diz *Prony*, referindo-se a *Switzer*, que *Savery*, estando mais perto da Corte, se aproveitou das descobertas de *Newcomen*, que sendo hum homem simples, e modesto o deixou gozar do privilegio que elle obteve primeiro, contentando-se com ser seu associado.

Savery deo na verdade hum grande passo, empregando a condensação do vapor por meio de applicações frias, para produzir hum vacuo parcial, que substituisse a potencia que seria necessario applicar ao embolo de huma bomba ordinaria; e segundo este principio arranjou a sua maquina, destinada ao interessante uso de esgotar a agoa das minas de carvão. *Papin* trabalhou sobre o mesmo principio, mas por mecanismos inteiramente diversos, e mais complicados, como se póde ver pelas descripções destas maquinas por *Belidor*, (1) e *Prony*. (2) Os projectos de *Amontons*, e *Dalesme* não forão seguidos.

---

(1) *Archit. Hydraul, Liv. IV. cap. III.*
(2) *Nouvelle Archit. Hydraul. art.* 1331, *e seguintes.*

Mas ainda que se dê preferencia á maquina de *Savery* comparada com a de *Newçomen*, he visivel a sua imperfeição comparada com os descobrimentos posteriores. Por qualquer dos dous meios, e mecanismos, de que usava, descriptos por *Prony*, que os recebeo de *Bradley*, e *Switzer*, era-lhe necessario produzir, e condensar alternativamente o vapor em hum vaso composto. O vapor produzia-se pela communicação com huma caldeira de agoa fervendo, por meio de hum registro; condensava-se fechando-se este resgistro, e fazendo-se a applicação fria; e por este modo se formava o vacuo dentro do vaso. Então se abria, por meio de outro registro, huma communicação com o reservatorio que queria esgotar-se, cuja agoa, impellida pela pressão da atmosfera, corria para dentro do vaso a occupar o vacuo: tornava a fechar-se a communicação com o reservatorio, para que não retrocedesse para este a agoa, que tinha corrido para o vaso, e abria-se a communicação com a caldeira, e hum vapor summamente abundante fazia saltar a agoa por hum tubo superior, de que tambem se abria o competente registro. Esgotado assim o vaso, fechava-se o registro do tubo superior, e começava de novo a operação.

Este methodo era muito complicado, e dispendioso; sendo necessario estarem-se continuamente abrindo e fechando os differentes registros, e empregar-se huma grande quantidade de combustivel, para produzir hum vapor summamente elastico, que por esta mesma qualidade era muito perigoso.

Maquina de Newcomen.

Estes inconvenientes forão reparados em parte por *Newcomen* negociante de ferro, e *Cawley*, ou *Calley* vidraceiro de Darmouth pelo anno de 1711. (1) Concebêrão o principio: Que se o vapor se introduzir pela extremidade inferior em hum cylindro concavo, ao qual se ajustar hum embolo, o embolo será impellido para cima pela differença entre a força elastica do vapor, e a acção da atmosfera; e sendo depois condensado o vapor, o embolo descerá pela pressão da atmosfera, e assim successivamente. Conformemente a este principio construírão a sua maquina, separando as partes do apparêlho, em que o vapor exercitava a sua acção, daquellas em que devia elevar-se a agoa, e inventando novos mecanismos, por meio dos quaes reduzírão a certo ponto a condensação, que se fazia em pura perda, e produzião effeitos iguais com muito menos quantidade de vapor, e consequentemente com muito menor dispendio em combustivel.

O cylindro, e a balança, ou grande alavanca erão as peças principaes desta nova maquina. O cylindro assentava sobre a caldeira, com a qual se communicava por meio de huma valvula na parte inferior; pela superior era aberto, e traba-

(1) Assim diz *Buchanan*; porém a patente de *Newcomen* he de 1705, segundo dizem muitos AA.

lhava dentro delle hum embolo como o das bombas ordinarias. A balança corria por cima, tendo no meio o seu centro de movimento de rotação: na extremidade de hum dos braços tinha huma cadêa, com que prendia á haste do embolo do cylindro, recebendo delle o movimento vertical alternativo; pela extremidade do outro braço communicava este mesmo movimento ao ponto de resistencia, prendendo tambem por cadêas ao embolo, ou embolos de huma ou mais bombas absorventes, com que se elevava a agoa de hum poço, se era esta a applicação da maquina; ou se dava algum outro uso a esta força. Para começar o trabalho, e reduzida a agoa da caldeira á temperatura conveniente, abria-se a valvula, e o cylindro se enchia de vapor em hum instante, ficando o embolo na parte superior; tornava a fechar-se a valvula para interromper a corrente do vapor, abrindo-se immediatamente hum registro por onde se introduzia no cylindro agoa fria, e o vapor se condensava formando o vacuo, e occasionando por este modo, que a acção da atmosfera comprimindo o embolo pela parte de cima, o fazia descer até o fundo do cylindro, arrastando comsigo o braço da potencia, e fazendo levantar o da resistencia. Restabelecida de novo a corrente do vapor da caldeira, e repetidas as mesmas operações, conservava-se a applicação do motor á resistencia, pelo movimento alternativo da balança. He claro, que para este apparelho trabalhar com regularidade erão necessarias muitas outras peças, e mecanismos particulares; porém a sua descripção deve procurar-se nas Obras, que tratão a materia *ex professo*, e principalmente em *Prony*.

Entre os muitos inconvenientes, que nesta época ainda erão annexos á maquina, precisava-

se da assistencia continuada de hum homem, para abrir e fechar os differentes registros no momento opportuno. Attribue-se a hum simples operario encarregado desta operação o engenhoso mecanismo, que os faz abrir e fechar por si mesmos; e *Beighton* o levou á sua perfeição, e obteve huma patente em 1717. Não obstante este grande melhoramento, a maquina continuou sempre a chamar-se de *Newcomen*, ou *atmosferica*, ou simplesmente *maquina Ingleza*.

Algumas outras alterações menos importantes se lhe forão fazendo occasionalmente, como por exemplo para dar huma base mais solida ao cylindro nas maquinas mais volumosas, não o collocar sobre a caldeira, e mudar a configuração de algumas das peças do apparelho; mas no essencial o mecanismo era o mesmo. Continuava a condensar-se o vapor dentro do cylindro, operação muito imperfeita, principalmente pela necessidade de dar sahida á agoa de injecção, a qual cahia de hum reservatorio muito elevado, porque se julgava necessario introduzilla com muita força no cylindro, para que, batendo na superficie inferior do embolo, se precipitasse como chuva. Pela parte superior andava coberto o embolo com huma cama de agoa, para vedar o accesso do ár externo, e desta agoa sempre alguma penetrava para o interior do cylindro, e tanto esta, como o ár que se desenvolvia da agoa de injecção, desordenavão o vacuo. Aquella mesma cama de agoa, e o ár commum, sempre em contacto com a parte superior do embolo, quando este descia banhavão o interior do mesmo cylindro, e lhe diminuião muito o seu calor. Para a maquina poder trabalhar com facilidade, não se podia carregar com mais de 7 libras por cada pollegada quadrada da superficie

do embolo; o vapor não se empregava senão como força indirecta para produzir o vacuo; e nenhuns calculos exactos se tinhão feito sobre o gráo de calor, e sobre a quantidade de combustivel, que era necessario empregar, para reduzir a vapor as quantidades determinadas.

A maquina neste estado já era olhada, não só como huma das mais bellas invenções do espirito humano, mas tambem como hum objecto de grande utilidade. A balança a fazia applicavel a todo o genero de movimentos, e da Inglaterra o seu uso se estendia pára o continente; sendo executadas por Inglezes as que se estabelecêrão em differentes partes da Europa, d'onde *Belidor* tirou mais hum argumento de que esta maquina teve origem em Inglaterra, e de que os trabalhos dos Inglezes a este respeito excedião a quanto se tinha executado em França, e Alemanha. Com tudo ella não desenvolvia ainda senão huma pequena parte do seu poder: servir-me-hei de huma expressão alhêa, era *Hercules* no berço.

Belidor, *Desaguliers*, *Musschenbroeck*, e outros trabalhárão muito sobre a materia, porém dando excellentes noções sobre tudo o que se havia descoberto, adiantárão pouco nas applicações praticas. *De-Cambray* foi encarregado da construcção da sua celebre maquina, para fornecer a agoa do mar ás salinas de *Castiglioni* na Toscana, o que lhe deo occasião a escrever no anno de 1765 a descripção della, que se imprimio em 1766, enriquecida de exposições circumstanciadas sobre as maquinas de vapor em gerál, e sobre as mais celebres que se tinhão construido até esse tempo no continente, em particulár. Vê-se por esta Obra o quanto se tinha augmentado a reputação das mesmas, e tambem o muito que o continente an-

dava atrazado a respeito dellas: era o tempo em que na Inglaterra a maquina de *Newcomen* hia perder todo o seu merecimento, cedendo ás de *Watt*, e *Boulton* incomparavelmente superiores.

Watt *dá nova face ás maquinas de vapor.*

Não ha quem não conheça o nome de *Watt.* Sendo Engenheiro de instrumentos mathematicos em Glasgow, foi encarregado de fazer alguns concertos no modêlo de huma pequena maquina de vapor pertencente ao collegio daquella cidade; e este feliz acontecimento fez apparecer o homem de genio, a quem se devem os mais importantes descobrimentos sobre a materia. Forão fructos do seu engenho, das suas meditações, e trabalhos continuados por muitos annos, e não obras do acaso; o que mais realça o seu merecimento.

No progresso dos seus ensaios com o referido modêlo observou, que lhe era necessario empregar huma quantidade de combustivel, e de agoa de injecção muito maior, em proporção do que se dizia exigirem as grandes maquinas, e não tardou em conhecer, que a differença procedia principalmente de que o cylindro do pequeno modêlo tinha huma superficie maior relativamente á sua capacidade, que os cylindros das grandes maquinas. Para remediar este deffeito tenton varios meios, fabricando cylindros, e embolos de varias madeiras, e com certas preparações, e de outras

materias que fossem máos conductores de calor. Trabalhou igualmente para obter hum vacuo mais perfeito; porém todas as suas tentativas lhe occasionárão huma perda de vapor proporcionada. Estas observações de facto o conduzírão a theorias, que o illuminassem nos exercicios praticos; mas achava-te em hum campo vasto e deserto, em que se lhe offerecião difficuldades a cada passo, sem guia que o podesse dirigir. Faltavão-lhe as experiencias de *Ziegler*, de *Woolf*, e de *Bettancourt* sobre a força expansiva do vapor. Ainda a Chimica não tinha sido enriquecida com os descobrimentos de *Priestley* sobre os gazes, e com as excellentes theorias depois formadas por *Scheele*, e outros, e sobre tudo pelo immortal *Lavoisier*, victima illustre da revolução Franceza, a quem tanto devem as sciencias e as artes, e cuja vida faz tanta honra á humanidade, quanto a sua morte deve imprimir de vergonha nos seus assassinos. (1)

Assim mesmo ás apalpadellas, e só guiado pelo descobrimento, então recente, de que a agoa póde ferver no vacuo em huma temperatura muito inferior ao termo ordinario da fervura, concluio *Watt* que, para obter hum gráo de vacuo hum pouco consideravel era necessario que a temperatura do cylindro, e das materias nelle encer-

---

(1) Estas materias são ainda hoje muito complicadas na Chimica moderna. *Van-Helmont*, *Mayow*, *Boyle*, *Rey*, *Hales*, e *Black* já tinhão examinado os gazes, feito experiencias, e arriscado opiniões sobre elles; mas, como se observa no *Diccion de Chimic. de Klaproth*, o 1.° de agosto de 1774, em que *Priestley* publicou os seus descobrimentos, he o dia em que a Chimica pneumatica teve o seu nascimento. *Scheele*, e *Lavoisier*, forão os que depois mais trabalhárão para o seu desenvolvimento.

radas não passasse de 30 gráos de *Reaumur*, e que neste caso a reproducção do vapor no mesmo cylindro traria comsigo huma grande despeza de calor e de combustivel. A's apalpadellas procurou determinar por meio de experiencias tão engenhosas como difficeis as differentes temperaturas, em que a agoa ferve debaixo de diversas pressões. Examinou o calculo de *Desaguliers* sobre o volume da agoa convertida em vapor, e achando-o muito errado, e defeituosa a experiencia em que era fundado, o emendou por meio de outras.

Fixados estes pontos, construio ao seu modo, e applicou ao referido modêlo huma caldeira, que mostrava muito facilmente a quantidade de agoa reduzida a vapor em hum tempo dado, calculando ao mesmo tempo o combustivel necessario para esta operação; e descobrio, que a cada impulso do embolo se dispendia muito maior quantidade de vapor, que o que seria necessario para encher o cylindro. Deduzindo a quantidade de agoa necessaria para formar a quantidade de vapor, que bastasse para cada impulso do embolo, examinou quanto entrava de agoa fria em cada injecção, e o gráo de calor que recebia condensando o vapor, e achou com grande admiração sua, que este calor excedia muito ao que a mesma agoa teria adquirido pela sua mistura immediata com huma quantidade de agoa fervendo no estado de liquida igual em pezo áquella, de que se tinha formado o vapor. Temendo ser enganado, e ignorando ainda o descobrimento, que algum tempo antes tinha feito *Black* da modificação do fogo, a que deo o nome de *calor latente*, e alguns Chimicos Francezes chamão de *liquidité*, recorreo a experiencias directas, as quaes lhe derão em resultado, que huma parte de agoa em forma de va-

por no termo ordinario de fervura (80 de *Reaumur*) tinha communicado cousa de 62 gráos de calor a seis partes de agoa. Continuou as experiencias, e achou que o calor latente do vapor excedia a 400 gráos.

Demonstrada a origem dos principaes defeitos da maquina de *Newcomen*, e conhecido o principio, que não póde a agoa condensar-se no gráo preciso para fazer hum vacuo aproximado, sem que o cylindro, e a agoa que elle contém desça a huma temperatura de 30 gráos, ou ainda abaixo, e que em huma temperatura mais elevada a agoa produziria no cylindro huma certa quantidade de vapor, que pela sua resistencia diminuiria a pressão da atmosfera; observando ao mesmo tempo, que quando se intentava produzir hum vacuo mais perfeito, era necessario augmentar em grande proporção as quantidades relativas da agoa de injecção, o que augmentava outro tanto a despeza do vapor para encher o cylindro: vio *Watt* a necessidade de separar estas operações, fazendo a condensação em hum vaso, ou capacidade differente. Este era o meio de obter, que o vapor condensado no estado de liquido não excedesse a temperatura de 30 gráos, sem com tudo diminuir a do cylindro, que era necessario conservar tão alta, como a do vapor transmittido da caldeira; sem o que se não podia obter huma maquina, em que a quantidade do vapor consumido fosse a menor, e o vacuo o mais perfeito possivel. Veio-lhe facilmente á idéa que abrindo huma communicação do cylindro quente, e chêo de vapor para outro recipiente vazio de ár, o vapor, como fluido elastico, se precipitaria para ella, até se restabelecer o equilibrio entre as duas capacidades; e que se se introduzisse nesta ultima huma quantidade suffi-

ciente de agoa fria, o vapor nella existente seria reduzido ao estado de agoa, não entrando mais até que o todo fosse condensado.

A difficuldade era achar o modo de despejar a agoa liquida do vaso da condensação, sem que nelle se introduzisse ár; e dous lhe occorrêrão. Consistia hum delles em applicar ao vaso condensador hum tubo, que descesse para baixo até mais de 34 pés; de fórma que a agoa correndo por elle, e formando huma columna, que pelo seu proprio pezo excedesse a pressão atmosferica, deixasse o condensador em hum estado continuo de esgotamento. Com a agoa de injecção sempre havia de entrar algum ár, que diminuiria a perfeição do vacuo; mas elle se propunha a remediar este inconveniente, extrahindo tambem o mesmo ár por meio de huma bomba. Consistia o outro modo em extrahir juntamente o ár, e agoa, por meio de huma, ou mais bombas; e deo preferencia a este, por ser applicavel a todas as posições da maquina.

A idéa de conservar sempre em temperatura elevada o vaso em que o vapor desenvolve a sua elasticidade, e frio aquelle em que se condensa, he maravilhosa na sua natureza; porque o vapor, não tocando algum corpo mais frio que elle até que tenha preenchido o seu efficio, não se condensa parte alguma delle sem produzir todo o seu effeito no cylindro, e produzido este, condensa-se tão perfeitamente no recipiente separado, que não fica resistencia alguma debaixo do embolo. O barómetro indica hum vacuo quasi tão perfeito como o da maquina pneumatica; emprega-se utilmente a totalidade do vapor; e parece não se poder levar adiante a perfeição neste ponto.

Para conservar melhor a temperatura do cylindro, *Watt* o envolvia em huma capa de madeira,

ou outra substancia não conductora do calor, ou tambem lhe entretinha á roda hum banho de vapor quente; e untava o embolo com varios oleos animaes, e vegetaes, para o fazer ajustar melhor ao cylindro. Com estes e outros melhoramentos, de que podem procurar-se noções mais circumstanciadas no *tomo XXXIII.* dos *Annaes das Artes e Manufacturas*, para onde passárão do Doutor *Black*, e do Professor *Robison*, informados elles mesmos pelo proprio *Watt*, e de algumas cartas deste sabio Fisico aos seus amigos, e na *English Encyclopedia* artigo *steam-engine*, construio hum modêlo, com que operou pelo anno de 1765, cujos effeitos excedêrão a sua esperança. Trabalhava ligeiramente com dez libras e meia de pezo por cada pollegada quadrada da superficie do embolo, e podia mesmo levantar quatorze, sem que lhe fosse necessario mais que hum terço do vapor, que exigia a maquina atmosferica ordinaria, para produzir o mesmo effeito.

Não lhe escapou logo na primeira época dos seus aperfeiçoamentos a grande vantagem, que poderia tirar-se da applicação directa do vapor para fazer girar huma roda, em lugar de o empregar para fazer elevar a agoa, a fim de que esta cahindo sobre a roda a fizesse mover com o seu pezo, como se praticava. Com este fim ideou, e executou o modêlo de huma roda de vapor, para dar o movimento circular a hum eixo; mas não levou este projecto á perfeição.

Foi sómente no anno de 1769 que elle obteve huma patente para as invenções que ficão descriptas, associado com o seu amigo o Doutor *Roebuck* de Kinneil perto de Borrowstonnes, a quem tinha construido huma maquina, que confirmou em grande as vantagens que se tinhão obtido em pe-

queno. *Roebuck*, tendo experimentado alguns revezes, cedeo a parte do seu interesse a favor de *Boulton*, rico proprietario das fundições, e officinas de Soho; e com o auxilio deste novo associado pôde *Watt* dar toda a extensão ás suas emprezas debaixo do nome de *Watt* e *Boulton*. Pelas difficuldades com que teve que luctar nos primeiros annos, e o embaraçárão de ser sufficientemente remunerado pela sua patente; e pelo grande merecimento das suas invenções obteve hum acto do Parlamento, que lhe prorogou o privilegio exclusivo até o termo de vinte e cinco annos.

Movimento de rotação. Maquinas de dobrado effeito.

A PRATICA, e as experiencias em grande não tardárão em inspirar-lhe novas descobertas, e melhoramentos. O uso de construir as maquinas, e trabalhar com ellas he quem melhor descobre, e ensina a corrigir os seus defeitos, e dar ás mesmas toda a perfeição de que são susceptiveis; e tão solicito foi *Watt* em aperfeiçoar a sua, que até fez com que *Wilkinson* estabelecesse de proposito huma maquina para furar os cylindros com mais precisão. Adoptou hum novo methodo de construir os embolos, fixallos mais solidamente na haste, e segurar as suas guarnições. Introduzio as valvulas nos recipientes, em lugar dos antigos registros de corrediça. Deo melhor posição ás caldeiras, collocando-as sobre grades; aperfeiçoou o systema

das alavancas, e o mecanismo que fornece constantemente a agoa á caldeira, á medida que ella se consome em vapor. E para mais ampliar o uso, e utilidade da maquina, tornou á sua antiga idéa do movimento de rotação, tendo abandonado a roda de vapor, pelos inconvenientes que lhe achou na pratica.

Outros artistas o tinhão igualmente tentado, e obtido por differentes meios; porém da mesma fórma forão obrigados a abandonar seus projectos, pela irregularidade com que as maquinas fazião os seus movimentos. Em fim depois de varias tentativas inuteis decidio-se *Watt* a tirar o movimento de rotação do movimento rectilineo do embolo; e veio-lhe á imaginação communicar o da balança a huma roda ou volante por meio de huma especie de manivella, a que os Inglezes chamão *crank*, e de que se fará melhor idéa pelo modo simples, e bem conhecido com que a fiadeira faz mover a sua roda, ou o amolador a sua mó: o que executou pelos annos de 1778, e 1779. No seu primeiro modêlo fixou dous cylindros sobre o mesmo eixo, que trabalhavão sobre duas manivellas dispostas em hum angulo de 120 gráos relativamente huma para a outra, e hum pezo na circumferencia do volante a 120 gráos de cada manivella; de fórma que exercitasse a sua acção vertical quando as duas manivellas estivessem em posição desfavoravel, o que concorria efficazmente para dar igualdade ao movimento.

Este invento foi-lhe roubado por hum plagiario de Birmingham, que se deo por author delle, tendo-lhe sido communicado por hum operario, e obteve huma patente para a applicação do *crank*. Não o perseguio *Watt* mais occupado no progresso dos seus descobrimentos do que desejoso de

contestações judiciaes, porque via que o *crank* pouco o podia prejudicar, em quanto sómente se applicava ás maquinas atmosfericas ordinarias. Empregou-se em idear outros methodos para os quaes obteve o privilegio em 1781 ; consistindo hum delles no jogo de duas rodas dentadas de igual diametro, movendo-se huma á roda da outra, a que chamão roda planetaria, ou *sund and planet Wheels* por cujo meio o volante faz duas revoluções a cada pancada da maquina.

Este methodo, e o do *crank* erão os que *Watt* indistinctamente usava nas suas maquinas, sem que tambem o plagiario o inquietasse da sua parte pelo que respeita ao *crank* ou manivella. *Robertson Buchanan* (1) escrevendo em 1816, affirma que *Watt* era ainda de opinião, que sendo exactamente executada a roda de trabalho, e o resto do apparato, e tudo conservado em boa reparação, a roda planetaria tem vantagens sobre o *crank*, principalmente em razão da maior velocidade do volante, e porque exige muito menos pezo.

Resta ainda fallar de hum novo descobrimento de *Watt*, que augmentou singularmente o poder da maquina, e póde considerar-se como o complemento dos outros. Não se empregando até então o vapor senão como força indirecta para formar o vacuo, e trazer para baixo o embolo pela pressão da atmosfera, como vimos, acontecia, que para o fazer sobir para cima era necessaria a acção de hum contrapezo na extremidade do braço opposto

---

(1) *A Practical Treatise on propelling Vessels by steam, Part. I. sect. III.* 32. sobre estes novos melhoramentos podem tambem ver-se as noticias insertas no citado *tomo XXXIII. dos Ann. das Artes,* e o *tomo II. dos Archiv. dos descob. e novas invenç.* para onde forão copiados do *Edinburgh Review,* e do *Bulletin da Sociedade d'Encouragement.*

da balança, ficando inactiva a força elastica do vapor. De que modo se havia de tirar o vapor desta inacção, e aproveitar-se toda a sua força? *Watt* resolveo o problema, fazendo-o chegar alternativamente ao cylindro por cima e por baixo do embolo, dispostas de tal sorte as communicações com a caldeira, e com o condensador, que quando o vapor obrava de huma parte do embolo, se formava o vacuo na parte opposta; formando assim hum vacuo e por consequencia hum movimento alternativo do embolo, sem a concorrencia de outra alguma força. E com muita razão deo o nome de *dobrado effeito* a esta nova invenção.

Della tinha já apresentado hum desenho á Camera dos Communs no anno de 1774, quando pedio a prorogação da sua primeira patente; mas parece que a primeira maquina deste genero que construio foi em Soho no anno de 1781, ou 1782; e depois se fez publica, applicando-se aos famosos moinhos de Albião.

Pelo mesmo tempo, conhecendo a impropriedade do methodo até então praticado de communicar á haste do embolo o movimento vertical, partindo do movimento angular do braço da balança, por meio de cadêas dobradas, ou peças de engrenagem em hum arco de circulo dentado, substituio-lhe o que depois se chamou movimento parallelo, ou parallelogrammo, huma das invenções mais engenhosas, e perfeitas, que tem apparecido em Mecanica. E para prevenir as irregularidades do movimento da maquina, devidas ás variações na quantidade do vapor a empregar para vencer as resistencias, que se apresentão variaveis segundo as circumstancias, empregou a força centrifuga do que chamão governador nos moinhos, para regular a introducção do vapor no

cylindro; conseguindo por este modo dar á maquina huma ligeireza uniforme, e proporcionar o consumo do vapor á resistencia que he necessario vencer. He assim que *Watt* conduzio o seu apparelho a hum gráo de perfeição, que se julgaria impossivel, se se não visse. Produz hum movimento, que a huma força sem limites, pois se lhe não conhecem outros que os da solidez das materias de que se compõe a caldeira, e as mais peças, ajunta a doçura, e a regularidade de hum relogio. Hum movimento, para me servir das expressões de *Prony*, que, como na economia animal, huma vez impresso, se perpetua por meio do calor, e se não extingue senão com elle. Esta analogia tão lisongeira para a imaginação sustenta-se nas diversas partes do mecanismo, que apresentão o symbolo da inspiração e respiração, em huma circulação interior de fluido, que repara as perdas, tornando-se sem soccorros estranhos o principio conservador de huma especie de vida mecanica.

He manifesta a vantagem das maquinas de dobrado effeito sobre as simplices, em se reflectindo no seguinte. A condensação, não se fazendo senão por intervallos nas maquinas simplices, exigem estas huma caldeira de muito maior dimensão, que accumule na parte superior huma quantidade de vapor sufficiente, para fazer em hum tempo o que na maquina de dobrado effeito se faz em dous. Este excedente tambem exige huma maior grossura da caldeira para conter o vapor; e tanto maior, quanto he mais desproporcionada a concussão do vapor, sahindo por intervallos da caldeira para o cylindro nas maquinas simplices, do que nas de dobrado effeito, em que a sua corrente he regular e constante, e a pressão uniforme em todas as partes da caldeira. Do mes-

mo principio resulta grande economia no combustivel, e muito mais porque a experiencia mostra, que quanto menor pressão soffre a superficie da agoa, tanto mais facilmente se resolve em vapor com a mesma quantidade de calor.

O vapor, exercitando continuamente a sua acção no cylindro das maquinas de dobrado effeito, não precisa obrar senão em huma superficie ametade menor do que nas maquinas simplices, para produzir effeitos iguaes; o que occasiona huma reducção de materias e de volume, tanto no cylindro, como em todas as peças, que delle dependem; fazendo a maquina menos dispendiosa, e mais commoda, pela diminuição do seu volume. Reduzem-se as massas que devem ter movimento alternativo; supprime-se o contrapezo do braço da resistencia, com que nas maquinas simplices se faz o movimento de oscillação; e sobre todas estas vantagens, que eu não faço senão indicar, e podem ver-se diffusamente explicadas em *Prony*, sobresahe nas maquinas de dobrado effeito a doçura, e uniformidade dos movimentos. Com tudo ha circumstancias, em que podem convir mais as maquinas simplices, que podem considerar-se como casos particulares das de dobrado effeito, o que depende das suas applicações.

O uso das novas maquinas introduzidas em França.

Os descobrimentos de *Watt* tinhão grande influencia nas artes e manufacturas, para escaparem á penetração das nações industriosas, e principalmente á França: com tudo os artistas Inglezes conseguírão conservar occultos por algum tempo os seus segredos. Hum nosso Portuguez, residente em França, foi dos primeiros que alli se distinguírão pelos seus trabalhos e descobrimentos nesta materia. Ouçamos delle a sua propria exposição.

"*Milord:* Eu faço justiça ao genio Inglez:
" nós lhe devemos certamente a invenção da bom-
" ba de fogo, assim como a perfeição desta ma-
" quina relativamente ao seu mecanismo actual, e
" mesmo ainda a mais perfeita execução, que del-
" la se tem feito até o presente. He sem contra-
" dicção huma maquina admiravel, e que faz a
" maior honra ao espirito humano. Eu pois devia
" esperar a admiração, que o artigo das bombas
" de fogo no meu *Prospectus* havia de causar a to-
" dos os curiosos, e sobre tudo a hum homem da
" vossa nação tão instruido como vós sois. Dese-
" jais, Milord, ter huma noção mais circumstan-
" ciada dos descobrimentos, que eu tenho podido
" fazer sobre este genero de bombas: vou procurar
" satisfazer-vos, e o faria mesmo sem reserva, em
" attenção á vossa dignidade, e qualidades pes-

" soaes, se não tivesse já confiado o que tenho de
" mais particular sobre este objecto a hum dos
" maiores Principes do reino em que existo; po-
" rém vós não ignorais, que hum segredo, em que
" entra hum terceiro, deixa bem depressa de o
" ser."

" Lisongeio-me, Milord, que não hesitareis
" em dar preferencia á bomba de fogo da minha
" invenção sobre qualquer outra, quando desco-
" brirdes huma construcção infinitamente mais fá-
" cil, hum effeito muito mais consideravel, e a
" maior economia possivel na sua laboração; tudo
" consequencias necessarias dos novos conheci-
" mentos fisicos, que são o fundamento do meu
" systema."

" A bomba de fogo tão conhecida, que se vê
" em Fresne, póde servir para fazer comprehen-
" der as grandes vantagens da minha. Alguns de-
" talhes de comparação serão sufficientes á vossa
" penetração."

1.º " He necessario hum muito habil mecanico
" para dirigir a construcção de huma bomba de
" fogo; e he tão raro achallos neste genero fóra de
" Inglaterra, que nas outras partes se tem feito
" tentativas inuteis para se construirem."

2.º " Esta construcção depende de huma infi-
" nidade de peças, cuja execução he muito difficil,
" e sem as quaes a maquina não poderia ser per-
" feita: ora como sómente em Inglaterra he que
" esta bomba está em uso, não he facil achar em
" outra parte obreiros capazes de a construirem
" como deve ser."

3.º " A construcção de huma bomba de fógo,
" segundo o modêlo da de Fresne, custaria em
" París cousa de 80$000 libras."

4.º " São enormes as despezas da sua labo-

"ração. A fornalha consome em 24 horas dous
"*muids* de carvão de pedra, contendo cada hum
"14 pés cubicos, ou duas cordas de lenha cada
"huma de 8 pés de comprido, sobre 3 de altura,
"e outro tanto de largura. Ajuntai a esta grande
"despeza a de treze bombas communs, que faz
"jogar o grande embolo por meio do fogo, e além
"disso a de duas pessoas, que são absolutamente
"necessarias para vigiar sobre a maquina. Esta
"bomba póde elevar por hora á altura de 300 pés
"155 *muids* de agoa, de que se consome hum ter-
"ço, com pouca differença, para fazer trabalhar o
"grande embolo."

"Ora eis-aqui as vantagens da minha: ella
"he ainda mais facil de executar que a semibom-
"ba. Para obter os mesmos effeitos, que em Fres-
"ne, isto he, para elevar 155 *muids* de agoa por
"hora á altura de 300 pés, custará quando muito
"6$000 libras, e para a laboração o sexto, com
"pouca differença, da despeza actual; mas o que
"eu vou accrescentar vos causará muito maior
"admiração."

"Se se quizesse ter na mesma altura o dobro
"do volume de agoa sem construir outra bomba,
"encontrar-se-hião muitas difficuldades: seria ne-
"cessario primeiramente dobrar quasi a despeza;
"e ella augmentaria sempre á proporção da agoa
"que se desejasse de mais. Haveria a mesma pro-
"porção para huma maior elevação. Ora por meio
"da minha bomba póde dobrar-se, triplicar-se, e
"quadruplicar-se o volume de agoa a 300 pés de
"altura com cousa de 2$000 libras de mais para
"a sua construcção, e quasi sem augmento de
"despezas para a laboração. Para elevar a mesma
"quantidade de 155 *muids* de agoa por hora a
"mil pés, bastarão 5 ou 6 mil libras de augmento

"para a construcção da bomba, e sempre hum
" augmento mui pequeno de despezas para a labo-
" ração."

" Como as despezas da construcção, e labo-
" ração são exorbitantes, mesmo para as mais pe-
" quenas bombas de fogo conhecidas, não ha a
" menor apparencia de que jámais se faça algum
" uso dellas para as precisões domesticas, para a
" rega dos jardins &c. Mas com a minha se pre-
" encherão todos estes objectos de hum modo ex-
" tremamente mais vantajoso do que quanto está
" em uso a este respeito até o presente."

" Não duvideis, Milord, de tudo o que eu
" tenho a honra de dizer-vos; vós não ignorais os
" progressos que tem feito a bomba de fogo actual
" com a protecção, e debaixo dos auspicios de
" Sua Alteza Serenissima *Carlos* Landgrave de
" Hesse: se os meus novos descobrimentos achas-
" sem em França hum semelhante apoio, a expe-
" riencia vos faria bem depressa conhecer, que as
" vantagens da minha bomba de fogo são ainda
" mais consideraveis do que eu exponho."

" Estou convencido de que huma vez demons-
" tradas estas vantagens pela execução, não só se
" não estabelecerão mais bombas de fogo pelo me-
" canismo conhecido, mas aquellas que já se achão
" estabelecidas se reduzirão ao meu systema; se
" com tudo se não encontrarem circumstancias,
" em que possão ser mais uteis as semibombas."

" Se a execução dos meus systemas hydrome-
" ticos experimentasse em França muitas difficul-
" dades, e alguma outra nação da Europa os de-
" sejasse estabelecer; huma vez fixada a recom-
" pensa, eu poderia achar algum homem genero-
" so, que fizesse a despeza necessaria, sem que
" custasse cousa alguma ás pessoas interessadas

"em se certificarem da infalibilidade dos effeitos
" da minha nova bomba de fogo; e ella não seria
" exigida senão depois de huma plena, e inteira
" convicção fundada sobre os factos. Eu sou com
" com respeito, Milord, &c."

He traducção literal de huma carta do nosso Padre *Pinto* a hum sabio Inglez, que em honra da nação Portugueza julguei a proposito dar por extenso, extrahida do *Jornal Economico* impresso em París, do mez de dezembro de 1772. O *Prospecto dos novos systemas Hydrometicos* do mesmo P. *Pinto* contém breves memorias, ou annuncios sobre esta mesma materia, e sobre o que elle chama semibombas, e outras maquinas, e methodos hydraulicos.

Sómente no anno de 1779 apparecêrão em França os primeiros moinhos movidos por vapor, invenção de *Darnal d'Alaes*, que usava dos dous methodos seguintes, provavelmente por não conhecer os meios de tirar directamente da maquina o movimento de rotação. 1.° Fazia mover huma roda, sem o soccorro da agoa, por meio de muitos pezos remontados continuamente pela acção da maquina de vapor. 2.° Dava-lhe o mesmo movimento com a agoa elevada pela mesma maquina de hum reservatorio provisional, para onde tornava a cahir, e era empregada deste modo em produzir o movimento successivo com o soccorro de alguma pequena fonte, para reparar alguns desperdicios, que sempre se fazião da agoa, e a sua perda pela evaporação.

Ambos estes methodos se achão descriptos no *tomo XLV. dos Ann. das Artes*, e podem ainda hoje ter uso em algum caso particular, em que não convenha usar das novas maquinas de vapor; ou se as circumstancias permittirem, que a agoa,

precipitando-se de huns para outros moinhos, faça mover muitos em differentes elevações, antes de reentrar no reservatorio; porque esta multiplicação das forças de hum só motor póde fazer economica a sua applicação. Fóra destes casos pouca utilidade podem dar.

Perrier, a quem tanto devem as artes em França, pelo muito que concorreo para os seus progressos, e cujas officinas bem conhecidas pelo nome de *irmãos Perrier* forão ultimamente rivalizadas, mas não igualadas pelas de *irmãos Ramus*, fazia por esse mesmo tempo grandes esforços, para levar ao seu paiz os descobrimentos dos Inglezes. Tendo visto trabalhar em Inglaterra differentes maquinas de vapor, mas não as tendo podido observar senão por fóra, como que advinhou os principios, e mecanismos de *Watt*; e em 1780 foi estabelecer nas suas officinas de Chaillot a que descrevem *Prony*, *(art.* 1341*)* e *Hachette*, (1) a qual reunia a maior parte dos primeiros melhoramentos do Engenheiro Inglez, mas não os ultimos. Era huma maquina de simples effeito, porém a melhor cousa que se conheceo em França até o anno de 1788.

Nesta época o *Cavalheiro de Bettancourt*, muito conhecido pelos seus talentos, viajou em Inglaterra por ordem da corte de Hespanha, para formar huma collecção de observações, e modêlos hydraulicos. Teve occasião de observar as novas maquinas de *Watt*, e *Boulton* que neste intervallo se havião estabelecido; e ainda que tambem lhe occultárão o seu mecanismo interior, pôde concluir do que vio, e reflectio, que o embolo devia

(1) *Traité Elementaire des machines, chap. I.* 199.

ser impellido pela mesma causa, tanto na sobida como na descida, e descobrio o mecanismo de dobrado effeito. Na sua volta a Paris fez executar hum modêlo na escala de huma pollegada por pé, e as experiencias com elle praticadas, tendo produzido o effeito desejado, forão presenciadas com o mais vivo interesse pelos sabios e artistas daquella capital. Os irmãos *Perrier* não tardárão em aproveitar-se dellas, começando logo a trabalhar nas maquinas de dobrado effeito, de que huma das principaes foi a que estabelecêrão na ilha dos Cisnes.

O uso das maquinas de vapor nas minas de carvão limitava-se até esse tempo ao esgotamento das agoas : os irmãos *Perrier* lhes imaginárão a nova applicação de elevar com ellas o proprio carvão. Foi para este fim que sahio das suas officinas de Chaillot a que se estabeleceo nas minas de Litry em Calvados, substituindo os antigos apparelhos pela maior parte puxados por cavallos com despeza extraordinariamente maior. Este novo emprego lhes deo occasião a fazerem ainda alguns melhoramentos na maquina, como o de substituir á balança duas rodas de engrenagem, para conservar perpendicular o movimento rectilineo do embolo, e o communicar á resistencia, fazendo ao mesmo tempo a maquina mais facil de transportar-se, quando era necessario mudalla de huns para outros póços.

Maquinas de Cartwright, Clegg, Sadler, e outros.

Que o ar desenvolvido da agoa de injecção servia de eterno obstaculo á perfeição do vacuo em todas as maquinas conhecidas, era hum facto geralmente sabido; mas ninguem o tinha podido remediar, posto que muitos o tivessem tentado. *Cartwright* metteo mãos á obra, e julgou conseguillo, fazendo a condensação por meio de applicações frias na superficie externa do recipiente. Fez passar o vapor entre dous cylindros mettidos hum no outro, com huma corrente de agoa fria, que banhava o de fóra, e atravessava o de dentro; e por este modo conseguio na verdade fazer o vacuo mais perfeito que podia esperar-se, achando-se hum muito pequeno volume de vapor em contacto com huma superficie fria extremamente grande, sem com tudo receber corpo algum externo. Além disso estabeleceo huma communicação constante entre o condensador e o cylindro em cada hum dos lados do embolo, de tal maneira que ou este suba ou desça, sempre se faz a condensação.

Em consequencia deste mesmo mecanismo simplificou muito a sua maquina; porque a desembaraçou de todo o apparato do que se chama regulador nas outras maquinas, ficando reduzida a hum muito menor numero de peças. Deo nova forma, e nova materia aos embolos para diminuir a sua fricção: construio em fim huma maquina,

que com estas e outras alterações, para as quaes obteve huma patente em 11 de novembro de 1797, ficou menos dispendiosa, e mais simples, e transportavel. Teve tanta acceitação no publico, que até se acreditou que podia servir para apparelho de distillação.

E na verdade a julgar-se pela descripção desta maquina, que vem no *tomo I. dos Annaes das Artes*, ella seria a mais perfeita que tem apparecido; mas quando foi a contrastar-se com a experiencia, que he a verdadeira pedra de toque nas cousas humanas, e principalmente nas obras de Mecanica, vio-se que perdia por huma parte o que ganhava por outra. Reunia vantagens, que faltavão ás de *Watt* e *Boulton;* mas estava muito longe de ter a sua força, e solidez. Além disso occasionava desperdicios de vapor; exigia a permanencia de huma corrente de agoa; e se era mais simples, da sua mesma simplicidade nascião os seus principaes defeitos: basta reflectir, que não admittia o dobrado effeito.

Deve-se a *Sadler*, além de outros addicionamentos, o importante descobrimento, que fez em 1798, de empregar segunda vez huma parte do vapor, antes da condensação, em outro cylindro exposto á pressão da atmosfera: operação que produz o effeito de huma maquina pneumatica, e dá consideravel augmento de força ao motor. As suas vistas forão particularmente dirigidas a reunir os esforços combinados da atmosfera, e do vapor, para produzir effeitos maiores, que os que até então se tinhão obtido; e desembaraçou a maquina da balança, poupando a força que era necessario empregar para vencer a inercia desta peça enorme. Póde ver-se a descripção desta maquina no citado *tomo I. dos Annaes das Artes.*

Cinco ou seis annos depois appareceo tambem em Inglaterra a maquina de *Samuel Clegg*, que de algum modo aproxima a de *Cartwright* ás de *Watt* e *Boulton;* porque como estas se compõe do apparelho de dobrado effeito, e como aquella dispensa o regulador. Publicou-se huma descripção della no *Jornal de Nicholson*, que a não dá perfeitamente a conhecer; mas a sua reputação he mais solida que a da maquina de *Cartwright;* e podem consultar-se a respeito della o *tomo I. dos Arquivos dos descobrimentos*, e a descripção que vem no *tomo XXV. dos Annaes das Artes.*

Tambem he notavel a invenção das maquinas, a que os Inglezes chamão de alta pressão *high-pressure engines* (e na verdade lhes compete o nome) para huma modificação das quaes obteve *Trevithick* huma patente. Não tem condensador, e precisa de huma muito forte corrente de vapor, o qual se não condensa, mas deixa-se escapar livremente por hum lado do embolo, em quanto obra com grande força pelo outro, produzindo hum movimento alternado, que se communica a hum volante por modo muito simples. Destas maquinas falla o citado *Buchanan;* e mais circumstanciadamente *Bouvier* em huma *Memoria*, que póde ver-se nos *Annaes de Chimica e de Fisica, caderno de outubro de* 1816, no qual tambem propõe huma nova maquina, com importantes novidades.

Merecem particular menção os aperfeiçoamentos de *Woolf*, fundados nas suas importantes experiencias, e descobrimentos sobre a força expansiva do vapor, quando excede a temperatura de 80 gráos de *Reaumur*, que podem ver-se no *tomo XX. dos Annaes das Artes.* Inventou hum apparelho, de que tambem trata *Buchanan*, o qual se póde considerar como composto das maquinas de

Trevithick, e de *Watt*, e *Boulton*. Tem dous cylindros, hum pequeno outro grande: no pequeno obra huma forte corrente de vapor segundo os principios de *Trevithick*; e depois de produzir o seu effeito passa para o maior, onde obra segundo os principios de *Watt*, reproduzindo por este modo a sua força, e o seu serviço. Mas não se limitárão aqui os seus descobrimentos. Tão incançavel no trabalho, como exacto nos calculos, não cessou de fazer ensaios, e accrescentar melhoramentos, dirigidos principalmente 1.° a tirar todo o partido possivel da força do vapor; 2.° a evitar os accidentes, que podesse occasionar o alto grão de expansibilidade, em que emprega o mesmo vapor; 3.° a economizar o combustivel; e por meio delles parece ter reduzido a sua maquina a grande perfeição, como póde ver-se das respectivas descripções no *tomo IX. dos Arquivos dos descobrimentos.*

Usa-se desta maquina nas minas de *Wheal-Abraham*, e de *Wheal-Vor*, cujos proprietarios lhe passárão attestações em novembro, e dezembro de 1815, que fazem conceber a mais alta idéa das suas vantagens. Diz o proprietario da primeira das referidas minas, que a maquina alli estabelecida, de que o grande cylindro he de 45 pollegadas de diametro, trabalhava havia quatorze mezes, tirando a agoa de hum poço de 190 braças de profundidade, nos primeiros dez mezes com perto de 16 libras de carga por cada pollegada quadrada, e nos 4 mezes seguintes com 15 libras por pollegada quadrada; que havia trabalhado muito bem sem interrupção, tendo o seu effeito excedido ao das maquinas de *Watt* e *Boulton*, estabelecidas na mesma mina, ao principio na relação de 44 a 20, e depois na de 47 a 20. Diz a attestação do pro-

prietario da outra mina, que o producto da maquina de *Woolf* excede ao das outras maquinas construidas segundo os principios de *Watt* e *Boulton* como 116 a 34; isto he, que a mesma obra não consomme na primeira senão 34 *bushels* de carvão, quando esta ultima emprega 116.

Ricardo Witty, cujos planos se achão descriptos no *tomo LIII. dos Annaes das Artes*, tambem propõe novidades, que farião huma total revolução nas maquinas de vapor: nada menos que a inteira suppressão das alavancas, valvulas, e manivellas, que elle substitue por hum novo mecanismo. Consiste o seu principio em combinar o movimento rectilineo dos embolos com o movimento de rotação da maquina, de modo que os embolos obrando nos cylindros, ou os cylindros sobre os embolos, possão girar ao mesmo tempo sobre hum eixo commum, e formar o volante.

Tambem são dignas de ver-se as engenhosas invenções sobre este objecto, e mecanismos singulares de *Moult*, de *Angelo Belloni* de Milão, e de *Gengembre*; e as observações do sabio Chimico *Gay de Lussac*, que tudo se acha reunido no *tomo IX. dos Arquivos dos descobrimentos*, tendo-se extrahido de differentes Obras, e jornaes. O mecanismo de *Moult* funda-se em hum principio inteiramente novo: em lugar de cylindros, e de embolos emprega hum recipiente, que enchendo-se e vasando-se alternativamente de agoa, ou outro liquido pezado, pela acção do vapor, dá com o seu pezo o movimento á balança. *Gay Lussac* propõe dous condensadores, hum destinado a começar a condensação do vapor, e fornecer agoa quente para os usos necessarios das manufacturas, e outro para a completar; á cujo respeito podem tambem ver-se os *Annaes de Chimica e de Fisica*, caderno de agosto de 1816.

Maquinas pequenas, e portateis.

NÃO ha difficuldade em construir maquinas pequenas, e portateis; he hum negocio de reducção no volume das suas differentes peças mui facil aos constructores: a difficuldade he fazellas pequenas, e ao mesmo tempo economicas. As maquinas pequenas são proporcionalmente muito mais dispendiosas que as grandes; porque além de certos serviços e cuidados geraes, que custão tanto em humas como nas outras, nas pequenas he necessario augmentar muito, em proporção ás grandes, as dimensões da caldeira, e consequentemente a quantidade do combustivel: tambem he maior a fricção nas primeiras. Por estas razões, ainda que *Clegg* deo á sua maquina o nome de portatil, e com effeito encaminhou (assim como outros) o seu mecanismo a desempenhar esta qualidade, as utilidades desta bella invenção parecião ainda limitar-se aos estabelecimentos, em que se precisava de grandes forças. Só convinhão as pequenas maquinas, quando alguma circumstancia particular as fazia preferiveis ás forças animadas, ou aos outros agentes fisicos, como por exemplo nas forjas e fundições, em que o mesmo lume da forja serve, sem augmento de despeza em combustivel, para fazer trabalhar a maquina, que move os folles, e póde applicar-se a outros objectos.

Tal era o estado das cousas, quando em França a Sociedade de *Encouragement,* penetrada das

vantagens que devião resultar da applicação economica destas maquinas aos pequenos usos domesticos e fabrís, propoz hum premio de seis mil francos para aquelle, que no anno de 1809 apresentasse a melhor maquina de vapor, de huma força capaz de elevar em doze horas hum milhão de killogrammos a hum metro de altura: com a condição que a despeza total, produzindo este effeito diario por hum tempo assignalado, não excedesse em Paris a somma de sete francos 50 cent. comprehendidos os interesses do capital, e as despezas do costeamento. Os concorrentes não devião limitar-se a produzir memorias e desenhos; sim maquinas em estado de obrar.

Apresentárão-se oito concorrentes, de que sómente dous satisfizerão a todas as condições do programma; os irmãos *Girard*, e *Albert* e *Martin*. O premio foi adjudicado a *Albert* e *Martin*, cuja maquina póde ver-se descripta em *Hachette*; *(cap. I. art.* 210*)* e tanto esta como a dos irmãos *Girard* no *tomo III. dos Arquivos dos descobrimentos;* e com estampas no *tomo XXXVII. dos Ann. das Artes*, para onde passárão dos *bulletins* da Sociedade. As maquinas, e planos dos outros concorrentes não deixárão de estimar-se, e merecer elogios, posto que as condições do programma os excluírão do concurso. Os irmãos *Girard* tiverão além disso em premio extraordinario huma medalha de ouro do valor de quinhentos francos.

Por mais complèto que se representasse o successo da maquina de *Albert* e *Martin*, parece que a sua utilidade se não estendeo a tanto como ao principio se imaginou. O *Marquez de la Feuillade* em huma memoria inserta no *tomo LIII. dos Annaes das Artes*, em que propõe muitos melhoramentos nas maquinas de vapor em ge-

ral, e particularmente nas de pequenas dimensões, faz hum rigoroso exame sobre esta de *Albert* e *Martin*, notando-lhe o seu principal vicio no regulador; e affirma não se terem ainda construido pelo seu methodo maquinas uteis de menos força que a de quatro cavallos, e que não produzem senão hum quarto do effeito, que deverião produzir comparativamente ás maquinas de *Perrier*. Reduz a quatro pontos as condições que se devem ter em vista, para procurar os aperfeiçoamentos possiveis, e augmentar a força das maquinas de vapor, e particularmente das pequenas.

1.° Aperfeiçoar para as pequenas maquinas o regulador, e a valvula de *Albert* e *Martin;* ou mais depressa inventar outros melhores.

2.° Achar o meio de aproveitar-se da dilatação do vapor.

3.° Fazer o vacuo o mais perfeito, e antes que chegue o embolo á extremidade do seu curso.

4.° Entreter hum grande calor á roda do cylindro, e dos tubos do vapor, sem augmentar a despeza do combustivel.

O *Marquez de la Feuillade*, apezar da muita erudição com que desenvolve as suas idéas, conclue que não he senão hum amador em Mecanica, e que não fabríca maquinas; mas convida os artistas a fazerem o ensaio das suas invenções; e se offerece a communicar-lhes com prazer planos circumstanciados, e mesmo modêlos de algumas partes da maquina, de que indicaria as proporções, e principalmente da caldeira. Outros tem igualmente empregado os seus trabalhos sobre este objecto.

Tem adquirido muita reputação a nova maquina de *Maudslay* em Inglaterra, e a de *Sckenk* na Suissa. A primeira descreve-se no *Bulletin da*

Sociedade d'Encouragement de julho de 1815, e a segunda na *Biblioteca Britunnica* de maio do mesmo anno; e trata-se de ambas no *tomo VIII. dos Arquivos dos descobrimentos.*

Huma e outra são de dobrado effeito, e a de *Maudslay* differe de quanto existia nas outras maquinas no jogo das peças principaes, consistindo o seu principal distinctivo na haste do embolo, e no condensador. A haste he terminada superiormente na figura de hum T, que tem em cada extremidade da travessa huma manivella, com que se faz mover hum só eixo commum, o qual leva comsigo hum volante, de que parte a força da maquina para os pontos de trabalho, a que se quer applicar. Sobre a mesma travessa ha duas roldanas huma de cada parte, as quaes se movem entre corrediças, e dirigem o movimento do embolo. O condensador he collocado no meio do recipiente de agoa fria, e encerra elle mesmo a bomba, que absorve o ar, e a da agoa quente; de forma que estas tres peças são formadas de cylindros concentricos. He extremamente regular e simples a construcção desta maquina: todas as suas peças são de ferro fundido, que unidas por meio de parafusos formão hum todo muito facil de se desmontar, e que occupa pequeno espaço. Estas circumstancias a fazem muito transportavel, e singularmente propria para se fixar onde, e pelo tempo que se deseja. Faz-se della grande uso nas officinas de Londres.

A novidade principal da maquina de *Sckenk* consiste no movimento continuo sempre com a mesma direcção, que o author conseguio estabelecer no registro que communica o vapor da caldeira ao cylindro, tanto pela parte de cima como pela parte debaixo do embolo, em lugar do movi-

mento de *vai e vem* de que se usa nas outras maquinas, para produzir o mesmo effeito em ambas as direcções. Não consome senão quatro onças de combustivel por hora, logo que a caldeira começa a ferver. Tambem occupa pequeno espaço; trabalha quasi sem estrondo, e póde á vontade regular-se a sua pressa.

Appareceo ultimamente no *tomo IX. dos Arquivos dos descobrimentos* hum extracto do *Anzeiger*, &c. ou *Indicador das artes e fabricas de Baviera* do mez de fevereiro de 1816, que descreve a nova maquina de *Reichenbach*; e se os effeitos correspondem ao que della se affirma, he hum chefe d'obra neste genero. Tres erão os principaes obstaculos, que se oppunhão ao estabelecimento das maquinas de vapor nas fabricas: 1.º a difficuldade de as manear, 2.º o seu grande custo, 3.º a sua complicação. Para fazer o seu emprego mais usual, era necessario, sem sacrificar cousa alguma da força que lhes he propria, ajuntar a caldeira e o cylindro em hum pequeno espaço, produzir a condensação do vapor sem agoa fria, supprimir a disposição complicada, que serve de conservar e levantar o embolo da direcção do cylindro, e sobre tudo diminuir a despeza em combustivel. Eu não sei o que *Reichenbach* avançou sobre tantos sabios, e artistas, que o precedêrão no mesmo trabalho; porém diz-se, que todas aquellas difficuldades forão por elle mui felizmente vencidas na sua maquina, de que a caldeira e os cylindros são portateis; o embolo construido de hum modo singular, movendo-se com huma pressão sempre igual, e sem soccorro de algum appendice exterior. Expõe-se no referido extracto mais algumas circumstancias relativas a esta maquina; mas não são bastantes para dar a

conhecer os seus mecanismos, de que se dá como principal caracteristico o não exigir condensação de vapor. Parece serem maquinas de pequenas dimensões, e affirma-se que o inventor as tem construido equivalentes á força de dous cavallos, cujos cylindros com tudo não tem mais de 16 pollegadas de altura, e duas de diametro.

Apezar porém de tantas, e tão engenhosas invenções, e de tão affamados melhoramentos, eu repetirei sempre que he necessario reccorrer á pratica, para se poder avaliar a sua utilidade, sem cahir em illusões. A Inglaterra he o paiz das maquinas de vapor; alli nascêrão, alli tem recebido os seus maiores aperfeiçoamentos, e não creio que haja paiz algum na terra, onde se fabriquem melhor, assim como o não ha, onde se faça dellas hum tão grande uso; e com tudo he ainda opinião geral entre os proprietarios de estabelecimentos fabrís Inglezes, que se não podem tirar grandes vantagens, relativamente ás manufacturas, das maquinas de menor força que a equivalente a quatro cavallos. Isto deve servir de guia aos emprehendedores dos paizes, onde este motor não está ainda em uso. Vou agora tratar de outra applicação, que he huma das mais uteis que se lhe tem dado.

Applicação do vapor á navegação.

PRometheo roubou o fogo do ceo, para animar as creaturas da terra; *Dedalo* atravessou os ares com azas, que a natureza negára aos homens: são bellas ficções com que se tem entretido a imaginação dos Poetas, e a credulidade de alguns póvos; mas não he ficção, que em nossos dias hum gaz dirigido por certo modo dê azas ao homem para se elevar ás nuvens, e com outras modificações o impulso para atravessar as ondas.

Audax omnia perpeti
Gens humana ruit...

O primeiro navegante, que ousado se entregou ao mar em fragil lenho, deveo imprimir tão grande espanto, como o primeiro areonauta, que se arrojou aos ares pendurado em hum ballão. O Carro de Neptuno, e o Paragon não causárão a mesma sensação, porque já tinhamos por costume ver os rios e os mares coalhados de embarcações; mas a invenção não he menos admiravel, e começou logo produzindo utilidades immensas; quando os areostatos, depois de tantos annos de infructuosas diligencias para descobrir o meio de se governar a sua direcção, se achão ainda reduzidos quasi a hum objecto de pura curiosidade. O Carro de Neptuno, e o Paragon são duas destas grandes maquinas fluctuantes, que *Fulton* e *Li-*

vingston, animados pelo Governo dos Estados Unidos da America, lançárão ao mar em Nova Yorck; o primeiro de trezentas, e o segundo de trezentas e cincoenta tonelladas.

Tem o Paragon 170 pez de comprido de popa a prôa sobre 28 de largura, distribuido este espaço em casas, officinas, e aposentos, que offerecem aos passageiros toda a qualidade de commodidades, e até de agrados. O numero dos leitos he de cento e quatro, sem comprehender os do capitão, e equipagem, e á proporção tudo o mais, como póde ver-se da sua descripção no *tomo VI. dos Arquivos dos descobrimentos*. Quando se pensou ver hum edificio destes navegar sobre as agoas, sem remos, e sem velas, e mesmo contra o vento, e contra a maré, com a velocidade e certeza de huma carruagem, levando dentro em si mesmo o principio do seu movimento, como se fosse hum ente animado? A tanto chegou a industria deste povo singular, que ha pouco mais de trinta annos se formou em corpo de nação! Mas para não tirar a gloria a quem pertence, he necessario dizer tambem, que a invenção he originariamente Ingleza.

Miller de Dalswinton parece ter sido o primeiro que emprehendeo fazer huma embarcação, que navegasse movida pelo vapor; mas o resultado das suas experiencias não lhe foi satisfactorio. Em 1795 chegou *Lord Stanhope* a construir huma embarcação com o mesmo fim; porém o mecanismo não correspondeo á sua expectação. Finalmente em 1801 apresentou *Symington* o primeiro batel, navegando por vapor, nos canaes que ajuntão o Clyde e o Forth na Escossia; mas recebendo injurias nos seus bordos, pela agitação do seu rapido movimento em hum canal estreito, ficou ainda sem progresso este genero de navegação. *Ful-*

ton, Engenheiro Americano de N. Yorck que tinha residido alguns annos em Inglaterra, suscitou a mesma idéa no seu paiz, onde lançou ao mar hum barco de vapor em 3 de outubro de 1807, que logo começou a navegar entre aquella cidade e a de Albany. Esta he a opinião geral; ainda que em hum papel Americano referido por *Buchanan* se attribue esta invenção a *João Fitch*, outro Engenheiro Americano. Não parou mais esta navegação, que mui breve se estendeo a differentes pontos daquelle paiz.

Em 1812 começou a navegar sobre o Clyde o Cometa, barco de quarenta pés de quilha, e dez e meio de largura, movido por huma maquina de vapor da força sómente de tres cavallos; e em março do anno seguinte se lançou sobre o mesmo rio outro barco de cincoenta e oito pez de comprido, e onze de largo, e a maquina da força de dez cavallos. Perdido o medo, que era natural inspirar ao principio este modo de navegar, elle se tem depois introduzido, e multiplicado incrivelmente em muitos rios do reino unido da Grã-Bretanha, e depois em muitos paizes do continente. Os da America são commummente maiores, porque assim o permitte a grandeza dos seus rios, e enseadas; porém na Inglaterra, e Escossia tambem se tem augmentado as suas dimensões até o comprimento de noventa pés, e a força das maquinas, que os fazem mover, até a equivalente a trinta cavallos.

Hum homem que entretenha o fogo na maquina, e outro ao leme, he toda a equipagem, que exigem as manobras desta navegaçao; porque tudo se reduz a huma maquina de vapor collocada ordinariamente no meio da embarcação hum pouco mais para a parte da pôpa, a qual por meio de

manivellas, movidas pelo *vai e vem* do embolo da bomba, communica o movimento a duas rodas, cada huma do seu lado da embarcação, guarnecidas de azas, ou pennas (como as rodas ordinarias, que se movem por agoa recebendo o impulso pela parte de baixo) que fazem o officio de remos. Alguns barcos tem quatro rodas, duas de cada lado, e varia a sua configuração, segundo os constructores. Os de N. Yorck tem ordinariamente menor comprimento, e maior largura; os do Clyde são quasi todos de construcção uniforme. As maquinas, que nelles se empregão, são pela maior parte segundo os principios de *Watt e Boulton;* e em algumas partes usão tambem das de alta pressão; porém nestas ha maior perigo de explosão. O fumo da caldeira eleva-se por huma chaminé em fórma de tubo, que serve ao mesmo tempo de mastro para a vela grande, quando o vento he favoravel; pois neste caso tambem os barcos de vapor admittem velas. (1)

Nada iguala á commodidade, e brevidade com que se viaja por este modo. Passa-se de N. Yorck em diversos pontos para as margens oppostas dos rios de Hudson e de Leste com mais facilidade, que se fosse hum passeio, por seis penes cada homem, e vinte e cinco centos (200 rs. em moeda Portugueza) cada cavallo. *Maudslay* construio hum pequeno barco de vapor, que faz 16 milhas em duas horas e hum quarto contra hum vento forte. Diz-se que os da America fazem 50 milhas em oito horas; e o que parece poder affirmar-se

---

(1) As exposições circumstanciadas, e regras fundamentaes sobre esta materia podem ver-se em *Buchanan*, que a tratou ex professo na sua obra já mais vezes citada *A Practical Treatise on propelling vessels by steam.*

em geral, e sem exaggeração, he que a velocidade destas viagens iguala ás da posta por terra. Faz-se ordinariamente em tres ou quatro horas entre Glasgow, e Greenock, comprehendidas as demoras nos lugares intermedios, e tem-se completado em duas horas e hum quarto com a corrente favoravel, e huma briza moderada em contrario; quando a posta de terra gasta tres horas e meia.

A utilidade desta invenção, como diz *Buchanan*, não precisa de outra prova, que os rapidos progressos que em poucos annos já tem feito. Augmentando a velocidade, certeza, e barateza dos transportes, produz o mesmo effeito que o diminuir a distancia, facilitando as communicações, e promovendo o commercio; e nos paizes em que se tem estabelecido já se nota hum grande augmento de actividade. No verão de 1815, segundo o mesmo author, houve dia em que se computou terem sahido de Glasgow de 1:000 a 1:200 pessoas nos barcos de vapor, que fazem aquella navegação. O seu uso não se limita ao transporte de passageiros; empregão-se igualmente em conduzir mercadorias. Tem havido algumas explosões; mas que admira, quando vemos todos os dias tantos naufragios nas embarcações ordinarias? Se estes desastres procedem de vicios na construcção, a experiencia os remediará; se de descuidos nas manobras, he hum inconveniente, que não provém da maquina, e a que está sujeita toda a navegação.

Barcos de vapor se achão já estabelecidos entre Cronstad e S. Petersbourg, no Elba, no Escalda, no Sena, no Guadalquivir, e em outras paragens da Europa; por este meio estão a pontos de serem destruidas as restingas de Cadix, e do porto de Santa Maria; até se chegou a preparar

o

hum para acompanhar a expedição do capitão *Tuckey*, destinado a ir navegar sobre as correntes do Congo, e talvez do Niger. Os Americanos já tinhão construido em julho de 1815 huma fragata deste genero de 32 peças de 18, que fez os seus primeiros ensayos na bahia de N. Yorck; e estavão preparando outra. Em França se terá tambem lançado ao mar a bella embarcação, denominada *Duqueza de Berry*, construida pelos mesmos principios no porto de Ruão, em fórma de escuna, pelo capitão *Heble* debaixo da direcção do *Marquez de Jouffry*, da lotação de trezentos passageiros com mercadorias proporcionadas, e 20 peças de artilheria. He provavel, que esta nova applicação venha a ter para o futuro huma grande influencia no systema da guerra maritima.

Os Inglezes tambem conseguírão applicar a maquina de vapor aos transportes por terra: invenção admiravel de *Blenkinsop*, de que póde verse a descripção no *tomo VIII. dos Arquivos dos descobrimentos.* Huma destas maquinas montada em hum carro conduz apoz de si, por hum caminho de proposito preparado, trinta carros prezos por cadêas, e enormemente carregados, fazendo tres milhas e meia de caminho por hora. Depois de descarregados no lugar destinado, voltão da mesma sorte a buscar nova carga. He deste modo que se transporta o carvão das minas de Middleton perto de Leeds. E quem acreditaria taes maravilhas, se não fossem vistas?

Conclusão.

Muito me restava ainda para dizer, e não he sem repugnancia que passo em silencio os trabalhos de *Murray*, *Roberton*, *Wilkinson*, *Stewart*, *Wasborough*, *Boswell*, *Lloyd*, e *Ostell*, e muitos outros, que se empregárão utilmente em aperfeiçoar as maquinas de vapor; porém conheço que já vou excedendo os limites de huma Obra, em que me propuz a considerar as artes sómente nas suas relações com a Economia Politica; e esta sómente as considera em geral, pela influencia que tem sobre a riqueza, sem entrar nos methodos e theorias, que pertencem a outras sciencias. Tenho vagado algum tanto em provincia alhêa; mas pareceo-me que o objecto me desculparia, pela sua importancia.

A' vista de tantos prodigios de industria nos paizes estrangeiros, possa esta minha digressão estimular os meus compatriotas a imitarem o exemplo das mais nações. Se he exacto o que a este respeito escreveo o compillador dos *Annaes das Artes* em 1810, duzentas maquinas de vapor trabalhavão já então em França, e mais de cinco mil em Inglaterra; e a esta inferioridade da parte dos Francezes attribue elle a dos productos do seu paiz. O augmento destas maquinas tem sido progressivo desde aquella época. Officinas em grande numero se achão estabelecidas em Inglaterra, França, e nos Estados Unidos da America, d'on-

de as mesmas se diffundem com abundancia por ambos os continentes, construidas por artistas insignes, que tem adoptado cada hum o seu methodo particular, aproveitando-se dos descobrimentos anteriores; mas entre todas ellas sempre se distinguem as de *Watt* e *Boulton*, pela sua perfeição, força, e solidez. O respeitavel *Watt* ainda existe na idade octogenaria associado com *Boulton* filho, e a nada se tem elles poupado, para sustentarem a antiga reputação das suas maquinas: tudo depende da exactidão dos cylindros; e tiverão o valor de dispender £ 48:000 na construcção de huma plataforma para os furar com toda a perfeição possivel: isto não podem fazer os mais constructores. Os Engenheiros Inglezes tem dado tabellas praticas para a construcção das maquinas de todas as grandezas, com as dimensões das suas differentes partes; e segundo huma nota, que me foi communicada, póde julgar-se dos seus preços em Inglaterra pela seguinte escalla.

1 maquina da força de	2 cavallos	£ 280
	4 ———	450
	6 ———	700
	10 ———	850

Porém huma maquina de *Watt* e *Boulton* computada na força de 8 cavallos, reputa-se fazer a obra de huma de 10 cavallos das outras officinas; o que além da differença do preço, produz grande economia no combustivel.

Não he extraordinaria huma maquina de vapor da força de 80 ou 100 cavallos; fazem-se de 150, e maiores, sendo necessario: huma maquina destas custa hum cabedal consideravel; mas quanto não custão cem cavallos? A maquina, quando tra-

balha, tem por alimento hum pouco de combustivel, e huma modica quantidade d'agoa; quando não trabalha, nada consome, e pouco se gasta: pelo contrario que sustento, e que apparato de gente, de cavallariças, &c. se não precisa para o tratamento de cem cavallos, que ou trabalhem ou não, sempre comem, e estão sujeitos a enfermidades, e aos principios de destruição inherentes á sua constituição organica? A maquina não cança, não dorme, e o seu trabalho he sempre uniforme; o do cavallo não tem estas qualidades, e está calculado, que na sua applicação ás maquinas, que exigem força consideravel, produz ordinariamente o seu effeito util no espaço de quatro ou cinco horas. (1)

Nos *Annaes de Chimica, e de Fisica*, caderno do mez de novembro de 1816, se achão os dados extrahidos do *Philosophical Magazine* de *A. Tilloch*, para se poder calcular o custo de huma quantidade de trabalho executado por huma maquina de vapor; e eu os dou em resumo. Os principaes proprietarios das minas de cobre, e de estanho de Cornouailles encarregárão no anno de 1811 a Engenheiros experimentados de examinarem com cuidado o jogo das numerosas maquinas estabelecidas naquelle condado, e avaliarem o seu effeito medio com a maior exactidão possivel. Por huma determinação media de todas as que se obtiverão durante os annos de 1812, 1813, 1814, e 1815, pela observação de vinte maquinas distinctas, achou-se que huma maquina de vapor eleva

(1) Sobre os motores animados, e especialmente sobre o cavallo, consultem-se as experiencias de *Coulomb*, e o *Ensayo sobre a Sciencia das maquinas de Guenyveau Secção II. cap. VII.*

20 milhões de libras Inglezas a hum pé de altura por cada *bushel* de carvão consumido; e os productos medios, segundo as observações do anno de 1816 em 35 maquinas, pelo mesmo systema de avaliação, forão sempre entre 19,5, e 21 milhões de libras. Podemos pois ter por certo, que o producto medio por cada *bushel* de carvão consumido não desce de 20 milhões de libras, que correspondem a 154:109 quintaes, 1 arroba, e 16 arrateis Portuguezes, na proporção de 100 libras Inglezas *d'avoir pois* por 98,63 arrateis Portuguezes. O *bushel* corresponde a 2,478 dos nossos alqueires.

Este calculo he formado sobre maquinas de diversos constructores: *Watt* e *Boulton* tem declarado muitas vezes, que o *maximum* das suas melhores póde computar-se por 29 milhões de libras, elevadas a hum pé de altura, por cada *bushel* de carvão; e diz-se que as ultimas maquinas de *Woolf*, que reunem as vantagens da alta pressão ás outras, que resultão dos seus engenhosos mecanismos, tem elevado até 56 milhões.

O vento, de que entre nós quasi se não faz uso senão para os moinhos, he hum grande motor; porém a sua acção he muito incerta, e irregular, e por isso menos propria para os estabelecimentos, em que se precisa de trabalho continuado, ou de movimento uniforme. As maquinas movidas por agoa são as que reunem mais vantagens; mas não he frequente acharem-se as grandes correntes, onde são necessarios os grandes motores; e pelo contrario ha poucos lugares, onde se não possão estabelecer maquinas de vapor. Os Inglezes tem huma vantagem sobre nós; porque as abundantes minas de carvão, que fazem huma boa parte da riqueza do seu solo, lhes fornecem o combustivel mais barato; mas por ou-

tra parte ha poucos paizes na Europa, em que se experimente maior falta de bestas, e outros animaes de trabalho, do que em Portugal. Bastaria esta razão, e a carestia da mão d'obra no nosso paiz, para nos determinar a reccorrer áquelle grande motor, que a natureza, e a arte nos offerecem, para occorrer á fraqueza dos nossos braços. O que sobre tudo está reclamando o serviço do vapor, he a navegação do Téjo, e principalmente esta espaçosa bahia, que temos em frente de Lisboa, não só para os usos do porto, mas tambem para os transportes, e communicações das duas margens em todo o Ribatejo. Seria o meio mais prompto de segurar a esta capital a continuada abundancia de viveres, combustivel, e outros generos, de que frequentes vezes se experimentão faltas, e carestia, por se não proporcionarem meios faceis de conducção.

Não ha quasi genero algum de manufacturas, a que não seja applicavel a maquina de vapor; porque della se tira toda a qualidade de movimentos. De huma prensa tira milhares de exemplares em poucas horas; e de huma cuba folhas de papel, a que poderião dar-se muitas legoas de comprimento, se fosse preciso: em huma fabrica de çapateria faz hum çapato com tres pancadas; hum cylindro corta a sola e o rosto; outro faz os prégos, que hum terceiro logo crava. (1) Em huma fabrica de ferragens faz mais de tres mil pregos por minuto. (2) He por ella que os rochedos se

---

(1) Sobre estes tres objectos veja-se o discusso de *Cuvier* lido ao Instituto Real de França na abertura da sessão publica de 24 de abril de 1816.

(2) "Hum morador desta terra (Commercy, em França) "vai aqui estabelecer huma maquina, de que em Inglaterra

tem coberto de estabelecimentos de fiação, e tecelagem, povoado os desertos, e coberto de forjas os cumes das montanhas; he em fim o poder magico da maquina de vapor o que tem feito ha annos a esta parte huma revolução nas artes mecanicas, e dado meios aos Inglezes, para ninguem poder competir com elles na barateza das suas manufacturas. (1)

"se usa fazer pregos. Move-se com huma calha d'agoa, ou "com huma bomba de vapor, e faz em hum minuto 3:600 "pregos de pollegada de comprido com sua cabeça, e ponta. "Mudando os moldes, que são moveis, fazem-se pregos des-"de duas linhas de comprido até seis pollegadas, e mais. "Tambem se póde fazer toda a especie de ferragem miuda, "como ferros com molduras para sacadas, e varandas, folhas "de facas e de navalhas, e em summa varios outros instru-"mentos de quinquilheria. Bastão tres pessoas para o servi-"ço da maquina." *Gazeta de Lisboa de* 11 *de agosto de* 1817, artigo *França*.

(1) "Hum homem, que occupa hum lugar muito eleva-"do, observou que seguindo o progresso, e augmento do nu-"mero das bombas de fogo em Inglaterra, ahi se achará a "medida da opulencia e do augmento das riquezas indus-"triaes deste paiz. São estas maquinas as que tem povoado "de estabelecimentos de fiação os rochedos aridos da Escos-"sia; são ellas as que tem permittido estabelecer forjas so-"bre os cumes das montanhas; são ellas em fim as que tem "feito esta revolução espantosa produzida ha alguns annos "nas artes mecanicas, e que tem dado aos Inglezes os meios "de offerecerem as mercancias das suas fabricas a melhor "mercado que as outras nações da Europa." *Annaes das artes e manufacturas tom. XII. p. m.* 84.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O CREDITO PUBLICO,

PAPEL MOEDA,

E

OPERAÇÕES DE BANCO,

P

CONSIDERAÇÕES

SOBRE O CREDITO PUBLICO, PAPEL MOEDA, E OPERAÇÕES DE BANCO

Generalidades.

Em materias de administração publica não ha talvez hum objecto, sobre que se tenha escripto tanto, e com tanta variedade, como o credito; e se o consideramos em toda a sua extensão, tambem o não ha que tenha maior influencia sobre a prosperidade das nações. Em todos os tempos foi materia importantissima: hoje mais que nunca, depois das crueis calamidades que tem empobrecido os Estados, e absorvido as suas rendas publicas. Fixar principios certos sobre hum assumpto de tanta importancia, ou tirallos da confusão, em que os tem posto os máos raciocinios; propôr os meios de remediar os males, que tem produzido, por necessidade ou por imprudencia, os abusos de hum systema, que humas vezes dá vida, outras causa a morte; salvar em fim a fortuna publica da bancarrota, com que se vê ameaçada na maior parte dos Estados da Europa: são serviços que

os Governos tem direito a reclamar da Economia Politica. Todos os amigos da patria se devem prestar de bom grado a este trabalho, e cada hum satisfaz por si, contribuindo com o pouco ou muito, que está ao seu alcance.

A maior parte dos escriptores que tem tratado do credito, sómente o considerão nas suas relações com o systema dos emprestimos, e da divida publica; e debaixo deste ponto de vista o definem por muitos modos. He, dizem huns, *a esperança racionavel, que tem huma das partes contrahentes, em que á outra satisfará ás suas obrigações;* e conformemente dizem, que o credito publico he *a confiança que se tem nas promessas do Soberano.* Outros o definem *a faculdade de receber emprestado sobre a opinião do pagamento certo.* Outros finalmente *huma demora concedida no pagamento, &c. &c.*

Todos partem de hum principio geral, admittindo a confiança como base do credito; porém separão-se de tal modo nos seus raciocinios, e nas consequencias que delles derivão, que alguns confundem a faculdade de obter emprestado com o mesmo acto dos emprestimos, e outros chegão a tomar o proprio discredito em lugar do credito. Daqui vem aquellas declamações violentas, com que huns atacão o humano, e louvavel procedimento de Soberanos, ou Governos moderados, que, sem tirar a camiza aos seus vassallos, tem procurado resgatallos das grandes crises sómente com os recursos do credito. Daqui vem igualmente os louvores indiscretos, com que outros exaltão o systema dos emprestimos, e da divida publica; propondo-o, não como hum meio dictado pela necessidade para evitar hum mal maior, porém como hum manancial de riquezas, e de prosperida-

de para os miseraveis póvos, que gemem opprimidos com o seu pezo.

Não ha senão hum credito, assim como não ha senão huma honra ou huma verdade; mas divide-se em differentes especies, segundo os objectos a que se applica, ou as suas diversas relações. Applicado aos negocios das nações tomadas em massa, ou dos Governos que as representão, chama-se credito publico; applicado aos negocios dos particulares, chama-se credito particular. Damos o nome de politico, para o distinguir do positivo, áquelle credito que resulta da moralidade dos Governos, da sua intelligencia, força, recursos, e outras qualidades moraes, e politicas. Applicado ás operações do commercio lhe chamaremos credito commercial. Todas estas especies, e quaesquer outras em que as mesmas se possão subdividir, são ramificações de hum só tronco. Póde acontecer algumas vezes, porém raras, que murche huma em quanto as outras reverdecem, como os differentes ramos de huma arvore, por causas, ou impressões locaes; mas nenhuma prosperará, sem que receba os succos por meio deste tronco commum, que he a confiança, e esta o resultado da opinião.

Em qualquer accepção pois que se tome o credito, o seu estabelecimento, e conservação dependem essencialmente de todas as causas que podem influir na opinião, e inspirar confiança para com o Governo, o particular, e o commerciante. Promover estas causas he conciliar o credito; desprezallas he procurar o discredito. Regra fundamental, que invariavelmente se deve ter em vista, e de que não podem ser senão corollarios todas as mais que se derem sobre este objecto.

Huma vez que se formem idéas claras sobre

o credito, quem poderá metter em questão, que elle he, não só vantajoso, porém huma das maiores precisões do Estado? Tão antigo como a sociedade, elle he o nexo que aproxima os homens, e os retem unidos. He quem sustenta os Governos, e lhes fornece os meios mais faceis, e poderosos para promover o bem dos seus póvos no interior, e os pôr a salvo das aggressões estrangeiras. Accelera a circulação, imprimindo por este modo huma prodigiosa actividade em todos os ramos de industria, especialmente no commercio, alma e vida do mundo politico. Preside a todas as transacções sociaes; e a sua presença manifesta-se com todos os symptomas da prosperidade publica.

Pelo contrario quando a desconfiança tem occupado o lugar do credito, tudo pára, tudo se desorganiza; a tristeza, e a desolação propagão-se desde o Soberano até á ultima classe dos vassallos, e a desgraça publica avança a par do discredito. Neste penoso estado da sociedade não se obtem recursos pecuniarios senão por violencia; os capitalistas tratão de occultar os seus fundos, subtrahindo-os á circulação; e daqui vem o desalento geral, e a subversão da fortuna publica, e das fortunas particulares.

Pouco basta para produzir discredito, e não ha cousa mais difficil do que suspender os seus progressos; porque a opinião não se governa por meios coactivos: he necessario dirigir as causas que a determinão; e estas nem sempre estão ao alcance dos Governos. Daqui vem a fluctuação continua dos fundos no meio dos acontecimentos politicos, que influem na segurança publica, como vimos em todo o periodo da ultima guerra. A sorte de huma batalha produz alterações favora-

veis ou contrarias, que por nenhumas disposições positivas poderião conseguir-se, ou evitar-se. Nestas mesmas convulsões se conhece mais que nunca toda a importancia do credito politico, não só nos Governos, mas tambem nos seus delegados, e funccionarios publicos. A boa opinião que se tem de hum Soberano abre-lhe os cofres dos seus vassallos, para obter os recursos, de que o Estado precisa; dá-lhe mais força que os seus exercitos; e ella só contem muitas vezes os projectos ambiciosos dos seus vizinhos. O nome de hum General muda a face de huma campanha, e restabelece os negocios de hum reino.

Huma outra verdade da maior importancia não deve já mais perder-se de vista. Assim como a prosperidade, e a riqueza do Estado está em mutua dependencia com a prosperidade e riqueza dos individuos que o compõe, assim o credito publico, e o particular não podem crescer, e prosperar, sem estarem em perfeita harmonia. Quando os Governos dão o exemplo da boa fé, e da exactidão no cumprimento das suas obrigações, quando identificão a sua fortuna com a dos particulares, as operações do credito adquirem facilidade, e tudo conspira para o bem geral. Quando os administradores da fortuna publica, para augmentarem a sua, tendem a invadir a dos particulares, e fazem causa separada, resulta hum conflicto entre huns e outros, que traz comsigo o discredito, e todos os males que delle são inseparaveis, principalmente nos paizes commerciantes, que he onde existe o espirito de interesse no mais alto ponto, e onde primeiro se começão a sentir os effeitos da desconfiança.

As operações do commerciante repousão inteiramente na boa fé; e o commercio alimenta-se

principalmente do credito. Huma companhia, ou hum simples negociante acreditado de Lisboa, ou de Londres move com huma carta missiva as maiores sommas, e as mais avultadas remessas de effeitos em Hamburgo, Amsterdão, na America, e nas mais remotas praças do mundo. Letras de cambio, e contas correntes he a moeda, com que fazem as suas transacções em grande, sem precisarem quasi de outro meio de circulação, reservado o numerario para o commercio por miudo. He esta facilidade a que deo azas ao commercio para abarcar o globo nas suas especulações, e accumular estas enormes massas de riqueza, em que as nações modernas tanto excedem ás antigas. Mas se nesta immensidade de emprezas vem a faltar a confiança, se o negociante não póde contar com o cumprimento das suas ordens, senão em quanto remette fundos equivalentes, se o seu nome não he acreditado nas praças nacionaes e estrangeiras, se se não compra e vende senão com dinheiro á vista, que retrocesso nas operações commerciaes! Que commoção na sociedade!

Atormentamos-nos em procurar as causas da decadencia do nosso commercio, e em quanto nos lembramos de outras mui diversas, e de menos força, não attendemos á diminuição do credito commercial, de que a acção he tão poderosa. Nas manufacturas acontece o mesmo; porque o emprehendedor ou o fabricante, não podendo obter a credito as materias que emprega na sua laboração, senão com grandes interesses, ou condições mais duras; e não podendo, ou não lhe convindo tambem vender a longos prazos as suas manufacturas; vê-se obrigado a limitar as suas especulações, preferindo antes huma pequena fortuna com segurança, do que grandes emprezas correndo con-

sideraveis riscos. As faltas de pagamentos, as fraudes, as bancarrotas, e direi tambem, as chicanas do foro tão contrarias ás operações mercantís, tudo tende a produzir desconfiança, e paralizar a circulação dos capitaes. Observando o effeito, e desconhecendo as causas, queixamos-nos da falta de numerario: deviamos antes queixarnos da falta de meios de obter o numerario, e da diminuição do credito.

Systema dos emprestimos, e da divida publica.

He hum lugar commum entre os escriptores de Economia Politica, que os antigos Governos costumavão enthesourar em tempos de paz para dispenderem em tempos de perturbação; e que os modernos recorrem para as precisões extraordinarias ás anticipações, aos emprestimos, ao papel moeda, e a outros recursos semelhantes, que costumão comprehender-se na denominação de credito publico; mas nem he de exactidão rigorosa, que os antigos desconhecessem algum tal e qual systema de divida publica, nem o de enthesourar he absolutamente sem uso entre os modernos. Apontão-se os exemplos de *Henrique IV.* Rei de França, e dos *Federicos I.*, e *II.* Reis de Prussia, que se diz ajuntárão thesouros; e sabemos pela Historia, que os Romanos por causa da grande divida do Estado no fim da primeira guerra Punica reduzírão o valor do *as* de doze onças de cobre sómente a duas; e no decurso da segunda guerra

Punica o reduzírão ainda, primeiro a huma onça, e depois a meia onça.

O *as* Romano era o cunho, e a denominação, por onde se regulavão todas as moedas. O Estado, ou hum particular, que devesse mil *asses* antes da primeira reducção, não podia desonerar-se desta divida, senão pagando o valor de doze mil onças de cobre; reduzido porém o valor real do *as* a meia onça, e conservando sempre o valor nominal, desonerava-se da mesma divida com quinhentas onças de cobre. Que he isto senão huma bancarrota parcial, e que indica ella senão grande embaraço nas finanças, e huma grande divida publica? Este estratagema tem sido muitas vezes repetido entre as nações modernas, e he provavel que elle, ou outros que tivessem o mesmo effeito, o fossem tambem nos tempos antigos; porque os thesouros dissipão-se, e não he facil de conceber, que os houvesse que bastassem, e muito menos as rendas ordinarias, no meio das revoluções em que os póvos sempre andavão. He bem de presumir, que nunca as nações poderão dispensar-se de contrahir dividas publicas nestas circumstancias extraordinarias, nem os Governos, assim como os particulares, de usar dos recursos do seu credito; mas por differente methodo, e menos systematicamente.

He certo que o costume de enthesourar era mais accommodado ao trato rude das gentes primitivas, sem luxo, e sem commercio, e á situação precaria dos póvos da Europa nos tempos barbaros. Ameaçados continuamente de invasões, sem estabilidade, e obrigados muitas vezes a mudar de domicilio, convinha-lhes ter juntos os seus capitaes em fórma de os poderem transportar; e este habito devia ser geral, assim nos póvos, como

nos Governos. Em tempos de tanta pobreza, e em que era tão rara a moeda, como nos primeiros seculos da nossa monarquia, custa a comprehender como os nossos primeiros Soberanos ajuntassem thesouros, quando nem as proprias searas dos seus vassallos podião defender das correrias dos Mouros, senão á ponta da espada: com tudo elles os ajuntavão. Temos huma prova authentica no testamento do Senhor Rei *D. Sancho I.*, em que dispoz de quantias avultadas para aquelle tempo, as quaes tinha guardadas em differentes lugares fortificados do reino. Não admira menos, que com recursos mui limitados podessem os seus successores expulsar inteiramente os Mouros de Portugal, resistir a todas as tentativas de Castella, e formar os grandes armamentos, com que fizerão as conquistas de Africa, e fundárão o imperio Portuguez do Oriente. Tanto póde o espirito de economia, e a boa ordem nas rendas publicas!

Foi-se perdendo o habito de enthesourar com a maior estabilidade das nações, e com o desenvolvimento do commercio, e manufacturas, que derão emprego lucrativo aos capitaes, e trouxerão comsigo o gosto pelas superfluidades, e a profusão. Porém as mesmas causas, sendo repetidas, tendem sempre a reproduzir os mesmos effeitos; e nós vimos nas ultimas revoluções huma imagem das antigas a este respeito. Todos tratavão de pôr a salvo o seu dinheiro, e de reduzir a dinheiro a sua riqueza, escondendo-o, se o não podião transportar para lugar seguro; o que se observou principalmente nas duas épocas de 1807, quando *Junot* entrou em Portugal, e de 1810, quando *Massena* penetrou até ás linhas. Para os Governos já este methodo he impraticavel: multiplicárão tan-

to as suas emprezas, e a Tactica moderna as fez tão dispendiosas, que he absolutamente necessario procurar recursos de outra especie. Esta foi certamente a causa (a Historia o comprova) do abandono do antigo systema; posto que *Filangieri* (1) o attribue ao conhecimento, que tiverão os Governos, das vantagens da circulação, e de que os thesouros assim amontoados arruinavão o commercio, e a industria.

Das crueis, e porfiadas guerras, com que *Francisco I.* e *Carlos V.* affligírão por tanto tempo a Europa, nasceo o novo systema da divida publica, que produzio a maior das revoluções que tem havido em finanças, cujos effeitos se fizerão transcendentes á politica, e á guerra, e tiverão huma decidida influencia sobre a fortuna das nações. A França, e a Hespanha derão o exemplo; a Hollanda, e a Inglaterra o imitárão, e com o tempo se fez geral; porque desde que huma nação se servio desta arma perigosa, que lhe augmentava extraordinariamente os meios de ataque, poz as outras na necessidade de recorrerem tambem a ella, para não perderem na sua posição relativa.

Diz-se que *Sully*, quando entrou no ministerio, achou o Estado da França endividado em 110 milhões; divida desproporcionada ás rendas publicas, que não erão nesse tempo senão de 24 milhões. Seguindo o seu genio, e as intenções do Rei, elle adoptou hum systema opposto, e á força de economia, e de ordem conseguio, não só extinguir a divida, mas ainda ajuntar hum thesouro. *Colbert* seguio nesta parte as maximas de

---

(1) *Liv. II. Cap. XXXIII.*

Sully; e quando em 1672 foi obrigado a abrir hum emprestimo, fez amargas queixas contra o primeiro Presidente do Parlamento que o aconselhára ao Rei, protestando que elle responderia diante de Deos pelo prejuizo que deste conselho resultaria ao Estado, e pelos males que causaria ao povo. Previa bem o muito que os seus successores no ministerio havião de abusar da funesta liberdade de contrahir emprestimos.

Tal era o modo de pensar dos homens de Estado da primeira ordem: com tudo ainda depois de realizadas as desgraças que elles temião, e em França mesmo, onde a divida publica parece ter por destino o terminar com o discredito, e com as bancarrotas universaes, nasceo, ou tomou raizes o partido, que ainda dura, dos que olhão este mesmo systema como o chefe d'obra da politica, e o segredo infallivel de elevar os Estados ao maior gráo de prosperidade, e a huma riqueza sem limites. *Melon* póde considerar-se como o chefe deste partido: homem de grande penetração, e de muitos conhecimentos em commercio, e finanças; porém algumas vezes infatuado em novidades, e accusado por isso de concorrer com ellas para nutrir no espirito do Regente as quimeras de *Law*, que subvertêrão a França.

Quando em Inglaterra o Rei *Guilherme III.* abrio o primeiro emprestimo, este systema contrariava de tal sorte os habitos da nação, e encontrou taes difficuldades, que nem com o premio de 8 por cento havia quem emprestasse, senão os que temião passar por desaffeiçoados ao Governo. As apolices negociavão-se com perda de mais de ametade do seu valor. He notavel, que os emprestimos começassem com tal descredito em hum paiz, onde o credito publico tem sido elevado a

hum ponto, que excedeo a toda a expectação! A consistencia do Governo, a sua vigilancia, as operações do banco, e sobre tudo a fidelidade nos pagamentos restabelecêrão de tal modo a confiança, que os novos emprestimos chegárão a obter-se com a maior promptidão, e o interesse a reduzir-se a 4, e mesmo a 3 por cento; e as apolices a correr sem perda, e até com preferencia á moeda metalica. Foi com tudo depois de se verem os prosperos progressos do credito publico, e em Inglaterra mesmo, onde o seu resultado tem sido o engrandecimento desmedido da nação em poder, e riquezas, que a tem feito superior a todas as nações do mundo, que se levantárão escriptores de tão grande nome como *Hume*, e *Lord Bolingbrock* a combater de hum modo triunfante as idéas de *Melon*, e dos mais do seu partido. Assim começou o combate de opiniões a favor, e contra o systema da divida publica, que parece interminavel, e de que convém aclarar os principios, que mais geralmente se tem adoptado por huma, e outra parte.

Os pró, *e os* contra.

"HA esta grande differença, diz *Say* (1) entre os emprestimos dos particulares e os dos
"Governos: os primeiros procurão as mais das
"vezes por este meio fundos para os fazerem va-
"ler, para os empregarem de hum modo produ-
"ctivo; os segundos para os dissiparem." Este
pensamento he de *Raynal*, (2) que tinha dito em
termos mais expressos: "Entre o credito particu-
"lar e o credito publico ha esta differença, que
"hum tem o ganho por fim, o outro a despeza.
"Daqui se segue, que o credito he riqueza para
"os negociantes, pois se converte para elles em
"hum meio de se enriquecerem; he huma causa
"de empobrecimento para os Governos, pois lhes
"não procura senão a faculdade de se arruinarem.
"Depois que o descobrimento do novo mundo fez
"mais communs os metaes, os administradores
"dos imperios se tem geralmente entregado a em-
"prezas superiores ás faculdades das nações que
"governão, e não tem temido carregar as nações
"futuras com as dividas que se tinhão permittido
"contrahir. Esta cadêa de oppressão se tem pro-
"longado; ella deve ligar os nossos ultimos netos,
"e pezar sobre todos os póvos, e sobre todos os
"seculos." *Say* com menos força de expressões,

---

(1) *Liv. III. Cap. IX.*
(2) *Liv. XIX. XI.*

e maior conhecimento da materia, accrescenta: "He para occorrer a precisões imprevistas, e re- "bater perigos imminentes, que se fazem os em- "prestimos publicos: ou se preencha ou não o "seu fim, a somma emprestada he hum valor con- "sumido, e perdido, e a renda publica se acha "lezada nos interesses deste capital." Analyze- "mos, e procuremos dar algum desenvolvimento "a estes principios."

Não acho esta grande differença entre os emprestimos publicos, e os particulares; pelo contrario observo aquella analogia, que nota o mesmo *Say*, quando trata dos consumos publicos; (1) e seguindo-a, obtem-se muitas luzes sobre as vantagens, ou prejuizos dos emprestimos publicos. Os Governos, assim como os particulares, contrahem dividas, ou para se entregarem a emprezas loucas, dissipações, e desordens, e neste caso o seu procedimento he injusto, e pernicioso; ou para se remirem de maiores vexações, e empregarem em emprezas uteis, de que hajão de resultar ao Estado maiores proveitos, sem o pezo de novos tributos excessivos, e neste caso he hum recurso dictado pela sabedoria, e pela humanidade, com tanto que se use delle com prudencia, e moderação. Hum particular, que pede emprestado nestas circumstancias, empenha as suas rendas futuras, desfalcando-as em huma modica porção annual, para pagar as quantias que dispende adiantadas, e os seus interesses: os Governos praticão exactamente o mesmo relativamente ás precisões, e ás rendas do Estado.

He pois a grande vantagem dos emprestimos

---

(1) *Liv. III. Cap. VI.*

evitar a oppressão, repartindo por hum dilatado numero de annos as sommas que reclamão as precisões do momento: consiste o seu grande perigo na facilidade de ir accumulando dividas sobre dividas, que precipitão insensivelmente os Estados, e os particulares em total ruina. E he necessario confessar, que este risco he tanto maior nos Governos do que nos particulares, quanto o seu credito póde ir mais longe, tendo, ou parecendo ter por hypoteca das suas dividas as rendas da nação; e quanto são maiores os meios que lhes offerece para arrastarem comsigo ao mesmo precipicio, não só o proprio Estado, mas tambem os vizinhos.

Sem esta facilidade de contrahir huma divida immensa, *Luiz XIV.* não teria podido inquietar por tanto tempo a Europa, arruinando-se a si mesmo, com as suas desmedidas emprezas, nascidas da sua ambição. De outro modo nunca a Hollanda, e a Inglaterra poderião sustentar tantas guerras, e tantos projectos verdadeiramente hostís para as outras nações; nem esta ultima potencia sacrificar o mundo á sua ambição, para consolidar a supremazia dos mares, que já ninguem ousa disputar-lhe, e a qual lhe adquirio tambem a supremazia do commercio, e da industria. Eis-aqui os grandes abusos do credito publico. Mas tambem a mesma Inglaterra, e as nações continentaes não terião outros meios de salvar a Europa do jugo de ferro, que lhe tinhão laçando os Francezes; e eis-aqui o mais justificado uso, que em tempo algum se tem feito do mesmo credito. Os povos soffrem immenso com a divida publica, e com o papel moeda; porém conservão a sua existencia politica, e recobrárão a independencia. Summamente prejudicial pelo que respeita á riqueza, o credito publico tem sido da maior importancia, por não

dizer de absoluta necessidade, relativamente á politica, e á guerra.

Estas differentes relações não podem separar-se, quando se trata de avaliar ao justo o bem, e o mal que resulta do systema da divida publica; e por que a maior parte dos escriptores as tem separado, he que tem sido tão faceis em decidir-se a favor ou contra, e que as suas idéas se achão tão confundidas. Além disso os resultados não dependem tanto do systema em si mesmo, como das circumstancias particulares de cada nação, do bom, ou máo uso que delle se faz, da opinião publica a respeito dos Governos, dos seus meios e recursos, e das providencias com que se auxilia. Eis-aqui a razão porque não tem produzido a huns senão a miseria e as bancarrotas, o que deo a outros o poder, e as riquezas; eis-aqui porque os principios geraes falhão a cada passo na sua applicação, e as theorias são desmentidas pelos factos.

Filangieri, considerando o systema dos emprestimos como o mais perigoso de todos os systemas politicos, e a formação de hum thesouro publico como prejudicial ao Estado, por tirar da circulação huma grande quantidade de numerario, propõe para acudir ás urgencias publicas a formação de hum thesouro, que não esteja ocioso. Que a administração, he o seu plano, em lugar de conservar em caixa as quantias, que annualmente podér poupar com a sua economia, empreste este dinheiro, sem exigir interesse, aos cidadãos que delle tiverem necessidade, e o possão segurar, hypothecando fundos solidos e inalienaveis até o completo pagamento, que terá lugar em qualquer tempo, e circumstancias que se queira: ella terá conseguido o fim proposto. O sacrificio dos in-

teresses, multiplicando as riquezas, offereceria ao Principe a opportunidade de escolher aquelles cidadãos, que prestassem maior segurança, e ao mesmo tempo a de premiar serviços feitos ao Estado, porque não he pouco emprestar gratuitamente grandes sommas. Se as grandes precisões fizessem insufficientes os fundos de reserva assim accumulados, então diz o mesmo escriptor, que as imposições extraordinarias serião o unico expediente a que se poderia recorrer; porque quando os póvos tiverem visto que o Soberano tentou todos os meios possiveis para os não opprimir, quando forem convencidos de que as precisões do Estado exigem esforços maiores da sua parte, soffrerão com paciencia huma imposição na verdade onerosa, mas sempre supportavel, quando a sua duração he determinada pelo tempo da precisão.

O projecto seria optimo em tempos ordinarios, porém o seu author não conheceo a Europa no estado presente. Como poderia tratar-se de ajuntar thesouros ou fundos de reserva, quando nenhuma das nações da Europa se acha em circumstancias de poder dispensar das suas rendas publicas nem para o pagamento da sua divida? Como de novos impostos, que não poderião deixar de ser excessivos para satisfazerem ao seu fim, quando todos os espiritos se consternão só de ouvir fallar em qualquer addicionamento aos que já existem? Com tudo a necessidade he superior a todas as considerações; e muitas vezes os momentos são tão apertados, que não deixão a escolha de outros meios, que os mais promptos. Para os Governos poderem adoptar os menos onerosos, quando as circumstancias o permittem, convém serem instruidos na theoria delles: á falta deste conhecimento deve attribuir-se a origem de muitos

systemas absurdos, de que os póvos tem sido victimas.

O ministerio Inglez no tempo do ultimo *Pitt* adoptou hum systema composto, admittindo os emprestimos como recurso principal, porém ajudado com algumas contribuições, que satisfizessem alguma parte dos encargos, que se tratava de supprir. Foi com estas vistas que o mesmo *Pitt* propoz em 1797 a *income-tax*, que com outros impostos addicionaes durou até o fim da guerra. Com a volta da paz supprimio-se como oppressiva, e o methodo dos emprestimos permanece como o menos oneroso. Não he porém como hum recurso dictado pela necessidade, para evitar outros mais violentos, que o considerão os fautores da divida publica: he como hum meio optimo por sua propria natureza, benefico em todos os sentidos, e que tanto mais enriquece as nações, quanto as mesmas se endividão mais.

Hum levantou a voz, e disse: Quando se toma emprestado no proprio paiz, he huma divida da mão direita á mão esquerda, com que se não enfraquece o corpo do Estado; e tira-se a vantagem de trazer á circulação fundos, que estavão mortos. Foi seguido por muitos outros; e disserão mais, que quando se toma emprestado em paizes estrangeiros, se consegue por este meio, que huma parte dos capitaes da nação credora venha fomentar a circulação, e por consequencia vivificar o commercio, e a industria da nação devedora. Isto em alguns casos póde ter lugar, e produzir vantagens, porém sempre em ponto pequeno; as mais das vezes degenera em perda, e em ponto grande.

Se os emprestimos contrahidos no proprio paiz tem a virtude de tirar os fundos de cofres, onde se achassem estagnados, e os fazer circular;

se os contrahidos em paizes estrangeiros se obtem gratuitos, e o dinheiro se consome de hum modo reproductivo, a operação he sem duvida vantajosa; porém raras vezes acontece assim. Não se obtem de ordinario o dinheiro senão a titulos muito onerosos, sendo commummente com hum interesse superior á taxa ordinaria, e consome-se improductivamente nas guerras, nas intrigas diplomaticas, e em outros objectos de semelhante natureza, até muitas vezes em paizes estrangeiros, e fica o Estado, não só com o encargo da divida principal, mas tambem pensionado nos interesses. E quando o emprestimo he no proprio paiz, sahe o dinheiro dos commerciantes, e outros capitalistas, que o trazião em giro, para se consumir pelo referido modo; e fica lesada a renda da nação no equivalente dos interesses, que aquelle capital deveria produzir, se continuasse no giro, em que anteriormente andava.

Quando digo que se consome improductivamente, não he o mesmo que dizer inutilmente: *improductivo*, e *inutil* não são synonimos em Economia Politica. A defeza de huma praça, de huma provincia, ou do proprio reino, são objectos não só utilissimos, porém da maior necessidade; com tudo as munições e petrechos de guerra, e huma grande variedade de cousas, que com ella se dispendem, dissipão-se sem que do seu cosumo resulte algum novo valor; e he isto o que se chama consumo improductivo, porque he huma parte do capital da nação, que se anniquila, hum valor de menos na sociedade.

Porém, dirão, a parte desse capital, que se emprega em viveres, fardamentos, e outros objectos de producção, ou manufactura nacional, promovendo o consumo, vão animar a agricultura, e

a industria do paiz. He o erro dos que julgão, que em lugar de promover a producção, que he a fonte de todos os valores, e de toda a riqueza, deve animar-se o consumo, que anniquila, e empobrece. Não póde haver huma grande producção, sem que tambem haja consumo; mas ninguem póde esperar que o tenhão os objectos creados pela sua industria, senão onde houver meios de se comprarem; e estes meios só podem consistir em outros productos creados pela industria, e pelos capitaes de outros homens; logo a producção he a que abre os mercados; he a que convém promover, e ella fará o resto. Os viveres, e os fardamentos consumírão-se sem reproducção, cessou de existir o seu valor, e por consequencia foi huma perda, e não hum lucro,

Póde pois avaliar-se o effeito dos emprestimos relativamente á riqueza, segundo o consumo das quantias emprestadas. Hum particular toma vinte mil cruzados a juro de 5 por cento, e com esta quantia compra hum campo, ou fórma hum estabelecimento fabril, que vale os mesmos vinte mil cruzados, e lhe rende 8 por cento ao anno: este homem lucrou huma renda de 3 por cento; porque tanto lhe fica de mais que o juro que paga, e tem sempre seguro o capital. Consome elle os vinte mil cruzados em objectos, que lhe não reproduzem algum valor: perdeo todo o capital, e fica ainda obrigado aos juros. Nos emprestimos dos Governos acontece o mesmo, e ha ainda esta reflexão a fazer: póde hum emprestimo ser lucrativo para o Estado, augmentando as suas rendas, e com tudo não augmentar as da nação; porque se foi contrahido no proprio paiz, os crédores, que emprestárão o dinheiro, poderião ter feito com elle os mesmos lucros, ou ainda maiores.

Por tanto he sempre huma verdade, que o unico caso em que taes emprestimos podem produzir hum augmento de riqueza para a nação, he quando as sommas se tirão de cofres, onde sem isso ficarião ociosas, e se convertem em emprezas lucrativas. Ora isto he raro, donde conclue *Simonde* (1) por meio de huma analyse mais rigorosa, que os emprestimos nunca enriquecem a nação, nem mesmo nesse caso de se contrahirem, para manter hum trabalho productivo. "He huma "parte da riqueza mobilar, diz elle, que muda de "administrador, sem mudar de proprietario, nem "mesmo de destino; porque todo o capitalista "não emprega o seu capital senão em manter hum "trabalho productivo, sob pena de o perder. Os "emprestimos feitos para manter hum trabalho im-"productivo, seja por hum dissipador, que hypo-"theca os seus bens immoveis, ou pelo Governo, "que hypotheca as rendas da nação, são outras "tantas perdas para o Estado. Os fundos, que "até este dia tinhão sido destinados a pôr em mo-"vimento obreiros uteis, são consumidos sem re-"torno; e posto que o credor tenha em seu poder "hum penhor igual ao valor das mercancias con-"sumidas, e tire sobre o producto annual huma "parte igual ao interesse dos seus fundos, esta "somma não he menos perdida para o Estado; "porque o devedor alienou primeiro a somma que "recebeo em deposito, e depois aquella com que "paga ao credor. Ha pois duas quantias desem-"bolsadas, e com tudo não existe senão huma."

Por estes mesmos principios se responde facilmente a outro argumento dos fautores da divida

---

(1) *De la Richesse commerc. Liv. I. Cap. VI.*

publica, hum dos principaes, em que fundão o seu systema. Representão os contratos, ou titulos de credito, que os Governos expedem aos seus credores, como outros tantos valores reaes, e acreditão, ou querem persuadir, que por este modo hum emprestimo publico tem a virtude de duplicar os valores.

Hum particular toma emprestados vinte mil cruzados, e os consome: porque elle deo hum titulo ao seu crédor, deixa aquella quantia de ser consumida? Supponhamos que os não consome, ou os emprega de hum modo reproductivo: ficão por ventura existindo quarenta mil cruzados em lugar de vinte? Isto he palpavel; e não he menos clara a analogia entre os emprestimos dos Governos, e os dos particulares. Os titulos, ou apolices dos Governos não são mais que obrigações de dividas, que como os contratos dos particulares não crião novos valores. Podem na verdade girar de mão em mão, como huma letra de cambio; mas esta faculdade não lhes dá hum novo valor, nem com ella preenchem os officios da moeda, e por isso não augmentão a massa dos capitaes. Póde o Governo dar-lhes hum curso forçado, mandando-os acceitar em todos os pagamentos dentro do Estado: neste caso temos hum verdadeiro papel moeda, de que mais abaixo veremos os effeitos que produz na sociedade.

Ainda instão com o interesse annual, que o Estado paga aos seus credores, cuja importancia figurão como augmento das rendas da nação. Mas com que o paga o Estado, senão com o que recebe dos que contribuem? E donde o recebem estes senão dos productos dos seus fundos, dos seus capitaes, da sua industria? Que he isto senão huma parte da renda nacional, que não faz senão

mudar de proprietario, sem augmento de hum só real?

Say, que fez hum estudo particular em metter pelos olhos as verdades importantes, põe palpavel o que acabo de dizer, demonstrando synopticamente o que he feito dos fundos emprestados, e donde vem a renda paga nos emprestimos, com huma tabella que ajuntou na edição da sua obra de 1814. (1) Por meio de hum exame severo das razões, que se costumão produzir a favor do systema dos emprestimos, chega a huma conclusão, na verdade menos rigorosa que a de *Simonde*, mas que os Governos devem sempre ter presente como maxima: " Póde ser conveniente tomar emprestado, quando se não tem senão huma renda para " dispender, e se he obrigado a dispender hum capital; mas não se imagine que se trabalha na felicidade publica, tomando emprestado. Todo " aquelle que toma emprestado, particular ou " Principe, diminue huma parte da sua renda, e " se empobrece na importancia de todo o valor do " principal, se o consome; ora isto he o que sempre fazem as nações que pedem emprestado."

Observa *Necker* (2) que o pezo da divida publica tende a alliviar-se de dia em dia, sem algum esforço, sómente pelo curso ordinario das cousas; porque huma somma numerica daqui a vinte annos valerá menos que hoje, pois que a sua relação com o preço de todos os bens deve mudar necessariamente, pelo augmento progressivo do ouro, e da prata. Consolação na verdade propria na boca de hum Ministro de finanças, que se achava em tão grandes embaraços como *Necker*; porém

---

(1) *Liv. III. Cap. IX.*
(1) *De l administr. des finances tom. II. cap. XI.*

fraco allivio, soccorro lento, e incerto para huma nação opprimida com a divida publica!

Pelo contrario he triste, que o primeiro effeito que produz hum emprestimo em huma nação, que não está habituada a elles como a Ingleza, seja a desconfiança, e o medo; porque o seu uso suppõe precisões da parte do Governo, e he huma confissão tacita da sua falta de meios: Que a sua repetição, além dos males gravissimos que ficão apontados, tem huma tendencia natural a augmentar o interesse dos capitaes; e lança os Governos nas mãos dos banqueiros, e dos contractadores, que sabem aproveitar-se da occasião, para lhes venderem caro os seus funestos serviços; e se esforção em lhes multiplicarem os embaraços, e difficuldades, para os terem sempre na dependencia. Donde concluo, que se o credito publico se não manifesta senão pelo que respeita aos emprestimos, he hum presente bem perigoso para as nações; *ac repetens iterumque iterumque monebo*, na facilidade de obter emprestimos, e na suavidade apparente deste genero de recursos, he que consiste o grande perigo. Não he sem repugnancia, que os Governos estabelecem qualquer novo tributo; porque sempre encontrão impopularidade, e temem vexar os póvos, principalmente quando estes já estão sobrecarregados: pelo contrario se o credito lhes permitte endividarem-se sem violencia, huma anticipação das rendas publicas, ou hum emprestimo chama por outro, este por hum terceiro, e assim se continua a cadêa, que conduz a huma divida superior ás forças da nação, e insensivelmente ao descredito, e á ruina. Observai como hum particular, endividando-se de mais em mais, dissipa a sua fortuna; e he sem differença como se subverte a fortuna dos Estados com a divida publica.

Meios de sustentar o credito, e diminuir a divida publica.

DESDE que em hum Estado se abre o primeiro emprestimo, ou se fórma a primeira addição da divida publica; toda a vigilancia do Governo se deve voltar para os meios de sustentar o credito. He hum bem, que huma vez perdido não se restaura senão com esforços mais que ordinarios, e muitas vezes todos são baldados.

Entre estes meios porei hum em primeiro lugar, sem o qual seria absolutamente inutil o recurso aos mais: invocar o genio de *Sully*, e seguir as suas maximas, sem afroxar, na mais rigorosa economia a respeito das despezas. Não ha outro modo de prevenir a necessidade de augmentar a divida, e conservar as rendas em proporção com a despeza. Mas o systema dos impostos varia muito nos differentes Estados; e por isso são necessarias na applicação dos principios geraes modificações apropriadas ás leis, e usos do paiz.

A melhor ordem na arrecadação não he a que tira maiores quantias aos contribuentes, ou a mais rigorosa na exacção; devemos deixar nutrir a vaca, que nos dá o leite, e não a pizar quando a mugimos: he aquella que previne as fraudes, a que abbrevia, e simplifica os canaes, por onde os impostos chegão da mão dos que contribuem ao thesouro publico, a que evita que os dinheiros publicos se demorem, ou dissipem pelas dos exactores.

O nosso systema de arrecadação achava-se em piedoso estado até o anno de 1761, que fez época pelas importantes refórmas praticadas pelo Senhor Rei D. *José I.* nas duas *Cartas de lei de 22 de dezembro* do mesmo anno, creando o Erario Regio, para centro de união de todas as receitas e despezas, e o Conselho da Fazenda, para centro de toda a jurisdicção nestas materias. Extinguírão-se os contos do reino com todos os seus officios, e incumbencias, fórmas de arrecadação que por elles se praticavão, cofres, e depositos de custodia, onde paravão os cabedaes pertencentes á Real Fazenda; e tudo se mandou vir a hum cofre geral, donde se diffundisse pelos differentes ramos de despeza, estabelecendo-se hum methodo de escripturação regular, como o que se praticava entre as nações mais polidas da Europa. Porém a administração das rendas publicas de hum reino, he materia mui vasta, para que ficasse logo com o sello da perfeição. Tem sido necessario ir limando muitas cousas; e ainda restão daquellas desigualdades, que só o tempo, e a experiencia podem emendar, e tambem algumas que dependem do nosso systema geral dos impostos.

Ainda existem repartições compostas de numerosos empregados, que bem poderião dispensar-se; almoxarifados, e thesourarias, que convinria abolir; porque augmentão ordenados e despezas, e não produzem senão complicações na administração. E se se tirassem os impostos que se recebem em especie, que allivio não produziria esta reforma na agricultura e no commercio, e ao mesmo tempo que simplificação nas cobranças! Estes impostos, sendo apparentemente muito iguais na distribuição, são na realidade notaveis pela desigualdade com que se achão estabelecidos se-

gundo as nossas antigas instituições, e não os ha tão dispendiosos na arrecadação, e tão susceptiveis de fraude. Sirvão de exemplo as jugadas, os oitavos, e outros semelhantes direitos sobre as producções agrarias, desfructados em tão grande parte pelos donatarios da Real Coroa: por huma parte não póde haver maior desigualdade na sua repartição pelas differentes terras do reino, e por outra compare-se o muito que por este artigo pagão os lavradores com o pouco que chega aos cofres Regios, conhecer-se-ha o muito que se evapora pelas mãos dos exactores, e a sua grande desproporção entre o que rendem, e o que gravão. Os direitos do pescado, principalmente em Lisboa, os do Paço da madeira, e alguns outros offerecem considerações semelhantes; mas este objecto não he aqui senão secundario.

Tenho lido, que em Inglaterra a arrecadação dos rendimentos das Alfandegas custa sómente ao Estado 3 £ 12.s e 4.d por 100; e na Alfandega do açucar em Lisboa tirão-se por huma addição 6 por 100 da receita geral, nos quaes tem estabelecidos os empregados da casa seus ordenados, sem comprehender os emolumentos que paga o commercio, e outras addições de despeza para o costeio, que sahem da Real Fazenda. Tenho lido, que em Inglaterra não custa mais que $\frac{1}{240}$ por 100 a cobrança dos novos impostos permanentes, estabelecidos no ministerio do ultimo *Pitt;* que a da siza custa sómente 3 £ 14.s e 6.d, e a do sello 3 £ 15.s; que depois que se estabeleceo hum imposto addicional de 500$ £ sobre o sal, foi tão economica a fórma de arrecadação adoptada pelo Governo, que se tira, com ametade da despeza, o dobro do que se tirava em 1797; e que na administração

da siza, que tambem dobrou o rendimento que tinha quando *Pitt* entrou no ministerio, se dispensárão 747 pessoas do numero dos empregados. Taes são os effeitos de huma sabia administração, e de reformas prudente, e judiciosamente admittidas.

Figura-se-me que simplificados, e bem regulados os methodos das nossas Alfandegas, se poderião dispensar pelo menos dous terços dos empregados, que nellas se occupão; e esta refórma pouparia grandes embaraços ao commercio, e fecharia a porta a immensas fraudes. Porém reformas desta natureza não devem ser senão o resultado de serios exames: feitas com acceleração, e sem maduro conselho as mais das vezes desorganizão. Antes de se innovar na casa propria, convém conhecer o que ha de melhor nas dos vizinhos, e quem imita vai mais seguro do que quem inventa.

Porei em segundo lugar, como condição indispensavel para adquirir, e conservar a confiança do publico, a mais escrupulosa exactidão no cumprimento das promessas, e obrigações contrahidas. Se hum devedor não satisfaz aos seus ajustes, como póde entrar em outros de novo? Se não paga o que deve, nem os seus juros nos prazos assignalados, como obterá novos emprestimos, senão á força de cauções, que o humilhem, e usuras que o arruinem? Daqui vem tantos exemplos de Governos, que, para acharem recursos dentro dos seus Estados tem sido obrigados a usar dos meios de violencia que mais os desacreditão; e para os obterem de paizes estrangeiros, a servir-se do intermedio de simplices commerciantes, cujas firmas erão mais acreditadas. Seja pois huma das primeiras maximas para sustentar o credito em quan-

to existe, e o primeiro passo para o seu restabelecimento quando não existe: contrahir as menos obrigações que for possivel, e preenchellas exactamente.

Pela mesma razão he necessario consolidar a divida existente, ou renunciar a toda a esperança de restabelecer o credito. Consolidar, ou fundar huma divida he consignar fundos para o pagamento dos seus juros, e amortização progressiva do principal. Assim se tem praticado em Portugal em diversas occasiões; assim praticárão os Estados Unidos da America com a grande divida que lhes resultou da guerra da sua independencia; e assim fazem constantemente os Inglezes, e devem fazer todos os Governos illuminados. O Governo Inglez jámais deixa de contemplar como hum dos primeiros artigos de despeza nos *budgets* annuaes o pagamento dos juros da divida existente, e nunca abre hum novo emprestimo que lhe não applique hum fundo, que além dos juros lhe segure hum excedente para ir extinguindo o capital. He muito antigo este methodo em Inglaterra, mas sómente adquirio a sua perfeição, e inviolabilidade no tempo do ultimo *Pitt:* os seus principios merecem ser conhecidos, para servirem de modêlo ás mais nações.

Tendo a guerra da America feito sobir a divida publica da Inglaterra á somma de 139 milhões estrelinos, cujos juros annuaes importavão em 4 milhões, e 884$000 £, e achando-se o Governo no fim do anno de 1784 com hum *deficit* annual de 3 milhões 108$000 £, voltou a sua attenção para os meios de alliviar este pezo, e com tanta felicidade nas suas providencias, que em 1786 já o *deficit* se tinha transformado em excesso. Isto deo occasião a que *Pitt* propozesse, e o

o Parlamento sanccionasse o primeiro fundo de amortização, composto de hum milhão estrelino, tirado annualmente das rendas geraes do Estado, e entregue em quarteis iguaes a commissarios especialmente encarregados de applicarem esta somma á diminuição da divida. Obrigou-se o Parlamento a estabelecer fundos particulares para esta consignação, no caso de não chegarem as rendas ordinarias; o que não só tem cumprido exactamente, mas tem depois entrado annualmente com mais 200$000 £ A este fundo se devião depois ir augmentando os interesses das quantias resgatadas, e as annuidades (de que na maior parte se compõe a divida Britannica) que fossem cessando, para se applicar tudo ao objecto da referida amortização, até que toda a somma, que por este modo estivesse á diposição dos commissarios, chegasse ao *maximum* de 4 milhões por anno; porque desde então poderia o Parlamento dispor annualmente de huma parte do producto dos impostos igual ao juro da divida, que com os referidos 4 milhões se resgatasse em cada hum anno.

Estando este methodo em progresso, sobreveio a nova guerra com a França, que devia exigir maiores emprestimos, e para a qual teve por tanto o Governo de prevenir-se com novas providencias. Creou-se em 1792 hum novo fundo de amortização, e votárão-se pela primeira vez dous milhões de libras, que depois se applicárão annualmente ao primeiro, e determinou-se por huma lei, que não podessem os ministros de finanças abrir emprestimo algum, sem estabelecerem ao mesmo tempo hum novo fundo, que além do pagamento dos juros segurasse hum excedente para a amortização do capital, equivalente a hum por cento das apolices, ou titulos novamente crea-

dos; e sobre tudo se ligou *Pitt*, e aos seus successores, a não distrahirem, por qualquer pretexto, para outros usos as sommas destinadas a este serviço.

Tal he o systema, que tem posto a Inglaterra em estado de fazer frente ás despezas que della tem exigido as manobras politicas, e militares das longas, e obstinadas guerras, em que alternativamente tem tido de combater com a Europa, ou pagar-lhe subsidios. Calcula-se, que só nos nove annos da primeira guerra esta lhe custou 146 milhões, além das rendas ordinarias do Estado; e isto não foi senão o preludio da que começou com o rompimento do tratado de Amiens: por aqui se conhecerá a enormidade destas despezas, e a grandeza dos seus recursos, e do seu credito.

He verdade que o Governo Britannico, dirigindo-se segundo as maximas de *Pitt*, que erão sempre o coarctar-se o mais possivel na somma dos emprestimos, se valeo de outros recursos muito productivos, como as contribuições voluntarias, o triplo das *assessed taxes*, a que se substituio a imposição de guerra sobre as importações, e exportações, a nova imposição sobre o sal, e varias outras. Tem-lhe sido necessario valer-se do credito do banco; e para este não cahir com o pezo dos adiantamentos que lhe tem feito, sustentallo com todo o seu poder, e dar curso forçado aos seus bilhetes. Porém nos fundos de amortização, e na inviolabilidade das suas applicações he que consiste a magia, com que tem conservado o seu credito, e poder, zombando das profecias, com que tem sido ameaçada a sua existencia, não só pelos politicos estrangeiros, mas até pelos seus nacionaes. (1)

(1) Os melhores escritores Inglezes, que escrevêrão pelo

Thomaz Payne, mettendo a riduculo os planos de *Pitt*, comparava o andar dos fundos de amortização a hum homem que tivesse huma perna de páo, correndo atraz de huma lebre; e o Directorio, que então governava a França, foi tão tocado destas, e de outras semelhantes expressões, que decretou se traduzisse a obra de *Payne* em todos os idiomas, e felicitou os dous conselhos de se terem finalmente descoberto as ficções que servião de base ás finanças Inglezas, cujos andaimes se abalavão a penas erão examinados com attenção. Sabe-se qual tem sido a agilidade da perna de páo, e qual a segurança dos andaimes das finanças Inglezas, que não tem succumbido ao pezo de mais de 800 milhões esterlinos, a que hoje chega a divida publica.

Quando se olha em grosso para hum fundo de amortização, parece na verdade que a sua marcha he lenta; mas he porque se não attende aos effeitos, que produz na razão do interesse composto, e á progressão, com que engrossa pelas economias dos juros dos capitaes, que se vão amortizando, e annuidades que vagão. Os financeiros Inglezes, contando com hum fundo que na sua origem, pagos os juros, désse hum excedente para a extincção de 1 por 100 do capital, calculavão a amortização total da divida em quarenta annos; mais ou menos, segundo o valor dos fundos publicos. Convém reflectir que este estabeleci-

---

meio do seculo passado, como *David Hume*, e *Lord Bolingbrocke*, prognosticavão a ruina de Inglaterra em a sua divida publica chegando a 80 milhões. *Hume* dizia positivamente, que ou a nação havia de destruir o credito, ou o credito destruiria a nação: com tudo nem huma nem outra cousa aconteceo, tendo dobrado dez vezes a divida.

mento presta hum auxilio tanto maior, quanto mais se precisa delle, porque á proporção que augmenta o discredito, diminue o valor dos fundos publicos, e com a mesma quantidade de dinheiro se resgatão, comprando-se na praça, maiores quantias em titulos, ou apolices. Se por exemplo os fundos tiverem huma baixa de 20 por 100, com oitenta mil cruzados se resgatarão cem mil da divida publica.

O effeito seria infallivel, senão houvesse distracção alguma destes fundos para outros objectos; mas isto he o que raras vezes acontece; e eis-aqui a razão, porque este recurso não tem aproveitado em muitos Estados, que á imitação da Inglaterra o adoptárão, e será talvez a causa de se verificar a proposição de *Smith*, que as dividas publicas não acabão senão por bancarrotas. Haja a constancia de se não tocar nelles, por maiores que sejão as precisões do Estado, causará admiração a rapidez com que renascerá o credito. Mas o publico he tão desconfiado, que ainda quando nada se distrahe, entretem suspeitas. He necessario convencello por meio de huma administração separada, e livre de toda a obscuridade, para que todos vejão, sem poder duvidar, que por maior que seja a desgraça do thesouro publico, ella não chega a estes depositos sagrados.

O methodo, que as nossas leis tem adoptado, á imitação do systema Inglez, para os nossos emprestimos, he sabio, e calculado para produzir este effeito; porém os nossos infortunios forão a causa de se não ter podido colher todo o seu fructo. No meio dessa espantosa torrente de infelicidades, que assollava a Europa, favoreceonos a Providencia com hum Soberano Amavel, que a nada se poupou para nos livrar dos seus

estragos, e o conseguio por muito tempo; e se as nossas fronteiras não forão invulneraveis, he porque não cabia no poder humano evitar-nos a sorte, de que a Sabedoria Divina tinha determinado que participassemos com as mais nações. Este mesmo Soberano nos deo hum Governo, que executando fielmente as suas ordens, depois de nos resgatar da opressão estrangeira, nos tem sabido manter na maior tranquillidade no meio da agitação geral, em que ainda ficárão os póvos depois de amainado o furacão. Mas que enormidade de despezas não tem exigido, primeiro a guerra, e depois a reparação dos seus estragos! Que difficuldades para obter recursos em hum paiz exhaurido, e tantas vezes devastado! A nação as conhece, e faz justiça ao Soberano, e ao Governo. Está intacto o seu credito moral, e já he hum grande passo para o restabelecimento do credito positivo; porém não basta, porque os credores do Estado, ainda que olhem mais para a vontade de pagar, tambem considerão os meios, e requerem segurança.

He necessario consolidar a nossa divida fluctuante, e tanto mais necessario, quanto he maior o numero dos credores; porque sem os tranquilizar, e lhes segurar o pagamento, não póde haver confiança. Não se poderia ella converter em annuidades temporarias, rendas perpetuas, ou vitalicias, ou simultaneamente em differentes destes titulos, por meio de hum systema composto, á maneira do que se adoptou para o emprestimo creado pelo *Alvará de 7 de março de* 1801? As annuidades perpetuas nos primeiros annos são menos onerosas ao Estado, porque paga huma menor quota annual; e ao mesmo tempo mais favoraveis aos credores, porque lhes segurão hum estabele-

cimento permanente, transmissivel por herança, e por qualquer outro titulo singular ou universal; e temos hum exemplo da sua popularidade nos nossos antigos padrões de juro Real, que tanto se procuravão pelo seu credito. As annuidades temporarias, e as rendas vitalicias, posto que pezão mais ao principio, prestão depois hum allivio progressivo, e rapido á medida que vão vagando, e extinguem totalmente a divida sem outro facto positivo.

Dir-se-ha, que esta operação excede as forças dos nossos recursos; mas he necessario tomar hum partido, e ou se ha de cuidar em restabelecer o credito, ou caminhar para a bancarrota. Serão precisos novos sacrificios; mas sem elles ninguem se tira dos grandes embaraços; e huma nação que com tanta energia expoz vidas e cabedaes, para salvar a sua independencia, e a do Soberano, ainda fará alguns para resgatar a fortuna publica. Mas primeiro que tudo deve equilibrar-se a despeza com a receita; porque se para despezas ordinarias forem necessarios recursos extraordinarios, o mal será sem remedio.

Por toda a Europa se annuncião projectos de melhoramento em finanças, dirigidos especialmente a diminuir o pezo da divida publica; mas tudo o que ha de bom, ou seja nos planos ministeriaes, ou nos escritos particulares, reduz-se aos principios indicados: tudo o que se affasta delles he excentrico. Na Russia o Ministro das finanças *Von-Garzew* prosegue em hum systema, que diariamente dá provas, segundo dizem, da sua utilidade; mas como poderá elle extinguir as dividas do imperio, e diminuir o papel moeda, como se propõe, por meio de hum emprestimo, cujo interesse tambem dizem que he de 7 ½ por

100? Por meios análogos, e mediante as operações de hum novo banco em Vienna pertende a Austria restaurar as suas finanças, que estão calamitosas. *Laffitte*, o Governador provisorio do banco de França (se os *Almanacks de Paris* me não induzem em equivocação) propoz hum emprestimo voluntario, para preencher o grande *deficit* do *budget* daquelle reino no ultimo anno; porém ao mesmo tempo propõe, que por espaço de quatro annos se ajuntem dez milhões annuaes, como supplemento aos vinte milhões, que actualmente fazem o fundo de amortização. A Hespanha segue differente rumo, estabelecendo hum novo methodo de impostos, por meio dos quaes pertende fazer face ás despezas, e urgencias publicas. Portuguezes! olhai para todos estes movimentos das grandes potencias, e conhecei que se soffremos, os que são mais poderosos que nós não soffrem menos. Feliz o primeiro, que por meio de huma administração sabia, e economica puder subtrahir-se aos encargos da divida publica!

Natureza, e effeitos das differentes especies de papel circulante.

Assim como os homens escolhêrão, por consentimento geral, os metaes preciosos, para exercitarem na sociedade o officio de moeda, não podião elles dar esta representação a outras materias, que com pouco, ou nenhum valor intrinseco preenchessem as mesmas funcções? Tentou-se o projecto, ou mais depressa as circumstancias o fizerão nascer; e os modernos, ou mais felizes ou mais enfatuados no ideal, não só conseguírão substituir o ouro e a prata por quartos de papel, mas acreditárão ter descoberto o meio de levantarem por este modo fortunas immensas, e das nações mais pobres fazerem de repente as mais ricas.

Os Venezianos, esgotados de dinheiro pelas suas violentas guerras contra os Gregos no tempo do Doge *Vital Miguel II.*, depois continuadas por *Sebastião Ziani* pelos fins do seculo XII. erigírão huma camara de emprestimos, onde os que levavão dinheiro recebião bilhetes, que podião negociar-se. Esta primeira idéa, dada á Europa pela republica de Veneza em huma epoca tão remota, fez meditar maiores emprezas, e que os bilhetes viessem a correr como moeda. He, segundo penso, a origem do novo systema da divida publica, e de tantas especies de papel circulante, que tem inundado as nações modernas, e cresce diariamente em quantidade, humas vezes com as

precisões reaes, outras com a ambição dos Governos. Alguns bens tem resultado deste descobrimento, que seria muito feliz, se se contivesse em justos limites; porém os longos e pezados males, a que o seu excesso tem dado causa, e que ainda ameação os seculos futuros, fazem desejar por bem da humanidade, que nunca taes recursos fossem conhecidos. Com tudo devem distinguir-se as differentes especies de papel; nem a todas convém huma tão rigorosa censura.

A esta especie de riqueza, que póde conservar-se em huma carteira, chamou *Simonde* (1) *riqueza immaterial;* porque he huma propriedade, de que os donos não conservão cousa alguma material, senão bocados de papel, que lhes servem de titulos, e lhes affianção hum direito de participação a riquezas mais solidas, de que outros são os detentores. *Say* (2) usa do mesmo termo immaterial, para significar objectos mui differentes. Chama *productos immateriaes* a todas as especies de utilidade, que necessariamente se consomem no mesmo instante em que são produzidas, sem poderem transmittir-se, nem conservar-se, como por exemplo o trabalho de hum Medico, que visita o seu doente, e prescrevendo-lhe o remedio, sahe sem deixar algum producto, que possa servir a outras pessoas, nem guardar-se para se consumir em outros tempos. Convém definir, e aclarar os vocabulos, para se não confundirem as idéas, que por elles se exprimem; precaução tanto mais necessaria em Economia Politica, quanto a sua terminologia se acha ainda mais incerta.

---

(1) *Liv. I. Cap. VI.*
(2) *Liv. I. Cap. XIII.*

Convem igualmente distinguir em duas classes as differentes especies de papel, que formão esta massa circulante. Ha huns bilhetes, como as nossas apolices pequenas, e as notas do banco de Inglaterra, que girão como dinheiro, devendo receber-se em todos os pagamentos pelos dependentes do Estado, aos quaes se dá o nome de *papel moeda*. Ha outros, como os nossos padrões de juro Real, as apolices grandes, as contas correntes dos negociantes, e as letras de cambio, que ainda que possão negociar-se a arbitrio das partes, não correm como dinheiro, e chamão-se propriamente *papeis de credito*. Os primeiros augmentão a massa do numerario, de que fazem parte como meio circulante; os segundos pertencem á riqueza mobilar, como obrigações, ou titulos de hum credito. Podem tambem distinguir-se em *papeis de Estado*, e *papeis de commercio*. *Papeis de Estado* são aquelles que os Governos emittem; (1) *papeis de commercio* os que emittem os commerciantes, e as sociedades mercantis. Os primeiros recebem o seu valor da authoridade, e do credito publico; os segundos do credito particular dos commerciantes, ou companhias que os emittem.

Os bilhetes de hum banco particular são papeis de commercio; podem porém mudar de natureza com a intervenção da authoridade publica, passando a papeis de Estado, e mesmo a verdadeiro papel moeda, como aconteceo ás notas do banco de Inglaterra. O mesmo se póde applicar ás apolices das com-

---

(1) *Emittir*, e *emissão*, posto que sejão palavras modernas na nossa lingua, o uso, e até as nossas leis as tem já recebido como technicas.

panhias, e outros papeis semelhantes. He assim que forão declaradas como dinheiro liquido pelo *Alvará de* 21 *de junho de* 1766 as apolices das companhias geraes do Gram Pará e Maranhão, da agricultura das vinhas do Alto Douro, e de Pernambuco e Paraiba, para girarem como taes no commercio á maneira dos escritos da Alfandega, e folhas dos armazens de Guiné e India, e atè se prohibio pelo *Alvará de* 30 *de agosto de* 1768 o rebatellas do seu valor nominal. Porém estas mesmas apolices forão outra vez degradadas para a classe de simpleces papeis de commercio pelo *Alvará de* 23 *de fevereiro de* 1771, que suspendeo o effeito dos dous precedentes, ordenando que ellas sómente ficassem correndo, para se comprarem e venderem por livre, e espontanea convenção das partes. Conhecêrão-se os embaraços, que resultavão ao commercio de se dar curso forçado a esta especie de papel, e o pouco que póde a coacção, quando a authoridade se intromette no que só depende da confiança publica.

Os nossos padrões de juro Real, sendo hum verdadeiro papel de Estado, não podem com tudo reduzir-se á classe de papel moeda. São titulos de credito originados dos antigos emprestimos, que em diversos tempos contrahírão os nossos Soberanos, para defesa e augmento da monarquia, com vencimento de juros, hypotheca, e assentamento nos rendimentos das Alfandegas, e Almoxarifados. Nos nossos tempos felices consideravão-se como fundos solidissimos, constituindo em grande parte o rendimento de muitos morgados, o patrimonio, e dotação de muitas casas particulares, estabelecimentos pios, e religiosos; comprão-se e vendem-se; transmittem-se por herança, e por todos os titulos singulares, e universaes,

porque se transmitte o dominio; mas não girão como dinheiro. (1)

---

(1) Acha-se escrito mui pouco sobre a origem destes titulos, e não julgo difficil organizar a sua interessante Historia; porque o relatorio dos mesmos padrões lhe abre o caminho, e nos arquivos do Conselho da Fazenda deve constar tudo com exactidão. Tenho visto padrões, que remontão ao anno de 1537, em que o Senhor Rei *D. João III.* abrio hum emprestimo, para occorrer ás despezas da guerra d' Africa, fortificação, e defesa dos lugares que possuiamos na costa Barbaresca, onde então começavão a declinar as nossas armas; d' onde infiro, que começou nesta epoca a nossa divida publica, a qual depois se augmentou muito nos infelices tempos do Senhor Rei *D. Sebastião* e dos *Filippes*, e mais ainda na longa guerra que se seguio á acclamação do Senhor Rei *D. João IV*, a qual exigio immensos sacrificios, porém teve o brilhante resultado de firmar a independencia da nação, e segurar sobre o throno o Rei legitimo. A guerra da grande alliança fez necessarios novos emprestimos, não bastando para as suas despezas o ouro, que o Estado começava a tirar das minas do Brazil. Tenho visto documentos, que mostrão ter o Senhor Rei *D. Pedro II.* contrahido desde o anno de 1704, até o de 1706, em que falleceo, emprestimos da quantia de hum milhão e duzentos mil cruzados, (e poderia contrahir mais) a juro sobre o rendimento da Alfanega de Lisboa; quantia avultada segundo os valores daquelle tempo: foi o preludio dos nossos sacrificios naquella guerra, que terminou com a paz de Utrecht. O methodo, que seguião os nossos Soberanos para haverem estes emprestimos, era vendendo *a retro* segundo a frase dos nossos diplomas, isto he, com a faculdade de distractar, tenças ou rendas, que se assentavão em differentes repartições da Real Fazenda. Estas tenças ou rendas, que constituião os interesses dos capitaes emprestados, regulavão-se primeiro a razão de 8 por 100; e infiro de alguns papeis antigos, que houve exemplos de hum interesse mais forte. O Senhor Rei *D. Sebastião* por *Alvará de 23 de janeiro de* 1563 os reduzio a seis e hum quarto por 100, abrindo hum novo emprestimo para distractar as obrigações anteriores, e offerecendo aos pensionarios, que quizessem ficar com as tenças ou rendas que tinhão, o pagarem o accrescimo do capital correspondente; o que muitos acceitárão. Por este modo aquelle que recebia duzentos mil reis, por exemplo, comprados por 2:500$000 rs. a razão de 8 por

As apolices do emprestimo aberto pelo *Decreto de* 29 *de outubro de* 1796, ampliado pelo *Alvará de* 13 *de março de* 1797 com hypotheca, e vencimento de juros tambem se não podem chamar propriamente papel moeda; porque sómente forão authorizadas para correrem como letras de cambio com os seus competentes endossos, para os seus capitaes serem pagos pelos rendimentos hypothecados, quando houvesse lugar, da mesma forma que se mandavão tambem pagar por elles os juros respectivos precisamente aos semestres. Equipararão-se expressamente aos padrões de juro Real, podendo como elles vincular-se em morgado, precedendo licença Regia. Com tudo tambem se determinou no § 10 do referido *Alvará*, que fossem recebidas como dinheiro effectivo em pagamento de direitos, pela importancia dos seus capitaes sem attenção a juros, na Mesa do consulado da Casa da India, na Casa das herdades, nas Chancellarias, nos rendimentos da decima secular da cidade de Lisboa, e seu termo, e provincia da Estremadura, (1) e nas sisas encabeçadas, passando assim mesmo como dinheiro effectivo para o Erario Regio com os competentes endossos; e nisto se aproximou a natureza destas apolices ao papel moeda, e lhe ficárão attribuidos em parte os seus effeitos. Não se declarárão estas qualidades ás cedulas de outro emprestimo de cento e

100, deo mais 700$000 rs. para perfazer 3:200$000 rs., e ficava recebendo os mesmos duzentos mil reis a razão de seis e quarto por 100. Houve depois novas reducções, de forma que o juro veio a cahir em huns padrões a 5, em outros a 4 por 100.

(1) Por *Portaria* do Governo *de* 11 *de outubro de* 1810 foi mandada suspender a sua admissão nos pagamentos da decima em Lisboa, seu termo, e provincia da Estremadura.

cincoenta mil cruzados aberto pelo *Alvará de 27 de setembro de* 1797, ampliado a duzentos e quinze mil cruzados pelo *Alvará de 2 de setembro de* 1801 para as despezas do estabelecimento de hum laboratorio chimico, e dispensatorio farmaceutico, d'onde se provessem os hospitaes, e marinha; nem ás apolices de pensões vitalicias creadas por meio de huma loteria Real no *Alvará de* 18 *de junho de* 1799. As apolices do outro novo emprestimo de doze milhões, creado, e regulado pelos *Alvarás de* 7 *de março de* 1801, e 28 *de abril de* 1802, tinhão a mesma natureza que as primeiras. Os bilhetes de credito mandados emittir pelo *Alvará de* 24 *de janeiro de* 1803, e *Decreto de* 1 *de fevereiro do mesmo anno*, era expressamente declarado, que não fossem considerados como moeda; sim como letras de cambio, e não chegárão a ter effeito.

O nosso verdadeiro papel moeda, ainda que tambem com vencimento de juros como as apolices grandes, são as apolices pequenas, que circulão com a formalidade do *Alvará de* 13 *de julho de* 1797, que exprime a sua natureza nas seguintes palavras: "Mando outro sim, que estas apolices "girem livremente, sem endosso ou cessão, e se "acceitem em todas as estações, ou recebedorias "da minha Real Fazenda, no meu Real Erario, "e em todas as acções entre particulares, sem ex-"cepção alguma, como se fossem dinheiro de me-"tal pelo seu valor numeral, e sem attenção a ju-"ros, em ametade do pagamento total das mesmas "acções; procedendo-se contra os que duvidarem "recebellas, na forma que está determinado con-"tra os que enjeitão moeda do Rei." O *Alvará de* 25 *de fevereiro de* 1801 ampliou com novas penas esta ultima determinação. O *Decreto de* 23 *de janeiro do mesmo anno* chama-lhe mesmo dinheiro

papel, ampliando o *Alvará de* 31 *de maio de* 1800, que houve por finda a sua emissão, e deo forma á sua amortização, e das apolices grandes. Pelo *Alvará de* 2 *de abril de* 1805 se mandárão recolher as apolices do valor de 1:200 rs., 2:400 rs. e 6:400 rs. da primeira emissão, e substituir outras de 1:200 rs. e 2400 sem vencimento de juros; e seguirão-se muitas outras providencias, que não entra no meu plano o referir.

Não me demorarei tambem com outras especies de papel, que corre debaixo de differentes nomes, formando outros tantos titulos da nossa divida fluctuante, como cedulas, ou vales das thesourarias, e commissariados, recibos notados, conhecimentos de recibos notados, bilhetes de miudas, bilhetes de feitio de fardamentos, bilhetes de feitios de roupa e fardamento para a maruja, &c. A' vista de cada hum destes titulos he facil conhecer a sua natureza, e pela natureza os effeitos, que se aproximão mais ou menos aos do papel moeda, segundo são pagaveis, huns ao portador, outros sómente aos proprios individuos, a favor de quem são processados, ou seus procuradores, e cessionarios. Os escritos da Alfandega são titulos de credito, e não de divida da Real Fazenda; e quando esta paga com elles, girão á maneira das letras de cambio.

Os primeiros que escrevêrão sobre estas materias, (e oxalá que fossem sómente os primeiros) nem distinguírão as differentes especies de papel circulante, nem conhecêrão a sua natureza; e por isso tudo confundírão. Huns, entregando-se ás illusões de hum credito creador, assentarão não se poder fazer cousa melhor para enriquecer os Estados, que o inundallos de papel; outros pelo contrario elevárão-se com vehemencia, não só con-

tra estes signaes ficticios da vardadeira moeda, mas até contra esta mesma: " Homens cegos, di-
" zia hum escritor celebre, quereis conhecer todo
" o vicio da vossa politica? levai-a tão longe como
" ella póde ir. O dinheiro, e todos os papeis que
" o representão, não circulão por si mesmos, e
" sem os motores, que os põem em acção. Todos
" estes differentes signaes não figurão senão em ra-
" zão das compras, e vendas que se fazem : cobri
" de ouro a Europa inteira; se ella não tiver mer-
" cancias no commercio, este ouro ficará sem acti-
" vidade. Multiplicai sómente os effeitos commer-
" ciaes, e não vos embaraceis com os signaes ; a
" confiança, e a necessidade os saberão estabele-
" cer sem vós. "

Este methodo de argumentar como que arrasta os espiritos, e parece ter por si os factos, que sempre tem mais força que as theorias, (1) E com effeito a verdadeira riqueza de hum paiz, como a cada passo se acha escripo, consiste em ter terras bem cultivadas, e manufacturas em grande actividade : a verdadeira moeda pois he a moe-

---

(1) Se valem de alguma cousa os exemplos, nenhum depõe com mais energia contra o desgraçado systema das emissões excessivas do papel moeda, que o do banco de *Law* em França, depois erigido em banco Real, na minoridade de *Luiz XV.*, e o dos assignados, e mandados no tempo da revolução; systemas que terminárão ambos em espantosas bancarrotas. Este ultimo he bem recente, para se ter riscado a impressão por elle causada nos espiritos ; e a historia do segundo muito vulgar nas Obras de Economia Politica, para que eu gaste o tempo em repetilla. São conhecimentos, de que nenhum homem publico deve dispensar-se, principalmente dos que se empregão em finanças : nenhuma lição podem ter mais instructiva sobre este assumpto, se não he o que agora mesmo se está observando em quasi todos os Estados da Europa.

da industrial ; em a havendo ella attrahirá o ouro, e a prata dos vizinhos. He com tudo necessario não confundir as causas com os effeitos, e examinar a influencia que póde ter a moeda artificial na acquisição da real, na cultura dos campos, no estabelecimento das manufacturas, e na prosperidade do commercio.

Theoria de Smith *explicada por* Say. *Ideas de* Simonde, Canard, Herrenschwand, *e outros.*

AS precisões de huma nação exigem huma certa quantidade de qualquer mercancia, a qual he determinada pelo estado de adiantamento da mesma nação. Se ha excesso em hum genero de mercancias, ou estas cessão de produzir-se, ou o seu valor declina, e vão procurar mercado nos paizes, onde valerem mais. Neste caso se acha o numerario de qualquer paiz, todas as vezes que excede a quantia que reclamão as funcções em que elle se emprega, isto he, a circulação proporcionada á actividade, e extensão das comutações commerciaes do mesmo paiz. Se pois substituirmos por papel huma parte do numerario, haverá superabundancia deste; e o excedente irá procurar novos empregos onde lhe for mais vantajoso.

Guiado por estes principios estabeleceo *Smith* (1) que o modo porque as judiciosas operações de

---

(1) *Liv. II. Cap. II. Sect. II,* e *Sect. V.*

hum banco pódem augmentar a industria de hum paiz, não he augmentando precisamente os seus fundos; mas pondo em actividade, e fazendo productiva huma maior parte do seu capital do que aquella, que em differente caso circularia com fructo. Todo o commerciante he obrigado a conservar em caixa huma parte dos seus fundos, para occorrer aos pagamentos occasionaes, que o seu commercio exigir: he hum fundo morto, que em quanto se conservar neste estado, nada produz nem a seu dono, nem ao paiz. As operações de hum banco o habilitão, para converter este fundo morto em capital activo, e productivo, em comprar materias com que trabalhe, instrumentos de trabalho, ou mantimentos, e provisões para os operarios, em especulações em paizes estrangeiros, em hum fundo, que renda logo alguma cousa a seu dono, e ao paiz. O ouro, e a prata que circula em huma nação, e por cujo ministerio se distribue annualmente pelos consumidores o fructo da terra, e do trabalho, he hum capital morto, como o que o negociante conserva em caixa; e huma das mais preciosas partes do capital do paiz vem a ser a que menos produz. As judiciosas operações de hum banco, substituindo a moeda papel á maior parte deste ouro, e desta prata, habilitão o paiz, para converter huma grande porção daquelle fundo morto em capital productivo.

He claro, que esta theoria comprehende não só os bilhetes de banco, mas todas as outras especies de papel, que exercitão o officio de moeda; e para a explicar melhor usa *Smith* de huma imagem, na verdade atrevida, porém viva e brilhante. Compara o ouro e a prata, que circulão em hum paiz, a huma estrada real, que conduz ao mercado todo o grão, e toda a herva dos campos

posto que por si não produza huma palha. As operações de hum banco dispõem hum carro conductor pelos ares, habilitando o paiz a que as suas mesmas estradas se convertão em terras de sementeira, e em pastos; augmentando com esta economia os productos do seu trabalho, e das suas terras. Temendo porém que se desse demasiada extensão ás suas doutrinas, elle mesmo lhe põe limites. He necessario entender, que ainda que por este meio se possão augmentar algum tanto o commercio e a industria, não se caminha tão seguro, para assim dizer, sobre as azas Dedalias do papel moeda, ou dos bilhetes de banco, como pelo caminho solido do ouro e da prata; porque além de outras contingencias, a que póde expor a impericia dos conductores, o dinheiro papel está sujeito a riscos, que toda a pericia, e prudencia nunca poderão precaver.

Huma guerra infeliz, ou qualquer desastre que destruisse aquelle thesouro, que sustinha o credito do papel, exporia o paiz a huma grande confusão. Perdido o principal instrumento do commercio, não poderião fazer-se as commutações nem em effeitos, nem a credito; o que não aconteceria onde a circulação se fizesse em metalico. Pagando-se a maior parte dos impostos em papel, o Soberano se acharia sem meios de supprir as precisões publicas. Esta consideração deve prevenir a todo o Principe amante do seu paiz contra esta excessiva multidão de bilhetes, ou papel moeda, que arruina os mesmos bancos, que o emittem, e faz com que o papel occupe a maior parte da circulação nacional.

Say (1) põe a solução destas questões no nu-

(1) *Liv. I. Cap. XXII.*

mero das mais bellas demonstrações de *Smith* ; porém supposdo que não forão geralmente entendidas, passa a explicallas; e explicando-as, me parece ter-se afastado algum tanto do seu espirito. Sem cogitar das vantagens mais solidas, e verdadeiras daquella parte do numerario, que a substituição do papel dispensa das suas anteriores funções, applicando-se a novas emprezas de agricultura, ou de industria dentro do proprio paiz, suppõe que toda ella toma a sua direcção para os paizes estrangeiros, o que não póde ser senão a parte metalica; porque o papel não tem valor fóra do Estado. E não deixa de considerar esta operação como de summa utilidade; porque como o dinheiro não sahe, senão fazendo entrar hum valor equivalente, este valor, que consistia antes em numerario unicamente destinado aos usos da circulação interna, agora se converte em huma infinidade de mercancias, que fazem parte do valor productivo da nação: d'onde tira em resultado, que o capital nacional he augmentado em huma somma igual a todo o numerario metalico, que sahio por este modo.

O systema mercantil, aliàs tão favoravel por outros principios á riqueza papel, elevar-se-hia em pezo contra esta conclusão; porque segundo as suas maximas toda a exportação do numerario he huma pura perda para o Estado. Eu, sem abraçar os principios do systema mercantil, não a posso dar por demonstrada; porque não vejo provadas as premissas, de que se deriva. Quantas das mercancias importadas se dissipão em objectos de puro prazer, e de hum luxo esteril, ou ainda nestes productos immateriaes, de que ha pouco fallei, os quaes se consomem no mesmo instante, em que são produzidos? E onde está aqui o

augmento do capital productivo? Não sei mesmo, se poderá bem conciliar-se este lugar de *Say*, em que dá tanto pezo ao numerario, ou ao seu accrescimo produzido pela circulação do papel, com outros da sua Obra, e principalmente naquella parte, em que trata da circulação, e das vendas, onde attribue quasi tudo ás mercancias, e quasi nada ao numerario. (1)

Smith, a meu ver, explica-se melhor a si mesmo sobre os effeitos da moeda metalica, que o papel expulsa para fóra do paiz. Empregando-se em comprar generos estrangeiros para o consumo interno da nação, que a emprega, póde converter-se ou naquelles effeitos, que costumão ser consumidos

---

(1) Vejamos sómente o que em resumo diz este escritor, quando trata da balança do commercio *(Liv. I. cap. XVII. na nota pag.* 186*)* " Vio-se *(Liv. I. cap. XV.)* que a abun-" dancia do dinheiro não he mesmo necessaria em hum paiz, " para ahi facilitar as vendas; que aquelles que comprão, não " comprão na realidade senão com productos; que he com a " sua parte dos productos, para que elles tem cooperado, " que comprão o dinheiro, o qual depois lhes serve para com-" prarem outros productos; e que feita esta commutação, o di-" nheiro que nella se empregou, não fez senão passar entre " as suas mãos, como hum carro, que se empregou em hum " transporte, e que vai depois servir tambem a outros. Se a " moeda se faz mais rara, não por isso se fazem menos to-" das as mesmas transacções do paiz; a unica differença he, " que se precisa entregar hum pouco de dinheiro de menos " nas commutações, porque elle vale então hum pouco mais " relativamente às outras mercancias, o que não he hum in-" conviniente. Póde concluir-se pois, que as vantagens que " achão os particulares em receber moedas com preferencia " ás outras mercancias, são nenhumas relativamente ás na-" ções. "

Na edição de 1803 *Liv. I. cap. XXII.* tinha o mesmo *Say* annunciado como huma das verdades mais importantes da Economia Politica, que he a abundancia dos productos em geral, e não a do dinheiro, quem facilita os mercados.

até pela gente ociosa, e que nada produzem, como vinhos, estofos de seda, e outros semelhantes ; ou naquelles, que formão hum novo fundo de materiaes, instrumentos, e provisões para manter, e empregar maior numero de individuos industriosos, que reproduzem com lucro todo o valor do que annualmente consomem.

No primeiro caso o emprego viria a promover o commercio de profusão, augmentaria as despezas, e consumo, sem augmentar a producção, ou estabelecer hum novo fundo permanente que sustivesse aquelle novo dispendio ; sendo a todas as luzes prejudicial em extremo á nação. No segundo caso promoveria a industria, e ainda que tambem augmentasse o consumo da sociedade, subministraria ao mesmo tempo hum novo fundo permanente para o suster ; porque os consumidores reproduzirião, com excesso, todo o augmento do valor do seu annual consumo. O total das rendas da sociedade, o producto annual das suas terras, e do seu trabalho cresceria com o augmento do valor total, que aquelle mesmo trabalho ajuntaria aos materiaes, em que se exercitasse, e cresceria consequentemente a renda pura de todos os operarios, com respeito ao residuo daquelle valor total, deduzido o necessario para conservar aquelles instrumentos.

Quando pois a moeda papel se substitue á de ouro e prata, toda aquella quantidade de materiaes, instrumentos, e provisões, que póde sortir o capital circulante, póde receber hum augmento com o valor total do ouro e prata, que antes se empregava nelles. Porém este augmento não he tão grande, como á primeira vista se representa ; o que reconhece, e provava o mesmo *Say* por meio de hum calculo muito judicioso, e claro. Suppõe

que ametade do dinheiro do paiz possa supprir-se com papel; mas parece-lhe excessiva esta proporção, principalmente reflectindo-se que o papel não conserva o valor real de moeda, senão em quanto se póde a todo o instante, e sem trabalho nem perda, trocar por moeda; porque de outra sorte todos procurarão desfazer-se dos bilhetes, e estes valerão menos; o que raras vezes deixa de acontecer. Admittida porém esta avaliação, vejamos se podemos tambem avaliar o augmento, que daqui resulta ao capital da nação.

Nenhum A. de pezo levou a quantidade do numerario preciso para a circulação a mais de hum quinto dos productos annuaes ordinarios de huma nação; e segundo alguns não excede a hum trigesimo. Admittamos o quinto em hum paiz, que tenha 20 milhões de productos annuaes; o seu numerario serão 4 milhões, e ametade desta quantia, ou 2 milhões, póde ser substituida por papel, e empregada no augmento do capital nacional: ella não podera augmentar mais que duas vinteuas, ou hum decimo dos productos de hum anno. Os productos annuaes não pódem avaliar-se, quando muito, senão em hum decimo do valor do capital nacional productivo, suppondo 5 por 100 para a renda dos capitaes, e outro tanto para a industria, que os tem em actividade. Logo todo o referido augmento não equivale, quando muito, senão a hum centesimo do capital nacional productivo. Attendendo porém a que o augmento dos capitaes he lento ainda nas nações mais activas, e industriosas; que nas estacionarias nada se adianta; que nas que declinão se consome annualmente huma parte do capital; qualquer que seja aquelle beneficio, não póde deixar de considerar-se precioso.

Simonde (1) adoptou a antiga hypothese inventada por *Hume*, segundo penso, e tambem seguida por varios escritores: que o valor do numerario em massa he igual á aliquota desconhecida da riqueza mobilar. Daqui deduzio, que o papel moeda novamente introduzido, juntamente com o antigo numerario, não tem mais valor do que tinha esse mesmo numerario antes da emissão; e seguio huma theoria inteiramente diversa, que porém conduz a resultados com pouca differença iguaes aos de *Smith*, e *Say*; de forma que caminhando por differentes veredas, estes tres escritores insignes vierão a encontrar-se no mesmo plano. E quanto distão as suas doutrinas, e os seus calculos daquella arithmetica subtil dos enthusiastas, que suscitando antigos erros, e inventando hypotheses novas, para sustentarem maximas, que conduzirião por caminho direito a novas bancarrotas a fortuna das nações, ainda acreditão, que por meio do papel se póde repentinamente elevar a riqueza de huma nação ao duplo, ao quintuplo, ao decuplo, ao infinito? E o mais he que imitando a lingoagem figurada de *Smith*, citando-o, e adoptando as suas imagens, he que alguns tem querido defender taes paradoxos. São notoriamente paradoxos; porque se não tem limites, ou vão tão longe os desta riqueza ficticia, não ha senão introduzir no giro mais e mais papel, e as nações terão achado o seu El-Dorado; idéa, a que repugna o sentimento geral não só dos povos, mas tambem dos Governos; porque a todos tem a experiencia mostrado a sua falsidade. Deixemos pois hum *Canard* com as suas duas correntes da circulação composta, hum *Herren-*

(1) *Liv. I. Cap. VI.*

schwand com a sua maquina de duas rodas, e a tantos outros com os seus systemas imaginarios; e sigamos sómente o bom senso, e a experiencia.

Considerações particulares sobre o papel moeda.

HUMA pequena quantidade de papel lançada em giro, e que circulasse com credito em hum paiz, onde não houvesse superabundancia de numerario, não produziria provavelmente alteração sensivel relativamente ao commercio. Sendo em maior quantia, produziria intumesceucia, e distensões nos vasos da circulação, antes de obrigar a moeda metalica a sahir do paiz, encerrar-se em cofres, ou tomar differente direcção: não he hum liquido, que se entorne no mesmo momento, em que toca as bordas do vaso que o contém. Primeiro póde ser benefico; depois produz os inconvenientes da superabundancia; e continuando-se a emittir maiores quantias, seguem-se infallivelmente as calamidades do discredito.

He facil de conhecer pelos effeitos quando ha superabundancia, ou falta de numerario em hum paiz. Quando houver superabundancia, o seu preço ha de diminuir, porque a moeda he huma mercia como as outras; e neste caso, em lugar de procurar-se augmentar a sua quantidade com os recursos do papel, convirá facilitar-lhe a sahida para os paizes estrangeiros, até se restabelecer o equilibrio; o que se conseguirá sem facto positivo, deixando sómente as cousas ao seu curso natural.

Quando houver falta de numerario, elle subirá de preço, e a moeda estrangeira se encaminhará a vir encher o vacuo.

A situação desavantajosa do paiz, a sua falta de productos para comprar a mercancia moeda, e as leis prohibitivas dos outros paizes pódem obstar a esta operação natural, ou retardalla: então convirá a introducção dos representativos, que supprão o numerario atè aquella proporção, que reclamarem as precisões da circulação. Mas o commercio os saberá estabelecer, sem que seja necessaria a intervenção da authoridade publica, o que he sempre mais seguro; porque quando o commercio tem emittido huma tão grande quantidade de papel, que chegue a romper o equilibrio entre elle e as precisões da circulação, por isso mesmo, que perde do seu valor, não faz conta emittir-se mais; e o interesse he a qui o regulador, que fará suspender as emissões destas especies, até que de novo se restabeleça o equilibrio. Não acontece assim com o papel d'Estado; porque os Governos, dando-lhe hum curso forçado, ou simplesmente pagando com elle, não tem quem os limite na sua emissão, e consultão menos a utilidade do commercio, do que as suas precisões.

Com tudo, sabendo os Governos aproveitar-se das circumstancias com prudencia e moderação, poderião pagar nesta qualidade de moeda as dividas do Estado, sem detrimento do commercio, nem injuria dos particulares, até hum certo ponto; isto he, em quanto os bilhetes corressem sem violencia com hum valor igual á quantidade que representão, e não houvesse superabundancia de numerario. Para conservarem este valor, he necessario que exista a opinião geral de que os seus possuidores estão tão seguros conservando-os na sua

carteira, como se tivessem em cofre o equivalente em metal; o que não pode acontecer, sem que haja a mesma opinião, não só a respeito da moralidade dos Governos, mas tambem da sua firmeza, e dos seus meios, e recursos. He o Soberano, ou a lei, quem dá á moeda papel a sua equivalencia legal á moeda metalica; porém isto não basta, para que este instrumento legal do commercio seja recebido nas transacções mercantis, e sociaes sem perda, como dinheiro effectivo. Esta qualidade só a confiança do público lhe póde dar; e tal póde ser o descredito, que o papel chegue a perder todo o seu valor, apezar de todas as leis, e providencias que se derem para o sustentar. Quem daria hoje em França hum soldo pelo maior dos bilhetes do banco de *Law*, ou dos assignados do tempo da revolução? Pois elles nunca forão formalmente abolidos. (1)

A superabundancia, produzindo abatimento no valor do numerario, e consequentemente levantamento no preço do trabalho, e nas mercancias, que com elle se permutão, tem huma influencia desgraçada na agricultura, na industria, e no commercio. O paiz, onde a mão d'obra, os viveres, e as materias das fábricas são mais caros, perderá necessariamente na sua concurrencia com as nações, onde tudo he mais barato. Eis-aqui o principal motivo, porque as manufacturas da Asia, apezar dos grandes riscos e despezas do seu transporte, vem encher os mercados da Europa; eis-aqui porque as quinquilherias da Alemanha, e os generos, e manufactusas de muitos outros paizes nos levão huma grande parte dos nossos cabedaes, e

(1) *Say Liv. I. Cap. XXII.* §. 4.

esmagão as nossas fábricas. As mesmas causas tem produzido por toda a Europa hum levantamento proporcional dos preços do trabalho, e mercancias; e esta he a razão, porque ainda se conserva huma apparencia de equilibrio entre as nações.

A Inglaterra, sendo o paiz onde gira mais papel, he tambem aquelle, em que se conhece maior carestia: se apezar disso he a nação dominante em commercio e manufacturas, deve esta preeminencia ás circumstancias favoraveis, em que a tem posto as desordens do continente, e a outras causas mui poderosas, que em outro lugar tenho indicado, e particularmente aos seus immensos capitaes accumulados, aos seus mecanismos, á industria, e ao genio da nação. O paiz que possue mais productos, ou seja para o consumo interno, ou para dar em troca pelos generos estrangeiros, sente menos os effeitos deste levantamento dos preços; naquelles onde se recebem mais do que se exportão, e tem de saldar-se a balança com dinheiro, o prejuizo he enorme. Estão pois de peior partido as nações proprietarias de minas, isto he, Portugal e Hespanha; porque comprão caro o que lhes vem de fóra, e vendem barato o seu ouro, e a sua prata.

A mesma superabundancia do papel faz desapparecer do giro a moeda metalica, o que não serìa grande inconveniente até hum justo limite, antes beneficio, segundò temos visto nas theorias de *Smith*, e *Say*, se a moeda papel representasse perfeitamente a moeda metalica; porém isto he o que nào poderia acontecer, porque a raridade do metalico produz desconfiança no público a respeito da realização do papel a effectivo, e daqui vem o descredito. He assim que se multiplicão os inconvenientes, e se enlação huns com os outros, e toma corpo a desgraça pública.

Os bilhetes pequenos são os que mais particularmente expulsão o metalico da circulação interna, porque descem a todas as transacções miudas da sociedade, e não sobem ao commercio em grande de negociante a negociante: acontece pelo contrario aos bilhetes grandes. O consumidor, a cujas mãos chegar hum bilhete destes, não deixará de se desfazer delle na primeira occasião; e o negociante, que tiver bilhetes pequenos, não deixará de os empregar nos objectos do seu consumo diario. Se pois os Governos quizerem limitar o papel ao commercio em grande de negociante a negociante, ou ao commercio em pequeno, e ás transacções do negociante com o consumidor, não tem mais do que emittir, no primeiro caso sómente bilhetes grandes, no segundo caso sómente bilhetes pequenos: emittindo de huns, e de outros, elles abrangerão ambos estes ramos da circulação.

Tem sido varia a politica dos Governos a este respeito. Os vales Reaes de Hespanha são de grossas quantias. Este foi tambem o systema Inglez; porém affroxou-se nelle á proporção que o papel augmentava em quantidade, para se ir espalhando pela nação, e causar menos pezo: hoje correm notas do banco de Inglaterra até o valor de huma libra esterlina. Nos Estados Unidos da America, e na Escossia fabricavão-se bilhetes até o valor de hum shelim; porém vendo-se que este papel miudo era o que mais pezava sobre a classe indigente, suprimírão-se em huma e outra parte os bilhetes pequenos, e na Escossia foi prohibido por hum acto do parlamento o fabricarem-se de menos valor que o de dez shelins. Tudo tem variado nos ultimos tempos; porque o papel moeda causa hum pezo geral por toda a parte, e os Governos, atormentando-se em excogitar, e dar providencias, que

o adocem, achão-se continuamente enganados nos seus calculos, e nas suas esperanças, andão em huma mobilidade perpetua a este respeito, e muitas vezes as mesmas disposições, de que esperavão beneficio, não produzem senão novos embaraços, que augmentão a desconfiança, e suspendem a industria. Que importa que os bilhetes se limitem a hum ou a outro dos referidos ramos de circulação, se estes ramos são tão connexos entre si, que não póde hum soffrer sem que o outro se resinta igualmente? são duas peças em contacto pertencentes á mesma maquina, das quaes huma transmitte á outra os impulsos que recebe.

Tem igualmente variado a politica dos Governos a respeito dos juros, que, contra a antiga prática, se tem estabelecido modernamente em alguns Estados ao papel moeda. *Alonso Ortiz* (1) expõe diffusamente os inconvenientes deste systema; mas subordinando em certo modo as suas idéas ás do ministerio Hespanhol, que nesse tempo (em 1796) fazia correr os seus vales Reaes com o juro de 4 por 100, declama sómente contra os premios excessivos, e não contra o interesse moderado. Se o público tem confiança no papel, não vejo motivos para que este vença juros, sendo destinado a representar a moeda metalica, que os não vence, e a preencher todos os seus effeitos, como parece reconhecer-se no preambulo do *Alvará de 2 de abril de* 1805: se falta a confiança, nenhum juro será capaz de a estabelecer; e sería melhor converter-se em hum fundo de amortisação o que havia de pagar-se em juros.

(1) *Ensayo Econom. sobre el syst. de la moneda-papel art. I. Cap. VI.*

As nossas apolices pequenas da primeira emissão começárão com o juro de 6 por 100, por serem consideradas como parte do primeiro emprestimo de doze milhões; consequencia desgraçada das grandes despezas da expedição, com que auxiliámos a Hespanha nas campanhas do Roussillon, e da Catalunha, e do aperto em que ficámos pelo abandono, em que nos deixou a mesma Hespanha no *tratado de S. Ildefonso*, concluido em 18 de agosto de 1796, passando ainda mais desgraçadamente a unir-se á França offensiva, e defensivamente pelo outro *tratado de Basilea*. Este juro foi reduzido a 5 por 100 pelo *Alvará* proximamente citado, menos as apolices de 1:200, e 2:400 rs. da segunda emissão, que se mandárão correr sem juros, como vimos. Além disso a mesma lei, que mandou emittir as primeiras, (*o Alvará de* 13 *de julho de* 1797) elevou a 100:000$000 rs. o fundo, que já se achava estabelecido para o distrate das apolices em geral, dando novas providencias para accelerar a sua amortisação. Com tudo pouco tempo se conservárão ao par com a moeda metalica.

Logo no anno de 1798 começou o nosso papel moeda propriamente dito, ou as apolices pequenas, a perder 4 por 100; passou a 6, e retrocedeo a 5. No anno de 1799 passou a 7, depois a 9, e depois a 8.

O anno de 1800 foi infeliz para a Europa, e de grandes convulsões politicas para Portugal. Desunírão-se os Imperadores da Russia, e de Alemanha; e este ultimo, depois de destruida a Italia pelos Francezes, foi obrigado a assignar o *tratado de Luneville*. Aqui principiárão os projectos hostis combinados da França e Hespanha contra Portugal: o que fez necessarios grandes esforços da nossa parte, para procurar recursos, e salvar o

Estado; e não podia deixar de causar commoções nos fundos públicos, e assignaladamente no papel moeda.

Projectou-se o banco Real de Lisboa; mas não se realizou. Estabeleceo-se huma caixa de desconto por *Decreto de 24 de janeiro* do mesmo anno, para trocar as apolices pequenas a 94, isto he, a razão de 6 por 100 de rebate, porporção em que ainda se achavão com a moeda metalica, esperando-se que se poderião reduzir, ou aproximar ao par. Por *Alvará de* 31 *de maio* se houve por finda a emissão das mesmas, e se deo nova fórma á arrecadação, e administração dos rendimentos consignados para o pagamento dos juros, e amortisação de humas e outras apolices, augmentando-se este fundo com os novos subsidios de hum imposto nos vinhos, do rendimento de todas as loterias, que se fizessem por espaço de dez annos nas cidades de Lisboa, e Porto, e das dividas, que se devião á Real Fazenda anteriores ao 1.° de janeiro de 1797, menos as exceptuadas no mesmo *Alvará*. Por *Decreto de* 13 *de julho* do sobredito anno de 1800 se encarregou á Junta Provisional do Erario Regio, que puzesse novamente na Real presença, logo que lhe fosse possivel, qual era o *deficit* que então havia; quaes as operações, ou de augmento, ou de economia, que a experiencia lhe tivesse mostrado serem mais necessarias para equilibrar a receita com a despeza; e finalmente quaes fossem os defeitos, que tivesse conhecido haver em qualquer classe de administração, ou elles proviessem de abusos introduzidos, ou de falta de regulamento.

Quando se estabeleceo a caixa de desconto, ainda não havia estas lojas de cambio, hoje tão frequentes em Lisboa, e mesmo nas outras praças do reino; mas já se empregavão muitos rebatedo-

res pelas esquinas das ruas, e pelas escadas em trocar papel. Huns erão Portuguezes, outros de differentes nações, como Galegos, è Maltezes; e sendo d'entre os ultimos os que se avantejavão mais neste trafico, a todos os que nelle se empregavão começou a dar-se o nome de Maltezes, que ainda conservão. Tiverão insinuação para não rebaterem a mais de 6 por 100, como a caixa de desconto; e daqui resultou suspenderem o seu trafico em público, mas continuárão a descontar debaixo de capa a 8, ou como podião. A caixa de desconto não podia dar expedição, sendo tão grande a concurrencia a ella, que havia vestidos rasgados, e gente atropellada; e acontecia, como era de esperar, que muitos traficantes compravão por fóra o papel mais barato, a 92 por exemplo, ou 93, para irem vender á caixa por 94. Era impossivel que a caixa podesse sustentar-se contra esta fraude: durou muito pouco tempo; e apenas fechada, a perda do papel subio de ponto. De 8 passou a 12, e successivamente a 18, 19, e 20.

Neste estado se achava nos principios do anno de 1801, em que se derão as novas providencias do *Decreto de 23 de janeiro* para a amortisação progressiva do papel, e se annunciárão outras ainda mais extensas no *Edital de* 31 do mesmo mez, e na *Carta Regia de* 9 *de março* seguinte. Veio a 18, e a 19: o rompimento da Hespanha, que nos declarou a guerra a 28 de fevereiro, fez subir a perda a 22, 24, 27, e 30. A cessação das hostilidades fez vir o rebate a 24, e depois a 18, e assim andou entre 18, e 21. Pelos *tratados de Badajoz de* 6 *de junho* se assignou a paz; mas não sendo ratificada por Bonaparte, foi necessario o outro *tratado de Madrid de* 29 *de setembro* do mesmo anno. Esta paz nos custou ainda novos sacrificios, que fizerão

augmentar a nossa divida pública com o emprestimo de treze milhões de florins ás casas de *Hoppe* na Hollanda, e *Barring* em Inglaterra, o qual presentemente se acha, ou quasi, ou totalmente pago.

Nos principios de 1802 rebatia-se o papel a 20 ; porém o melhor aspecto dos negocios públicos, e as esperanças, que a Europa concebeo com os preliminares assignados em Londres, a que se seguio a paz de Amiens, fizerão subir o seu valor; e por consequencia o rebate desceo successivamente a 19, 17, 13, 11, 9, e 8 ; tornou a 10, e depois a 7, e a 8. Derão-se tambem superiormente algumas providencias, que produzírão melhor effeito que a caixa de desconto,

Em 1803 continuou primeiro a 8, depois a 7, a 6, a 5, a 4, a 3, a 5, a 7, a 9, a 10, a 11, e a 9. Em 1804 a 9, a 8, a 7, a 6, a 7, a 8, a 9, a 11, e a 12. Já então se revolvia a Europa em preparativos para novas guerras, e a nossa corte era agitada com as maiores intrigas diplomaticas, em que jámais se vio. Fizemos mais sacrificios para hum *tratado* de neutralidade, que não teve effeito. O rebate do papel em 1805, começando a 10, sobio progressivamente a 12, 13, 15, 17, e 18, veio por hum momento a 16, e foi a 19.

Em 1806 correo successivamente a 18, 19, 17, e 20. Pelo *Alvará de 3 de julho* do mesmo anno se dérão novas providencias para a amortisação do papel, regulando-se a fórma do pagamento do anno de morto nos beneficios ecclesiasticos. Em 1807 a 18, 16, 13, 16, e 20. As perturbações, que precedêrão á entrada dos Francezes em Portugal, elevárão o rebate a 28, e a 34 ; quando entrárão chegou a 40, e a 60, e houve dias em que ninguem queria comprar por preço algum. Depois veio a 32, e a 31. Nisto se achava pelos principios de 1808 ; e variou

pelo decurso deste anno a 29, 27, 36, 33, 36, 37; e com a expulsão dos Francezes a 22, e a 18.

Desta epoca em diante forão tão varios, e multiplicados os acontecimentos militares na peninsula, que he impossivel seguir a sua correspondencia com o aggio do papel. As variações mais notaveis forão as seguintes. Em 1809 a 21, 18, 17, 16. 24, 25, e 24. Em 1810 a 25, 26, 29, 30, e 31. Por este tempo se achava occupada grande parte do reino pelo exercito Francez commandado por *Massena.*

Em 1811 correo a 31, depois a 24, (então evacuou *Massena*) a 19, a 17. e a 25. Em 1812 a 25, 22, 24, 26 e meio, 28, 28 e meio, e 28. As perturbações causadas pela presença do inimigo tinhão produzido confusão, e desordem nos rendimentos applicados para a amortisaçao : o Governo por *Portaria de 23 de março* mandou restabelecer a antiga ordem, e continuar o pagamento dos juros, e amortisação, offerecendo aos crédores de juros preteritos das apolices grandes, que não quizessem esperar pelos seus pagamentos nos prazos declarados na mesma *Portaria*, convertellos em novos titulos de divida com juro, não sendo de quantias menores de cincoenta mil reis.

Em 1813 correo a 28 e meio, 29, 28 e meio, 27 e tres quartos, 28, 26 e meio, 27, e 26. Em 1814 a 27, 25 e meio, 23, 21, 19, 17. 15, 14, 14 e meio. Restabelecida a paz em toda a Europa, as variações tem sido menos sensiveis, e a perda se tem conservado commummente desde 15 até 18.

Confio na exactidão de quem me forneceo a nota das variações do papel moeda, que não haverá nella grandes differenças; mas sendo de origem particular (nem eu sei que haja documento publico, d'onde se possa extrahir authentica) não he para merecer fé em juizo. Quando são neces-

sarios estes conhecimentos para actos publicos, tem-se introduzido mandar attestar os rebatedores: tentei dar huma tabella exacta, recorrendo a estas fontes; mas desisti do projecto, por conhecer a impossibilidade; porque como este commercio começou por homens volantes, não ha estes subsidios, senão desde que se estabelecêrão lojas, ou casas de cambio com escripturação regular; e ainda desde esse tempo não podem ser de exactidão rigorosa pela mobilidade dos valores. Não he raro haver muitas variações em hum só dia, e na mesma praça, e até trocar-se por differentes preços á mesma hora em differentes casas.

Os primeiros rebatedores forão olhados como usurarios, e inspiravão odio: com tudo deve-se em grande parte á sua multiplicação, e concurrencia o manter-se huma especie de equilibrio nas variações do papel, e huma barreira contra a oppressão dos verdadeiros usurarios. He huma utilidade relativa, supposta a existencia de hum papel, que corre com perda, porém hum mal absoluto; porque nesse aggio se empregão improductivamente para a nação fundos, que applicando-se a outros generos de industria, produzirião interesses reaes. E são tanto maiores as sommas, que nelle se empregão, quanto mais o seu lucro, proporcionado á rapidez de huma circulação, que move muitas vezes por dia a mesma quantidade, convida os capitalistas a darem esta direcção aos seus fundos, que as perdas, e a situação precaria do commercio affastão de outras especulações.

Em todos os paizes, onde circula papel com perda, observa-se huma circulação muito activa, que cresce á proporção do discredito: Todos querem desfazer-se do papel, que onde chega parece que escalda; mas como os objectos não augmen-

tão de valor por mudarem muitas vezes de possuidor, esta circulação forçada não indica prosperidade de commercio, ou de industria; pelo contrario he hum movimento febril, que attenua o corpo do Estado: molestia geralmente conhecida, mas de que o remedio não he facil. Seria tão efficaz, como prompto, o tirar da circulação o papel; mas se faltão os meios, para que havemos de aconselhar impossiveis? Seria o mesmo que dizer a hum entrevado, que caminhe. Resta-nos hum meio, que he prosegnir constante, e invariavelmente no systema da amortisação progressiva, o qual deve produzir effeitos tanto mais saudaveis, e maravilhosos, quanto mais o publico se convencer, que nelle se não afrôxa, como fica dito sobre a reducção da divida publica, de que o papel moeda se deve considerar como huma parte. Não ha outro caminho senão este, e o da bancarrota.

Com effeito os movimentos geraes, que por toda a parte se observão para alliviar o pezo da divida publica, encaminhão-se particularmente a diminuir o do papel moeda. Nos Estados Unidos da America ordenou-se, que nenhum papel de banco sería admittido em pagamento de direitos, e impostos, menos que o banco estivesse preparado para o pagar em moeda metalica, logo que fosse requerido, e recebesse ao par as notas do thesouro. Os papeis publicos contão maravilhas dos planos propostos na Russia pelo Ministro das finanças *Von Garzew*, do Conde *Stadion* na Austria, e de *Won-Bullow* na Prussia, onde se diz ter-se restaurado ao par o papel moeda de Westphalia, que a ultima guerra tinha feito cahir a hum terço somente do seu valor. He necessario conhecer a natureza destas medidas, de que o tempo mostrará o effeito.

Planos, e projectos de varios bancos.

HE muito usual em finanças, quando falta o credito, procurar restabelecello pela organização de hum novo credito. He por isso que temos visto formar tantos bancos, e tantas caixas de desconto, que pela maior parte tem naufragado, e ainda vemos traçar novos projectos com as vistas de melhorar as finanças, e ao mesmo tempo o commercio. Tal he o novo banco dos Estados-Unidos da America em N. York, que os papeis publicos annuncião que chegará mui breve a hum fundo de vinte e oito milhões de dollars. Tal o banco nacional Austriaco, cuja natureza deve ser conhecida pelas suas relações com a divida publica, e papel moeda. Transcrevo hum extracto do diploma da sua creação, tal como se acha em hum dos periodicos Portuguezes, que se imprimem em Londres.

"O banco será denominado *banco nacional* " *Austriaco privilegiado.* Começará as suas opera- " ções, logo que se tiver tomado sufficiente numero " de acções; e até aquelle periodo fará as suas " transacções, começando no primeiro de julho, " (de 1816) trocando as notas por acções; e será " conduzido por huma Direcção provisional. Para " este fim se escolherão d'entre a deputação para " a extinção do papel moeda, e d'entre os prin- " cipaes negociantes, e banqueiros, oito Directo- " res provisionaes do banco, cujo officio será fazer " todas as preparações necessarias para o seu com-

" pleto estabelecimento. Esta Direcção provisio-
" nal se corresponderá immediatamente com o Mi-
" nistro das finanças, e, pelo que respeita á extin-
" ção das notas, dirigirá o banco, até que se te-
" nhão tomado mil acções; sendo a somma de ca-
" da huma dous mil florins em papel moeda, e du-
" zentos florins em dinheiro da convenção.

" Logo que estiver completo o numero de ac-
" ções, o banco ficará sendo propriedade dos pos-
" suidores das acções, e começarão as operações,
" a que elle he destinado como banco priviligiado.
" Os ditos accionistas nomearão d' entre si hum
" *comité* de cincoenta membros, que juntamente
" com os Directores provisionaes do banco, e com-
" missarios, que nós houvermos de nomear, esbo-
" çarão hum systema completo de regulamentos
" para o banco, o qual será submettido á nossa
" approvação.

" O banco terá authoridade para estabelecer
" em qualquer parte da monarquia, que julgar
" conveniente, ramificações do mesmo banco; e
" nenhum outro banco além deste privilegiado po-
" derá obrar como banco de cambio.

" O banco circulará notas pagaveis ao porta-
" dor de cinco, dez, cincoenta, cem, e mil florins,
" que serão pagas, quando forem apresentadas,
" em dinheiro da convenção; sendo porém as di-
" tas notas do banco declaradas reconhecido modo
" de pagamento, e favorecido pela lei. Mas nas
" transacções entre os individuos ninguem será
" obrigado a recebellas; e por outra parte serão
" usados em pagamento dos tributos do Estado,
" e os cobradores dos direitos as receberão como
" moeda corrente.

" O papel moeda, que for entrando no banco
" por acções, não tornará em caso algum a ser

" posto em circulação; mas sim de tempos a tempos
" será queimado na presença de huma deputação
" dos accionistas, e dos commissarios que hemos
" de nomear; recebendo o banco da administração
" das finanças obrigações, que vencerão o juro de
" dous e meio por cento: e estes juros serão divi-
" didos como premio pelos accionistas.

" A moeda, que se pagar pelas acções, con-
" stituirá os fundos de hum banco de cambio, por
" meio do qual se descontarão as letras de cam-
" bio, e outros bilhetes commerciaes de casas de
" negocio bem abonadas: porém o banco não em-
" prestará dinheiro com hypothecas, até que este-
" jão em plena actividade as suas operações para
" a extinção do papel moeda, e dos cambios, e
" até que possua sufficiente somma de dinheiro
" corrente para ambos estes fins.

" O banco consistirá em cincoenta mil acções,
" cada huma das sommas acima especificadas, e
" continuará a receber subscripções, até que aquel-
" le numero esteja completo; e terá o direito ex-
" clusivo de preparar, e pôr em circulação as no-
" tas do banco, por cujo pagamento ficão respon-
" saveis, além de todo o dinheiro que se achar no
" banco, todas as minas da monarquia."

Em hum outro diploma do Imperador Austriaco pelo mesmo tempo se lê o seguinte: "Se
" algumas circumstancias extraordinarias exigirem
" despezas além dos recursos ordinarios do Esta-
" do, a administração da repartição das finanças
" tomará as medidas necessarias para cobrir as
" despezas por novos recursos, e meios extraordi-
" narios, sem introduzir em caso algum papel moe-
" da, que tenha circulação forçada.,,

O banco de Inglaterra, que se póde dizer que tem sido desde a sua fundação até o presente o

principal apoio do credito publico daquella nação, he bem conhecido, e até corre huma breve historia delle impressa em Portuguez.

O banco de Pariz, que sobrevive a tres caixas de desconto, que successivamente se estabelecêrão, e anniquilárão em França (1) tem menos relações com a divida publica. Consistem as suas operações 1.º em descontar letras de cambio, e outros effeitos de commercio á ordem, com prazos determinados, que não excedão a tres mezes, firmados pelo menos por tres assignaturas de commerciantes, ou outras pessoas de notorio credito.

2.º Em fazer adiantamentos sobre os effeitos publicos, que lhe forem entregues para cobrar, quando os seus prazos forem determinados.

3.º Em fazer adiantamentos sobre barras, ou moedas estrangeiras de ouro, e prata.

4.º Em huma caixa de depositos voluntarios, na qual se recebem effeitos publicos nacionaes, ou estrangeiros, titulos, acções, contractos de toda a especie, letras de cambio, bilhetes á ordem, ou ao portador, barras, ou moedas de ouro e prata nacionaes, ou estrangeiras, e diamantes, por hum direito de guarda sobre o valor estimativo do valor do deposito, que não exceda hum oitavo

---

(1) Huma estabelecida em 1767, e supprimida em 1769; outra estabelecida no ministerio de *Turgot* em 1776, que durou até 1790, e foi utilissima, a cujo respeito pode ver-se *Necker Compte Rendu au Roi pag. m.* 24; terceira no tempo da revolução, que foi incorporada no banco de França. Além destas tres caixas houverão varios outros estabelecimentos de bancos com differentes denominações. *V. Diction. Univ. de Comm.* nos artigos *Banque*, e *Caisse de credit. Dict. Univers. de la Geograph. Commerc. de Peuchet*, e a *Encyclopedia method* nas partes do *commercio,* e das *finanças*, nos artigos correspondentes.

de 1 por 100 por cada periodo de seis mezes, ou menos.

5.º Em se encarregar por conta dos particulares, e dos estabelecimentos publicos da cobrança dos effeitos, que lhe são entreges.

6.º Em receber por conta corrente as sommas, com que nelle entrarem os particulares, ou os estabelecimentos publicos, e em pagar as disposições feitas sobre elle, e as obrigações tomadas no seu domicilio, até á concorrencia das sommas em caixa.

Os famosos bancos de Hamburgo, de Veneza, de Napoles, e tantos outros que florecêrão por largo tempo nas mais ricas praças da Europa, não puderão resistir ás revoluções, e aos saques; mas encontrão-se a cada passo as suas instituições nos diccionarios, e nas Obras de commercio, e de finanças. E como do ajuntamento destes materiaes se podem tirar muitas cousas uteis, pode tambem ver-se o projecto de hum banco politico, e commercial, proposto pelo A. do *Ensaio sobre o credito commercial considerado como meio da circulação*, e copiado por *J. Bosc.* (1)

Os Estados, que repartem pelas mais nações o ouro, e a prata da America, devião ser os ultimos no estabelecimento dos bancos de circulação; e assim aconteceo. Desde os tempos de *Carlos V.*, e *Filippe II.* se pensou em Hespanha no estabelecimento de hum banco nacional, para auxiliar o Estado nas suas urgencias, e o commercio nas suas operações. As Cortes de 1617 o pedírão, e *Filippe IV.* ordenou a sua creação em 1621; alguns magistrados, e corporações do reino repetí-

(1) *Considerations sur l'accumulation des capitaux pag. m.* 66.

rão a este respeito representações aos Monarcas Hespanhoes; porém sómente em 1782 se estabeleceo o banco nacional de *S. Carlos* em Madrid, segundo hum plano de *D. Francisco Cabarrus*, examinado por ordem de *Carlos III.* em huma junta de 24 homens, por elle escôlhidos d'entre os da sua maior confiança.

O primeiro objecto da instituição deste banco, e das suas operações consiste em huma caixa geral de desconto das letras de cambio, bilhetes, e vales da thesouraria Real, que se lhe apresentarem; mas sem privilégio exclusivo, ficando na liberdade dos portadores destas especies de papel, negociallas onde quizerem.

2.º Tomar sobre si a administração dos fornecimentos do exercito, e da marinha dentro e fóra do reino. Para este fim empenhou o Rei a sua palavra, que por espaço do 20 annos, pelo menos, encarregaria o banco do provimento do exercito, e das esquadras, e do fardamento das tropas de terra na Hespanha e nas Indias; o que se faria no principio por administração, com o beneficio de 10 por 100.

3.º Em fazer o pagamento das obrigações da Corôa nos paizes estrangeiros, com 1 por 100 de commissão. (1)

Por aqui se vê, que o fim primario, que se teve em vista na instituição deste banco, foi melhorar as finanças, e acreditar o papel moeda; ao que parece ter correspondido o effeito; porque as suas operações chegárão a reduzir ao par os vales Reaes. Por commissão particular se lhe annexárão

---

(1) Pode ver-se a cedula da sua approvação no *Diction. Univers. de comm.* art. *Banque d'Espagne;* e no de *Peuchet* art. *Espagne.*

outras emprezas de grande utilidade publica, como as dos canaes do Guadarrama, e do Mançanares. (1) Os acontecimentos publicos da monarquia tudo transtornárão; porém do meio das suas ruinas resuscitou de novo o banco, e está exercitando utilmente as suas funções, cooperando com o Rei para tirar do descredito os valles, que tinhão chegado a perder quasi a totalidade do seu valor.

Não sei que em Portugal se cogitasse seriamente do estabelecimento de hum banco publico até o anno de 1800. Por este tempo agitárão-se dous planos, o do banco Real de Lisboa, e o do banco de Portugal: nenhum delles chegou a realizar-se, posto que o primeiro corre impresso. Alguns annos depois forão reviver estas idéas em differente hemisferio, dando origem ao banco do Brazil, cuja instituição existe no *Alvará de* 12 *de outubro de* 1808, e o qual está exercitando as suas operações com vantagem, e crédito na nova capital do Reino Unido. Quem diria, que no paiz do ouro havia de ter principio o primeiro banco nacional de circulação!

O banco Real de Lisboa, segundo o plano, devia principiar por hum fundo de quatro milhões de cruzados, ametade em moeda metalica, e ametade em apolices, dividido em duas mil acções de 800$000 rs. cada huma; e seria regido por hum Presidente, e doze deputados, escolhidos annual, ou triennalmente pelos accionistas, a quem sómente serião responsaveis pela sua conducta.

Receberia do Real Erario dous milhões de cruzados em diamantes, que teria a commissão de

---

(1) Veja-se *Alonso Ortiz* no seu *Ensayo sobre o papel moeda*, e na tradução da obra de *Smith supplemento ao tom. II.*

vender peló premio, que se arbitrasse, até serem realizados; ficando o seu valor por encontro das sommas, que tivesse adiantado á Fazenda Real, ou para se empregar em resgate das apolices pequenas, augmentando o seu fundo com o mesmo capital, e com a sua renda.

Teria faculdade de emittir bilhetes de banco pagaveis á vista, dos quaes adiantaria á Real Fazenda quatro milhões de cruzados pelo premio ou juro de 5 por 100; e serião recebidos os ditos bilhetes, como dinheiro effectivo, em todas as casas de arrecadação, e cofres Reaes.

Teria igualmente a faculdade de fazer todas as operações de banco praticadas nas praças estrangeiras; podendo para esse effeito transportar o dinheiro metalico, que lhe parecesse, sem pagar cousa alguma ao Estado.

Seria encarregado de satisfazer em epocas fixas todos os ramos da divida Real; para o que receberia os fundos necessarios, como tambem huma somma de quatro centos e setenta cruzados, por cada milhão de capital, para as despezas do estabelecimento.

Poderia descontar letras de cambio seguras com endossos de duas firmas de negociantes acreditados; mas nunca a premio maior do que 5 por 100.

De todo o dinheiro, que adiantasse ao Estado sobre alguma das suas rendas voluntariamente, mas cobraveis dentro de anno, ou de qualquer desembolso no pagamento dos juros, havendo alguma demora, receberia 3 por 100 ao anno.

Descontaria a 5 por 100 todo o papel da Real Fazenda, que lhe fosse possivel, e conveniente.

Teria contas abertas com todos os negociantes, que quizessem depositar no banco os seus fun-

dos, pagando a commissão de . . . e receberia igualmente como em deposito, ou a titulo de emprestimo qualquer dinheiro, que os particulares lhe entregassem, a . . . por 100.

Nenhuma corporação de negociantes de mais de seis pessoas poderia fazer o commercio de outro qualquer banco.

Os bilhetes de banco serião de diversos valores; mas nenhum de 15$000 rs. para baixo.

Para ser Presidente da Junta encarregada de reger o banco, seria necessario ter ao menos vinte acções, e para ser Deputado ter dez.

Os negociantes estrangeiros serião admittidos, residindo em Lisboa; e poderião ser Deputados, e até Presidentes, tendo-se primeiro naturalizado.

O projecto do banco de Portugal foi apresentado por dez negociantes de Lisboa, que se offerecião ao seu estabelecimento, com humas condições, que devião ser publicas, e outras secretas. Referirei sómente as principaes.

O banco teria hum fundo de dez milhões de cruzados, divididos em acções de 480$000 rs. cada huma; porém os accionistas entrarião sómente com a decima parte dos fundos, ametade em dinheiro de metal, e outra ametade em papel moeda; e receberião 5 por 100 ao anno de juro de todas as quantias effectivamente entradas, além do outro juro do Estado, pelo que respeita ás quantias em papel moeda.

Os outros 9 decimos das acções devião converter-se em bilhetes de banco, para circularem á vontade das partes; e a que serião responsaveis os Directores, e os accionistas.

As operações do banco consistirião no desconto das letras de cambio, e bilhetes de commer-

cio, receber o valor dos effeitos, que lhe fossem remettidos, (assim diz a segunda das condições publicas; porém a sexta tambem diz = Ao banco he prohibido toda a casta de commercio outro que papel, ou dinheiro =) e adiantar fundos sobre a cobrança destes mesmos effeitos; adiantar pagamentos ás pessoas, que tivessem fundos no banco, até a quantia destes; tomar, e dar dinheiro a juro; fazer retornos para as provincias das quantias, que para isso lhe fossem entregues; e abrir contas correntes com os negociantes, fabricantes, ou mercadores notoriamente acreditados, para fazer valer os seus fundos, quando elles os tivessem, e de que se não servissem logo, e fornecer-lhes quantias de banco, quando as precisassem. Porém a septima das condições particulares diz expressamente =Nenhum negociante poderá ter conta corrente aberta nos livros do banco, se elle não he accionista. =

No caso de fallencia, ou quebra dos accionistas, que fossem devedores ao banco, teria este preferencia a todos os mais crédores, e guardaria as acções para o seu pagamento, até á quantia devida ao banco em conta corrente.

Devia o banco ser regido por dez Directores; e havião muitas outras condições relativas ao seu governo economico. Além disso pedião os negociantes, que apresentárão o projecto, em huma representação separada, que aos accionistas, que tivessem duzentas acções, se concedesse o foro de fidalgo em recompensa do seu patriotismo.

Ha mil modélos de differentes bancos, e não ha senão aproveitar delles o que for mais apropriado aqualquer paiz, em que se queira estabelecer hum novo banco. Elles reunem operações de naturezas mui differentes: se não convém em t oda a

parte os de circulação, convirão os de deposito, os de emprestimo, os de economia, ou os mixtos.

Bancos de emprestimo.

Logo que os homens se constituírão em sociedade, era necessario que recorressem ao uso da permutação, não podendo cada hum de per si satisfazer a todas as suas precisões, nem obter os objectos do seu necessario consumo, sem a concorrencia de outros homens. Mas a permutação não era bastante; porque havia de acontecer a cada passo, que hum homem não tivesse hum excedente de generos quaesquer, para trocar por aquelles, de que precisava; e se o tinha, não serião esses os generos, que quereria o outro, com quem houvesse de contratar. Antes de inventada a moeda, que supprio em grande parte, mas não remediou em todo este embaraço, não havia meios de se tirar delle, senão o emprestimo, a doação, ou o furto. Para a doação nem sempre os homens estarião dispostos, o furto devia ser punido como hum crime, e por tanto havia de ser mui frequente o emprestimo, que, como a permutação, ha todo o fundamento para acreditar, que forão os contratos primittivos do genero humano.

Com os progressos da civilisação crescêrão as precisões humanas, variárão os usos da sociedade, e o emprestimo devia tomar differentes fórmas. Huma dellas foi o contrato feneraticio, ou o estabelecimento de hum premio pago em periodos cer-

tos, como aos mezes, ou aos annos, sobre as quantias emprestadas, em quanto não erão pagas; e desde os tempos mais antigos houve sempre homens nas nações cultas, que fizerão deste trafico de dar dinheiro a juro hum modo de vida, hum genero de commercio separado.

No tempo das guerras Punicas já o foro de Roma estava occupado com lojas, ou casas dos argentarios, que não erão senão huns banqueiros, que davão dinheiro a juro (1) Estes homens formavão huma especie de collegio, que mereceo muitas contemplações aos legisladores Romanos, *quia officium eorum atque ministerium publicam habet causam*, como se diz na l. 10 § 1 *Dig. de Edendo*. Que mereceo a mesma consideração na nova sede do imperio, vê-se pelo *Edicto VII. IX.* do Imperador *Justiniano*, e pela *Novella CXXXVI*, além de outros lugares parallelos das leis Romanas, onde se reconhece a sua utilidade. Mas em contraposição se encontrão tambem a cada passo clamores geraes contra os usurarios, tanto nos escritos dos Filosofos, e dos Theologos, como nas proprias leis: o que não admira, nem envolve con-

---

(1) Estando *Annibal* com o seu exercito ás portas de Roma, foi vendido nesta cidade o proprio campo, onde elle estava abarracado, pelo seu justo valor, como se não estivesse em poder do inimigo. Annibal picado deste acto, que mostrava bem a confiança, e tranquillidade dos Romanos em momentos de tão grande aperto, mandou pôr a lanços, pela voz do pregoeiro as lojas dos argentarios que estavão á roda do foro de Roma. *Tito Livio Liv. XXVI. Horacio*, este grande pintor dos costumes do seu tempo, mostra em hum só verso das suas satyras, repetido na carta aos Pisões, que os Romanos costumavão collocar huma parte das suas fortunas neste commercio.

Dives agris, dives positis in fœnore nummis.

Liv. I. sat. II. v. 13. *Art. Poert. v.* 421.

tradicção; porque he tão louvavel aquelle, que, mediante hum interesse moderado, presta capitaes, ou ao necessitado, que com este pequeno sacrificio se resgata de grandes precisões, ou ao artista, e ao commerciante, que os empregão em objectos de maior lucro; como abominavel o que se aproveita das tristes circumstancias de hum desgraçado, para o vexar com usuras oppressivas.

Não admira que da Sé de Roma, e dos Concilios tenhão manado tantas constituições contra os perversos usurarios: nada era mais proprio dos ministros de huma religião, que he toda fundada sobre a caridade. Das mesmas fontes manárão tambem os decretos, que authorizárão os montes de piedade, estabelecimentos utilissimos, onde se emprestava dinheiro sobre penhores, e com hum juro mui pequeno, para soccorro dos indigentes, e que elles mesmos servião de freio para reprimir os usurarios. Principiárão na Italia, e em ponto pequeno; depois crescêrão, e se propagárão por toda a Europa, erigindo-se em bancos regulares.

O primeiro estabelecimento desta natureza, que se cita, he o de Padua, erigido pelos fins do seculo XV, e aprovado depois pelo Papa *Leão X*; mas parece que ja tinha havido outros de menor importancia. Os Padres do *Concilio Latarenense V. geral* aprovárão os montes de piedade, e o de *Trento* falla nelles com louvor, proferindo anathema contra os que usurparem a sua jurisdicção, ou invadirem as suas rendas, e bens. (1) No seculo XVI. fizerão-se numerosos, avantajando-se entre os mais o de *S. Jorge* em Genova. Da mesma Italia sahírão tambem traficantes, geralmente conhe-

(1) *Sess. XXII. da Reform. cap. XI.*

cidos pelo nome de Lombardos, que exercitárão por muito tempo este commercio, porem sómente com o espirito do ganho, em França, Alemanha, Paizes Baixos, &c. deixando perpetuada a sua memoria na rua dos Lombardos em Paris, e na praça do Lombardo em Amsterdão; e daqui vem o chamar-se ainda hoje *lombardo* esta operação dos bancos, que dão dinheiro a juro. Entre nós he muito usual este modo de collocar os seus fundos, e tirar delles interesse; o que não só praticão os particulares, principalmente nas provincias, onde ha pouco commercio, e poucos estabelecimentos fabris, em que se empreguem grandes capitaes, mas tambem as misericordias, confrarias, e hospitaes. Até temos huma ordem de religiosos mendicantes, que se fez celebre pelo trafico que exercitava de tomar e dar dinheiro a juro; erão verdadeiramente operações de banco.

Introdnzirão-se abusos nestas instituições, nem podia deixar de ser, huma vez que de estabelecimentos de piedade degenerárão em objectos de lucro. Com tudo a operação do lombardo, sendo bem regulada, he inquestionavelmente huma das mais uteis, que podem reunir os bancos, para fomento da agricultura, e da industria de qualquer paiz. He por ella que se distinguio o banco de Amsterdão. Alguns da Italia, ao mesmo tempo que se enriquecião, fazião circular grandes cabedaes; como em Napoles o *Monte di pietá*, que até o tempo da revolução tinha 80$000 ducados de valor em penhores, e mais de 640$000 em circulação, havendo mais cinco bancos na mesma cidade todos ricos, e de que sómente hum tinha fallido, que foi o da *Annunciada*. (1) O de Dinamarca estabeleci-

(1) *Diction. univ. de la Geograph. Commerc. art. Naples.*

do em 1736, emprestando a 4 por 100, fez descer a esta taxa o interesse do dinheiro, que era naquelle reino a 5, e a 6. Sobre tudo a Escossia, onde se tem vulgarizado muito esta especie de bancos, he o paiz onde se tem deixado ver os seus beneficos effeitos.

O Rei da Prussia, depois da guerra de 7 annos, estabeleceo hum banco em Berlim, por meio de cujas operações conseguio restabelecer o crédito publico; sendo huma dellas a do lombardo, que como elle mesmo diz, (1) foi hum dos bons recursos, para restaurar a agricultura, e as manufacturas de hum paiz, que a guerra tinha reduzido a hum monte de ruinas. E porque não recorreremos nós ao mesmo expediente, achando-nos em huma situação tão semelhante á dos Estados Prussianos naquella epoca? Porque não imitaremos os Escossezes, que por este meio fizerão florecer as suas fabricas, e cultivar os seus campos?

Quando em 1814 o nosso paiz foi evacuado de tropas estrangeiras, ficámos com o reino assolado; mas com huma grande massa de numerario, que as mesmas tropas, e os subsidios de Inglaterra tinhão accumulado nas nossas provincias. Então era o momento de procurarmos dar-lhe emprego. Abrisse-se hum banco de emprestimo com condições racionaveis, ver-se-hião as povoações queimadas levantar-se das suas ruinas, cultivarem-se os campos, reanimar-se a industria. Era o momento de fazer abaixar o interesse do dinheiro, de que tantos beneficios devião resultar á nação. Mas sempre he tempo para promover os estabelecimentos de reconhecida utilidade publica. E se não ti-

(1) Veja-se o *I. tomo* desta Obra *pag.* 63.

vemos bancos, que emprestassem dinheiro, houve montes de piedade, ou depositos estabelecidos pelo Governo, onde os lavradores das terras destruidas acharão adiantadas as sementes, e outros recursos para renovarem a lavoura.

Bancos de Economia.

Ha huma outra especie de bancos de invenção recente, cuja utilidade he não menos notoria, e que a nenhum paiz podem deixar de convir: os Inglezes lhes chamão *Saving bank*; e eu lhes darei o nome de *banco de economia*. Nenhum he mais proprio para introduzir o espirito de economia na numerosa classe dos lavradores, artistas, e operarios; e nenhum ha por tanto, que mais estimule a industria. Devem o seu estabelecimento, ou a sua perfeição a *Rose*, e tem feito extensos progressos por toda a Gram-Bretanha. Creio que ja vão correndo por outros paizes; porque vejo annunciada em papeis publicos huma caixa economica estabelecida na Suissa, destinada a receber as mais pequenas parcellas (até o valor de 240 rs.) a render, dos artistas, jornaleiros, criados, e pessoas pouco abastadas da socciedade; o que me parece ser a mesma cousa que os *Savings banks* dos Inglezes.

Para dar bem a conhecer este genero de estabelecimentos, copiarei a instituição respectiva á cidade de Londres, e suas visinhanças.

" *Instituição providente para os poupados na ci-*
" *dade de Londres, e suas visinhanças.*

" 1.° O *Bjecto da instituição.* He necessario
" estabelecer-se huma instituição para a cidade de
" Londres e suas visinhanças, a fim de se receberem
" alli, debaixo da segurança do Governo, as peque-
" nas sommas, que cada hum poder poupar dos
" seus jornaes ou soldadas, como mercadores, me-
" canicos, ou artistas, trabalhadores, criados, e
" outros semelhantes; e de facilitar ás pessoas
" industriosas a vantagem de segurança, e inte-
" resse.

" 2.° *Descripção.* Esta sociedade será deno-
" minada *Instituição providente para os poupados*
na cidade de Londres, e suas visinhanças.

" 3.° *Administração.* Esta instituição será diri-
" gida por hum Presidente, Vice-Presidente, Re-
" cebedores, e não menos de cincoenta outros Ad-
" ministradores, que entre si elegerão hum The-
" soureiro, e hum Secretario.

" 4.° *Eleição.* Os Administradores serão au-
" thorizados para augmentar o seu numero, e
" preencher a votos qualquer vacancia, que possa
" haver na sua corporação, ou no numero dos re-
" cebedores, e outros officiaes. Quatro quintos do
" seu numero estando presentes, poderão fazer to-
" das as novas nomeações.

" 5.° *Situações.* Para conveniencia dos depo-
" sitantes a Delegação estabeleçerá casas para se

" receberem os depositos nos tempos, e lugares da
" cidade de Londres, e suas visinhanças, que jul-
" gar mais conveniente, em cada hum dos quaes
" assitirá hum Administador, para o fim de rece-
" ber os depositos, e conduzir os negocios concer-
" nentes ao estabelecimento.

" 6.º *Pequenos depositos.* Receber-se-hão de-
" positos não menos de hum shelim; porém não
" terão direito ao interesse, até que o seu fundo
" chegue á somma sufficiente para comprar huma
" libra esterlina nos fundos.

" 7.º *Segurança do Governo.* Todos os deposi-
" tos terão a segurança do Governo; e serão assi-
" gnados não menos que por tres dos Recebedores.

" 8.º *Dividendos.* Todos os proprietarios da
" somma de huma, ou mais libras nos fundos pode-
" rão receber de seis em seis mezes ametade do di-
" videndo, ou juro de cada anno, na ultima segun-
" da feira do mez, em que semelhante dividendo se
" receber no banco, ou nas seguintes: todos os di-
" videndos, que se não vierem cobrar no tempo que
" se fará publico, e antes de se concluir o balan-
" ço do banco de Inglaterra, serão incorporados á
" somma depositada do proprietario, para este re-
" ceber dalli por diante o interesse correspondente.

" 9.º *Reserva.* Sendo esta instituição estabele-
" cida para propria manutenção, o dividendo pa-
" go aos proprietarios dos fundos será de cinco
" sextas partes do que produzirem os mesmos fun-
" dos, que alli tiverem depositados, e a restante
" sexta parte ficará para pagar as despezas desta
" instituição.

" 10. *Divisão do interesse reservado.* O que so-
" bejar da sexta parte do dividendo reservada,
" depois de pagas as necessarias despezas, se dis-
" tribuirá de tempos a tempos pelos depositantes,

" por aquelle modo, que os Administradores jul-
" garem mais util á instituição.

" 11. *Nenhuns emolumentos.* Os depositarios,
" e Administradores desta instituição não poderão
" jámais receber emolumento algum dahi resul-
" tante.

" 12. *Duplicado.* Dar-se-ha entrada dos depo-
" sitos em hum livro, logo que se fizerem, e os de-
" positantes receberão hum documento duplicado
" desta entrada, o qual trarão á casa todas as ve-
" zes, que para alli entrarem com qualquer outra
" quantia, ou receberem alguma somma ou inte-
" resse, para que esta transacção seja regularmen-
" te entrada.

" 13. *Assignatura das regras.* Quando se fizer
" o primeiro deposito, será requerido o depositan-
" te, para assignar os regulamentos desta institui-
" ção.

" 14. *Remessa dos depositos.* Qualquer deposi-
" tante poderá remetter seus depositos á casa por
" hum amigo, tendo com antecedencia subscrevi-
" do os regulamentos da instituição.

" 15. *Cobrança dos depositos.* Qualquer depo-
" sitante poderá receber, fazendo antecipada par-
" ticipação, todo ou parte do seu deposito, que
" não tiver entrado nos fundos, em qualquer dia
" designado pelos Administradores, que não ex-
" cederá a quatorze desde o da noticia, e igual-
" mente dos seus depositos nos fundos, se o livro
" das transferencias do banco estiver aberto; e se
" estiver fechado, em algum dia designado pelos
" Administradores.

" 16. *Plano de juros.* Dar-se-ha hum plano a
" cada hum dos depositantes, pelo qual possa ver
" exactamente quanto custará huma ou mais li-
" bras nos fundos pelos differentes preços, que ju-

" ro lhe corresponde em cada seis mezes, abatida
" a sexta parte para as despezas, como fica dito
" no artigo 9.º

" 17. *Orfãos, e ausentes*, Receber-se-hão depo-
" sitos de qualquer orfão, ou pessoa enferma, ou
" ausente, segundo as formas a diante prescriptas.

,, 18. *Retorno dos depositos.* Os Administrado-
" res são authorizados para fazerem voltar a seus
" donos toda a importancia, ou parte dos seus de-
" positos, dando-lhes noticia dous mezes antes; as-
" sim como para rejeitarem depositos, quando jul-
" garem conveniente.

" 19. *Transferencias.* Nenhuma somma de di-
" nheiro depositado poderá ser transferida, nem
" alguma pessoa, excepto o depositante, ou quem
" vier por elle legalmente authorizado por escripto,
" poderá receber deposito algum ou dividendo.

" 20. *No caso de fallecimento.* Por morte de
" algum dos depositantes os seus herdeiros serão
" obrigados a apresentar aos Administradores em
" huma das suas juntas mensaes certidão do testa-
" mento, ou letras de administração, para mostrar
" a quem se devão pagar os fundos, que perten-
" cião ao fallecido ; e excedendo estes a dez libras
" esterlinas, serão divididos dentro de hum anno
" depois da sua morte entre sua mulher, e seus fi-
" lhos, ou seus herdeiros, segundo as regras, e
" regulamento do estatuto da distribuição. Porém
" se os fundos, ou dinheiro não excederem a dez
" libras, então serão divididos pela mulher, e fi-
" lhos, ou proximos herdeiros do fallecido nas par-
" tes, e proporções, que os Administadores julga-
" rem proprio. Mas não havendo reclamação, ou
" petição por parte da mulher, filhos, ou herdei-
" ros do depositante fallecido (ou a somma dos fun-
" dos exceda, ou não a dez libras) por espaço de

"sete annos contados desde a sua morte, estes
"fundos, ou dinheiros assim não reclamados fica-
"rão pertencendo á instituição. Se forem differen-
"tes pessoas a reclamar o receberem estes fundos,
"ou dinheiro, ou houver duvida sobre a pessoa,
"a quem se deva pagar, decidir-se-ha por senten-
"ça do *Attorney* geral de Sua Magestade, ou do
"Solicitador geral, que então for, a qual será de-
"cisiva para todas as partes interessadas; e o di-
"nheiro, que resultar da venda dos fundos, será
"pago á pessoa ou pessoas, a quem for julgado
"que pertence, deduzidas as custas, e despezas
"da sentença. E com este pagamento assim feito
"os depositarios ficarão desobrigados para sem-
"pre, e plenamente desonerados de qualquer re-
"clamação, e petição, que possa fazer-se a respei-
"to dos ditos fundos, ou dinheiro, ou pagamento.

"21. *Novas regras, ou alterações.* Os Adminis-
"tradores serão authorizados para fazerem quaes-
"quer outros regulamentos, e alterações destes já
"feitos, que julgarem necessarios a beneficio da
"instituição, com tanto que não sejão contrarios
"ao espirito destes regulamentos.

"22. *Juntas mensaes dos Administradores.* Ha-
"verá juntas geraes dos Administradores nas se-
"gundas quartas feiras de cada mez á huma hora,
"para se examinarem as contas, e expedirem ou-
"tros negocios. Juntas especiaes se farão todas as
"vezes que o requererem o Presidente, Vice-Pre-
"sidente, dous depositarios, ou dez dos outros
"Administradores.

"23. *Juntas annuaes.* Haverá huma junta an-
"nual geral dos Directores da instituição na se-
"gunda quarta feira do mez de junho, para se re-
"ceber a exposição da delegação, *(committé)* pa-

"ra a eleição dos officiaes, e outros negocios; pa-
"ra a qual se farão avisos quatro dias antes.

"24. *Delegação.* Huma delegação de não me-
"nos de dez Administradores será nomeada para
"a superintendencia dos negocios geraes, e cor-
"respondencias da instituição, com authoridade
"para augmentar o seu numero, e encher as va-
"cancias. Farão juntas nas primeiras segundas
"feiras de todos os mezes, ou mais a miudo se
"for necessario; devendo haver a concorrencia de
"tres, que farão regularmente a sua exposição nas
"juntas mensaes.

"25. *Leis annexas.* Serão adoptadas as leis an-
"nexas, com quaesquer modificações, que sejão
"suggeridas pelos subdelegados.

Leis annexas.

"No caso de algum depositante perder o seu
"titulo, deve participallo á casa dentro de hum
"mez, e receberá hum novo titulo contendo hum
"duplicado da sua conta, de que pagará hum
"shelim."

Letras de Cambio.

De todas as especies de papel, que andão em giro, nenhuma he mais util ao commercio que as letras de cambio. Attribue-se vulgarmente a sua origem aos Judeos, que perseguidos por toda a christandade no tempo das cruzadas, e obrigados a emigrar, tendo abraçado com as suas especulações commerciaes a Europa, e huma parte da Asia, se valêrão deste arbitrio, para transportarem os seus fundos com facilidade, e segurança de huns para outros paizes. Da mesma sorte praticárão os Gibelinos expulsos da Italia pela facção dos Guelfos, e refugiados em Amsterdão. Os extraordinarios privilegios, que por toda a parte se tem concedido ás letras de cambio, augmentão a confiança que nellas se tem, com preferencia a quaesquer outras obrigações. *Smith* (1) attribue estes privilegios aos costumes, que se introduzírão entre os commerciantes nos seculos passados, quando as barbaras leis da Europa não davão força, nem authoridade aos seus contratos; he porém natural o pensar que concorreo muito o conhecimento, que adquirírão todos os legisladores da sua grande utilidade.

São meras promessas de pagamento, ou á vista, ou mais ordinariamente a prazos; mas nisso

(1) *Liv. II. Cap. II. Sect. III.*

mesmo consiste a sua vantagem: porque, sem terem giro forçado, nem augmentarem a massa do numerario, accelerão prodigiosamente a circulação, e facilitão as commutações. Negocêão-se a arbitrio das partes, e he com ellas que se faz a maior parte das transacções em grande, principalmente nas praças estrangeiras, onde as outras especies de papel não tem valor. Quanto mais girão, maior solidez adquirem; porque todos os endossantes se vão fazendo responsaveis ao pagamento, subsistindo sempre a obrigação do passador, e do acceitante. A mesma qualidade de serem pagas ao portador em differente lugar muitas vezes lhes augmenta o valor, segundo o estado dos cambios.

Com letras sobre Inglaterra, e de Inglaterra sobre Bengala, e outras praças orientaes, he que Portugal está fazendo o commercio da Asia: póde fazer-se o de todo o mundo commerciante por meio de hum jogo de letras entre as diversas praças da Europa. He pois com razão que este genero de papel, incomparavelmente superior ao dinheiro na facilidade e rapidez do transporte, sem risco, e sem despezas, se deve considerar como hum dos principaes motores, que dão impulso ao commercio, multiplicando ao infinito as suas operações, e movem huma massa enorme de productos da terra, e do trabalho.

Ha huma especie de letras pagaveis á ordem, passadas por hum commerciante sobre outro da mesma praça, dadas e tomadas em pagamento de dividas, as quaes são geralmente conhecidas entre nós pelo nome de *letras da terra*. Haverá pouco mais de trinta annos, que se introduzírão na praça de Lisboa, (1) substituindo-se o seu uso ao de

(1) *Recordações de J. Ratton* §. 34.

simplices escritos de obrigação, os quaes não erão transferiveis, e quando se não pagavão nos seus devidos prazos, sómente erão exigiveis em juizo, e expostos ás interminaveis chicanas do foro. Estas letras, que ao principio se não julgavão cambiaveis, nem sujeitas á pratica dos protestos, o que causava grande embaraço no seu giro, e prejuizo ao commercio, estão igualadas ás letras de fóra pelo *Assento da Real Junta do Commercio de* 12 *de novembro de* 1789, confirmado pelo *Alvará de* 16 *de janeiro de* 1793.

Não ha cousa, de que se não possa abusar. Estas mesmas letras tem sido a causa de muitas quebras pela facilidade, com que se tem prestado nesta praça de negociante a negociante, e de mercador a mercador, para cobrir fortunas decadentes, que ellas não podem restabelecer. Hum commerciante acha-se em circumstancias de se arruinar; vale-se dos seus amigos, que lhe acceitão letras de favor, ou, como dizem, lhe emprestão as suas firmas, as quaes letras girão, e procurão na verdade hum soccorro momentaneo ao infeliz. Mas o que as acceita, e o que as desconta, raras vezes se sujeitão a estas operações arriscadas, sem exigirem seguranças, e interesses, com que se julguem seguros, e compensados; o que tudo vem a recahir sobre o primeiro; e se as suas circumstancias erão más, peiores ficão com este genero de negociação, que por si só era capaz de arruinallo. He difficil que estes fundos lhe preparem lucros, que, além de pagarem os premios, ou usuras, o restabeleção: segue-se a bancarrota, e os seus credores envolvem-se na ruina.

Algumas vezes saca o negociante sobre si mesmo; e outras ajustão-se dous aventureiros, que passão mutuamente letras hum sobre o outro,

procurando sacar dinheiro por circulação, que he o nome que dá *Smith* a esta operação. Taes traficancias são faceis de conhecer; porém muitas vezes logrão o seu effeito por algum tempo; sendo o alto preço dos descontos hum motivo para facilitar o giro das letras, e os curtos prazos dando huma certa confiança aos donos dellas. Para usar de huma comparação de *Smith:* esta casa está para arruinar-se, diz com sigo mesmo hum caminhante, porém será grande desgraça cahir esta noute; e aventura-se a alojar-se nella. He destas facilidades que tem resultado consideraveis bancarrotas, que proximamente temos visto em Lisboa, as quaes arrastárão grandes perdas, e abalárão esta praça.

E não he só nas bancarrotas que consiste o damno. Este genero de negociações tem huma pessima influencia no interesse do dinheiro, que faz levantar acima do seu nivel ordinario. Sería grande bem poderem-se evitar; porém nunca negando-se ás letras de favor a mesma força, e os mesmos effeitos de quaesquer outras; porque isto seria hum principio de confusão, de questões, e de incertezas no commercio, de que resultaria hum transtorno geral nos principios da Jurisprudencia mercantil, e o discredito, que he o maior de todos os males nas operações do commerciante.

Varios negociantes de Lisboa, que por terem passado semelhantes letras se virão comprehendidos em grandes perdas pelo anno de 1801, tentárão por meio de requerimentos ao Soberano, que se declarasse serem sómente responsaveis ao seu pagamento depois de extinctos os bens dos devedores, a quem tinhão emprestado as suas firmas. A Real Junta do Commercio, sendo mandada consultar, repellio esta pertenção como contraria a

todos os principios de justiça, e destructiva da ordem, e economia mercantil, não só na praça nacional, mas tambem nas estrangeiras, que estavão em relações com ella.

Complicárão-se na mesma consulta outros mais pontos, sendo hum delles a authorização de varias concordatas; e a este respeito disse o tribunal: "Na lista se encerrão os diversos requeri-
"mentos com as mesmas pertenções a respeito de
"letras, que tem vindo com *Avisos* para se con-
"sultarem: todos estão identicamente nas mesmas
"circumstancias de serem indeferidos absoluta-
"mente, excepto N. N. N., que apresentão, como
"N., concordatas assignadas pela maior parte de
"seus credores. Como a *Ordenação do reino* man-
"da, que concordando-se a maior parte dos cre-
"dores, a menor seja obrigada a acceder, não ha-
"vendo rebate: Parece ao tribunal, que por bem
"do commercio se digne Vossa Alteza Real
"authorizallo para compellir qualquer credor in-
"devidamente repugnante, a fim de evitar que so-
"bre esta materia se multipliquem pleitos tão per-
"niciosos aos litigantes, como ao commercio em
"geral."

Continúa o parecer do tribunal a respeito das letras: "A respeito das chamadas letras de favor,
"de que se faz o abuso provado pelas confissões
"de todos estes supplicantes fallidos; abuso, que
"póde destruir o credito da praça, e com elle o
"dos negociantes honrados, que fazem o seu es-
"plendor; o tribual não póde deixar de represen-
"tar a Vossa Alteza Real, que constando estar
"o Juiz dos fallidos incumbido de devassar de N.
"que fôra hum dos corifeos desta desordem, o
"Conde Presidente o fez chamar á Meza, para de
"sua informação sobre esta materia colher noticias

"exactas e authenticas, com que pudesse pedir
"a Vossa Alteza Real providencias adequadas
"ás circumstancias do caso; e pelo estado do ne-
"gocio parece ao tribunal indispensavel, que Vos-
"sa Alteza Real Haja de ampliar ao mesmo mi-
"nistro a commissão para continuar a devassa,
"sem numero de testemunhas, nem limitação de
"tempo, a fim de averiguar a origem, estado, e
"fim destas letras fantasticas, que introduzírão na
"praça sommas tão consideraveis, que se tornão
"insoluveis, por não terem objecto; porque no
"caso de se descobrir fraude, ou qualquer motivo
"vicioso, que não se ache acautelado nas leis, lhe
"imponha Vossa Alteza Real penas proporcio-
"nadas á sua immoralidade, e ao interesse do
"commercio, degradando pelo menos taes homens
"da classe dos negociantes, e negando ás suas fir-
"mas a fé publica, e acção civil, que as leis dão
"ás firmas dos verdadeiros negociantes."

Assim consultou o tribunal em 21 de maio de 1801 sobre todos os referidos pontos, que forão decididos pela seguinte *Real Resolução* geral: "Como parece; e a Junta expeça as necessarias "ordens para a execução do que Me consultou, "e que tão conveniente será para se restabelecer "o credito, e dar novo vigor ao giro das letras de "cambio. Palacio de Queluz 23 de maio de 1801. "= PRINCIPE. ="

Ao portador de huma letra não importa indagar os motivos porque ella foi passada, nem as transacções entre o passador, e o acceitante. Julga-se, e deve estar seguro com as firmas, que vê nella; porque, conforme a Jurisprudencia commum das nações commerciantes, a obrigação de pagar nasce do simples facto de pôr a sua firma na

letra, e não dos motivos porque a poz. A qualidade pois de letras de favor nada absolutamente deve influir no seu effeito civil. Toca ao negociante de probidade acautelar-se nas suas negociações, para se não deixar surprender nos laços armados pela malicia.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

A AGRICULTURA, E MANUFACTURAS

DE

PORTUGAL.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

A AGRICULTURA, E MANUFACTURAS

DE

PORTUGAL.

Resposta a hum máo conselho.

Os Economistas, fazendo consistir as riquezas sómente nos fructos da terra, ou nas materias brutas, não podem persuadir-se de que os outros generos de industria tambem sejão productivos. Na sua opinião os artistas, e commerciantes não podem augmentar cousa alguma á massa das riquezas, nem produzir algum valor, senão consumindo hum valor igual proveniente da terra: he gente que vive á custa dos proprietarios e cultivadores;

e consequentemente as nações manufactureiras, e commerciantes não vivem senão do salario, que lhes pagão as nações cultivadoras. Não advertem, que hum fardo de lã vale muito menos em bruto do que convertida em panno, e huma pipa de vinho menos no Porto do que transportada a Londres; ou não calculão, que os valores consumidos nas differentes operações, que concorrem para a manufactura do panno, e transporte do vinho, não igualão a este augmento de valor produzido, que se deve em grande parte á industria do artista, e do commerciante. Pelo contrario os Mercantís, fazendo consistir a riqueza no dinheiro, sacrificão a agricultura ás manufacturas, e ao commercio. Não advertem, que a moeda he huma verdadeira mercancia, que não tem valor real senão pela materia de que se compõe, augmentado pela qualidade que ella tem de servir de agente para se obterem as outras mercancias. Os erros de huns e outros, transformados alternativamente em maximas de Estado, tem conduzido a consequencias bem funestas a muitos paizes; e he assim que questões, na apparencia frivolas e puramente metafisicas, tem grande influencia na fortuna das nações.

Smith, recolhendo algumas idéas, que antes delle tinhão publicado sem ligação *Galiani*, o *Conde de Verri*, e algum outro, foi o primeiro que ensinou systematicamente, que a riqueza consiste nos valores, e não nas materias: que a fonte de toda a riqueza he o trabalho do homem, ou a sua industria, que, associando-se aos agentes naturaes, humas vezes se limita a recolher os productos da natureza, e se chama industria agricola; outras vezes ajunta, ou divide esses mesmos productos, e os modifica mui diversamente para os apropriar

aos nossos usos, e se chama industria fabríl, ou manufactureira; outras finalmente os transporta donde não são precisos, ou valem menos, para onde tem maior consumo, e valem mais, e se chama industria commercial. He pois evidente, que as duas industrias fabríl e commercial, não só augmentão grandemente o valor dos productos, quando já tinhão algum no estado bruto, mas tambem crião valores novos, exercitando-se em objectos que o não tinhão.

Da applicação destes principios, que são axiomas na Economia Politica moderna, resultou o systema composto de agricultura, manufacturas, e commercio, que tanta superioridade tem dado ás nações do Norte, e principalmente á Inglaterra sobre algumas das meridionaes da Europa. Estas reconhecêrão em fim que a causa da sua fraqueza está na sua falta de industria, e forcejão contra ella com huma actividade, e hum ciume prodigioso. Não se falla, não se trata de outra cousa em toda a Europa, depois que a paz deo tregoas aos negocios da guerra.

Que a agricultura merece considerações particulares, como a primeira, e a mais extensa de todas as artes, que dá impulso ás mais, fornecendo aos homens os artigos essenciaes do seu sustento, e as materias para o seu trabalho, conforma-se com a boa razão; mas não se esperaria, que houvesse ainda no seculo XIX. quem nos aconselhasse que devemos renunciar á idéa de ter fabricas, para nos entregarmos sómente á agricultura, como vejo em algumas memorias recentemente publicadas, que contém aliàs outros principios muito sabios, e patrioticos. Não ataco os seus authores, que me parecem animados pelo zelo do bem publico, e só illudidos pelos erros

dos Economistas; mas convem refutar doutrinas perigosas, que entre os póvos cultos já se não ouvem sem indignação.

"Eu quizera, diz o author de huma carta, que proximamente appareceo em hum dos jornaes Portuguezes, que se imprimem em Londres, que "todos os meus compatriotas se persuadissem huma vez por todas, que huma nação, como a nossa, que não tem pão para si, nem os mais generos de primeira necessidade, não póde ter industria; quero dizer, que Portugal, que tanto "se tem descuidado da sua agricultura, não póde "ter fabricas." Porque a nossa agricultura está em decadencia, querem que não tenhamos industria ou fabricas; o nosso commercio está na debilidade, em que o vemos; que he então o que querem dar-nos? Já nos vem de fóra as casacas, os çapatos, as botas, e as camisas feitas, cousa nunca d'antes praticada, ou pelo menos de que não vemos que jámais se queixassem os nossos antepassados nas epocas do maior abatimento da nação: provavelmente esperão que melhoremos de fortuna, quando, abandonados inteiramente os restos de manufacturas que ainda conservamos, nos vierem tambem de fóra as enxadas, e os arados para cultivar a terra; ou quando não tivermos nem que comer, nem que vestir, nem com que comprar as enxadas, e os arados. Se devemos abandonar as fabricas, porque a agricultura está em decadencia, abandonemos tambem a agricultura, porque as fabricas não prosperão: eis o circulo vicioso, a que se reduz o argumento do author da carta.

Na verdade, não he nova a maxima, que não devemos cuidar em fabricas. Vio-se annunciada em alguns daquelles escritos ephemeros, em que

tanto se disputou á cerca do tratado de *Methuen*, principalmente na epoca da regeneração da nossa industria pelo Senhor Rei *D. José*. Nesse tempo erão pela maior parte estrangeiros interessados na ruina das nossas fabricas, que balbuciavão que não deviamos cuidar nellas, agora são nacionaes, que o proclamão por patriotismo! Desgraçado Portugal, se taes pensamentos chegassem a insinuar-se no ministerio: mui breve seriamos entregues, ainda mais do que estamos, á discrição das nações estrangeiras, que aproveitando-se da nossa errada politica nos absorvessem a propria medulla dos ossos, e ainda em cima nos insultassem com o nome de estupidos. Seriamos hum povo de Hottentotes transportados á Europa, que em pouco menos nos contão já alguns espiritos orgulhosos dessas mesmas nações, que nos fazem tributarias da sua industria. Felizmente não acontece assim: huma legislação sabia procura reanimar conjunctamente todos os ramos industriaes; e se as desgraças do tempo lhe oppõe obstaculos até agora superiores ao impulso, não temos de que accusar o Soberano, e os seus conselhos.

Supponhamos que as fabricas não podião prosperar, senão á custa da agricultura. Restava ainda examinar, se ellas nos darião productos, que nos indemnizassem dessa sonhada perda; porque hum valor compensa outro, e qualquer paiz não he mais pobre por ter menos productos de agricultura, se os tem de mais pela industria fabril.

Pareceme ouvir já os clamores, que esta proposição vai excitar, toda simples e natural como he; mas não clamem contra mim, que eu não publico doutrinas novas. "Huma nação que exercita

"a industria fabril, diz *Say*, (1) ou a commercial,
"não he nem mais nem menos assalariada, que
"huma outra que exercita a industria agricola.
"Cada huma destas industrias dá productos na
"verdade diversos quanto aos seus usos, mas tão
"reaes huns como os outros quanto ao valor.
"Dous valores iguaes valem hum pelo outro, pos-
"to que provenhão de industrias differentes, e
"quando a Polonia permuta a sua principal pro-
"ducção, que he o trigo, pela principal produc-
"ção da Hollanda, que se compõe das mercan-
"cias das duas Indias, não he mais a Polonia a
"que assalaria a Hollanda, do que he a Hollanda
"a que assalaria a Polonia.

"Esta Polonia, que exporta annualmente o
"valor de dez milhões em trigo, faz precisamente
"o que segundo os Economistas enriquece mais
"huma nação; e com tudo ella fica pobre, e des-
"povoada. He porque ella limita sua industria á
"agricultura, em quanto devia ser ao mesmo tem-
"po manufactureira, e commerciante. Ella não
"assalaria a Hollanda; será mais depressa assa-
"lariada por esta para fabricar, se posso assim
"explicar-me, dez milhões em trigo cada anno.
"Ella não he menos dependente que as nações,
"que lhe comprão o seu trigo, porque ella tem
"tanta precisão de o vender, como estas nações
"tem de o comprar."

A industria fabril, assim como a commercial, tem ainda huma vantagem: não conhece limites senão os que lhe põe a conducta das nações; ao mesmo tempo que a industria agricola, que se applica á cultura das terras, he limitada pela extensão, e grão de fertilidade do paiz. "Virão-se pó-

(1) *Liv: I. Cap. II.*

"vos, diz em outro lugar o mesmo *Say* (1) como
"os Genebrezes, cujo territorio não produzia a
"vigesima parte do que era necessario para a
"sua subsistencia, viverem com tudo na abundan-
"cia. As commodidades da vida habitão as gar-
"gantas infructiferas do monte Jura, porque ahi
"se exercitão muitas artes mecanicas. No seculo
"XIII. vio-se a republica de Veneza, não tendo
"ainda huma pollegada de terra na Italia, fazer-
"se assaz rica pelo seu commercio, para conquis-
"tar a Dalmacia, a maior parte das ilhas da Gre-
"cia, e Constantinopla." Esta he a linguagem
dos bons escriptores, depois que a meditação tem
feito conhecer a natureza das riquezas, e desen-
volver as leis da producção.

Mas as fabricas não são inimigas da agricul-
tura: pelo contrario são ellas as que lhe dão hu-
ma actividade, que por nenhum outro genero de
fomento poderia obter. Bem longe de lhe rouba-
rem os braços necessarios, ellas ajuntão á roda de
si huma povoação numerosa, que não só trabalha,
mas augmenta o valor aos productos do trabalho.
Procurando a abundancia, promovem tanto os ca-
samentos, e a multiplicação da especie humana,
quanto a pobreza se lhe oppõe. Em quanto o paï
de familias lavra a terra, a mulher e as filhas mo-
vem a roda, ou a lançadeira; nas manufacturas
achão tambem occupação para os filhos, e criados
nas estações, ou nas horas, em que se não empre-
gão nos trabalhos ruraes; e em fim ellas tirão do
ocio hum grande numero de individuos menos
proprios para a lavoura, que sem ellas serião, não
só perdidos, mas onerosos para a sociedade. Af-
fluencia de gente, e affluencia de capitaes, au-

(1) *Liv. I. Cap. V.*

gmentando, e segurando ao lavrador o consumo dos seus generos no proprio lugar da producção, dão-lhe o estimulo, e os meios para tambem augmentarem a cultura.

Os relogios, e as musselinas de Genebra, os estofos, e bejotoarias de Berne, de Basiléa, de Zurich, de Lausana, de Soleure, e de Lucerna derão meios aos Suissos para romperem as terras bravias da parte dos Alpes que habitão, em outro tempo retiro de feras, hoje cobertas de ricos pastos, ferteis searas, e vinhas. As manufacturas, e o commercio derão meios á Hollanda, e a huma parte da Flandres, para conterem o mar, e os rios, que ameaçavão submergillas, e tirarem dos seus pantanos toda a utilidade, que podia darlhes huma agricultura levada á sua perfeição. A Inglaterra, e a Escossia não começárão a ser os paizes mais bem cultivados do mundo, em quanto a nação Britannica não tomou o sceptro da industria. Já em outro lugar (1) apontei o exemplo de algumas terras do nosso Portugal, que devêrão ao estabelecimento das fabricas o seu augmento em povoação, e cultura: podia apontar o mundo inteiro; porque não ha paiz em que floreção as manufacturas, no qual ao mesmo tempo não prospere a agricultura; assim como se não mostrará hum só canto da terra sem industria fabril, que seja bem cultivado, e povoado. São duas rodas que engrenão: huma move a outra. Sem capitaes não se arrotêão as terras, não se edificão as obras de publica utilidade, não se formão novos projectos de agricultura, ou, se se formão, não se executão. E se a terra no estado actual nos não dá,

(1) *Tom. I. pag.* 11.

nem o sustento de que precisamos, donde nos hão de vir os capitaes sem industria?

Não proponho que se violente a industria. Convem ter sempre em vista, que o senhor de hum capital, como o mais intimamente interessado em o fazer render, he quasi sempre o melhor juiz sobre o modo de o empregar. Segundo o seu genio, e as suas proporções, elle o applica a huma empreza agricola, ao estabelecimento de huma manufactura, ou a especulações commerciaes: auxiliallo, e protegello em qualquer das direcções que elle tomar, he o que incumbe a todo o bom Governo. *Smith* levou mui longe este principio: quer que nem por meio de premios, ou primas de fomento, como se costuma dizer, os Governos se intromettão indirectamente a dirigir os capitaes para o genero de industria, que julgarem mais conveniente. Isto póde ter lugar em huma nação adiantada como a Inglaterra; mas em hum paiz tão atrazado como o nosso, he necessario chamar as artes, e ir procurallas aos paizes estrangeiros, onde habitão; o que exige sacrificios. Algumas vezes ellas nos vem bater á porta; e então he necessario recebellas com os braços abertos, aproveitando-nos das revoluções, que as afugentão dos outros Estados. Nunca se apresentou huma occasião como a presente, em que a Europa abunda de artistas, e fabricantes desempregados, que correm em chusmas a procurar hum estabelecimento incerto, ou além dos mares, ou nos gelos do Norte. Não estimarião elles achallo certo em hum clima mais doce da mesma Europa?

Reparem os que nos condemnão a não ter fabricas na nossa situação, e das nossas possessões transmarinas, conhecerão sem difficuldade, que huma nação, que occupa paizes tão vastos nas

quatro partes do globo, tão ricos em materias primeiras, e tão favorecidos pelos seus rios, seus mares, seus portos, e suas producções variadas, não foi destinada pela natureza a ser pobre em manufacturas: *Bone Deus*, (dizia *Linneo* (1)) *si Hispani et Lusitani noscent sua bona naturæ, quam infelices essent plerique alii, qui non possident terras exoticas!* Lancem os olhos pela Historia, verão que em nenhum tempo os Portuguezes cedêrão a qualquer outra nação no genio, e nos talentos. Falta-lhes o estimulo; e este he o que a parte illuminada deve procurar imprimir á parte que o não he, em vez de o suffocar com huma sentença tão terrivel.

(1) *Cartas a Vandelli, Carta VIII.* O mesmo *Linneo* chama a Portugal India Europea, região felicissima, &c. Sobre a nossa riqueza em producções naturaes, vejão-se no *tomo I.* das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias* as que nelle se publicárão a este respeito do Doutor *Vandelli*, fundador das sciencias naturaes em Portugal, a quem diz o mesmo *Linneo* na *Carta XII* : *Lusitania a condito orbe Cimeriis tenebris involuta jacuit, nunc per te magnum in ista regione sidus exortum est,* O mesmo repete na *Carta XIX.*

Sobre a pertendida enorme somma de milhões, que o Governo tem gasto com as fabricas desde o reinado do Senhor Rei D. José.

O AUTHOR da carta, de que acima fiz menção, para exaggerar os sacrificios que nos tem custado o que elle chama a pequena industria, que tinhamos antes da invasão dos Francezes, continúa deste modo: "E que a enorme somma de milhões, " que o Governo tem gasto desde o reinado do " Senhor Rei *D. José* até agora em criar, manter, " e animar as fabricas, teria sido mais bem em" pregada em fazer pontes, em abrir estradas, em " fazer navegaveis alguns dos nossos rios; n'huma " palavra em facilitar e promover o nosso commer" cio interno, e consequentemente a nossa agri" cultura." Ninguem póde duvidar da grande utilidade que poderia tirar-se destas obras, e o author da carta faria hum grande serviço á patria, se em lugar de se limitar a termos vagos, e lugares communs, désse mais algumas individuações sobre o modo e meios de se pôrem as mesmas em execução, proporcionando os projectos aos nossos recursos fiscaes, mas he necessario não confundir as cousas.

Acha-se na verdade em grande atrazamento este genero de obras publicas; he o mesmo em que existem as fabricas, a agricultura, e o commercio, que são as fontes donde nascem os recursos; estando por este modo tão ligados entre si

todos os principios de prosperidade publica, que huns não marchão sem os outros. Não he porque os nossos Soberanos se esquecessem de objectos tão importantes, nem por culpa das fabricas: he porque quando os meios são limitados, não se póde fazer tudo ao mesmo tempo, e o bom economo reparte os seus cuidados, e os seus cabedaes com prudente distribuição por aquellas cousas, de que mais precisa.

Só pela administração da Junta do Commercio se despendêrão durante o reinado do Senhor Rei *D. José* 201:190$064 réis em estradas, e caminhos publicos, o que não póde ser senão huma fracção de maior somma; porque, como todos sabem, as reparações, e concertos de estradas estão commettidas ás Camaras, e Corregedores das comarcas, e se fazem pelos cabeções das sizas, e rendimentos dos conselhos, ou por fachinas, e fintas aos póvos. Pela mesma administração da Junta do Commercio, e no mesmo reinado se fez o molhe de Paço d'Arcos, que depois se inutilizou, no qual se despendêrão 149:292$346 réis; abrio-se o rio novo, que custou 69:636$379 réis; fez-se a ponte de Benavente, que custou 42:070$410 rs; fizerão-se muitas outras obras no rio de Coina, e em Oeiras, de que as provas existem na contadoria da Real Junta do Commercio; além das que se executárão por differentes repartições, como a da quebrada do Mondego no campo de Coimbra, a da ponte da Cidreira, junto á mesma cidade, e a do encanamento principiado, e não continuado dos rios de Leiria. Nos tempos da Senhora Rainha *D. Maria I.*, e do nosso actual Soberano não merecêrão ellas menos attenção: bem o mostrão a grande estrada desde Lisboa até Coimbra, e as do districto dos vinhos no Alto

Douro, as barras do Porto, e de Aveiro, e as muitas obras que se fizerão no Téjo, no Douro, no Mondego, e em muitos outros rios, e lugares do reino.

Eu poderia perguntar ainda ao author da carta, como quer elle que se faça o milagre de promover o commercio interno, e consequentemente a agricultura, persuadindo-nos huma vez por todas que não podemos ter industria? Mas por agora limito-me a responder á enormidade dos milhões despendidos com as fabricas: somma indeterminada, que parece annunciar huma immensidade de thesouros consumidos inutilmente. Donde virião elles ao Senhor Rei *D. José*, quando he constante que achou inteiramente exhauridos os cofres Regios? Achallos-hia nos entulhos da sua capital, quando lhe foi necessario reedificalla depois do terremoto de 1755, ou entre os despojos de hum exercito inimigo, que em 1762 penetrou até o interior do reino? Para a reedificação de Lisboa teve o donativo de 4 por 100 sobre as importações offerecido pela praça; para a guerra teve o antigo subsidio militar, que elevou a 10 por 100 de 4 e meio, que se cobravão; assim como para crear, e manter as escollas o outro subsidio literario, todo tão utilmente empregado neste objecto; e no meio de tão grandes urgencias nem onerou os póvos com mais tributos, nem endividou o Estado. Na verdade fez prodigios; e quanto mais se estuda o seu reinado, mais se admira.

O donativo dos 4 por 100, que naquelle tempo devia render muito menos do que depois, pelo abatimento, em que já dantes estava o commercio, e ruina, em que ficou com o terremoto, foi administrado pela referida Junta até o anno de 1780, em que foi encorporado no Erario Regio por *De-*

creto de 14 *de julho.* Delle sahírão as despezas para as obras proximamente indicadas, e para muitas outras de extraordinario custo. Só as da praça do commercio, e edificios adjacentes custárão á Junta 3:250:526$187 reis; o pedestal para a estatua equestre do Senhor Rei *D. José* 24:640$443 réis; a abertura das ruas 1:031:796$745 réis, a Alfandega interina 224:593$582 reis. Não continuarei o catalogo; mas estas memorias não devião ficar em silencio eterno; e os entendedores não acharão excessiva a despeza, antes diminuta, em obras de tanta grandeza. A tudo presidia, tudo animava o Marquez do Pombal, que era o primeiro inspector até das obras dos particulares. Foi o seu genio o que sem a lyra de *Amphion* fez, como por encanto, levantar Lisboa das suas cinzas.

Do abençoado producto do mesmo donativo sahio tambem a maior parte dos soccorros, com que se erigírão, e sustentárão as fabricas em todo o reinado do Senhor Rei *D. José*: soccorros muito valiosos pela qualidade do emprego, e beneficios, que delles resultárão á nação; porém muito diminutos, se os comparamos com essa indefinida grandeza numerica, que se inculca: espero poder mostrar, que bastárão as primicias das mesmas fabricas, para os compensar, se não no todo, pelo menos na maior parte. Era o systema crearem-se, e administrarem-se por conta da Fazenda Real; e á proporção que se offerecesse opportunidade transmittirem-se á particulares. Algumas começárão debaixo da administração da Junta do Commercio; a maior parte encarregárão-se logo á Direcção da Real fabrica das sedas, que se erigio em escolla matriz das manufacturas nacionaes; e á mesma Direcção se fazião os supprimentos necessarios, primeiro em quantias avulsas por ordens

particulares, depois por huma consignação annual de cem mil cruzados.

Depois da morte do Senhor Rei *D. José* mudou-se de systema. Por *Aviso de* 14 *de junho de* 1777 se mandou cuidar sem demora em hum plano de refórma das fabricas, para ficarem continuando sómente aquellas, que se julgassem convenientes, e para se poderem conservar com promptos pagamentos pelos fundos, com que se achavão estabelecidas, sem dependencia de outro algum auxilio. Pelo *Alvará de* 18 *de julho* do mesmo anno se extinguio a Direcção, substituindo-se-lhe a Junta da Administração das fabricas do reino, para onde se mandárão tambem passar as que administrava a Junta do Commercio; porém esta transmissão não se fez logo.

Pela *Carta de lei de 5 de junho de* 1788, que creou o novo tribunal da Real Junta do Commercio Agricultura Fabricas e Navegação, foi supprimida a Junta da Administração das fabricas, e instaurada a nova Direcção da Real Fabrica das sedas, e e obra de Agoas Livres; por esta occasião deo a Junta extincta hum balanço, donde se tira toda a luz necessaria para formar hum resultado geral dos lucros, ou perdas das referidas fabricas tomadas em massa, comprehendendo as que desde a sua origem forão administradas pela Direcção, em todo o tempo da sua existencia; as que começárão pela Junta do Commercio, desde a sua transmissão para a mesma Direcção, ou para a Junta da Administração das fabricas. Tinhão-se recebido pela Direcção para o estabelecimento, e conservação das mesmas 590:291$787 reis, e varios outros supprimentos pelo Erario Regio, Casa da Moeda, e outras repartições; e havendo respeito a tudo, puxadas todas as existencias, e to-

das as addições do activo, e do passivo, vio-se que as fabricas que prosperárão, posto que em menor numero, e principalmente a dos galões de ouro e prata, e a das sedas, cobrírão com grande avanço a perda das outras.

Era o activo existente naquella epoca, e reduzido ao seu valor numerario 1:516:182$176
Era o passivo 1:394:585$938

Saldo a favor 121:596$238

No resumo, que se extrahio deste balanço, se acha a seguinte declaração: "Esta quantia de "reis 121:596$238 he justamente o capital da "Real fabrica neste dia (22 de julho de 1788) "sendo este sómente procedido de todos os lucros, "que nella tem havido desde a entrega que fez "*Vasco Lourenço Veloso* em 16 de agosto de 1757, "liquido de todos os prejuizos, que o cofre da "mesma Real fabrica tem tido com o estabeleci-"mento de diversas fabricas annexas, que se eri-"gírão por ordem de S. Magestade, quaes forão a "dos chapeos do Pombal, da relojoaria, louça, pen-"tes de marfim, caixas de cartão, vernizes e lacre, "botões, cerralheria, cutellaria, limas, estuque, "fundição de metaes, e tapeçaria; além da grande "quantia, que se abonou em conta dos interessa-"dos, que instituírão a fabrica das sedas, pelos "juros vencidos até o seu real pagamento."

Não dissimularei, que do referido lucro, ou augmento de capital, ha alguma cousa a abater; porque nelle se comprehendem dividas activas, de que muitas se perdêrão; mas prescindindo de que a culpa he mais da administração do que das fabricas, sempre o resultado será tão favoravel, como se não esperaria.

Quanto ás fabricas, que começárão pela Junta do Commercio, no tempo em que por esta forão administradas, não está tão clara a materia; mas ainda que se não possa tirar saldo liquido, ha dados parciaes, que deixão pouca duvida sobre o resultado geral. As principaes destas fabricas forão as de fazendas brancas de Alcobaça, a de lanificios da Covilhã com a sua annexa do Fundão, a de lanificios de Portalegre, e a de chapeos do Pombal. Tudo o mais forão pequenos estabelecimentos, em que se não empregárão senão pequenos fundos, que nem todos se perdêrão, porque ainda depois de anniquiladas as fabricas sempre ficavão restos. Houve tal que se estabeleceo com o fundo de 249$720 réis, como foi a de lavrar vidros, e a de folhetas no Pombal sómente com 96$000 réis.

A fabrica de fazendas brancas de Alcobaça, que logo principiou com hum fundo de 52:800$000 réis, he de todas a que foi mais onerosa á Real Fazenda nos seus principios. Póde ter-se por certo, que deo perda, durante a administração da Junta. Passando por *Decreto de* 14 *de dezembro de* 1779 para a Junta da Administração das Fabricas, e continuando depois a ser administrada pela Direcção da Real Fabrica das sedas, deo huma perda liquida de 24:022$413 réis até o anno de 1790, da qual já vai incluida a quantia de 22:546$081 réis no balanço da Junta da Administração das Fabricas. Porém fazendo-se-lhe huma refórma por ordem da Direcção, princiou logo a dar lucros. Desde o 1.° de janeiro de 1791, até 30 de junho de 1792 produzio liquidos 2:087$987 rs.; e transmittida a particulares foi hum dos estabelecimentos mais lucrativos, que tem tido o reino.

As fabricas de lanificios custárão grandes

sommas tiradas do cofre do donativo dos 4 por 100, e do dos faróes, administrados pela Junta do Commercio, as quaes se empregárão em edificios, alguns predios rusticos, moveis, utensilios, &c. Mas este capital conservou-se, fazendo na transmissão destas fabricas para a Junta da Administração das mesmas por *Decreto de 25 de janeiro de* 1781, hum objecto de 301:350$942 réis, que ella comprehendeo no seu balanço de 1788 entre as mais addições do seu passivo; e depois passou para os particulares a quem se transmittirão, os quaes o pagárão, menos os edificios, que ainda existem por conta da Fazenda Real, e devem ter melhorado de valor pela alteração dos tempos, tendo sido bem conservados pelos mesmos particulares interessados, na fórma das condições dos seus contractos.

Sempre se disse que estas fabricas derão lucro, o que assim devia ser; bastando para lhes segurar hum bom interesse o artigo dos fardamentos da tropa, e dos creados da Casa Real, que fazia hum objecto de dezeseis mil arrobas de lã por anno, que nelle se empregavão. A respeito da fabrica de Portalegre eu o vejo confirmado por huma conta dada á Junta do Commercio pelo seu Contador *Antonio Pedro Avenente* em 26 de janeiro de 1782, que passando por commissão particular áquella cidade, para examinar a fabrica, e formalizando contas circumstanciadas della, huma geral comprehensiva de todo o tempo da administração da Junta do Commercio, outra particular dos tres annos de 1778, 1779, e 1780 por ordem do Ministro e Secretario d'Estado *Martinho de Mello e Castro*, achou pela conta geral, que sendo a fabrica debitada em todas as despezas de qualquer natureza com ella feitas desde o seu principio, e

acreditada no producto de todas as suas manufacturas, e mais rendimentos, e no valor dos seus bens, e effeitos existentes, tinha dado de lucro 14:016$111 reis; achou pela conta particular dos referidos tres annos, de que pertendia ser informado *Martinho de Mello e Castro*, ter sido nelles o lucro 18:627$301 reis. Estes lucros, como notou o mesmo Contador, erão muito diminutos em comparação do que devião ser dalli em diante, pela grande diminuição no custo das obras, moveis, transporte de mestres e officiaes, e outras despezas geraes, sempre muito mais dispendiosas no principio do que no progresso de semelhantes estabelecimentos, com que se tinha augmentado muito o debito, ao mesmo tempo que a economia necessaria para acudir a tudo isto tinha feito restringir a laboração, e por consequencia as utilidades.

Debaixo da administração da Junta das Fabricas, ainda que não derão os grandes lucros, que podião esperar-se, ellas prosperárão: não darem perda já era prosperar. A de Portalegre até 29 de março de 1788, em que por *Alvará* desta data foi transmittida a *Anselmo José da Cruz Sobral*, e *Geraldo Wenceslão Braamcamp d'Almeida Castellobranco*, deo de lucro 56:954$289 réis. A da Covilhã, até que por *Alvará de 3 de junho* do mesmo anno foi transferida a *Antonio José Ferreira* e Socios, deo de lucro 18:873$420 réis.

A fabrica de chapeos do Pombal, que depois veio a perder-se, tendo já lançado em Portugal as sementes desta manufactura, prosperou sufficientemente debaixo da administração da Junta do Commercio. Acha-se registrada a *folhas* 43 *verso do Livro VI. do registro da Secretaria* huma quitação passada em 3 de agosto de 1762 aos Directo-

res, a quem a mesma fabrica tinha sido comettida, donde consta que havia dado 1:466$450 réis de lucro desde o anno de 1759 em que se estabelecêra. Sempre são preciosos estes pequenos lucros nos estabelecimentos ainda nascentes, em que geralmente se não esperão senão desembolsos.

Emprestimos a emprehendedores particulares de fabricas. Supprimentos depois do Senhor Rei D. José.

Alem deste titulo de despezas para a creação, e fornecimento das fabricas administradas pela Real Fazenda, ha outro de emprestimos a varios particulares para o mesmo fim, a maior parte ainda no tempo do Senhor Rei *D. José*, alguns depois. Destes huns se fazião pela repartição da Real fabrica das sedas, dos quaes não ha que tratar até o anno de 1788, porque a Junta da Administração das Fabricas envolveo no seu balanço o que delles se restava; outros por diversos cofres, em que ha de haver algum prejuizo.

Emprestárão-se a *Guilherme Stephens* para o estabelecimento da fabrica de vidros da Marinha Grande 32:000$000 réis pelo cofre do donativo de 4 por 100, que pagou; e tambem se lhe permittio o uso gratuito das limpezas do pinhal de Leiria para o seu combustivel.

A *João Baptista Locatelli* para as fabricas de tecidos de algodão 12:000$000 réis pelo cofre dos faroes, dos quaes, se ficou devendo, foi algum res-

to; e outros 12:000$000 rs. pelo cofre da barra de Aveiro, pelos quaes a Camara da mesma cidade lhe mandou fazer sequestro na fabrica que ahi tinha, o qual se mandou levantar por ordem superior, admittindo-se o pagamento em prestações, de que ignoro o resultado.

Os erectores, e proprietarios da fabrica de lanificios de Cascaes chegárão a dever de emprestimos pelo Real Erario, e pela Direcção da Real Fabrica das sedas 24:091$047 rs.; mas tudo foi pago, quando se vendeo a fabrica ao seu actual proprietario.

A fabrica de fazendas brancas de Azeitão deve tambem de emprestimos ao Real Erario, e aos cofres da Junta do Commercio 66:397$874 rs.; e aqui ha de haver perda; porque os predios, e moveis da mesma fabrica, que se achão sequestrados para o pagamento desta divida, valem muito menos que a sua importancia.

A *Guilherme Macormik* se emprestárão 6:480$000 rs. para a fabrica de fazendas brancas de Sacavem, a *Pedro Leonardo Mergoux*, e *Theotonio Pedro Heitor* 4:000$000 rs. para a de tapeçarias de Tavira, e a *Fernando José Loran* 2:000$000 rs. para a de quinquilherias de Alcobaça; tudo pelo cofre do donativo dos 4 per 100: são contas que passárão para o Erario, e tambem ignoro o seu estado. Ha mais alguns emprestimos, porém insignificantes: ainda que tudo se perdesse, são quebrados, que podem bem desprezar-se em contas de milhões. Todas estas addições, e quaesquer outras, que possão achar-se de despezas geraes para fomentar a industria, e promover as fabricas, ás quaes nenhum bom Governo se nega, porque são as sementes, de que nasce a prosperidade publica, reunidas em huma folha de papel, ainda podem fa-

zer algum vulto, mas que são ellas repartidas, segundo as suas datas, pelo largo periodo de tres reinados.

Alguns dos referidos soccorros ás fabricas de fazendas brancas de Alcobaça, e de Azeitão forão logo depois do *Aviso de* 14 *de junho de* 1777, que annunciava a cessação dos auxilios extraordinarios; porque os nossos Soberanos nunca deixárão de os prestar, quando prudentemente convinha. Posteriormente constituio a Senhora Rainha *D. Maria I.* huma pensão de 700$000 rs. pelo seu bolsinho a *José Maria Arnaud*, e seus filhos, que vierão estabelecer em Portugal os methodos de fiar, e torcer a seda á Piemonteza; e o Senhor Rei *D. João VI.* a de 1:728$000 rs. pelo cofre das tomadias ao artista *Francisco Wheelhouse.* Estabeleceo-se o filatorio de Chacim, que custou, segundo as ideas que tenho, cousa de trinta mil cruzados, porque ao principio foi em ponto pequeno, e depois he que *Arnauds* o ampliárão com alguns emprestimos, com que tambem forão auxiliados; mas este mesmo estabelecimento existe por conta da Real Fazenda; e que vantagens não começava elle a dar á nação, quando as revoluções vierão paralizar as operações da Real companhia, que o administrava; e que utilidades senão podem ainda seguir delle?

Se me apontarem as nitreiras de Braço de prata, que se perdêrão, mostrarei o estabelecimento da cordoaria na Junqueira, que tem prosperado grandemente. Fazendo abstracção dos estabelecimentos fabris, que se creárão nestes ultimos dous reinados, e das despezas, que o Estado fez com elles, confio que não parecerá erronea a supposição, que os que prosperárão tem pago assas pelos que se perdêrão; porém a abstracção

he impropria, porque quando se trata de calcular os interesses das fabricas em geral, todas devem ser trazidas a huma massa; e foi por estes tempos que ellas mais prosperárão.

Resultado geral.

TORNANDO pois ao ponto de que partimos, e tudo compensado, parece-me que qualquer homem de razão, que pensar imparcialmente, convirá comigo que bastárão as primicias das fabricas, no tempo em que forão administradas por conta da Real Fazenda, para pagarem as despezas que se fizerão com ellas, se não no todo, ao menos na maior parte; e que se olharmos aos seus productos nos vinte annos, que precedêrão á invasão dos Francezes, ellas derão grandes vantagens á nação. Se forão interrompidas na carreira da sua prosperidade, se na maior parte ficárão arruinadas; a culpa não he dellas: convem procurar meios de reparar os estragos que soffrêrão, que he a politica das nações civilizadas: e não abandonallas, que seria a conducta de póvos barbaros.

Li em alguma outra parte do mesmo jornal, em que se acha a carta acima referida, huma triste pintura das nossas fabricas, porque depois de terem custado tanto ao Estado, o total das nossas importações e exportações com o Brazil antes de 1807 se avaliava sómente em 45 milhões de cruzados por anno; e porque, á excepção de alguma saragoça, e do panno para os fardamentos das tro-

pas, ninguem comprava em Lisboa panno de lã para se vestir, senão Inglez, ou Francez. Não sei onde se foi buscar esta avaliação do total das nossas importações, e exportações com o Brazil: o que posso dizer he que no momento actual, em que todos deplorão a estagnação do commercio, ellas ainda excedem os 45 milhões. No anno de 1816 a exportação foi de 25 milhões 760 mil cruzados e 222$857 rs.; a importação 24 milhões 159 mil cruzados e 42$640 rs.; total 49 milhões 919 mil cruzados e 265$497 rs. (1) Mas quando se avalião as importações, e exportações das manufacturas de hum paiz, não se confundem com os productos das outras industrias. A exportação das nossas manufacturas para o Brazil, e mais possessões ultramarinas antes de 1807, segundo as listas do consulado da sahida, e mais alfandegas

---

(1) Isto he sómente pelo que respeita ao Brazil: juntas as importações, e exportações entre Portugal, e os outros estabelecimentos ultramarinos, o total das importações em Portugal foi de 31 milhões 594 mil cruzados e 341$617 rs.; o das exportações 35 milhões 922 mil cruzados e 32$692 rs. que tudo unido faz a somma de 67 milhões 516 mil cruzados e 374$309 rs.; sem comprehender os grandes artigos dos diamantes, e do páo Brazil, que tem sido administrados em Inglaterra, nem o ouro transportado por conta da Corôa, e o que sahe por contrabando. Por aqui se vê quanto se engana hum author Francez, que está atroando o mundo com os seus escritos a respeito das colonias: computa por 80 milhões de fraucos o que Portugal tira das suas, comprehendendo 35 em diamantes, e metaes: deduzidos estes, ficão 45 milhões de francos, ou 18 de cruzados; e aqui vai já hum erro em mais de dous quintos. Computa em 10 milhões de francos, ou 4 de cruzados as exportações de Portugrl para as colonias: he reduzillas á nona parte do que na realidade são. Pouco credito merecem os seus calculos, se para as outras nações não são mais exactos. *De Pradt Des Colonies, et de la revolut. actuelle de l'Amerique tom. I. cap. VII.*

do reino, andava por 8 a 9 milhões, tomado hum termo medio; (1) o que não quer dizer, que as nossas fabricas produzião sómente esta somma, mas que depois do sortimento que fazião para o consumo interno de Portugal, havia ainda hum excedente de 8 ou 9 milhões por anno, que se exportava para os portos nacionaes do ultramar, não fallando em algumas quantias, que tambem se exportavão para portos estrangeiros.

Isto parecerá pouco, se nos compararmos com as grandes nações industriosas; mas não he bagatella para hum reino tão limitado na Europa em territorio, e povoação, que alguns annos antes se achava na miseravel apathia, de que o tirou o Senhor Rei *D. José*. Não esperaria este Soberano, que tão depressa se vissem os fructos das suas fadigas, e despezas; porque quando os Estados chegão a cahir em tal abatimento, de ordinario, para se repararem, passão slgumas gerações.

Não ha duvida, que pela nossa loucura em preferirmos o que he estrangeiro, e pelo luxo que nos devora, pouco gasto se faz em Lisboa aos pannos fabricados em Portugal; mas não se deve julgar por aqui do corpo da nação. He necessario visitar as cidades da segunda ordem, e conhecer as provincias, principalmente os districtos dos lanificios, como são as comarcas da Guarda, Castello-branco, Pinhel, Trancoso, e grande parte do Alemtejo: ver-se-ha que em tempo de tanta desgraça para as nossas manufacturas a dos lanificios ainda he hum objecto de grande importancia, em que se emprega huma numerosa povoação. Em tempos de tanta desgraça ainda fabricamos toda

---

(1) O termo medio nos 10 annos de 1797 *a* 1806 dá 8:632$075 cruzados, *v. tom. I. p.* 6.

a sola para o consumo interno, e exportamos alguma, assim como outras miudezas das nossas fabricas, para os portos da Barbaria, e Italia; ainda fabricamos mais chapeos do que consumimos, porque alguns que entrão de Inglaterra, a maior parte de sola, e de palhinha, que não tem preferencia aos nossos senão pelo frivolo das materias, ou das modas, são em menor quantidade do que os que exportamos. As fazendas brancas, e de estamparia, e as de seda, são as que tem a sustentar huma luta mui desigual com as estrangeiras; porém assim mesmo ainda se exportão algumas.

Os oito ou nove milhões, que exportavamos por anno em manufacturas antes de 1807, havião de fazer entrar huma quantia com pouca differença igual em outros productos; e aqui temos em giro dezeseis, ou dezoito milhões provenientes das fabricas, ou de producções que as fabricas attrahião entre Portugal, e os Estados ultramarinos, sem contar o consumo do interior, que he sempre de muito maior importancia. A quantos milhares de fabricantes, agricultores, commissarios, agentes de commercio, artistas, constructores, operarios, carreteiros, e marinheiros não fazia viver este capital em movimento? Por quantos modos não concorria elle para augmentar a riqueza, e a prosperidade geral? Porém eu cesso neste momento de olhar para os noventa e nove canaes, por onde as manufacturas fertilizão os Estados: considerarei sómente o centesimo, que he o dos cofres Regios.

De toda essa multidão de individuos, que concorrem para a formação, e distribuição daquella massa, não ha hum só, que não contribua continuamente com alguma cousa para o Estado; ou seja pelas imposições directas no seu maneio, e lucros, ou pelas indirectas nos objectos do seu con-

sumo. Os navios, que se empregão nos transportes, além de pouparem ao Estado grandes sommas, entretendo á custa do commercio hum viveiro permanente de homens maritimos, que se achão promptos para a marinha de guerra, quando delles se precisa, começão a pagar na sua construcção, pagão nas suas vendas, e nas suas expedições, por si, e pelos viveres, e mais objectos de que são providos ; vão sempre gotejando em todos os portos em que entrão, e até quando por inuteis se desfazem, ainda os seus massames pagão.

As mesmas manufacturas, e as materias de que se compõem, por mais que tenhão sido favorecidas no pagamento dos direitos, sempre tem contribuido com grandes quantias. Sempre pagárão as materias primeiras por entrada, e as manufacturas nacionaes por sahida o direito para as fragatas de guerra, que sendo de 2, foi elevado a 3 por 100 pelo *Alvará de 3 de abril de* 1805; e além disso os outros 3 por 100 para o comboy, estabelecidos pelo outro *Alvará de* 17 *de março de* 1800. Tem pago mais os novos impostos para os Reaes emprestimos na forma determinada no *Alvará de* 7 *de março de* 1801 : a saber, o algodão hum direito addicional de 200 rs. por arroba na sua entrada ; e os chapéos do consumo do reino, sendo finos 100 rs. cada hum, e sendo grossos, os que excedem o preço de 240 rs. a 50, e os outros a 30 rs. cada hum ; e todas as outras manufacturas nacionaes tambem consumidas no reino 3 por 100 do seu valor jurado pelos fabricantes, ou administradores das fabricas, com as declarações do *Alvará de* 30 *de julho*, e *Decretos de* 3 *de novembro*, e 19 *de dezembro* do mesmo anno, a cujo respeito se lhes permittio avançarem-se por quantias certas, na forma do *Decreto de* 11 *de maio de* 1804.

As fazendas brancas da Asia, que servião, e servem de materia ás nossas fabricas de estamparia, tambem pagavão os direitos grandes na casa da India, (1) e foi tão consideravel o seu consumo no tempo, em que as referidas fabricas tanto florecêrão, que não duvido affirmar, que sómente este artigo seria bastante para reembolsar a Real Fazenda de qualquer alcance, em que lhe estivessem as manufacturas nacionaes pelas despezas por ella feitas para crear, e manter as fabricas desde o reinado do Senhor Rei *D. José.*

Se á massa geral das fabricas se trouxessem tambem aquelles estabelecimentos fabris, que se achão apropriados ao Estado como ramos de Fazenda Real, ou seja por contractos ou por administrações, como o tabaco, as saboarias, a fabrica da polvora, e a das cartas de jogar hoje annexa, como a da letra, á impressão Regia, a questão mudaria de face: em lugar da enormidade de milhões, que se diz dispendida com as fabricas desde aquelle reinado, teriamos de tratar da enormidade de milhões, que as fabricas tem mettido nos cofres do Estado.

---

(1) O *Alvará de* 8 *janeiro de* 1783 mandava restituir meios direitos a estas fazendas, apresentando-se depois de estampadas, ou tintas nas nossas fabricas, e o § 36 do *Alvará de* 4 *de fevereiro de* 1811 renovou o mesmo beneficio; porém nunca se executou pela dificuldade de se provar a identidade.

Leis prohibitivas da sacca da moeda, e dos metaes preciozos.

Toda a nação, que não for agricultora e fabricante, ha de precisar para o seu consumo mais generos do que produz: tem de os receber dos estrangeiros; e na falta de outros valores, com que os permute, ha de comprallos com dinheiro. Este fenomeno assustou sempre os póvos, que olhando para o effeito sem pezarem as causas, fizerão consistir o mal na sahida do dinheiro para fóra do paiz, e não nos motivos verdadeiros do seu empobrecimento. Daqui vem tantas leis prohibitivas da sacca da moeda, e dos metaes preciosos de que ella se fabrica, extorquidas á maior parte dos Governos da Europa por clamores populares, ou por falta de bons principios.

Nas Côrtes celebradas em Santarem pelo Senhor Rei *D. Affonso IV.* requerêrão os póvos o seguinte capitulo. " *Item* dizem, que quanto a nos-
" sa terra for mais rica, tanto será mais nobre, e
" mais prezada, e nós melhor servido, e elles com
" maior respeito; e porque alguns, que nom catão
" outra prol senom a sua, tiram, e fazem levar gran-
" des averes fóra de nosso senhorio, porque a
" terra fica minguada, e o povo com grande dăpno
" ca se na terra ficasse, aproveitarse-hião os ho-
" mens del, e vós averiades acurrimento quando
" comprisse, porém vos pedem que queirades de-

" fender, que da vossa terra, e com vosso manda-
" do se nom tire."

A este artigo diz ElRei " que bem entende
" elle, que quanto a terra for mais rica e mais hon-
" rada, tanto elle será melhor servido, e as gentes,
" vallerom mais, e serom melhor mantheudas: po-
" rém considerando elle todo esto, poz defeza já
" dias ha, que nenhum de sá terra nem doutra fos-
" se ousado de tirar de seu senhorio sem seu man-
" dado ouro nem prata, nem outra moeda: e a-
" quel que achassem tirar contra sua defeza, que
" a perdesse; e diz que por esta guisa a fará
" guardar daqui em diante."

Parece que esta lei tinha cahido em desuzo no tempo do Senhor Rei *D. João I.*; porque este Soberano, sem della fazer menção, nem de prohibição alguma, que tivesse havido, renovou, com assistencia do seu conselho, a mesma pena de perdimento dos effeitos contra todos os que tirassem, ou mandassem tirar de seu senhorio *ouro nem prata em pasta nem em moeda, nem dinheiros de sua moeda*, dando por causal o ter-se-lhe dito por muitas vezes, como seu senhorio recebia grande damno, e mingua por este motivo.

Ambas estas leis passárão para a *Ordenação* do Senhor Rei *D. Affonso V. livro V. tit. XLVII.*, e eisaqui a origem das leis prohibitivas da sacca da moeda em Portugal, quanto eu posso alcançar; porque assim como o Senhor *D. João I.* fez como sua esta prohibição, tendo já havido a do Senhor *D. Affonso IV.*, poderia tambem haver alguma outra anterior, de que o Senhor *D. Affonso IV.* se não lembrasse; e disto ha muitos exemplos nas nossas leis antigas.

Em Castella apparecem leis semelhantes, e com a mesma pena, desde o Rei *D. João I.*; po-

rém *Ustariz*, (1) escrevendo pelos principios do seculo passado, faz subir estas prohibições a mais de sete ou oito seculos antes. Mas em Castella affroxou-se mais na execução dellas, reduzindo-se por determinações posteriores a simplices restricções, permittindo-se a sacca de ouro e prata amoedado, e por amoedar, pagando certos direitos. Entre nós pelo contrario se aggravárão cada vez mais. O Senhor Rei *D. João III.* por *Lei de 21 de julho de 1552*, que vem na collecção de *Duarte Nunes de Leão, P. IV. tit. VII. L. 1.ª* decretou a pena de morte, e perdimento de todos os bens, contra os que tirassem, levassem, mandassem tirar, ou levar para fóra de seus reinos, e senhorios prata nem ouro amoedado, ou por amoedar, ou dessem favor, e ajuda para se levar, sendo achados nisso, ou sendo-lhes provado; e até fez incursos na mesma pena *os que consentissem que outros a levassem, e sabendo-o não manifestassem ás Justiças tanto que dello fossem sabedores.*

He notavel a dureza desta lei em hum tempo, que póde considerar-se o mais feliz da Monarquia, ou da sua maior opulencia. Tinhamos então concentrado nas nossas mãos o commercio mais rico do mundo; mas nenhum commercio póde fazer a prosperidade de huma nação, nenhuma opulencia he permanente, quando não tem por bases a agricultura, e a industria dentro do proprio paiz. Aprendêmos mui tarde esta lição, que nos deo hum povo desprezado nos seus principios, e que parecia condemnado pela natureza a ser sempre pequeno. Os Hollandezes nos arrebatárão as fontes da

---

(1) *Theoria, e Pratica do commercio, e da marinha, cap. XVII.*

nossa riqueza, e ensinárão tambem aos Hespanhoes, que sem industria de nada lhes servião os thesouros da America.

O Senhor Rei *D. João IV.* ainda reforçou mais a legislação referida, ordenando á Meza do Desembargo do Paço por *Decreto de* 11 *de março de* 1652, que fizesse huma apertada lembrança a todos os ministros sobre esta materia; e pondo restricções á sahida do dinheiro para o Brazil no *Alvará de* 22 *de abril de* 1648. Não admira, porque erão tempos de desgraça; mas ainda depois da descuberta das minas do Brazil sempre se julgou necessario conservar em pé as antigas leis.

Reflexões sobre esta legislação.

COMPARAVA-SE o dinheiro no corpo politico de hum Estado ao sangue no corpo humano; e era consequente o julgar-se huma grande desgraça toda a sahida de dinheiro, ou dos metaes preciosos, de que elle se compõe, para fóra do reino: idéas que vierão a formar huma das primeiras maximas da administração publica, depois que os Mercantis considerarão o dinheiro como o primeiro principio da riqueza; e os inventores do systema da balança do commercio illudírão os Governos com theorias tão incertas, como os calculos em que erão fundadas.

Luzes superiores tem dissipado a illusão, fazendo conhecer, que he pela somma dos valores, e não pela do numerario, que se mede a riqueza

de huma nação; que a moeda he huma mercancia como as outras (repito muitas vezes este principio, porque o seu desconhecimento he a fonte do erro) e corre, como ellas, do paiz em que abunda, para aquelle onde he rara; que he panico o terror de que pela facilidade da sua extracção chegue hum Estado a esgotar-se della; quando pelo contrario a liberdade do seu giro he quem restabelecerá o seu natural equilibrio entre os póvos commerciantes, e a fará hum verdadeiro principio vivificante do commercio.

Luzes superiores tem em fim mostrado, que quando huma nação cultiva bem as suas terras, tem industria, e faz hum commercio activo com os estrangeiros, a balança deve dar-lhe hum saldo na apparencia contrario, mas que na realidade he hum lucro: quero dizer, deve importar mais do que exporta. Isto he hum paradoxo para muitos estadistas, que, atormentados com as operações da sua Arithmetica Politica, não pódem deixar de persuadir-se de que seja huma perda liquida tudo, o que a balança lhes mostra de excesso na importação sobre a exportação; mas o verdadeiro paradoxo he que ainda dominem taes principios. Hum negociante remette para huma, ou mais praças estrangeiras mercancias, que valem 100, e liquidada a negociação recebe em retorno outras mercancias, que valem 120; estes 20 de accrescimo não são elles hum lucro? se pelo contrario sómente recebe 80, estes 20 de diminuição não são elles huma perda? No mesmo caso está huma nação commerciante: se balançeadas todas as suas negociações com os paizes estrangeiros, recebeo menos do que enviou, como aquelles estadistas desejão que aconteça, he argumento infallivel de que perdeo. Como são illusorios os seus calculos!

Com tudo ainda que nesta hypothese seja huma perda liquida todo o *deficit* das importações a respeito das exportações, nem por isso se póde concluir na hypothese contraria, que seja lucro liquido tudo aquillo, que a balança mostrar de excesso nas importações. Em hum paiz decadente, onde a somma dos productos não equivale á do consumo, he natural receberem-se de fóra mais mercancias do que se envião; e ou se ha de ficar em divida, ou pagar-se o excedente em dinheiro, que ainda que tambem seja mercancia, de ordinario não entra nos calculos estatisticos, de que se forma a balança, principalmente quando sahe por contravenção ás leis. A nação, que se acha nesta situação, caminha para a sua ruina; porém o mal não consiste na sahida do dinheiro, que está na razão dos mais productos; consiste em sahirem mais valores do que entrão, e por consequencia ser necessario ir diminuindo o capital da nação; consiste nas fontes da producção, que he necessario melhorar, ou nos excessos do consumo, que convem cohibir, quando são de superfluidades, e permittir ao dinheiro que corra pelo mundo, que he o seu officio. Em tal caso suspender os saques, ou as remessas, sería, não só inutil pela summa difficuldade da execução de semelhantes prohibições, como tem mostrado a experiencia de muitos seculos, mas prejudicial, por ser o mesmo que atacar symptomas com remedios, que bem longe de atalhar os progressos da verdadeira molestia, ainda a aggravão mais.

Que se tiraria de prohibir hoje a extracção da moeda de Portugal para o Brazil, ou para os portos da Asia, que he para onde ella corre em mais quantidade? Tirar-se-hia o enfraquecimento de todas as relações mercantis entre os dous grandes

corpos do reino unido, que tanto convem promover, e a ruina do nosso commercio da Asia, que há annos a esta parte he o que tem prosperado, e talvez o unico que sustenta com algum vigor a praça de Lisboa. Em quanto por outros meios não conseguirmos vender tanto, ou mais aos estrangeiros, do que delles compramos, que se tiraria de embaraçar por este, se fosse possivel, ou demorar o pagamento da nossa divida? Tirar-se-hia o augmentalla com juros, e, o que he ainda peior, o descredito. He então que em lugar de melhorarmos, cahiriamos naquelle infimo estado de fraqueza, com que nos ameção tristes vaticinios.

Se os commerciantes, em vez de outras mercancias preferem remetter moeda, ou metaes preciosos para as praças estrangeiras, he porque esperão tirar dahi maior interesse: convém não os violentar nesta operação, que seria o mesmo que violentar o commercio, e attentar contra a prosperidade do Estado. As grandes nações nos dão o exemplo. Na Grã-Bretanha, quando nos ultimos annos da guerra, espalhados os seus thesouros pelo continente, se experimentou a maior escassez de dinheiro que já mais alli se tinha visto, nunca o Governo prohibio a sua sahida: deixou as cousas ao curso natural, e o dos cambios foi bastante para de novo lhe atrahir sommas immensas.

Em 17 de junho de 1816 disse *Lord Lauderdale* na Camara dos Lords, que sómente no actual reinado de *Jorge III.* se tinhão feito cunhar trinta milhões de libras esterlinas em ouro, e que tudo tinha desapparacido. E que fez o Governo Britannico? Tem feito trabalhar com summa actividade no cunho da nova moeda de prata, sem lhe importar que o dinheiro entre, ou saia dos seus Estados. O que lhe importa he conservar, por quantos

meios estão á sua disposição, ao de dentro todos os ramos da sua industria no alto gráo a que tem chegado, e ao de fóra a superioridade que tem conseguido sobre as mais nações, chamando em seu soccorro o exaltado patriotismo do povo Inglez, para o auxiliar nos seus projectos. O Principe Regente lhe dá hum nobre incitamento, participando á corte, que he da sua vontade, que todos lhe apparêção vestidos de manufacturas nacionaes nos festins, e funções de grande gala.

São necessarios outros remedios para os nossos males.

DUarte Ribeiro de Macedo, em huma epoca semelhante a muitos respeitos áquella em que vivemos, lamentava o abatimento em que se achava o commercio do reino, porque as mercancias nacionaes, por falta de valor, não tinhão sahida, e os estrangeiros, para se pagarem das que mettião no reino, levavão o dinheiro; e explicando-se segundo a linguagem usual, dizia: Que este mal pedia remedio prompto; porque se continuava, perder-se-hião as conquistas, e o reino; as conquistas, porque a sua conservação dependia do valor dos seus fructos; o reino, porque o dinheiro era o sangue das republicas, e succedia no corpo politico com a falta de dinheiro o mesmo, que no corpo fisico com a falta de sangue. Passando porém a examinar as causas do mal, lembrando os remedios que se lhe propunhão, como o de cohibir o luxo,

diminuir os direitos das alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, fazer executar á risca as leis que prohibem a extracção do dinheiro, conclue depois de huma longa analyse: "Finalmente o uni-
" co meio que ha, para evitar este damno, e impe-
" dir que o dinheiro não saia do reino, he intro-
" duzir nelle as artes. Não ha outra idéa, que pos-
" sa produzir este effeito, nem mais segura, nem
" mais infallivel."

Em hum tempo, em que as minas do Brazil innundavão Portugal com o seu ouro, dizia *Alexandre de Gusmão* ao Senhor Rei *D. João V.* "Senhor,
" o dinheiro he o sangue das monarquias, e extra-
" hido do corpo dellas, enfraquece-as, da mesma
" forma que acontece aos corpos humanos, quando
" se lhes tira o sangue. A este modo de fraqueza
" se vai conduzindo Portugal; porque tanto se tra-
" balha em extrahir-lhe a moeda, quanto se cami-
" nha para a pobreza, e para a ruina." Conformando-se ás idéas do seu tempo, não capitulou bem a doença; mas seguindo os impulsos do seu discernimento, applicou-lhe remedios adequados: cohibir o luxo, augmentar a agricultura, estabelecer fabricas, e favorecer o commercio dentro, e fóra do reino, he o que elle propunha.

Estes erão os meios, que tambem propunhão em Hespanha, cuja sorte tem andado quasi sempre a par da de Portugal, *Ustariz*, *Ulloa*, *Ward*, e *Campomanes*; e os que tem sido adoptados por todos os Governos illuminados. Porém o mais poderoso de todos, para favorecer a producção, he prover á segurança das pessoas, e das propriedades, e deixar embora tudo o mais ao seu curso natural. *Say* diz com muita razão, que este genero de protecção por si só he mais favoravel á prosperidade geral, do que quantos obstaculos in-

ventados até agora lhe tem sido contrarios; porque os obstaculos comprimem o elasterio da producção, e a falta de segurança a destroe absolutamente. *Smith* refere como huma das primeiras causas da prosperidade da Grã-Bretanha a prompta, e imparcial administração da Justiça, que faz respeitar pelos poderosos os direitos do ultimo dos cidadãos, e segurando a cada hum os fructos do seu trabalho, dá o mais real de todos os fomentos a toda a especie de industria.

Na época presente quasi todas as nações da Europa se queixão do mesmo mal, que nós sentimos; porque forão nossas companheiras nas desgraças. Todas se remexem para melhorar a sua condição: convem examinar com attenção os meios de que se servem, para adoptarmos d'entre elles os que se apropriarem á nossa situação. Os ministros, que representão o Soberano nas differentes cortes, podem prestar a este respeito serviços mais importantes á patria, do que em todas as suas funções diplomaticas. Convem igualmente procurar na historia os actos praticados em semelhantes circumstancias pelos Governos, e ministerios, que mais se distinguírão pelas suas luzes; e he este hum soccorro, com que a literatura deve auxiliar os Governos. He reunindo todos estes elementos dispersos, trabalhando sem cessar, e lutando com constancia contra as adversidades, que se podem reparar os estragos do edificio politico: *sic itur ad astra.*

Cohibir o luxo.

O LUXO he hum dos grandes flagellos que nos opprimem, e o que nos consome mais cabedal. Não ha hum pai de familias, que o não deseje extincto; porém nenhumas forças humanas o podem destruir. Os filosofos sempre clamárão com vehemencia contra elle, porque perverte os costumes, e he origem de immensos males; os politicos de huma certa idade, olhando sómente para o grande consumo que elle occasiona, o promovêrão como hum poderoso agente da industria; os modernos o reprovão com mais razão; porque consumindo, sem produzir, he hum dos meios mais promptos, para devorar os capitaes de huma nação.

Os nossos escriptores fixão communmente a entrada do luxo em Portugal no tempo das nossas conquistas da Asia. *Duarte Ribeiro de Macedo* refere a este respeito o facto de huma carta, que o Senhor Rei *D. Manoel* escreveo no primeiro anno do seu reinado ao *Conde de Vimioso*, em que o reprehendeo de haver consentido, que a Condessa sua mulher se vestisse de veludo, dando a razão: *porque o veludo, Conde, he para quem he.* " Abrimos às portas, continúa *Duarte Ribeiro*, ás " riquezas do Oriente, que fizerão o reino abun- " dante e rico, e seguio-se o luxo, companheiro " inseparavel da riqueza; passou a ser desprezo a

"pobreza antiga; e foi necessario que a casa de "Vimioso vestisse de veludo às creadas, que de "primeiro fôra condemnado na senhora." Tenho por certo, que naquella epoca cresceo muito o luxo; porém já d'antes o havia, e já o Senhor Rei *D. João II.* tinha promulgado a sua *Pragmatica de* 22 *de março de* 1487, em que prohibio as sedas, e os brocados, e prescreveo a moderação nos vestidos. Mais ou menos nunca deixou de existir; e, como disse *Voltaire*, clama-se contra elle ha mais de dous mil annos em verso, e em prosa, e sempre se amou.

Desde o Senhor Rei *D. João II.* não cessárão as leis sumptuarias, e o Senhor Rei *D. João V.* prosseguindo no mesmo systema, que era então mui geral, pertendeo com ellas cohibir o luxo: remedio inutil, que deixou o mal sem cura; porque as leis não tem força contra os habitos da nação; e o luxo tem as suas raizes no coração do homem: he hum monstro de mil cabeças, que humas se levantão, quando outras se cortão. Só dos annos póde esperar-se o verdadeiro remedio, não se perdendo hum instante em vigiar pela educação publica; porque, para mudar os costumes, e os habitos de huma nação he necessario formar em certo modo huma nova geração, e inspirar-lhe novos principios.

O luxo tem ainda alguns protectores, e de nome conhecido entre os modernos, como *Herrenschwand* (1) que acautelando-se em separar a questão moral, e reconhecendo-o como hum vicio em si mesmo, e fonte de todos os vicios, sustenta com tudo que elle he huma condição essencial na Eco-

---

(1) *Discurso sobre a povoação.*

nomia Politica moderna, fundada em hum systema de agricultura relativa, e manufacturas; e como *Blanc de Volx* (1) que chamando em seu favor a experiencia, isto he, a immoralidade, e a prevaricação, julga destruir as declamações dos que chama Rhetoricos, que quererião ainda fazer-nos remontar ás primeiras idades do mundo, para beber ahi as maximas da Economia Politica. He necessario contar entre estes Rhetoricos a *Mably*, *Cantillon*, *Brown*, *Raynal*, *Symonde*, *Say*, e huma grande lista de nomes igualmente respeitaveis, que todos tem clamado contra o luxo, e não precisão de que eu os defenda. Este ultimo sobre tudo poz a materia em tanta clareza, que nada deixa a desejar.

Todos os argumentos, que se produzem a favor do luxo, vem a reduzir-se a hum só principio: que elle, como grande consumidor, anima a industria. Eu já disse, que o erro consiste em olharem sómente para o consumo, quando devião attender á producção. Mas accrescentão, que excitando os homens a dispender, tambem se excitão a produzir. A isto responde *Say* (2) que para raciocinar assim he necessario começar pela supposição, que depende tanto dos homens o produzir, como o consumir; e que lhes he tão facil augmentar as suas rendas, como dissipallas. Mas quando assim fosse, e quando fosse verdade que o augmento da despeza désse o amor ao trabalho, como poderia augmentar-se a producção, sem se augmentarem os capitaes, que são os elementos da producção; e como póde esperar-se o augmento de capitaes, onde em lugar de economia não ha

(1) *Etat commerc. de la France au commencem. du XIX. siecle tomo I. cap. V. sect. II.*

(2) *Liv. III. Cap. V.*

senão hum espirito de dissipação? Deixando de seguir o fio dos argumentos, concluirei com o mesmo *Say*, que as pessoas que por hum grande poder, ou por grandes talentos procurão espalhar o gosto do luxo, conspirão contra a felicidade das nações: Que se algum habito merece ser animado, tanto nas monarquias como nas republicas, nos grandes como nos pequenos Estados, he a economia. Mas esta não precisa de ser animada; basta não animar a dissipação, honrando-a. Basta respeitar inviolavelmente todas as industrias, e os seus empregos; isto he, o inteiro desenvolvimento de toda a industria, que não he criminosa.

A materia pedia talvez ser tratada com mais extensão; porém leia-se *Say*, que a tratou, não como Rhetorico ou Moralista, mas como mestre em Economia Politica, que elle me dispensa de repetir o que eu não poderia dizer, nem melhor, nem tão bem como elle. Seja-me porém permittido ajuntar os pensamentos de hum outro Escritor Francez mui recente (1) sobre os effeitos do luxo no commercio, e na industria.

"O luxo he huma paixão descomedida de os-
"tentação, que faz preferir ao homem rico os go-
"zos dispendiosos da vaidade, e do orgulho, a
"que os outros homens não podem chegar, aos
"gozos mais modestos, mais puros, e mais reaes,
"que sempre acompanhão o uso bem entendido
"das riquezas, quando são empregadas, ou na
"acquisição de cousas uteis, boas, e commodas,
"ou na pratica de actos de beneficencia, ou no fo-
"mento da agricultura, e das artes.

---

(1) *Examen des principes les plus favorables aux progrès de la Agriculture, des Manufactures et du Commerce, par Ls. D. B. Paris* 1815, *III. parte, cap. XXVI.*

" Esta doença he quasi sempre a dos despo-
" tas e dos conquistadores, que no delirio moral,
" que os persegue, se persuadem que a ostentação
" de huma magnificencia extraordinaria dará ao
" mundo a mais alta idéa do seu poder. Póde di-
" zer-se, que o luxo das cortes he o thermometro
" do gráo de felicidade, de que gozão os póvos.

"Hum despota, cercado de cortezãos occupa-
" dos sem cessar em esgotarem os refinamentos da
" lisonja, para elevarem até ás nuvens a sua habi-
" lidade, seus talentos, e sua gloria, he arrebata-
" do por huma inclinação insensivel a julgar-se de
" huma especie differente da dos outros homens.
" Elle se persuade, que estabelecendo pelo appa-
" rato de hum luxo excessivo huma distancia im-
" mensa entre si e os vassallos, os acostumará a
" reconhecerem na sua pessoa os attributos, que
" o aproximão á divindade. Tal foi o homem, que
" ha pouco governava a França com hum sceptro
" de ferro, quando chegou ao cume das suas pros-
" peridades.

" Nós temos visto, que as mobilias as mais
" ricas, coroas de ouro, e de pedras preciosas, of-
" ficiaes vestidos de estofos bordados os mais ri-
" cos, equipagens sem numero, huma guarda de
" sessenta mil homens, doze palacios magnificos,
" não tinhão bastado para satisfazer o orgulho in-
" sensato do despota, de que a França teve a feli-
" cidade de se libertar.

" Quando o Monarcha se deixa arrastar pela
" paixão do luxo, elle he ordinariamente imitado
" por seus ministros e cortezãos. Bem depressa
" este gosto ruinoso, descendo de proximo em pro-
" ximo, finda por se introduzir em todos os esta-
" dos, e profissões. As douraduras, as rendas, es-
" tofos os mais ricos são os unicos da moda para

"os vestidos. O luxo dos diamantes, das mobilias, "das equipagens, de numerosos criados, de librés "magnificas, segue o dos vestidos. Todo este faus-"to não se estabelece senão á custa dos póvos, "e sobre a miseria publica. Algumas fabricas de "luxo prosperão; todas as outras desfalecem. A "agricultura opprimida de impostos, para alimen-"tar o luxo do Principe, e dos seus favorecidos, "enfraquece os seus trabalhos, e os seus consu-"mos. O preço dos grãos, das mercancias, e de "todos os productos da terra diminue, (1) os ren-"deiros não podem mais pagar nem aos seus pro-"prietarios, nem os impostos....

"Hum Governo sabio, penetrado dos seus "deveres, não póde fazer assás de esforços por "suas exhortações, suas leis, e seu exemplo, para "desgostar os póvos do luxo, e das despezas su-"perfluas, e para voltar as suas idéas, e os seus

---

(1) O effeito natural do luxo he augmentar o preço das mercancias, procurando por este modo huma prosperidade apparente á industria; porém surdamente a vai minando, porque consome os capitaes, que lhe servião de alimento. O Author falla da França em particular, e allude expressamente áquellas epocas, em que os Governos dissipadores subvertêrão a fortuna publica com fastuosas, e inuteis profusões; mas então mesmo, e principalmente na epoca do Governo imperial de *Bonaparte* concorrêrão causas mui diversas, a que deve attribuir-se a baixa nos productos da agricultura, e da industria: o systema continental, e a interrupção do commercio externo explicão o fenomeno. Nós fallamos muitas vezes em classe productora, e classe consumidora: se fosse possivel separarem-se estas duas classes, a primeira desejaria hum grande luxo, ainda que erradamente, porque sem o perceber elle lhe destruiria o principio vital das forças productivas; a segunda desejaria sempre a parcimonia: porém a separação não póde ser senão idéal, porque todo o productor he ao mesmo tempo consumidor, e raro será o consumidor, que não produza tambem alguma cousa. Por aqui se vê, que a universalidade da nação he interessada em se proscrever o luxo.

" habitos para as cousas essencialmente boas, uteis
" e commodas.

" O luxo, inimigo das virtudes, chama após
" de si todos os vicios. Elle enerva o valor dos ho-
" mens, destroe os costumes, corrompe com o seu
" lustre seductor o coração, e a virtude das mulhe-
" res; dispõe para a venalidade todos os emprega-
" dos publicos; estabelece huma distancia prodi-
" giosa entre os ricos e os pobres; perverte todas
" as classes da sociedade; inficiona com o seu
" sopro impuro até as profissões laboriosas; sec-
" ca as fontes principaes da prosperidade publi-
" ca; dá huma falsa direcção ao emprego das ren-
" das do Estado e dos particulares; faz enfraque-
" cer a agricultura; paralysa as grandes manufa-
" cturas, para enriquecer hum pequeno numero de
" fabricas, cujos productos destinados á classe
" exclusivamente affortunada, tem por merecimen-
" to principal serem excessivamente caros.

" O luxo he o flagello das nações: a Historia
" nos ensina, que elle tem conduzido rapidamente
" a huma decadencia inevitavel aquellas, que tem
" tido a infelicidade de serem por elle arrastadas."

Refuta-se huma opinião de Herrenschwand sobre o commercio externo.

HErrenschwand, que parece ter caprichado em introduzir novidades sobre muitos pontos, calcula que a agricultura de Inglaterra chega apenas a dous terços, e a de França a ametade do que huma e outra poderião, e deverião ser: o que não attribue tanto á falta de capitaes, como a terem-se estas nações desviado da ordem natural no seu emprego; 1.° dedicando capitaes ao commercio externo de transporte, para o qual não estavão ainda maduras; 2.° dedicando huma grande porção delles ao commercio externo de consumo directo e de circuito. Tomando por exemplo estas duas nações, que tanto se tem avantejado ás mais da Europa (excepto a Hollanda) e partindo do principio, que a agricultura, e o commercio interno marchão sempre ao mesmo passo, como o effeito com a sua causa, no systema da Economia Politica moderna, isto he, no de agricultura relativa fundado em hum systema de manufacturas, no qual a industria nacional he necessariamente o grande fim, a que tudo se deve encaminhar e subordinar, conclue: Que as nações da Europa, applicando huma demasiada porção dos seus capitaes ao commercio exterior, não só tem empobrecido incessantemente a sua industria, mas a tem feito

passar por todas as alternativas, a que he sujeito o commercio exterior pela sua propria natureza: Que he principalmente nestas circumstancias, que devem procurar-se as razões, porque ellas tem avançado tão lenta, difficil, e irregularmente na carreira da sua prosperidade; porque ellas estão ainda tão atrazadas na sua agricultura, e povoação, não produzindo a Europa ametade das subsistencias, nem por consequencia ametade dos homens, que he capaz de produzir; porque em fim as mesmas nações não tem feito senão subir, e descer de hum a outro gráo de prosperidade, sem jámais se elevarem sensivelmente acima da mediocridade.

Não me parece justo na pintura dos effeitos, nem exacto em lhes assignar as causas. Que a agricultura, e a industria dos Europeos estejão ainda longe do gráo de perfeição, a que podem chegar, de boa mente o concedo, e o mesmo se póde dizer das sciencias, e de todas as artes, e instituições humanas; que porém tenhão sido tão lentos, e diminutos os seus progressos, como se figura, he o que desmente a historia dos ultimos tres seculos, e principalmente a do ultimo meio seculo. Não obstantes estes principios de prosperidade, de que gozão as nações modernas em gráo eminente, he verdade que ellas tem soffrido irregularidades na carreira da felicidade publica, sendo algumas vezes obrigadas a retroceder; mas para que he procurar as causas no innocente commercio externo, cuja influencia he sempre benigna, quando as temos tão patentes nas revoluções dos póvos? Eu tenho dito no principio deste tomo quanto basta sobre o assumpto.

Segundo a opinião do mesmo author, o commercio interno de huma nação augmenta a sua ri-

queza real; e o commercio externo a sua riqueza nominal, porém á custa da real; porque as vantagens exaggeradas, de que a industria nacional se pertende fazer devedora ás balanças favoraveis do commercio, nunca forão calculadas como deverião ter sido: he como pinta em poucas palavras os effeitos naturaes das duas especies de commercio sobre a prosperidade das nações. Não he bem imaginada aquella differença de riqueza real, e riqueza nominal. A riqueza he huma só; consiste nos valores, e tão reaes são os que se adquirem por huma como por outra especie de commercio, por hum ou por outro genero deindustria.

"Os damnos (diz ainda *Herrenschwand)* que "o commercio externo faz á industria nacional, "estão na razão dos capitaes, que elle lhe saca, "para favorecer a industria estrangeira; os bene-"ficios, que a industria nacional póde receber do "commercio externo, estão na razão dos capitaes, "que elle traz pelas balanças favoraveis; mas co-"mo em todos os casos a balança do commercio "deve naturalmente ser muito inferior aos capitaes "que a produzem, he não sómente evidente, que "os damnos causados pelo commercio exterior á "industria nacional são em todo o caso muito "maiores do que os beneficios, que lhe póde pro-"curar, mas tambem que tanto maior for a balan-"ça do commercio, isto he, tanto maior for o "commercio externo que a dá, maiores serão os "damnos, que este commercio causará á indus-"tria nacional." Não vê *Herrenschwand*, que o commercio he reciproco entre as nações que o fazem? Se calcula como perda todos os capitaes, que a exportação nos leva, por que os saca á nossa industria, para irem fomentar a industria estrangeira, que razão ha para que calcule sómente co-

mo lucro o que nos traz a balança favoravel, isto he, o saldo, quando he a nosso favor? Deve calcular tudo o que nos traz a importação; porque tambem são capitaes sacados á industria estrangeira, para virem fomentar a nossa.

Poderia dizer-se, que esta doutrina servia de modélo á politica forçada de *Bonaparte*, que vendo cohibido, e inteiramente cortado o commercio maritimo em todas as terras, em que dominava, parecia querer reduzir o commercio da Europa ao que fôra nos seculos barbaros; e áquella arithmetica subtil, com que os seus ministros provavão quanto elle queria, como na celebre exposição, de que se lembra *Say*, (1) onde o Ministro do interior no anno de 1813, epoca, em que o commercio estava arruinado em França, e os recursos de toda a especie em huma declinação rapida, se gloriava de ter provado por cifras, que a França se achava em hum estado de prosperidade superior a tudo, o que ella tinha experimentado até então.

Não se duvida de que o commercio interno seja muito superior, e muito mais util que o externo; porém este tambem tem a sua vez, e merece a mais decidida protecção dos Governos, tendo huma grande influencia, e mui benigna sobre o primeiro, assim como sobre a agricultura, e manufacturas, e sobre a prosperidade publica em geral. He elle o que faz valer os fructos da terra, e do trabalho, procurando huma sahida vantajosa ao excedente do consumo domestico das nossas producções, quando he livre; e pelo contrario, quando soffre embaraços, opéra huma ac-

---

(1) *Introducção na nota á pag. XXI.*

cumulação nociva no interior, que augmenta a massa, e diminue o preço das mesmas até hum ponto, que desanima, e entorpece a producção. He elle o que nos fornece dos paizes estrangeiros os objectos, de que precisamos, e ás nossas fabricas as materias primeiras, que a natureza negou ao nosso paiz. Por elle se enlação cada vez mais as nações, o que he sempre huma vantagem para a especie humana; por elle se communicão as luzes, e a civilisação faz progressos.

E sem perder de vista a riqueza, que he o ponto central, a que se dirigem todos os principios de Economia Politica, he huma verdade geralmente reconhecida, que quando duas nações fazem entre si hum commercio, que não seja muito desigual, ambas lucrão, e por menor que seja o lucro, a sua vantagem he solida, porque he hum augmento de capital, que vai alimentar a industria de ambas. Sería na verdade hum estranho modo de animar a nossa agricultura, e fabricas o privarmo-nos deste beneficio, até que cheguemos áquelle gráo de madureza, que *Herrenschwand* nos quizer traçar, e a que, segundo a sua opinião, a Inglaterra ainda não tem chegado.

Prohibições, e restricções na introducção de mercancias estrangeiras.

A connexão das materias pedia, que eu dissesse alguma cousa neste lugar sobre o systema exclusivo dos Mercantis, com que geralmente se tem procurado promover a industria domestica, fazendo guerra ás producções de paizes estrangeiros; ou prohibindo absolutamente a sua introducção, ou difficultando-a por meio de direitos pezados; mas direi pouco sobre este assumpto, porque sobre elle se tem escripto muito. He hum daquelles, que forão mais bem desenvolvidos por *Smith* (1) e pelos numerosos escriptores da sua escola. *Rougier Labergerie* o tratou amplamente em huma Obra que merece ser lida (2)

Este systema absurdo, como lhe chamão de plano os melhores authores, he o fructo infeliz de huma maxima geralmente recebida na antiga Economia Politica, diametralmente opposta ao que ensina a Economia Politica moderna. Pensava-se, que huns não ganhavão senão o que outros perdião; que huma nação não podia enri-

(1) Esta materia occupa huma grande parte do *Liv. IV.* da Obra de *Smith* sobre a riqueza das nações.

(2) *Essay Politique et Philosophique sur le commerce et la paix, considérés sous leurs rapports avec l'agriculture.*

quecer-se senão á custa das outras. E que desgraçadas consequencias não devião resultar de huma maxima tão insocial, e tantas vezes funesta á humanidade! Hoje pensa-se pelo contrario, que para huma nação prosperar, he necessario que tambem as nações visinhas prosperem; que cada huma de per si he interessada na felicidade das outras. Que doutrina tão recommendavel, e tão util aos homens, devida aos ultimos progressos da Economia Politica!

No estado de communicação, em que existem os póvos, a riqueza e a pobreza são em certo modo communs entre elles. De balde huma cidade, ou huma provincia sería industriosa, se as cidades ou os póvos visinhos o não fossem igualmente; porque não teria a quem vender os seus productos. Entre miseraveis não ha que ganhar. Huma nação está no mesmo caso a respeito das nações visinhas; e aquella que por meio de huma conducta imprudente põe embaraços ao seu commercio com as outras, pensando beneficiar-se, corta ella mesma o fio da sua prosperidade.

Mas desgraçadamente o que se pensa nem sempre he o que se pratíca. Os principios de *Stewart*, que se póde olhar como hum dos maiores corifeos do systema exclusivo, são ainda hoje a regra de conducta do Governo Inglez. Este systema acha-se complicado com as suas finanças; e como se resolverá aquelle Governo a abandonallo, se he delle que lhe vem a maioridade dos seus recursos? Para o sustentar, revolverá o mundo com todas as forças do seu imperio. As mais nações movem-se pela mesma mola, e são além disso arrastadas pelo exemplo, e por huma especie de represalia; e he assim que se perpetúa a escravidão do commercio, e da industria! He impossivel que

se não conheça o mal que se faz, porém obra-se systematicamente, e ninguem quer dar o exemplo de adoptar o systema liberal. Ao menos tem-se relaxado mais as prizões, que tambem prendião a industria, e o commercio no interior; e já he hum bem, que compensa em parte os males do systema exclusivo de nação para nação. O ultimo tratado de commercio entre Portugal e Inglaterra, que tantos clamores tem excitado, não achou imitadores, e porque os não achou he que nos tem sido mais pezado. Além disso em todas as mudanças repentinas a novidade sempre produz algum abalo: a nossa industria, tomando huma direcção accomodada ás novas circumstancias, por si mesma tende a reparallo.

Toda a prohibição, ou restricção de mercadorias estrangeiras he hum monopolio a favor dos productores nacionaes desse genero de mercadorias contra os consumidores, isto he, contra a totalidade da nação; porque eu já disse, que os productores tambem são consumidores, e nesta qualidade perdem elles mesmos. Aqui he que tem lugar o principio, que hum não póde ganhar senão o que os outros perdem; porém o ganho he mui pouco, e a perda muito grande.

Além disso o systema exclusivo não só põe as nações em hum estado de hostilidade entre si, de que muitas vezes tem resultado guerras que ensanguentárão o mundo; porém arma os vassallos do mesmo Soberano huns contra os outros, levantando huma especie de guerra civil entre os executores das leis prohibitivas, e os interessados no contrabando. Se taes leis não houvera, não haveria nem contrabando, nem contrabandistas, e poupar-se-hião infinitos crimes, que pratíca, ou a que dá occasião esta qualidade de gente acos-

tumada a viver da fraude, e a expor-se a todos os riscos para violar as leis. A Politica, e a Moral estão de acordo contra o systema exclusivo.

No estado de oppressão, em que elle tem posto a Europa, parece que a primeira nação, que libertar o commercio de todos os seus embaraços, tambem será a primeira em colher grandes vantagens do systema liberal, ainda que as outras a não imitem. *Smith* he desta opinião, sustentando ainda neste caso as suas doutrinas geraes com mui poucas limitações; porém a questão he delicada para as nações pouco adintandas em industria. Aquelle que nos priva do seu commercio, causa-nos hum damno; mas se em represalia nós o privamos do nosso, ainda que isto seja fazer-lhe outro mal, não augmentamos nós ainda o nosso prejuizo privando-nos do beneficio que podiamos ter? Quando *Filippe II.* se fez senhor de Portugal, e a Hollanda se levantou, prohibio todo o commercio entre os dous paizes. Que resultou? Os Hollandezes, privados de virem buscar a Lisboa as mercadorias da Asia, forão buscallas ás suas fontes, lançando por este modo os fundamentos da sua grandeza, e destruindo a nossa. Eis-aqui hum exemplo, bem funesto para Portugal, dos máos effeitos destes ciumes de commercio, destas represalias, e do systema exclusivo em geral para a nação que o adopta.

Mas não he duro, não fica desigual o meu partido, como eu disse em outra parte, *(tomo I. pag. 149)* franquear eu a minha casa aos visinhos, se elles me negão a entrada nas suas? Para as nações pouco adiantadas he que tem lugar esta reflexão, e muitas vezes será necessario recorrer ao expediente das prohibições, e restricções, pois

que infelizmente he este o systema geralmente adoptado, para que a industria estrangeira não suffoque na nascença os germes da industria nacional. Este he o ponto espinhoso, em que os Governos precisão de toda a perspicacia, e prudencia, para que os seus passos não sejão errados.

EPOCAS

DA

AGRICULTURA, E MANUFACTURAS

EM

PORTUGAL.

EPOCAS

DA

AGRICULTURA, E MANUFACTURAS

EM

PORTUGAL.

Estado da agricultnra nos tempos, que precedêrão ao estabelecimento da monarquia.

PORTUGAL, participando dos destinos dos mais reinos, e provincias das Hespanhas, de que elle mesmo faz parte, a pezar das vantagens do seu terreno, e da sua situação, encontrou em todos os tempos grandes obstaculos aos progressos da sua agricultura, e industria. Esta vasta extenção de

paiz, fechada de hum lado pela trincheira natural dos Pyreneos, e de tódas as mais partes pelo mar, cortada por immensos rios, composta de planicies e de montanhas, que offerecem toda a qualidade de terrenos apropriados a todos os generos de cultura, debaixo de hum clima temperado, onde prosperão todos os fructos da Europa, e muitos dos das outras partes do mundo, parecia destinada para que os seus robustos, e engenhosos habitantes desfructassem em paz os dons da natureza, e cultivassem as artes, sem serem agitados por influencia alguma estrangeira.

Não aconteceo assim; e desde os tempos em que a Historia falla de Hespanhoes, nós os vemos entregues á cobiça de differentes nações, que invadírão e assolárão o paiz, attrahidos principalmente pelos metaes preciosos, que aqui vinhão arrancar das entranhas da terra, ou aproveitar entre as arêas dos nossos rios. Aqui se debatêrão por longos tempos os Fenicios, e outros póvos orientaes com os Carthaginezes, os Carthaginezes com os Romanos; e antes que estes ultimos se assenhoreassem inteiramente do paiz, forão necessarios dous seculos de huma luta sanguinaria com os seus antigos povoadores, em que os *Scipiões*, os *Pompeios*, e os *Cesares* comprárão mui caro os seus triunfos.

Debaixo do poder dos Romanos começou huma epoca mais feliz que as precedentes; ainda que estes famosos conquistadores são accusados de terem desprezado a agricultura, a meu ver injustamente. Muitas vezes se tirárão do arado os maiores homens de Roma, para se lhes entregar o commando dos exercitos, e o exercicio dos primeiros cargos da republica; e depois de triunfarem, voltárão ao arado. O velho *Catão*, *Virgilio*,

Columella, *e Plinio* escrevêrão maravilhosamente da agricultura. e em todas as leis Romanas, em que se trata desta profissão, não se achão senão louvores, e hum systema, que todo se encaminhava a favorecella. e honralla. Hum povo destes não despreza a agricultura. He verdade que com as conquistas entrou o luxo, e a moleza, e a cultura passando a ser exercitada por escravos, teve quebra; mas ainda neste tempo *Cicero* a recommendou a seu filho, e dizia: *Omnium rerum, ex quibus aliquid acquiritur, nihil est agricultura melius, nihil dulcius, nihil homine libero dignius.* E quando *Columella* ouvia queixar os principaes de Roma, humas vezes contra a esterelidade dos campos, outras contra a intemperança do clima, e fraqueza em que os campos tinhão cahido, como cançados da fertilidade demasiada da primeira idade, dizia: (1) *Quas ego causas, Publi Silvine, procul a veritate abesse certum habeo .... Sed nostro potius accidere vitio, qui rem rusticam pessimo cuique servorum, velut carnifici, noxæ dedimus, quam majorum nostrorum aptimus quisque optime tractaverit.*

O orgulho do povo de Roma, como diz *J. Naudet* em huma obra de muito merecimento, (2) podia ser satisfeito vendo as outras nações trabalharem para a sua subsistencia, e mesmo para os seus prazeres. Porém assim mesmo amollecidos e preguiçosos na sua capital, os Romanos levávão ás extremidades do imperio a policia, e o espirito de industria, que caracterizava huma nação pode-

(1) *De re rustica Liv. I.*

(2) *Des changemens opérés dans toutes les parties de l'administration de l'emperie Romain sous les régnes de Diocletien, &c. tom. I. parte I., cap. II.* Esta Obra foi coroada pela Academia das Inscripções e Bellas letras no concurso de 1815.

rosa, que tinha chegado a hum tão alto gráo de poder, e de civilisação. As estradas, as pontes, os edificios publicos, e tantos outros monumentos, de que ainda encontramos vestigios em todas as nossas provincias, attestão sem contradição o esplendor, e prosperidade, de que então gozava o paiz.

Durou pouco tempo este estado das cousas. Novas invasões o vierão sepultar de novo nas maiores desgraças; e com esta differença: até alli os invasores tinhão sido póvos civilisados, que trazião a policia e as artes; agora erão barbaros, que trazião as trevas, e anniquilavão todos os principios de prosperidade. Os roubos, e as violencias, que praticavão estas novas gentes contra os antigos habitantes, interrompêrão a communicação entre as cidades e os campos; aquellas ficárão despovoadas, e estes sem cultura; tudo sepultado na miseria, e na barbaridade. Muitas vezes mudámos de senhores, sem com tudo melhorar de fortuna, até que os Wisigodos, estabelecendo hum imperio que excedia aos de todos os outros barbaros em poder e grandeza, se humanizárão, e os seus chefes commeçárão a attender pelo bem publico. Neste periodo já vemos hum systema fixo de legislação, e leis favoraveis á agricultura; mas erão leis de huma nação, que commeçava apenas a ser cultivadora; porque estes mesmos Godos erão os Germanos septentrionaes, ou *Gothones*, de que *Cesar*, e *Tacito* pintárão excellentemente os costumes; que vivião de leite, queijo, e carne não tendo terras em proprio, senão as que os seus magistrados assignavão cada hum anno ás familias, para no anno seguinte passarem a novos possuidores: *Nulli domus*, diz Tacito, *aut ager, aut aliqua cura; prout ad quem venêre aluntur.*

He necessario confessar, que quando os Godos subjugárão a Hespanha, já tinhão mudado algum tanto de caracter; e que por maiores que fossem as desgraças dos nossos antepassados nestas regiões occidentaes, não igualárão as de outros póvos ao oriente do imperio, invadidos igualmente por outros barbaros muito differentes nos costumes. Os Tartaros destruião o imperio Grego para ahi estabelecêrem o despotismo, e a escravidão; os Germanos septentrionaes invadião o Occidente, para fundarem monarquias, e libertarem os escravos. Entre estes mesmos havia huma differença notavel: em quanto os Wisigodos na Hespanha, e em huma parte das Gallias repartião as terras entre si e os antigos habitantes, os Francos se apoderávão inteiramente dellas, sem deixar cousa alguma aos vencidos.

O systema dos Wisigodos era mais favoravel á agricultura, e a Hespanha devia prosperar mais debaixo de seu Governo, se fosse permanente; porém os Francos fundárão huma monarquia, que ainda existe, não obstante o ter mudado differentes vezes de dynastias, e a infeliz Hespanha estava reservada para novas assolações, que por muitos seculos lhe não deixárão levantar cabeça. Fallo das que se seguírão á invasão dos Arabes.

Estes conquistadores nos seus principios forão muito semelhantes aos póvos do Norte; porque, como elles, seguião a vida de pastores. Começárão suas expedições com huma extraordinaria ferocidade, e para se fazer idéa do seu caracter basta dizer, que aquentárão fornos com as bibliothecas de Alexandria; quando porém invadírão a Hespanha, já formávão hum povo illuminado, que trazia as artes, e a policia. Em nenhuma nação forão tão rapidos os progressos das luzes, e da

civilisação; mas erão conquistadores, que he o mesmo que destruidores, e o mahometismo, que proffessávão, nunca se pôde unir com o christianismo universalmente adoptado em toda a Hespanha: eis-aqui a origem de tantos males, tantas devastações, de que a narração, que se acha nos poucos escritos daquelle tempo, posto que exaggerada, como he de presumir, pelo odio dos vencidos aos vencedores, faz tremer.

Huma parte dos pacificos habitantes refugiou-se para França, outra entranhou-se fugitiva pelas montanhas ao norte da peninsula, e toda a mais povoação ficou opprimida debaixo do novo jugo. E como serião então cultivadas as terras? Com tudo o Governo dos Arabes era creador; e estendendo as suas conquistas até ás Indias, tinha proporções para fazer prosperar esta immensa extensão de paizes com hum commercio, que abraçasse o Oriente com o Occidente, e com huma industria elevada a hum consideravel grão de perfeição. Quando oito centos annos depois os Portuguezes, tendo expulsado os Arabes de Portugal, e tendo-os quebrantado nas costas occidentaes de Africa, se forão estabelecer nas Indias, começárão a encontrallos na costa oriental desta mesma Africa, e quasi não derão hum passo nas vastas regiões, que discorrêrão como vencedores, e como commerciantes, que os não achassem estabelecidos, e os não tivessem por competidores. Ainda hoje elles fazem huma figura mui distincta na maior parte das praças orientaes pelo seu commercio, e industria.

Acontecêo porém, que quando o sangue dos Arabes começava a unir-se com o dos Hespanhoes, e a Hespanha a ser tranquilla debaixo dos seus novos dominadores, estes se desunírão, e enchêrão

o paiz de novas perturbações. Começou a desordem pela sublevação de differentes corpos das tropas, que pertencião a nações mui diversas, contra o Governador *José*; e ainda esta não estava acabada, quando sobreveio outra mais violenta. A dynastia dos *Abbassidas* destruio no Oriente a dos *Omniadas*, e *Abderraman* pertencente a esta ultima, tendo escapado á mortandade, veio-se apresentar na Hespanha, onde *José* lhe fez a guerra, e foi morto em huma batalha, de que resultou erigir-se *Abderraman* em Califa da Hespanha, independente dos de Damasco, estabelecendo em Cordova o assento do imperio. Este foi chamado o *Justo*; mas fez tantas cruezas em Hespanha, que tambem o chamárão o seu novo destruidor.

Os christãos entre tanto não estavão quietos. A' primeira occasião sahírão das suas montanhas, e aproveitando-se das discordias dos Mahometanos entre si, fundárão o pequeno reino das Asturias, ou de Oviedo, que deo nascimento ao de Leão. Aqui começou a grande luta, que não terminou senão com o reinado do Senhor *D. Affonso III.* em Portugal, e com o de *Fernando*, e *Isabel* na monarquia Hespanhola.

A' proporção que os Arabes erão atacados pelo Norte, e pelo Occidente, concentravão a sua dominação no centro, e no Sul, e ahi cultivavão as artes, como em Toledo, em Sevilha, em Valença, e sobre tudo em Granada, que foi o ultimo ponto de que forão expulsos, e em Cordova, que embelecêrão, e fizerão huma habitação de delicias, em quanto a possuirão. No meio destas convulsões he facil de julgar quanto soffrerião os campos, e o pouco que podiamos apprender dos Arabes. Com tudo temos delles algumas artes, como a da distillação, a cultura da seda, e varios me-

thodos de agricultura. He muito escura a nossa Historia por estes tempos, e principalmente pelo que pertence ao Governo dos Arabes: começou a illustralla o nosso benemerito Academico *Antonio Caetano do Amaral* em huma *Memoria*, que vem no *tomo VII.* das de literatura Portugueza da *Academia Real das Sciencias*; e quanto não seria util que alguns dos nossos sabios empregassem o seu tempo na continuação do mesmo trabalho!

Estado da agricultura no tempo dos nossos primeiros Reis.

QUANDO *Affonso VI.* fez doação da monarquia Portugueza ao Conde *Henrique*, desmembrando-a do reino de Leão, não só comprehendeo as terras que possuia em Portugal, mas tambem as que o Conde tomasse aos Mouros. Eis aqui como ella começou por ser hum Estado conquistador, e a ter as armas como por instituto; o que de nenhuma forma he favoravel á agricultura.

Desde o anno de 798, em que *Affonso II.* por sobrenome o*Casto*, tinha chegado até Lisboa, que tomou, segundo consta de alguns antigos escritos, e não pôde conservar, não houve mais socego nestas terras. Grandes revoluções tinha havido no Governo Arabico, e todas em detrimento dos paizes, que lhe erão sujeitos. Novas alluviões de gente ti-

nhão passado de Africa; os Mouros de Hespanha humas vezes reconhecião vassalagem aos de Africa, outras lha negávão, e os tinhão por inimigos; ultimamente os Governadores se tinhão feito independentes, formando hum grande numero de pequenas soberanias. Ainda no tempo do Conde *Henrique* apparecem alguns destes regulos nas terras de Portugal, que os nossos Historiadores se comprazem em chamar Reis poderosos, e tinhamos a temer sobre tudo na Estremadura Hespanholha, e na Andaluzia os Reis de Badajoz, e de Sevilha nossos vizinhos.

As terras dos Mouros achavão-se entresachadas com as dos Christãos; e o systema da guerra era muito differente do actual. Havia poucas batalhas decisivas, e nada destas campanhas que dispõem em pouco tempo da sorte dos imperios: o cerco de Toledo tão famoso nos annaes de Hespanha, durou hum anno. Era huma guerra de correrias, em que entrava systematicamente o incendio das searas, a devastação dos campos, e o roubo dos gados. Julgue-se em que estado se acharia então a nossa agricultura! Frequentes vezes se vendião terras, herdades, e villas por hum boi, huma vacca, hum cavallo, huma egoa, ou mesmo por huma pelle. (1) Isto caracteriza bem as desgraças do tempo.

Neste bom estado achárão os nossos primei-

---

(1) Na *Monarch. Lusit. liv. VII. cap. XXVI.* se acha a carta de venda, que fez o Mouro *Oborroz* ao Abbade, e Monges de Lorvão de huma herdade que tinha em Botão, por preço de huma egoa com o seu poldro. Referem-se muitos outros contractos semelhantes na ja citada *Memoria* sobre o estado de terreno, que hoje occupa Portugal desde a invasão dos Arabes. *Mem. de litterat. Portug. tom. VII. pag.* 205.

ros Soberanos as terras do reino. Não podião cultivar-se senão as que erão situadas á roda dos lugares fortificados, ou aquellas que pela sua distancia ficavão mais a salvo das correrias do inimigo. Daqui vem, segundo creio, a grande povoação, e cultura das nossas provincias do norte, e principalmente nas terras d'Entre Douro e Minho. Ficavão cobertas pelos reinos de Leão, e Galliza, e protegidas em frente pelos nossos lugares fortificados, e pelas nossas forças militares, que manobrávão pela Beira, Estremadura, e Alemtejo. Daqui vem o haver ainda hoje tantas charnecas, e serem tão distantes as povoações nesta ultima provincia, que era a mais exposta aos Mouros de Andaluzia,

Assim continuárão as cousas, até que os Mouros forão totalmente expulsos de Portugal pelo Senhor Rei *D. Affonso III.*, accrescendo ainda novos embaraços por occasião das nossas guerras ras com Castella. Sem poderem largar as armas hum só momento, os nossos Soberanos se vião obrigados a repartir tambem os seus cuidados com a agricultura; porque de outra sorte não poderião subsistir, e por qualquer destes principios adquirírão hum justo direito aos grandes louvores, com que os honra a Historia. Mas que nos contem maravilhas os escritores, que vivêrão alguns seculos depois, sobre o pertendido estado florecente da nossa agricultura nestes tempos de miseria ; e nós que os acreditemos ! O muito que fizerão, e principalmente o Senhor *D. Sancho I.*, chamado o *Povoador*, he o melhor argumento do pouco que podião adiantar. Foi-lhes necessario povoar de novo as terras, mas a povoação he sempre huma obra mui lenta ; e que pode tirar-se de terras, onde falta a gente, e faltão os capitaes ? Ainda bem que

tiverão a politica de tolerar os Mouros vencidos, e admittir os estrangeiros; (1) porque de outra sorte nem povoar poderião.

O plano que seguírão, foi repartir as terras que conquistavão, pelas igrejas, e mosteiros (costume que herdárão dos Reis Godos) pelas Ordens militares, e pelos vassallos, que mais se distinguião por seus serviços. Os monges, que erão numerosos, ainda cultivavão por suas mãos as terras, e as que não podião cultivar as aforavão, ou arrendavão aos seus caseiros, (2) e fundavão povoações. No meio mesmo das depredações dos barbaros ainda se tinha algum respeito para com os mosteiros, que erão os unicos asylos da paz, em quanto tudo o mais ardia em discordias.

Por estes motivos as doações ás igrejas, e aos mosteiros, bem longe de serem hum inconveniente, erão de grande beneficio para a agricultura. Mas não era sómente com as doações dos Principes que estas corporações de mão morta se enriquecião; a piedade dos fieis lhes accumulava

---

(1) Ha muitos monumentos, que provão a tolerancia a respeito dos Mouros. O *Conde Henrique* teve por tributario hum Regulo de Lamego; e sublevando-se este, o venceo, e aprizionou, e teve ainda a genorosidade de lhe fazer doação das suas antigas terras, com a obrigação de ser fiel, e lhe pagar a quadragesima parte das suas rendas. O Senhor *D. Affonso Henriques* povoou em grande parte as villas de Atouguia, Almada, Azambuja, Lourinhã, Arruda, Villa verde, e Villa franca com os estrangeiros cruzados, que o ajudárão na conquista de Lisboa.

(2) Não he sem questão se os contractos, que por aquelles tempos se denominavão aforamentos, realmente o erão com translação do dominio util, ou sómente contractos censuarios, arrendamentos perpetuos, ou de longo tempo. Veja-se a *Memoria sobre a origem, e progressos da emphyteuse por Vicente Antonio Esteves de Carvalho cap. IX.*

muitos bens, e desde o principio da monarquia se vio bem o damno, que daqui resultaria com o tempo. Desde logo se começou a cohibir-se-lhes a liberdade das novas acquisições sem licença de ElRei. A primeira lei escrita, que conhecemos a este respeito, he a do Senhor *D. Affonso II.* nas cortes, que teve em Coimbra no primeiro anno do seu reinado, da qual *Brandão* traz hum extracto. (1) Tendo nesta lei concedido, ou ratificado muitos privilegios ás igrejas, mosteiros, e pessoas ecclesiasticas, ordenou com tudo: "Porque aos "mosteiros, e igrejas pelo decurso do tempo não "accrescesse tanta fazenda, que resultasse prejui-"zo ao reino, que não possão comprar bens de "raiz, salvo os que fossem necessarios para os an-"niversarios, e mais encargos dos defuntos. Po-"rém nesta lei não quer sejão comprehendidos os "clerigos particulares." Esta he a origem das leis da amortização, que tantas, e tão consideraveis alterações tem tido até os nossos dias.

A este artigo do extracto de *Brandão* se segue, como parte da mesma lei nas Cortes de Coimbra: "Havia hum abuso mui grande, que nas cou-"sas que se compravão, e vendião, se separava a "terça parte para ElRei, e para os ricos homens, "e senhores de terras, e officiaes da Casa Real. "Manda ElRei, que todos sejão iguaes nas com-"pras, e vendas, e que os sobreditos comprem o "que lhes for necessario, segundo a direita esti-"mação, assim como as comprarem os visinhos, e "põe grandes penas a quem fizer o contrario." Isto

---

(1) *Monarch. Lusit. Liv. XIII. cap. XXI.* Veja-se tambem o *Liv. XVII. cap. VIII.*, e o que escreveo a este respeito o author da *Synopsis Chronologica tom. I. pag.* 267, levando as cousas á sua origem.

prova duas cousas: a grande oppressão que já soffrião os póvos da parte dos ricos homens, e senhores de terras, e o quanto era limitado o commercio interno; porque só com hum commercio infinitamente pequeno he que podia subsistir hum tão grande abuso.

Não se pense, que o resto da Europa era muito mais feliz. A' excepção de Veneza, Genova, Bolonha, e outras cidades da Italia, que começavão a elevar-se pela industria, e principalmente pelas suas communicações com a Grecia, e com a Asia, tudo era pobre, e miseravel. Na França, na Inglaterra, na Alemanha, e mesmo na Italia as casas erão cobertas de palha, e como diz *Voltaire* (1) referindo-se a *Laflamma*, escritor do XIV. seculo, não se comia carne senão tres vezes por semana, o vinho era raro, as velas de cera desconhecidas, as de sebo hum luxo; alumiavão-se com bocadinhos de páo secco accezos, não se usava de roupa branca, nem para camisas.

(1) *Essai sur les moeurs, et l'esprit des nations; cap. LXXXI.*

Desde o tempo do Senhor Rei D. Diniz até o das nossas conquistas. Encargos das terras; regimen feudal; lei das sesmarias.

A epoca mais favoravel á nossa agricultura nos tempos passados foi sem duvida o largo reinado do Senhor Rei *D. Diniz*, (quasi 46 annos) a quem os nossos historiadores fazem com razão os maiores elogios, e ha quem diga, que povoou meio Portugal. Não só os póvos começárão então a respirar depois de tantos seculos de oppressão, mas todas as partes do Governo sentírão as beneficas impressões das excellentes qualidades deste Principe, hum dos mais dignos, que tem occupado o throno. Com tudo desde a povoação de hum paiz, até que elle chegue a ter a sua agricultura em hum estado consideravel de prosperidade, he necessario que medêe hum longo intervallo, a não concorrerem circumstancias extraordinarias; e ou os desvelos do Senhor Rei *D. Diniz* não tiverão tão extensos resultados, como se pinta, pelo que respeita á agricultura, ou se retrogradou nos dous reinados seguintes; porque já no do Senhor Rei *D. Fernando* começárão as queixas de decadencia, e infelizmente mais justificadas do que as exaggeradas relações da prosperidade preterita. (Veja-se o *tomo I. pag.* 274, e seguintes.)

Nesta epoca, em que Portugal ficou livre dos Mouros, diminuírão muito as causas externas, que influião no atrazamento da nossa agricultura;

porém augmentárão as internas provenientes das nossas instituições, e usos, como os maiores encargos nas terras o regimen feudal, e a multiplicação dos morgados.

Debaixo do Governo Gothico as terras erão allodiaes, e pouco oneradas com tributos, se exceptuamos o dizimo ecclesiastico, que he hum dos mais onerosos; porque se tira do producto bruto, e nos terrenos fracos, e nas más colheitas muitas vezes absorve o producto liquido, ou o excede. Os póvos do Norte não tinhão feudos, nem morgados; mas tinhão direitos de familia, que combinados com os principios da administração Romana, e com os novos usos, formárão hum embrião, de que sahírão os feudos, e os morgados. Os antigos Reis das Asturias, e de Leão, e depois os nossos, resuscitando o Governo Gothico, era natural que tambem resuscitassem a maior parte das suas instituições.

Tivemos a lei da *Avoenga*, pela qual era determinado, que o que quizesse vender, ou empenhar a fazenda que tivesse da sua avoenga, convidasse primeiro os irmãos, e parentes mais chegados; que sem isso nenhum estranho a podesse comprar; que não querendo o parente pelo justo preço, então se vendesse a quem quizessem; e que dahi em diante, se o comprador não quizesse, mais não fossem tornados á avoenga. Este direito tendia a conservar os bens nas familias, mas não impedia que se repartissem entre os filhos; porém a influencia dos antigos usos, segundo os quaes se destinavão certos bens para o filho mais velho, para o mais forte na guerra, ou para aquelle que ficava em casa, indo os outros buscar differente estabelecimento, foi tomando a sua direcção a favor da primogenitura; e accrescendo o uso dos fidei-

commissos, segundo os principios das leis Romanas, desta mistura se originou o estabelecimento dos morgados, que apparecem frequentes desde o tempo do Senhor Rei *D. Diniz.*

O regimen feudal não pezou tanto em Portugal como nas outras nações da Europa; mas não deixámos de ser bastantemente tocados delle. O Senhor Rei *D. Affonso V.* abolio a lei da avoenga; porém deo fórma regular á legislação dos morgados, que até alli parece que erão mais fundados no Direito consuetudinario; e os mesmos começárão a multiplicar-se excessivamente. Tudo o mais, que eu poderia dizer sobre estes assumptos, foi desenvolvido com vasta erudição por *Thomaz Antonio de Villanova Portugal* na *Memoria* ao Programma da nossa Academia Real das Sciencias: *Qual foi a origem, e quaes os progressos, e as variações da Jurisprudencia dos morgados*, premiada na sessão de 21 de maio de 1791, que vem no *tomo III.* das *Memorias de Literatura Portugueza.*

Os morgados ainda tem defensores entre os modernos. A materia póde olhar-se por dous lados: pelo que pertence á ordem politica, e influencia, que nesta póde ter a conservação das casas, e familias nobres; e pelo que pertence á ordem economica, e influencia, que os morgados podem ter sobre a riqueza; e he este o ponto de vista, em que aqui se deve considerar. De quantas instituições os homens tem formado nenhuma he mais propria do que esta, para conservar as distincções das familias, justas em certos termos, porém muitas vezes vãs, e soberbas. Por outra parte não póde haver cousa mais dura, e mesmo mais prejudicial nas familias numerosas, do que sacrificar a hum só filho as fortunas, que a natureza parecia ter destinado a repartirem-se por to-

dos; enriquecello, e muitas vezes dar-lhe occasião para se engolfar no luxo, e nos vicios, ficando os outros na miseria.

O Estado não interessa em que haja huma grande, e viciosa desigualdade de fortunas: pelo contrario seria de desejar que houvesse huma boa distribuição das riquezas, e principalmente das terras; porque este sería o meio de serem mais bem cultivadas. Não interessa em que sejão possuidas por este ou por aquelle individuo, mas em que se tire dellas o maior proveito possivel. Prohibir, ou difficultar a alienação he ir direitamente contra este fim; he concorrer para que as terras se conservem em mãos inhabeis para as fazer valer, e impedir que passem a mãos industriosas, que as aproveitassem; porque todo aquelle que se propõe a vendellas, he porque não sabe, ou não tem meios de tirar partido dellas, e o que compra he porque se propõe a aproveitallas. Por este lado pois nada ha que possa justificar os morgados: com tudo elles durarão ainda longos seculos, porque lisongeão a vaidade dos homens paixão que he inseparavel da sua natureza; e porque a lisongeão, he que se excogitão sofismas, para sustentar instituições, que estão em contradicção manifesta com os principios da Justiça, e com o bem geral.

O Senhor Rei *D. Fernando* quiz restabelecer a agricultura por meio da sua lei agraria, determinando entre outras mais cousas: Que todos os que tivessem herdades proprias, ou emprazadas, ou por qualquer titulo, fossem obrigados a lavrallas; e que se fossem muitas, ou em desvairadas partes, lavrassem as que mais lhes aprouvesse, e as outras fizessem lavrar por outrem; de fórma que todas as que erão para dar pão, todas fossem de trigo, cevada, e milho:

Que do mesmo modo fossem constrangidos a ter tantos bois, quantos erão necessarios para as herdades que tinhão; e se os não podessem haver senão por grandes preços, as justiças lhos fizessem dar por preços justos, segundo o estado da terra:

Que fosse assignado tempo conveniente aos que houvessem de lavrar, para começarem a aproveitar as terras sob certa pena; e quando os donos das herdades não aproveitassem as terras, ou as não dessem a aproveitar, as justiças as dessem a quem as aproveitasse por certa pensão, não para o dono, mas em proveito commum do lugar, onde a herdade estivesse:

Que os que costumavão ser lavradores, e os filhos, ou netos de lavradores, e quaesquer outros, que se achassem usando de officio, que não fosse tão util ao bem commum, como era a lavoura, fossem constrangidos a lavrar, salvo se tivessem de seu o valor de quinhentas libras, que naquelle tempo era grande somma de dinheiro; e que se não tivessem herdades suas, lhas dessem das outras, para as aproveitarem, ou viverem de soldadas:

Que nenhuma pessoa, que lavrador não fosse, ou seu mancebo, trouxesse gado seu nem alheio; e se o outrem quizesse trazer, se havia de obrigar a lavrar certa terra, sob pena de perder o gado para o commum do lugar, onde fosse tomado &c. &c. (1)

Esta lei mui celebre, conhecida depois pelo nome de lei das sesmarias, sendo ampliada, e declarada pelos Senhores Reis *D. João I.*, *D. Duarte*, e *D. Affonso V.*, passou para a *Ordenação*

---

(1) *Duarte Nunes de Leão na Chron. d'ElRei D. Fernando.*

deste Soberano *Liv. IV. tit.* 81, e depois, com varias outras modificações, e ampliações, para a *Ordenação* do Senhor Rei *D. Manoel*, *Liv. IV. tit. LXVII.*, e para a actual *Liv. IV. tit. XLIII.* He huma legislação, que desde a sua origem tem merecido os maiores elogios; observada porém com os olhos da Filosofia, começa a perder a sua reputação. (1) Hia demasiadamente direita ao seu fim, offendendo os direitos da propriedade, e violentando a industria; dous grandes vicios. Com tudo *Duarte Nunes de Leão*, depois copiado por muitos outros dos nossos escritores, prevenido a favor da lei, attribue á execução della o sentir-se em pouco tempo huma grande abundancia de mantimentos.

Se houve esta grande abundancia, as causas devião ser outras; porque tudo o que ataca a propriedade, ou violenta a industria, não póde ter bons resultados. O desuso, em que esta legislação logo cahio, e o total esquecimento, em que existe, apezar de não ter sido revogada, mostra bem que ella se não conforma com o espirito publico; e he sempre necessario desconfiar da bondade das leis, quando o espirito publico as não recebe.

---

(1) Podem consultar-se as *Observações Historicas, e Criticas de Vicente Antonio Esteves de Carvalho sobre a nossa legislação agraria,* onde se acha muito bem desenvolvida esta materia.

Influencia das nossas conquistas sobre a agricultura, e industria nacional.

Forão funestos para Portugal, e particularmente para a sua agricultura, os primeiros tempos do Senhor Rei *D. João I.*, em que ametade do reino se armou contra a outra ametade, e hum exercito estrangeiro, tendo assolado as provincias do interior, veio cercar Lisboa. Expulsos os inimigos, e pacificadas as perturbações domesticas, o corpo do Estado levantou-se mais forte do que nunca; e o Rei, reparadas as forças, se apresentou em Africa como conquistador: aqui começa a epoca da nossa gloria; mas não a da nossa prosperidade interna. Os grandes armamentos deste Soberano, e de seus successores, e especialmente os do Senhor Rei *D. Affonso V.*, que como *Scipião* mereceo o cognome de *Africano*, mostrão que a nação tinha adquirido hum consideravel augmento de poder; porém á custa da sua agricultura, e industria.

Anteriormente a esta epoca fazia-se a guerra com paizanos, que largavão os instrumentos da lavoura, para irem combater o inimigo, ou sitiar as praças: dada a batalha, tomada a praça, ou levantado o cerco, voltavão a continuar os seus trabalhos. Os senhores de terras, e ricos homens contribuião com certo numero de lanças; e he

certo que opprimião a lavoura, vexando os colonos; mas quasi se não precisava de outro genero de recursos, nem de tributos, para manter estes corpos de tropa momentaneos: agora, que se forão conquistar terras além do mar, e procurar inimigos nos seus domicilios, erão necessarios exercitos permanentes, para segurar as conquistas, e guarnecer as praças tomadas. Tudo mudou de figura; e até huma nova Tactica devida ao invento, então recente, das armas de fogo, mudou o plano das campanhas, e fez a guerra muito mais dispendiosa. A gente havia de faltar nos campos, e dos campos havião tambem de sahir os recursos pecuniarios; porque as manufacturas, e o commercio os não podião dar pela sua pequenez, por não dizer nullidade.

Com tudo não diminuia a opressão, que os senhores de terras fazião aos póvos; antes cresceo com as liberalidades dos Soberanos nas suas doações: o mal parece que tinha chegado ao seu cume, quando para o cohibir de algum modo o Senhor *D. Manoel* mandou examinar, e reformar os foraes por huma Alçada mui célebre na História da nossa legislação. Os embaraços, que por toda a parte se fazião ao commercio, e aos transportes dos fructos de humas terras para as outras, consequencia desgraçada do regimen feudal, em que os differentes districtos de hum mesmo Estado se olhavão como estranhos huns aos outros, oppunhão huma barreira invencivel aos progressos da agricultura.

Não admira, que começasse a faltar o sustento; e faltando este tambem não admira, que começasse a facilitar-se a sua introducção de paizes estrangeiros, para onde dizem que d'antes o exportavamos. Isentava-se de direitos o pão, que vinha

de fora, ao mesmo tempo que a lavoura do paiz se onerava cada vez mais com encargos, huns reaes, outros pessoaes; e com este systema a agricultura domestica foi perdendo cada vez mais na sua concorrencia com os productos da agricultura estrangeira. A guerra d'Africa pois, que ensaiou os Portuguezes para os altos feitos, com que se distinguírão no Oriente, foi huma das grandes causas da decadencia interna do reino. Descobrimentos, e conquistas forão os unicos objectos, em que dahi por diante se pensou; e para sermos grandes no Oriente, nos fizemos pequenos no Occidente.

Não culpemos porém os nossos estabelecimentos da Asia, que os declamadores representão como causas necessarias do nosso abatimento: a culpa he toda nossa; porque sabendo formar hum imperio, que punha em nossas mãos os meios de obter huma prosperidade sem exemplo entre as mais nações de terra, não soubemos aproveitarnos delle. As riquezas da India, da China, do Japão, das Molucas, da Africa, e de tantas regiões diversas, que as nossas frotas conduzião a Lisboa, podião dar-nos huma superioridade immensa: ellas mesmas devião reparar, e ainda augmentar a povoação do reino, não obstante a continua sahida de gente para estas expedições, e para a conservação de estabelecimentos tão numerosos, e tão dispersos; porque os homens seguem por toda a parte as riquezas. Veja-se o que depois fizerão as nações maritimas, que entre si repartírão sómente huma parte dos nossos despojos, e principalmente os Hollandezes, teremos huma idéa do que podiamos fazer com toda esta massa reunida.

Fomos após da vã gloria de mandar; e immensos sacrificios erão necessarios para sustentarmos hum sceptro, que pesava sobre tantos póvos:

os Hollandezes pelo contrario forão sómente após dos lucros do commercio. Engolfados nestas expedições, esquecemos-nos de todos os generos de industria domestica, e de todos os outros ramos de commercio exterior: os Hollandezes pelo contrario servirão-se das riquezas da Asia para estabelecerem as suas manufacturas, melhorarem a sua agricultura, e o seu commercio com as outras nações Europeas. Eis-aqui a razão, porque diminuiamos na Europa, quando cresciamos na Asia; ao mesmo tempo que os Hollandezes, quanto mais se estendêrão para a Asia, mais crescêrão na Europa em gente, em industria, e em riquezas. As que nós conduziamos ao Tejo, em quanto não tivemos rivaes, espalhavão-se logo pelas mais nações, de que pela nossa falta de industria nos tinhamos feito tributarios, e principalmente da Inglaterra. Tudo era pouco para as despezas das expedições, e para pagarmos os principaes artigos de subsistencia, que recebiamos de fóra, e tambem os de luxo, que se augmentou extraordinariamente por estes tempos.

Não me demorarei em expor as feridas mortaes, que recebeo Portugal com as desgraçadas expedições do Senhor Rei *D. Sebastião*, e nos sessenta annos de sujeição aos Reis de Hespanha. Não ha Portuguez, que o não saiba. Para ajuntar os onze mil homens, com que o Senhor *D. Sebastião* passou pela segunda, e ultima vez á Africa, foi-lhe necessario, não só abalar o reino, mas pedir auxilios, e tomar a soldo tropas estrangeiras: recordando-nos dos grandes armamentos, que sem violencia tinhão formado os Senhores Reis *D. João I.*, e *D. Affonso V.*, conheceremos a fraqueza, em que o reino já tinha cahido. Mas a nossa marinha, posto que muito diminuida, ainda era considera-

vel no tempo de *Filippe II.*, e de Lisboa sahio huma grande parte da sua armada invencivel. Tudo se foi attenuando de mais em mais; e resgatando-nos da dominação Hespanhola, perdêmos para sempre os nossos melhores estabelecimentos da Asia, e tivemos de reconquistar dos Hollandezes a melhor parte do Brazil. Ficámos com o luxo, e com as precisões facticias adquiridas no tempo da nossa opulencia, e privados dos meios, com que d'antes as satisfaziamos.

Em todo o tempo, em que lutámos com a Hespanha, para sustentarmos a nossa independencia, não era possivel conseguirem-se grandes melhoramentos de fortuna: com tudo *Duarte Ribeiro de Macedo* ainda calculava em oitenta milhões o capital, que entretinha o nosso commercio da Asia. O Brazil, e os outros estabelecimentos ultramarinos, que nos restavão, ainda podião consolar-nos nas nossas perdas; mas tinhão-se comettido erros já irreparaveis, e continuárão-se outros, que consumárão a nossa decadencia.

Golpe de vista sobre o Brazil. Influencia das suas minas.

ACONSELHARÃO ao Senhor Rei *D. Manoel*, que transplantasse no Brazil as arvores das especiarias, ao que sempre repugnou, para não diminuir a importancia dos estabelecimentos Asiaticos. O proveito foi dos Hollandezes, que se enriquecêrão, apropriando-se exclusivamente do commercio das

Molucas, unico paiz da terra, onde se conhecião as mais preciosas daquellas arvores.

Pela mesma razão deixou o Senhor Rei *D. Manoel* de considerar o Brazil com a attenção, que merecia este vasto e felicissimo paiz, cuja posse tanto ciume inspirou sempre ás mais nações da Europa. " O Ceo, diz hum dos nossos mais judi-" ciosos escriptores, (1) a terra, e todos os ele-" mentos concorrem á competencia para a sua fer-" tilidade, e riqueza. Nada alli falta; tudo só es-" pera pela mão do homem." Mas os nossos antepassados o tiverão como em abandono por muitos annos; e quando voltárão para elle as vistas, não puderão, ou não soubérão aproveitar-se.

O Senhor Rei *D. João III.* foi o que concebeo o projecto de colonizar o Brazil; mas as nações Europeas já lhe tinhão tomado o gosto, e foi necessario disputallo com mão armada aos Hespanhoes, e aos Francezes. Houve além disso opposição da parte dos naturaes do paiz. Algumas das suas tribus adoçárão-se á voz dos missionarios, e unirão-se aos nossos, ou fizerão a paz; porém outras, que ou por fereza, ou por irritadas continuá-

---

(1) O Bispo d'Elvas *D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho* no *Ensaio Economico sobre o commercio de Portugal, e suas Colonias P. II. Cap. I. § IX.*, Obra mui digna de ler-se a todos os respeitos. O seu estimavel author he natural do Brazil, foi Bispo de Pernambuco, e governou esta Capitania, que he huma das mais importantes do Brazil: nenhum escriptor observou melhor o paiz com os olhos da Politica, e da Filosofia. Alguns estrangeiros, na verdade benemeritos, escrevêrão ultimamente sobre o Brazil: huns na qualidade de historiadores, como *Southey*, e *Beauchamp*, compilárão o que achárão escripto; outros na de viajantes, como *Mawe*, e *Koster* escrevêrão o que vírão, e o que ouvírão; mas sendo hospedes, vírão pouco, e no que ouvírão estavão sujeitos a ser muitas vezes enganados.

rão a inquietar os estabelecimentos nascentes, foi necessario destruillas, ou dispersallas, sem se poderem subjugar: fôra melhor que se tivessem procurado civilizar por meios de brandura, como hum seculo depois clamou mui alto o Padre *Antonio Vieira*. Quando estavamos sujeitos á Hespanha, tivemos de combater com os Inglezes, e Hollandezes no Brazil; e depois que nos libertámos, foi necessario reconquistarmos destes ultimos a parte, de que se tinhão apoderado, como disse ha pouco.

Desde que os nossos se estabelecêrão no Brazil, tiverão hum particular cuidado na pesquiza das minas: procuravão prata, e achárão ouro, e diamantes por entre bosques quasi impenetraveis, onde os conduzio a sede das riquezas, e no meio de sertões immensos, só povoados de alguns miseraveis bandos de selvagens. As ricas minas sómente forão descobertas no reinado do Senhor Rei *D. Pedro II.*, e desde então se desprezárão os outros grandes recursos, que offerece esta terra original aos seus possuidores; porque todos quizerão ser mineiros. Desde então começárão as rápidas fortunas no Brazil, que arrastavão para alli a povoação do reino; o que havia de causar atrazamento na nossa lavoura. Mas nem por isso devemos considerar as minas com o horror, com que forão olhadas por alguns escriptores de grande nome, como *Montesquieu*: pela grande massa de riquezas, que introduzíão em Portugal, ellas devião, como o commercio da Asia, não só reparar aquella perda de gente, porém dar hum grande impulso á agricultura, e industria; e se como elle se convertêrão em principio de decadencia, foi pela má direcção, que demos ás mesmas riquezas.

No Mexico, como observou hum dos mais

sabios viajantes que tem discorrido pelas regiões da America, (1) os campos mais bem cultivados são os que cercão as mais ricas minas do mundo conhecido. Por toda a parte onde se tem descoberto as veias metalicas, nas partes mais agrestes das cordilheiras, e nas campinas mais desertas e solitarias, a lavra das minas, bem longe de prejudicar á cultura da terra, a tem singularmente favorecido. A' descoberta de huma mina consideravel segue-se immediatamente a fundação de huma povoação, cultivão-se os campos; e esta mina, que se via solitaria no meio das mais agrestes montanhas, une-se bem depressa ás terras antigamente cultivadas. He assim que as minas favorecem a povoação, e a agricultura, pelas mesmas razões, porque todo o grande estabelecimento productivo vivifica todas as suas visinhanças.

Se entre nós occasionárão perda de gente no reino, muito mais nos levou a guerra d'Africa, ou nos engolirão as ondas, e se extraviou pelas nossas expedições maritimas, por tão largo tempo repetidas nas diversas partes do globo. Dos que se empregavão nas minas muitos voltavão a Portugal com os cabedaes, que tinhão adquirido, ou por morte delles os mesmos cabedaes erão remettidos aos seus herdeiros; e daqui trazem a sua origem muitas casas de grosso trato de lavoura, que existem nas nossas provincias. Tanto dos productos do commercio da Asia, como das minas quasi tudo se dissipou, porque não tinhamos hum fundo proprio de industria; porém das minas sempre se fixárão alguns restos nas provincias, donde póde inferir-se que forão menos desfavoraveis á agricultura, do que geralmente se pensa.

(1) *Humboldt, Essai Polit. sur la Nouvelle Espagne.*

Das riquezas, que ellas vertêrão nos cofres publicos, tambem existem dous grandes monumentos, que ennobrecem a nação: as obras de Mafra, e o aqueducto das agoas livres. As obras de Mafra são de ostentação; porém assim mesmo produzírão utilidades, porque estimulárão o genio da nação para as artes, e servírão de escola aos nossos melhores artistas. Deve-se-lhes sobre tudo o aperfeiçoamento, a que chegou, e em que ainda existe entre nós a arte de trabalhar em pedra, excedendo talvez a todas as nações da Europa. (1) O aqueducto das agoas livres he huma daquellas obras gigantescas, que reunindo o util, e o magnifico, excitão nos nacionaes o agradecimento, nos estrangeiros a admiração. Emula de tudo o que ha grande neste genero, ella imortaliza o reinado do Senhor Rei *D. João V.* seu fundador.

Não he já pelo ouro, e pelos diamantes, que o Brazil attrahe as considerações da Europa. Desde o Senhor Rei *D. José* elle começou a figurar grandemente pelas outras variadas producções de seu solo, e se olhou com particular cuidado para a sua agricultura. O Senhor Rei *D. João VI.*, accommodando-se aos acontecimentos politicos, e aproveitando-se das vantagens da sua situação geografica, lhe tem começado huma nova era, que promette hum futuro mui brilhante. Collocado longe da Europa, não podendo nem ser facilmente atacado pelas potencias do antigo continente, nem envolvido nas suas revoluções, tão rico, e fertil no interior, com tantos portos, e tantos rios navegaveis, olhando para ambos os hemisferios, a que

---

(1) *Recordações de Ratton* § 50. *Voyage du Duc des Chatelet en Portugal, tom. II, capit. XVI.* na primeira nota de *Bourgoing*.

ponto de prosperidade não póde chegar o Brazil debaixo de hum bom Governo, quando tiver huma povoação industriosa proporcionada á sua extensão? Este he o ponto da difficuldade, de que mais dependem os seus futuros destinos.

Está traçado o plano, e muito se tem já trabalhado na sua execução: tudo se anima com a presença do Soberano no Brazil, pela qual tanto se suspira em Portugal. A prosperidade do Brazil deve ter huma alta influencia na do reino unido em geral, com tanto que todas as suas partes se conservem ligadas com huma perfeita união, e reciprocidade de interesses. Esta he a grande obra, que occupa os paternaes cuidados de hum Soberano, que tantas provas de amor tem dado aos seus vassallos dos dous mundos, e a vigilancia de hum ministerio tão illustrado nas suas deliberações, para que se não renove em Portugal o exemplo da antiga Roma, que se perdeo, porque os Imperadores se transferírão para a cidade de *Constantino*.

Melhoramentos da agricultura desde o Senhor Rei D. José.

CONTINUEMOS com a agricultura de Portugal. Foi sómente no reinado do Senhor Rei *D. José* que começárão a raiar neste paiz os conhecimentos, por onde esta arte havia mais de meio seculo que fazia progressos rápidos na Inglaterra, e muito mais tempo entre os Suissos, os Belgas, e outros póvos da Europa: olhou-se em fim para ella

muito differentemente do que tinha sido considerada nos tempos anteriores. Desde esta epoca a agricultura não tem cessado de receber melhoramentos; e embora se comprazão outros em representalla mais decadente do que nunca, eu desde a minha infancia sempre a vi crescer nas terras do meu conhecimento; e posto que não possa negar-se, que se acha ainda mui longe do ponto de perfeição, a que a tem levado as principaes nações da Europa, por maior que seja o nosso atrazamento, considero-a muito mais florecente do que em nenhuma das epocas passadas. O furacão das invasões assollou os campos; mas como forão estragos momentaneos, vão-se reparando.

Olhe-se para as leis de 1 *de abril de* 1757, 18 *de janeiro de* 1773, 4 *de fevereiro* do mesmo anno, e 12 *de dezembro de* 1774, pelas quaes tanto se diminuírão os direitos, e encargos do trigo, legumes, e mais comestiveis no seu transporte, e se favoreceo a circulação interna dos fructos; para a de 21 *de fevereiro de* 1765, em que se começou a alliviar o pezo das taxas; para as de 4 *de julho de* 1768, e 12 *de maio de* 1769 sobre os prazos das communidades; para as de 25 *de junho de* 1766, 9 *de setembro de* 1769, e 3 *de agosto de* 1770, sobre os bens das corporações de mão morta, prohibição de instituir vinculos, e abolição dos já instituidos, não excedendo os seus rendimentos a certas quantias; para a de 26 *de fevereiro de* 1771 que estabeleceo a liberdade do commercio do grão nas ilhas dos Açôres; para a de 13 *de março de* 1772 sobre a oppressão, que soffrião os moradores da serra de Tavira; para as de 16 *de janeiro de* 1773, e 4 *de agosto* do mesmo anno sobre os censos, e foros usurarios do Algarve; e para a de 20 *de junho de* 1774, que reprimio as vexações, que soffrião os

colonos do Alemtejo da parte dos senhorios das herdades; e independentemente de muitas outras leis, e ordens notoriamente favoraveis á agricultura, conhecer-se-ha quanto esta profissão foi attendida pelo Senhor Rei *D. José*, e ficará convencida de injusta a accusação feita entre nós contra o ministerio do *Marquez de Pombal*, como em França contra o de *Colbert*, de que olhára sómente para as manufacturas, e desprezára a agricultura.

Mas as providencias particulares não são as de maior utilidade, nem se esperem dellas grandes resultados, por mais opportunas que sejão, se não forem simultaneas em todas as partes da administração publica, de fórma que imprimão hum movimento geral em todo o systema economico do Estado. Que importa que se publiquem algumas leis favoraveis á lavoura, se se não removerem todos os obstaculos, que retardão os seus progressos? Que importa que se fomente a producção dos frutos em hum territorio, se não houverem estradas, ou canaes, por onde ellas se transportem? Que importa que haja as estradas, e os canaes, se subsistirem os embaraços na circulação, e os gravames nas terras? se se tirarem da cultura os braços laboriosos? se os impostos forem superiores ás forças dos proprietarios, e lavradores? se faltarem os capitaes para pôr tudo em acção.

Por estes impulsos geraes, que fazem mover ao mesmo tempo todas as rodas da maquina social, pela diffusão das luzes, pela introdução das sciencias naturaes, e sobre tudo por esta energia, e firmeza, que muitas vezes degenerou em severidade extrema, he que se distinguio o ministerio do *Marquez de Pombal*. Mas nem podia abranger a tudo, nem o seu systema era inteiramente livre de defeitos, que pela maior parte erão os do tempo, como

o de querer dirigir tudo por meio de regulamentos, que suspendião a liberdade da industria, ou offendião os direitos da propriedade: acontecia algumas vezes minar por este modo os alicerces da sua propria obra, e diminuir os beneficios, que elle mesmo procurava á nação.

Em alguns dos nossos escritos se louvão muito dous actos deste ministerio, que são precisamente daquelles, que mais custão a defender: a *lei de 15 de junho de* 1756, que para occorrer á falta de ceifeiros, e trabalhadores, que se experimentava no Alemtejo, lhes limitou os salarios, debaixo de graves penas se os acceitassem, ou pedissem maiores, e a de 26 *de outubro de* 1765, ampliada pela de 18 *de fevereiro de* 1766, que mandou arrancar huma grande parte das vinhas do reino, para se semeárem de trigo, e mais especies de grão as terras que occupávão. Diminuir os interesses de huma profissão he affugentar della os individuos: coarctar os lucros aos trabalhadores, para occorrer á falta destes, he ir direitamente contra o seu fim.

Em humas cartas, que apparecêrão em Inglez, impressas em Londres logo depois da queda do *Marquez de Pombal*, as quaes contém a apologia do seu ministerio, pertende justificar-se o arrancamento das vinhas por este modo: (1) "O *Tratado* "*de* 1703 com a Inglaterra, que a obrigou a receber "os vinhos de Portugal em troca das manufactu-"ras de lã, converteo as terras de pão em vinhas; "de sorte que Portugal ficou abundando em vi-"nhos, e na absoluta necessidade de pão. O *Mar-*"*quez de Pombal*, para remediar este inconvenien-

(1) *Letters from Portugal. III.*

" te, mandou arrancar hum terço das vinhas, e
" semear trigo em seu lugar. Ainda que huma se-
" melhante lei pareça arbitraria, com tudo consi-
" derando a natureza do Governo, e o genio do
" povo, parece ter sido de absoluta necessidade;
" e posto que as leis prohibitivas trazem com sigo
" a apparencia de huma muito grande coacção,
" pódem as necessidades do Estado authorizar o
" seu exercicio, muito particularmente em hum
" paiz tão degenerado, e tão dependente, como
" Portugal. O successo provou esta verdade, por-
" que ainda que de presente Portugal não póde
" suppir a todo o seu consummo, he com tudo me-
" nos dependente dos estrangeiros pelo que perten-
" ce á importação do pão." Ainda que os factos não
estivessem algum tanto desfigurados, estas razões
não justificavão o procedimento. Hum proprieta-
rio não planta de vinhas o seu terreno, senão por-
que entende que he o melhor meio de o aprovei-
tar: obrigallo a arrancallas he hum acto, que nem
politica, nem juridicamente se póde sustentar.

O estabelecimento de companhias, para exe-
cutarem as grandes emprezas industriaes, era
tambem huma parte do systema do *Marquez de
Pombal*: ainda hoje o he de muitos homens d'Es-
tado; e ha casos, em que se não pódem desconhe-
cer as suas grandes vantagens. A *Companhia ge-
ral da agricultura das vinhas do Alto Douro* era
mixta de agricultura, e de commercio: as *Compa-
nhias de Pernambuco, e Paraiba*, e *do Gram-Pará
e Maranhão*, posto que nominalmente mercantis,
tivérão huma grande influencia na agricultura do
Brazil. Custárão alguns tumultos, e algum san-
gue; e he principalmente sobre este assumpto, que
varios escriptores deixárão correr livremente as
pennas contra o Ministro, em pontos de adminis-

tração, como o *Conde Albon*, que foi excessivo no que disse de bem, e de mal. (1) e o author anonymo das *Memorias do Marquez de Pombal*, que parece não ter tomado a penna, senão para o desacreditar. (2) Na verdade ainda hoje commove as almas sensiveis a lembrança dos castigos executados no Porto, por occasião de tumultos, que excitou o estabelecimento da companhia das vinhas. O projecto era grande: para se conseguir o seu fim poderião talvez occorrer outros meios, sem monopolios, sem sedições, e sem castigos; mas escolheo-se aquelle, que pareceo mais apropriado ás circumstancias; e o ministerio era decisivo na execução dos seus planos.

Por mais que trabalhasse o Senhor Rei *D. José*, e por mais activo que fosse o ministerio, deixou muito que fazer á Senhora Rainha *D. Maria I.*, e ao Senhor Rei *D. João VI.*; e muito ficará ainda para os seus successores. He necessario muito tempo para desvanecer obstaculos, e prejuizos accumulados pelo espaço de muitos seculos, principalmente quando são connexos com as instituições antiquissimas do Estado, com os principios da educação, e costumes dos póvos, e o desarreigallos depende do adiantamento da civilização, e das luzes. Ha duzentos annos que por toda a Europa se tem promulgado leis sem numero, para apressar os progressos da agricultura, e com tudo os resultados não tem sido correspondentes; porque subsistem sempre as causas do seu retardamento.

Os morgados tem entre nós, e terão ainda por

---

(1) *Discours sur l' Histoire, le Governem. &c. de plusieurs nation. de l' Europe, tom. IV. pag. mihi* 259.

(2) *Memoires du Marquis du Pombal, tom. I. liv. II. XXV, e liv. III. XV.*

longo tempo grandes protectores; porque a parte mais luzida da nação se julga interessada na sua existencia. He do mesmo modo que se pensaria no tempo das instituições feudaes, que os Estados se não podião bem governar sem ellas: só depois de destruidas he que se conheceo a illusão. Muitos dos nossos empregados publicos, porque bebêrão hum máo leite, ainda considérão que as taxas dos viveres, e do trabalho são essenciaes ao bem publico, e que a liberdade da circulação dos fructos de humas para outras terras se lhe oppõe. Ainda auxilião os obstaculos indiscretos, com que se impede a cultura de muitos baldios, e dos communs; ainda tem em horror os que comprão viveres para revender; sem conhecerem, que limitando-se as suas operações a comprar, quando se vende mais barato, porque ha abundancia, e guardar para quando se vende mais caro, porque ha falta, são elles os que mais concorrem para prevenir as grandes variações dos preços, e as fomes, e o seu interesse se identifica com o dos pôvos. Em quanto dominarem taes principios, por mais que os Governos promovão a agricultura, os seus progressos hão de ser lentos.

A condição dos lavradores ainda tem poucos attractivos; porque as honras, que se fazem a esta proffissão, consistem sómente nos escritos; os privilegios, e favores que se lhe tem concedido, todos na pratica tem ficado esteris. A lavoura, e as terras ainda estão muito oneradas com encargos; e para se alliviarem seria necessario reformar os foraes, alterar o systema dos impostos, e dar nova volta ao da arrecadação fiscal; o que involve immensas difficuldades. Por este modo se paralisão os melhoramentos; porque se tropeça a cada passo na estrada que conduz ao bem publico.

A nossa Academia Real das Sciencias tem publicado muitas, e excellentes Obras, e Memorias sobre a agricultura, assim como sobre os mais objectos do seu instituto, que lhe servem de lustre, e á nação. Se me propozesse a referillas em particular, nem as poderia classificar no mesmo gráo de merecimento, nem evitar que alguma ficasse esquecida; o que offenderia os seus authores. Permitta-se-me porém o recommendar a *Memoria* do benemerito Secretario da Academia, o Desembargador *José Bonifacio de Andrada e Silva, sobre a necessidade, e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*; porque he a unica Obra, e mui dignamente executada, que possuimos sobre este objecto, hum dos mais importantes para o reino, e até o presente muito desprezado entre nós. Muito se deve esperar do patriotismo, e dos trabalhos desta corporação illustre, que reune a maior parte dos nossos sabios mais distinctos. Muito deve tambem esperar-se dos progressos das sciencias naturaes, de que sómente agora começamos a colher os fructos nas applicações praticas, posto que tenhamos tido proffessores insignes pelos seus conhecimentos theoricos.

Até o anno de 1791 podiamos exclamar em Portugal, como *Columella* em Roma: Que se vião escolas de Filosofia, de Rhetoricos, Geometras, Musicos, e o que era mais para admirar, homens unicamente occupados, huns em preparar guizados proprios para picar o gosto, e irritar a golodice, outros em ornar as cabeças com frisuras artificiaes; e que se não via huma escola de agricultura: que porém tudo o mais podia dispensar-se, mas não os trabalhos da terra, porque delles depende a vida. Já temos na Universidade, desde o referido anno, huma aula de Agricultura annexa

á de Botanica, regida por hum proffessor de distincto merecimento; mas chegão sómente a hum pequeno numero de individuos as lições theoricas, que alli se ensinão; e o de que mais precisamos são as applicações praticas, propagadas de tal modo com os principios elementares, que penetrem até ás aldêas, e aos campos, onde devem ter o exercicio. Toda a Europa o tem conseguido por meio de sociedades literarias, e patrioticas; nós, que estamos reduzidos unicamente á Academia Real das Sciencias, devemos procurar os meios de encher este vacuo.

Não tem numero as Obras antigas, e modernas, que se tem publicado sobre a agricultura, nem já cabe nas forças de hum só homem o ler tudo; mas ainda faltava hum corpo de doutrinas, que formasse hum curso methodico desta arte. Duas Obras apparecêrão finalmente com este fim, e ambas ellas de conhecida utilidade: as *Lições de Agricultura* explicadas na cadeira do Real Jardim Botanico de Madrid no anno de 1815 por *D. Antonio Sandalio de Arias e Costa*, impressas em 1816, e o *Codigo de Agricultura* de *João Sinclair*, impresso em Londres em 1817.

A Obra de *Sandalio* he puramente agraria comprehendendo em dous tomos de 4.º pouco volumosos as doutrinas elementares, e praticas da agricultura, dividida nas suas tres partes theoria, pratica, e economia rural. São doutrinas breves, concisas, e succosas, e resplandecem nellas os conhecimentos de Historia Natural, Fisica, Chimica, e das mais sciencias que a Agricultura põe de certo modo em contribuição. A Obra de *Sinclair*, ainda que comprehendida em hum só volume em 8.º grande, he mais vasta, abrangendo, além das dou-

trinas agrarias tanto theoricas como praticas, excellentes principios de Economia Politica nas suas relações com a agricultura. Que excellentes Obras para serem traduzidas em Portuguez, e distribuidas pelos póvos?

A instancias de *Sinclair* foi erigida em Londres a Junta *(Board)* de Agricultura, de que elle justamente se denomina o fundador, debaixo da authoridade do Governo. Por ordem desta Junta se examinárão separadamente as circumstancias politicas e agrarias de cada hum dos districtos do reino, e se publicárão relações formando hum corpo de 47 volumes em 8.º relativos á Inglaterra, e mais 30 volumes relativos á Escocia, além de 7 volumes em 4.º de communicações, e differentes outras Obras sobre objectos particulares. O *codigo de Agricultura* he o succo desta immensa collecção, extrahido por mão tão habil como a de *Sinclair*, já bem conhecido na Europa pelos seus trabalhos, e por outras producções literarias.

"A arte da agricultura considerava-se antiga-
"mente como duvidosa, e misteriosa. Os que a
"praticávão seguião os costumes de seus antepassa-
"dos, sem indagarem as circumstancias, que con-
"duzião á sua adopção, ou justificávão a sua adhe-
"rencia; ao mesmo tempo que os individuos, que
"procurávão explicar os principios da arte, raras
"vezes tinhão as vantagens da experiencia. Mas
"agora pelos recentes melhoramentos, e pelo gran-
"de augmento de sabedoria, que esta arte tem ad-
"quirido nos ultimos annos, tem-se removido em
"gráo consideravel as difficuldades, que acompa-
"nhavão a pratica de hum melhorado systema de
"cultura; e os seus principios se tem feito tão
"simplificados, e tão bem entendidos, que che-

"gou em fim o tempo, em que he possivel empre-
"hender com propriedade a difficil tarefa de for-
"mar hum *codigo de Agricultura.*"

He assim que *Sinclair* começou a sua Obra, e que eu findo este artigo.

Estado das manufacturas em Portugal antes do Senhor Rei D. Pedro II.

As nossas fabricas não tiverão senão duas epocas; a do Senhor Rei *D. Pedro II.*, e a que começou no reinado do Senhor Rei *D. José.* Não quero dizer, que não tivesse havido em Portugal algumas manufacturas: nenhuma nação deixou de as ter, desde que começou a civilizar-se, no sentido em que hoje tomamos esta palavra *manufactura*, como synonymo de materia fabricada; mas não as havia, tomada a palavra no sentido, que lhe davão os nossos maiores, lugar em que muitos do mesmo officio se ajuntão a fazer obras do mesmo genero, como diz *Bluteau;* ou, para ser mais exacto, havia manufacturas; mas em ponto tão pequeno, comparado áquelle, a que tem chegado ha pouco mais de dous seculos, que apenas merecem o nome. Ha todo o fundamento para crer, que desde o principio da monarquia sempre tivemos as que erão proporcionadas ao estado do nosso adiantamento, como as outras nações da Europa, que a este respeito, pouco, ou nada se excedião humas ás outras.

E não só se fabricavão no reino os objectos ordinarios do consumo do paiz, mas ainda alguns de luxo. Temos hum exemplo nas sedas, de que nos dá idéa o seguinte capitulo, que he o 25.º dos misticos das Cortes de Coimbra e Evora, celebradas pelo Senhor Rei *D. Affonso V.* nos annos de 1472, e 1473.

"Senhor ouvestes per emformaçäo que a prin-
"cipall cossa porque o Reyno de Graada era Ri-
"quo asy, era por a seda que se em elle criava, e
"lavrava, e que achaveis que estes vossos Rein-
"nos são mais Naturaes pera se em elles criar, e
"lavrar seda como jaa cria, Em lamego e tras os
"montes, e em outras partes dessa comarca. E
"porem Senhor mandastes per as comarcas cartas
"per que todos vezinhos e moradores delas poses-
"sem vinte pees de moreiras, ou as emxertassem
"em figeiras pera se abrir caminho como se po-
"dese aver em abastamça as folhas das ditas amo-
"reiras pera criação desses bichos, e asy se fazer,
"e lavrar muita seda, Senhor não se pos em Obra,
"Seja vossa merce que mandeis jeralmente em to-
"dos vosos Regnos dar bem a eixecuçam voso
"mamdado mamdando cartas a todos vossos Cor-
"regedores, e Ouvidores dos fidallgos omde Cor-
"regedores não emtrao que o façao loguo comprir
"com alguma pena porque Senhor pareçe cousa
"muito proveitosa, e que a estes Reinos trazerá
"homrra e Riqueza.

Resposta.

"Responde ElRey que per a Ordenaçam do
"Reinno he provido de como se esto aja de fazer
"aquall manda que se guarde, e hindo alguma
"pessoa que obrigaçam tenha de a guardar contra

" ella, hou a não comprindo semdo requerido to-
" mem estromento com resposta, e ElRey o estra-
" nnhará quanto rezam seja."

Já por estes tempos era mui usada a lavra da seda em Lamego, e na provincia de Tras os montes; e fazia emulação em Portugal a opulencia, que por ella tinhão adquirido os Mouros de Granada. Desde tempos antiquissimos este trafico, e o das lãs se conheceo concentrado principalmente nos descendentes da nação Hebraica estabelecidos em Portugal: estas gentes forão sempre muito industriosas; e he por isso que mais nos prejudicárão as perseguições, que soffrêrão em differentes epocas, pelas quaes forão muitos obrigados a expatriar-se. Não deve medir-se a perda pelo numero de individuos que sahírão do reino, mas pela industria que exercitavão entre nós, e que levárão comsigo para os paizes, onde forão estabelecer-se.

Entre o reinado do Senhor Rei *D. João I.*, e o do Senhor Rei *D. Affonso V.* se começárão a fabricar em varias terras de Portugal os pannos de lã meirinha, como se diz no *Capitulo XXXVI.* dos *Artigos das sizas*, ordenados por este ultimo Soberano; sendo o mais que se fabricava até esse tempo estofos grosseiros, como o burel, que ainda hoje se fabrica em grande quantidade em diversos lugares, e principalmente naquella parte da Beira, que se estende pelas duas margens do Zezere.

Tambem parece pelos *Artigos das sizas dos pannos, e da marçaria*, ordenados pelos Senhores Reis *D. João II.*, e *D. Manoel*, ter-se augmentado muito a fabrica dos lanificios até o seu tempo: com tudo a importação dos que vinhão de fóra do reino, e principalmente de Flandres, para onde tinhamos grande communicação, era muito favorecida; e se algumas restricções se punhão á sua

introducção pelos portos de terra, era para evitar as fraudes na arrecadação dos competentes direitos, que erão mais faceis de commetter por terra, do que pelos portos de mar, como he facil de conhecer pelas disposições do *Capitulo CCXXXIX.* das *Ordenações da Fazenda.* Tudo era subordinado ao systema fiscal; e he por isso que os fabricantes nacionaes se opprimião com as grandes vexações, e encargos, que constão do *Capitulo CCXL.* das *Ordenações da Fazenda*, e do *Capitulo LIX. dos Artigos das sizas do Senhor Rei D. Affonso V.*; o que não podia deixar de fazer grande embaraço aos progressos das nossas manufacturas.

He notavel a differença, que se faz no referido *Capitulo LIX. dos Artigos das sizas* entre os mercadores de pannos christãos, e os Mouros, e Judeos. Era permittido aos recebedores, e rendeiros das sizas darem varejos tres vezes por anno ás casas de huns e outros, para examinarem os pannos que tivessem para vender; porém aos christãos accreditavão-se as declarações, que dessem por escrito, em dous dos ditos varejos, e sómente em hum delles tinhão obrigação de mostrar os pannos; aos Mouros, e Judeos devião ser vistos, e medidos em todos os tres varejos.

Pelo *Regimento* dado pelo Senhor Rei *D. Sebastião* á fabrica dos pannos (que he o mesmo que depois confirmou, e ampliou com varios artigos o Senhor Rei *D. Pedro II.*) parece que esta manufactura estava bastantemente propagada pelo reino; e o *Capitulo XXIV.* faz persuadir, que por esse tempo se introduzio de novo a das baetas, picotes, guardaletes, e pannos de cordão, que dantes se não fabricavão em Portugal. Com tudo os Portuguezes se vestião em grande parte com os pannos de Flandres, Alemanha, França, e Ingla-

terra; e mesmo parece que assim acontecia desde tempos muito mais antigos. Os privilegios aos mercadores Inglezes, que nos trazião pannos, começão a apparecer pelo menos desde o Senhor Rei *D. Manoel*, como se mostra do *Alvará de 27 de fevereiro de* 1500, que fórma o *Capitulo LI. dos Artigos das sizas e da Marcaria*, ordenados pelos Senhores Reis *D. João II.*, e *D. Manoel*, pelo qual foi modificada, sómente a favor delles, a fórma geral dos varejos estabelecidos para os mercadores estrangeiros sobre o pagamento das sizas.

Filippe II., tratando Portugal na apparencia como hum reino independente, e na realidade como hum paiz conquistado, não só facilitou a introducção por terra daquella qualidade de pannos, e mais geneneros de manufacturas de Castella, que anteriormente só podião entrar pela foz, adoptando o methodo das avenças, de que tratão os *Capitulos LIII.* e seguintes do Foral da *Alfandega de Lisb a;* mas começou aquelle systema opressivo, que *Filippe III.*, e *Filippe IV.* levárão ao maior excesso, de enfraquecer Portugal para servir a Hespanha, e tirar-lhe todos os recursos para se não poder levantar. Povoação, dinheiro, armas, munições, navios, tudo tomava o caminho da Hespanha; o commercio, e a industria sepultavão-se nas ruinas do Estado. Por effeitos da sua desesperação ainda teve forças para quebrar o jugo em hum feliz momento, em que os dominadores estavão desapercebidos; mas não as tinha para sustentar-se independente contra o poder da Hespanha em huma luta aturada, sem auxilios externos; e he o que obrigou Portugal a buscar o apoio das nações estrangeiras, que era o mesmo que lançar-se nos seus braços.

Foi necessario acceitar, como hum favor, as

treguas que a Hollanda nos concedeo na Europa, em quanto além do mar continuava a apoderar-se dos nossos melhores estabelecimentos. Foi necessario fazer convenções com a França, nas quaes esta potencia procurava fazer bom o seu partido; e com a Inglaterra, que nos vendeo mui cara a sua protecção nos tres tratados consecutivos de 29 de janeiro de 1642 entre o Senhor Rei *D. João IV.*, e o de Inglaterra *Carlos I.*; de 10 de julho de 1654 entre o nosso mesmo Soberano, e *Coromwel;* e de 23 de junho de 1661, entre o Senhor Rei *D. Affonso VI.*, e *Carlos II.* de Inglaterra.

O primeiro dos referidos tratados já continha alguns artigos, de que a vantagem era toda para os Inglezes, sem reciprocidade para Portugal; a desigualdade se augmentou consideravelmente no segundo, pelo qual ficou livre aos Inglezes a navegação dos nossos estabelecimentos da Asia, e entre Portugal e o Brazil, com reserva sómente de certos generos de mercancias; e além de outros artigos, que nos forão onerosos, se estipulou, que quando Portugal precisasse de navios, os não podesse afretar senão pertencentes á Inglaterra; pelo terceiro finalmente démos faculdade aos negociantes Inglezes de poderem estabelecer-se, até o numero de quatro familias, nas praças de Goa, Cochim, Dio, Bahia, Pernambuco, e Rio de Janeiro; cedêmos Tanger, e Bombaim, a titulo de dote da Senhora Infante *D. Catharina*, que passou a ser Rainha de Inglaterra, e sommas consideraveis em dinheiro, para preencher as quaes foi necessario augmentar tributos, e pagarem-se as sizas dobradas por alguns annos. Foi este o preço, que nos custou a promessa de que ElRei da Grã-Bretanha tomaria a peito os interesses de Portugal, defendendo-nos por mar e por terra, como

se fossem os seus Estados, mandando dous mil soldados de pé, e mil de cavallo armados, e transportados á sua custa, logo depois da chegada da Senhora Infante a Inglaterra, e obrigando-se a preencher as faltas deste numero durante a guerra, devendo as mesmas tropas receber o soldo de Portugal, tanto que desembarcassem. Ou antes forão estas as consequencias da nossa fraqueza, e do aperto, em que nos deixou a politica vacillante da corte de França, então dirigida pelo *Cardeal Mazarini*, abandonando a nossa causa, quando já lhe não convinha a nossa alliança, e passando a fazer separadamente com a Hespanha a paz dos Pyreneos, apezar das vivas representações do *Conde de Soure*, Embaixador de Portugal em Paris.

Ainsi dans tous les temps nos seigneurs les lions
Ont conclu leurs traités aux depens des moutons.

O Senhor D. Pedro II. estabelece fabricas.

No meio de tantos contratempos, sem commercio, sem dinheiro, opprimidos de todos os modos, com a agricultura no estado em que vimos, e sem possuirmos em proprio os meios de segurança, e de prosperidade, como haviamos de ter manufacturas? Recebiamos dos estrangeiros, e principalmente dos Inglezes, a maior parte do nosso vestuario, e muito do nosso sustento; e como não era de graça, elles mesmos nos levavão os restos

da nossa fortuna, e nós correndo ao rumor d'agoa, parecia termos renunciado até as esperanças de poder melhorar de industria. Aconteceo porém o que não he raro nas crises apertadas: a necessidade estimula o espirito, e as difficuldades são vencidas.

A nossa corte, pelos mesmos embaraços em qne se via, foi obrigada a empregar os homens mais conhecidos por seus talentos nas repetidas, e continuas negociações, em que andava com as principaes cortes. Estes alli presenciavão os grandes esforços, que se fazião por toda a parte a favor das manufacturas, e principalmente em França, onde *Colbert* despregava então os vastos recursos do seu genio: as uteis lições, que aprendêrão nesta escola, elles as transmittírão a Portugal, que teve a fortuna de possuir então o Conde da Ericeira *D. Luiz de Menezes*, Védor da Fazenda, o qual as soube acolher, e as inspirou ao Senhor *D. Pedro II*. Este Principe, assim que tomou as redeas do Governo, concebeo vastos projectos de melhoramento. O seu primeiro cuidado foi o restabelecimento da paz com Castella, que conseguio em poucos mezes; o segundo foi a creação das manufacturas, a que se applicou com todas as forças. Foi pela primeira vez que as fabricas se vírão prosperar em Portugal a ponto de fazerem sombra ás nações estrangeiras. He precioso o que a este respeito nos deixárão escrito os nossos authores contemporaneos, por isso mesmo que he mui pouco, e porque o que nos dizem os estranhos he pouco exacto. Das nossas leis se tira tambem muita luz para a Historia das nossas manufacturas.

Desde o anno de 1676 começão a apparecer leis, e ordens a respeito das sedas, que indicão estar já em progresso esta manufactura, como a

Resolução de 6 de setembro, a *Provisão do Conselho da Fazenda de 6 de outubro*, que mandou pagar a 500 réis a folha de cada huma amoreira, por se ter introduzido de novo no reino a fabrica da seda, e a *Carta Regia de* 31 do mesmo mez e anno sobre a plantação das amoreiras, que se tinha incumbido aos Corregedores das comarcas. (1) O *Decreto de* 22 *de janeiro de* 1678 prohibio sentencearem-se as residencias dos ministros, sem mostrarem certidão de terem cumprido as ordens, que se lhes tivessem expedido sobre este objecto, passada pelo Secretario *Pedro Sanches Farinha*, que antes de a passar devia informar-se com o *Conde da Ericeira*, a quem ElRei tinha encarregado da fabrica dos teares, para a qual se tinhão mandado vir officiaes de fóra, como no mesmo *Decreto* se declara. (2) E não era sem difficuldade o conseguir mestres, e utensilios para as nossas fabricas, de paizes estrangeiros. Refere *Duarte Ribeiro de Macedo*, (3) que tendo mandado de Paris hum mestre de chapeos de castor a Lisboa, por ordem do *Marquez de Fronteira*, o Consul de França lhe offereceo o perdão de hum delicto que tinha em França, mais huma pensão de 200$000 rs. (grande somma naquelle tempo) com que o fizera tornar para a sua patria; e que o mesmo acontecêra com *D. Francisco de Mello*, o qual, pertendendo mandar de Londres hum tear de meias de seda, não pôde vencer as difficuldades, e prohibições, com que o impedírão.

Pelo que respeita ao successo da fabrica da

(1) Referem-se estes diplomas no *Indice chronologico do Desembargador João Pedro Ribeiro.*

(2) *Collecção II. á Ordenação Liv. I. tit. LX. N.*° 17.

(3) *Obras ineditas, Discurso I. cap. VIII.*

seda, podemos descançar na relação de hum escriptor coevo, tão intelligente, e exacto como o Padre *Rafael Bluteau*, (1) cujas palavras copiarei. "No anno de 1679, o Conde da Ericeira *D.* "*Luiz de Menezes*, teve o gosto de ver como effei-"tos, e premios do seu trabalho, na officina das "manufacturas de seda, assentada junto das por-"tas, que então existião de *Santa Catharina*, cin-"coenta teares, em que officiaes, pela maior par-"te estrangeiros, trabalhavão em muita sorte de "seda lavrada; e na casa debaixo da mesma fa-"brica andava hum grande moinho com grande "numero de fusos, que com prepetuo giro servião "de endireitar a obra; no mesmo tempo dos tea-"res, que o mesmo Ministro mandára vir de In-"glaterra, sahírão meias de seda, com que os Por-"tuguezes com calçados da sua lavra começárão a "passear as ruas de Lisboa. Finalmente nesta "côrte já mais de trezentas pessoas se sustenta-"vão só do dobar a seda; e se do dito anno de "1679 até o presente anno de 1724, espaço de "mais de quarenta annos, no termo de Lisboa, nas "provincias de Portugal, no reino do Algarve, nas "ilhas, e outras conquistas, com a devida obedien-"cia ao *Decreto* d' ElRei *D. Pedro II.* tivera a "gente Portugueza plantado, e cultivado amorei-"ras, e criado bichos da seda, para no seu tanto "vendella aos estrangeiros em rama, não haveria "hoje reino mais opulento que o seu, nem povo "mais izento das lazeiras, e angustias da pobreza.

"Eu, que desde o anno de 1668 tenho a for-

(1) *Prosas Portuguezas, Parte II. Prosa Economica pag.* 305. Este opusculo comprehende segunda vez impressa a *Instrucção* do mesmo author sobre a cultura das amoreiras, e criação do bicho da seda, escripta pelo mesmo tempo, em que se estabeleceo a fabrica.

"tuna de gozar da clemencia destes ares, junta-
"mente com a honra de ser o mais antigo Préga-
"dor da Capella Real, e o mais antigo Qualifica-
"dor do Santo Officio, em toda a occasião que se
"me offereceo, sempre procurei dar provas do meu
zelo, e agradecimento.

"Entre outras, evidente, e authentica demons-
"tração desta verdade he o livrinho, que eu com-
"puz, e dei á estampa, da *Instrucção sobre a cul-*
"*tura das amoreiras, e criação dos bichos da seda.*
"Do pouco successo, que teve, no dia de juizo
"se saberá a causa. (1)

"Agora que, a pezar da sem razão, a experien-
"cia vai mostrando aos cavalheiros desta côrte, e
"a pessoas do vulgo a grande utilidade desta cul-
"tura, e desta criação para augmento do bem pu-
"blico, me pareceo conveniente dar nova luz ao
"dito opusculo, hoje tão raro, que conheço pes-
"soas, que por não o achar nas lojas dos livreiros,
"o mandárão trasladar, ou por curiosidade, ou
"por conveniencia."

---

(1) Ainda que hoje se não possa acertar com o motivo, que arrancou ao author estas misteriosas expressões, por ellas se póde inferir, que ja naquelle tempo influia a má estrella, que tanto se oppõe ao progresso das nossas manufacturas.

Não será necessario esperar pelo dia do juizo para se saberem as causas, que conduzem a huma ruina proxima, e inevitavel, se se não acodir com remedio prompto, a Real fabrica das sedas; porque para se pôrem patentes, falta sómente o trabalho de se investigarem, e esse mui pequeno. Porém eu devo limitarme a supplicar a Sua Magestade, que queira pôr os olhos nas multiplicadas representações, que tenho feito sobre este objecto como Director da mesma fabrica, e como Deputado da Real Junta do Commercio, a que a Direcção he sujeita. Possão ellas concorrer, para conservar a existencia do mais importante dos nossos estabelecimentos fabris, as meninas dos olhos do Senhor Rei *D. José*: se por desgraça se não conseguir, espero que ao menos me justifiquem na Real presença.

O impulso não se limitou á capital: tambem nas provincias, e principalmente na de Tras-os-montes, se propagou a manufactura das sedas, com grande utilidade do reino. (1)

A *Pragmatica de 25 de janeiro de* 1677, entre muitos outros generos de luxo, prohibio o uso de todo o panno, e chapeos que não fossem fabricados no reino. Esta prohibição faz suppor, que se julgava serem sufficientes os productos das nossas fabricas destes generos de manufacturas, para o consumo do paiz; mas nem a *Pragmatica* faz menção do estabelecimento de taes fabricas, nem o seu objecto parece ter sido outro, que o de cohibir o luxo, e ella mesma declara ter sido promulgada em consequencia de representações dos póvos juntos em côrtes.

Os escriptores estrangeiros concordão pela maior parte em que foi no anno de 1681, que se estabelecêrão as fabricas de lanificios na Covilhã, Fundão, e outras terras do reino, com gente estrangeira; e até alguns nomêão a hum Irlandez chamado *Courtéen*, que estava ao serviço da Rainha viuva de inglaterra, o qual conduzíra a Portugal varios obreiros de pannos, e baetas, que vierão fundar estas manufacturas. Tambem concordão, que a dos pannos prosperou de tal sorte, que por mais de vinte annos supprio a todo o consumo do reino, e do Brazil; que porém a das baetas decahio, porque as lãs de Portugal erão muito

---

(1) Pódem ver-se algumas noções a este respeito na *Addição* ao *Compendio de observações, que formão o plano da viagem politica, e filosofica, &c.* do *Conselheiro José Antonio de Sá;* e nas *Dissertações Filosofico-Politicas sobre o trato das sedas*, do mesmo author, hum dos poucos, que entre nós tem tratado destas materias com grande zelo, e intelligencia.

curtas para esta qualidade de estofos: com tudo nós vimos, que no tempo do Senhor Rei *D. Sebastião* tambem se fabricavão baetas, e hoje mesmo se fabricão as chamadas da terra, e baetões ordinarios em consideravel quantidade. (1)

---

(1) Para aperfeiçoarmos este genero de manufacturas, devemos cuidar no aperfeiçoamento das lãs, procurando boas raças de gado, e dando-lhe hum tratamento, e pastos convenientes. O author anonymo de varias cartas, que vierão no *Jornal Economico* de Paris do anno de 1762, em resposta a outras sobre o commercio de Portugal, que tinhão vindo no *Jornal Economico* de 1756 do mez de março, e seguintes, diz na *carta II.* (de abril daquelle anno de 1762) ter apresentado á corte de Lisboa huma memoria, em que se offerecia a mostrar com a experiencia, que pelos referidos meios teriamos bem depressa lã tão comprida, tão fina, e tão perfeita, como em nenhuma parte do mundo. Com toda a nossa negligencia a este respeito, ainda temos muito boas lãs, e muito procuradas pelos Inglezes para as suas fabricas, principalmente as do Alémtéjo, que se assemelhão muito ás boas de Hespanha.

As nações industriosas tem feito as maiores diligencias para melhorarem os seus gados, e domiciliarem as bellas raças superfinas da Hespanha, no que se tem distinguido principalmente a França desde o anno de 1766. São bem conhecidos os trabalhos de *Daubenton, Angivilliers,* e *Tessier,* debaixo da protecção do Governo, e póde ver-se huma nota historica dos seus felizes resultados no *Pacte Social* de *P.— C. Dupeuty Nota* 46. Depois da revolução os differentes Governos, que teve a França repetírão, e multiplicárão esforços com este objecto, que, segundo as contas apresentadas á Camara dos Deputados em Paris no mez de julho de 1814, custou mais de vinte milhões de francos, que se inutilizárão por causa das medidas oppressivas, de que os mesmos esforços forão acompanhados.

Os Inglezes não tem perdido occasião de transportar ao seu paiz o gado merino; e entre as suas muitas tentativas póde ver-se em *Sinclair—An Account of the Systems of Husbandry &c. vol. II. Appendix n.* 24—as particularidades de hum rebanho de 103 carneiros, e 146 ovelhas, tiradas de Hespanha, por *Carlos Downie,* e embarcadas em Lisboa a 10 de julho de 1810 para Glasgow na Escossia, aonde chegárão a 6

O *Alvará de* 9 *de Agosto de* 1686, que renovou, e ampliou as prohibições da *Pragmatica*, he o que fallou em fabricas, explicando-se por este modo: "E porque tenho mandado dar nova fór-"ma ás fabricas do reino, para com ellas supprir "o que for necessario a meus vassallos, prohibo "que se não possa usar de nenhum genero de pan-"nos negros, ou de cor, não sendo fabricados "dentro do reino . . ." He notavel a diversidade, com que fallão os escriptores estrangeiros a respeito desta prohibição, já alterando as datas, já julgando-a restricta aos pannos pretos, como dizem huns, já ampliando-a a todo o genero de manufacturas de lã, como dizem outros.

---

de agosto seguinte, menos algumas cabeças, que morrêrão durante a viagem. E que fazemos nós, vendo assim atravessar pelo nosso paiz estas raças preciosas, tiradas das nossas visinhanças para paizes estrangeiros? Se se tiravão dellas as lãs meirinhas de que trata o *Capitulo XXXVI.* dos *Artigos das sizas do Senhor Rei D. Affonso V.*, he certo, que ou as possuiamos, ou mandavamos vir essas lãs para as nossas fabricas: hoje he raça desconhecida entre nós. *Rodrigo Sarmento de Vasconcellos e Castro*, sendo Superintendente dos lanificios das tres Comarcas, e Conservador das Reaes fabricas da Covilhã, e Fundão, mandou vir á sua custa de Hespanha para Portugal hum rebanho de gado merino; e propondo hum mais vasto plano a este respeito, com varias condições, e entre ellas a de se estender a sua inspecção a toda a provincia da Beira, poder apascentar os seus rebanhos nos maninhos, e baldios respectivos, sem com tudo excluir os mais creadores, podendo concorrer com elles nas arrematações das hervagens, e ser reconduzido naquelle lugar com o predicamento, que lhe competisse; assim o obteve em *Resolução de* 18 *de julho de* 1807, tomada em *Consulta da Real Junta do Commercio de* 9 *de junho do mesmo anno.* Seguio-se a invasão dos Francezes, em que lhe foi destruido o seu rebanho, e não se lhe verificou a Graça. Tornando de proximo a reviver o seu projecto, pende outra *Consulta* a este respeito. He a unica tentativa, que me consta ter havido sobre este objecto.

Os Inglezes, não podendo introduzir os seus pannos em Portugal, começárão a fazer avultadas remessas de droguetes pannos: a isto occorreo o *Alvará de 28 de setembro de* 1688, comprehendendo tambem na prohibição os droguetes pannos. Os *Alvarás de 14 de novembro de* 1698, e 21 *de julho de* 1702 ainda apertárão mais o rigor das referidas prohibições.

A manufactura da sola atanada, e bezerros, parece que tambem fez progressos nesta epoca; se he prova disso o terem-se prohibido estes generos, não sendo fabricados no reino, ou no Brazil, pelo *Decreto de 7 de maio de* 1680. A dos chapéos parece ainda mais claro ter prosperado; porque o *Decreto de 7 de março de* 1690 mandou, que se não podessem comprar, nem vender chapéos de castor, bigunia, e chamorro, (que erão as tres qualidades de chapéos que vinhão de fóra) não sendo fabricados no reino, e marcados com dous sellos em lacre com as armas Reaes; por não serem bastantes as duplicadas ordens, que se tinhão passado para a execução da *Pragmatica*, e se achar vulnerada esta lei, em razão de se não poderem conhecer os que erão de fóra, e os fabricados no reino, pela semelhança que tinhão huns com os outros. Esta semelhança he huma prova de que os nossos fabricantes igualavão perfeitamente os estrangeiros.

Tratado de commercio com a Inglaterra em 1703, *e suas consequencias.*

Era natural, que os Inglezes espreitassem a occasião de obterem de novo a liberdade de introduzir em Portugal os seus lanificios, pela quebra que as suas fabricas soffrião com a prohibição; e ella se lhes apresentou, quando o Senhor Rei *D. Pedro II.* se unio á liga, que formou o Imperador *Leopoldo* com a Inglaterra, e Hollanda sobre a successão do *Arquiduque Carlos* á coroa de Hespanha. As considerações commerciaes cedêrão ás da Politica; e a 27 de dezembro de 1703 se assignou em Lisboa o celebre *Tratado* entre o Senhor Rei *D. Pedro* II., por seu plenipotenciario o Marquez de Alegrete *D. Manoel Telles da Silva;* e a Rainha *Anna* de Inglaterra, por seu Plenipotenciario *João Methuen,* cujas estipulações em tres artigos são as seguintes.

I. Que Sua Magestade o Rei de Portugal promettia em seu nome, e de seus successores, admittir para sempre no seu reino os pannos, e mais estofos de lã da Grã-Bretanha, sobre o mesmo pé que antes da prohibição, e debaixo das condições dos artigos seguintes.

II. Que Sua Magestade a Rainha da Grã-Bretanha se obrigava por si, e seus Successores, a admittir para sempre os vinhos de Portugal; de modo que ou fossem em pipas, ou em barricas, não pagassem jámais outros direitos d'Alfandega,

nèm qualquer outro imposto directo, ou indírecto, senão os que se recebessem sobre a mesma quantidade dos vinhos de França, diminuindo hum terço a favor dos de Portugal; ou a Inglaterra e França estivessem em paz, ou em guerra; e que se em algum tempo se infringisse, por qualquer modo que fosse, a dita deducção ou abatimento, Sua Magestade o Rei de Portugal ficaria com o direito de prohibir de novo os pannos, e mais estofos de lã da Grã-Bretanha.

III. Que os Plenipotenciarios se obrigavão reciprocamente a ratificar este *Tratado* pelos respectivos Soberanos, e trocar as ratificações no espaço de dous mezes. E seguem-se as mais clausulas do estilo.

A Hollanda quiz gozar da mesma vantagem que a Inglaterra, e a obteve pelo *Tratado de commercio de 7 de agosto de* 1705, em que figurou de huma parte a Senhora *D. Catharina*, Rainha da Grã-Bretanha, regendo o reino por seu irmão o Senhor Rei *D. Pedro* II.; e da outra os Estados Geraes. Permittio-se aos Hollandezes a introducção dos seus pannos, e mais manufacturas de lã em Portugal, como antes da prohibição; e obrigárão-se os Estados Geraes a diminuir a terça parte aos direitos, que então se pagavão dos vinhos de Portugal na Hollanda. Este *Tratado* da Hollanda não foi mais que huma consequencia do de Inglaterra, a que commummente chamão de *Methuen*, por causa do nome do negociador Inglez.

A Historia da Diplomacia offerece poucos acontecimentos do seu genero mais memoraveis do que este, pelas consequencias que se lhe attribuem, e pela fermentação que produzio no Parlamento Britannico, e por toda a Europa. O partido da opposição, e os escritores seus adherentes,

esvahirão-se em declamações contra o *Tratado*, figurando-o como hum attentado contra as liberdades da nação, e regalias do Parlamento, porque limitava a este o poder de impôr os direitos, que bem lhe parecesse, sobre as mercancias estrangeiras; e clamavão, que toda a utilidade era para Portugal, porque os Inglezes se obrigavão a beber os vinhos desta nação mais caros no preço, e inferiores na qualidade, com preferencia aos de França melhores, e mais baratos. "O Author deste Tratado, diz o *Mercator*, obra Ingleza, que appareceo pelo anno de 1713, repousa ao presente no "tumulo, e não he o meu designio perturbar as "suas cinzas; mas aquelle, que o dirigio, ainda "vive entre nós; e ainda não ha muito tempo que "se disse, que aquelle que prestou a mão a hum "attentado tão manifesto contra a liberdade Ingle-"za, o deveria ter pago com a cabeça."

Outros pelo contrario, mesmo d'entre os Inglezes, consideravão o *Tratado* como huma das mais importantes conquistas, que a Inglaterra tinha feito, procurando-lhe hum amplo mercado aos seus lanificios, e não concedendo ella a Portugal, senão o que era do seu proprio interesse, e o que já praticava antes que o *Tratado* se ajustasse. E com effeito, examinados os factos, vê-se, que era falso o dizer-se, que os vinhos de Portugal erão mais caros que os de França, quando na realidade erão mais baratos; vê-se, que já muito antes estava regulada a diminuição da terça parte dos direitos a favor dos vinhos de Portugal, porque estava fixada a Politica do Governo Britannico em os gastar com preferencia aos de França, porque o commercio com a primeira destas potencias era summamente vantajoso á Inglaterra, ao mesmo tempo que o da ultima lhe dava constantemente

huma balança contraria. Vê-se mesmo pelos proprios calculos do *Mercator*, que nos quatro annos anteriores ao *Tratado* os Inglezes tinhão gastado 31:324 pipas de vinho de Portugal, e nos quatro annos que se lhe seguírão, gastárão 32:022 pipas, havendo sómente o augmento de 698 pipas em quatro annos; vantagem insignificante para Portugal, comparada com a que os Inglezes recebião pela livre admissão dos seus lanificios.

He por isso que os authores do *British Merchant*, obra contemporanea, respondião ao Mercator: "A convenção feita com Portugal deo tal "favor ás manufacturas de lã neste paiz, que nós "temos sido abundantemente indemnizados da per- "da da balança, que recebiamos em outro tempo "da Hespanha. O commercio de Portugal occu- "pa, e enriquece todos os obreiros, que a perda "do da Hespanha reduzia á pobreza: elle faz va- "ler as producções das nossas terras, que estavão "sem render. Certamente a memoria do Ministro, "que teve a habilidade de nos procurar hum Tra- "tado tão util, deve ser para sempre respeitada "em Inglaterra." Em outra parte dizem, que os serviços feitos por *Methuen* á Inglaterra erão taes, que todo o bom patriota desejaria, que se lhe erigisse huma estatua em cada huma das cidades mercantis da Grã-Bretanha. Não tenho que accrescentar a testemunhos tão energicos, proferidos por escritores Inglezes. Os das outras nações tambem tomárão partido na questão, principalmente os da França, que não sendo parte no *Tratado*, era com tudo huma das potencias mais interessadas no seu objecto, e resultados. Daqui nasceo esta guerra de penna, que se fez notavel nos escritos daquelle tempo, e se renovou ainda com maior calor, quando começárão a apparecer as

medidas vigorosas da corte de Portugal para a regeneração do Estado, depois do terremoto de 1755. A *Profecia Politica*, que se diz escrita immediatamente depois daquella catastrofe, e se imprimio em Madrid no anno de 1762, O *Gentleman's Magazine*, o *Anno Politico*, o *Jornal Economico* de Paris, o *Jornal de Commercio* de Bruxellas, e muitas obras, e periodicos contemporaneos, estão cheios de curiosas, e interessantes discussões a este respeito, e contém materias, que são ainda de grande importancia nas presentes circumstancias.

Em quanto por este modo os negocios de Portugal davão materia aos discursos dos politicos, e trabalho ás imprensas estrangeiras, perecia a nossa industria, e fechavão-se as fabricas; e como isto coincidia com o descobrimento das mais ricas minas do Brazil, com o *Tratado de Methuen*, com a guerra, e com muitas outras causas, que podião influir na nossa decadencia, cada hum assignava a que lhe parecia, e discorria-se com notavel diversidade. Quanto a mim, o *Tratado* concorreo muito para a ruina das nossas manufacturas; porque se ha casos, em que seja necessario recorrer ao systema prohibitivo, para que a industria estrangeira não suffoque na nascença os estabelecimentos fabris nacionaes, tal era o de Portugal naquella epoca. Mas elles tinhão de arruinar-se, ou com o *Tratado*, ou sem elle, huma vez que não mudámos o nosso systema economico; porque neste, e nos habitos da nação existião motivos bem capazes de darem com todas as nossas fabricas em terra, independentemente de outras causas externas. Foi hum fogacho devido aos sopros do *Conde da Ericeira*, e acabou com elle.

O author das cartas de hum Inglez em Lis-

boa sobre o commercio de Portugal explica-se deste modo a respeito da pobreza do reino: (1) "Eu "devo observar, que a pobreza de Portugal era "tão grande, quando se descobrírão as suas mi- "nas de ouro, que a lavra destas se não poderia já "mais conseguir, se os outros paizes, e princi- "palmente a Grã-Bretanha o não ajudássem, for- "necendo-lhe todas as despezas necessarias para "esta empreza. A' medida que tem augmentado os "seus retornos em ouro, augmentou tambem o seu "credito entre nós, e gradualmente entre as outras "nações. Agora que os Portuguezes se tem enri- "quecido consideravelmente, elles continuão a la- "vrar as suas minas, e fazem quasi todo o com- "mercio das suas colonias, e a maior parte do do "interior com os fundos das outras nações. Confião- "se-lhes todos os artigos do seu commercio sem "dinheiro, até que cheguem os seus retornos; de "modo que os negociantes dos outros paizes são "obrigados, não sómente a adiantar o valor das "mercancias, e suas despezas de transporte até "Portugal, mas ainda a pagar ao Rei, quando el- "las chegão, os direitos, que são muito altos para "as mercancias destinadas a reexportarem-se, até "que chegem os retornos, como acima disse."

He na verdade hum author muito suspeito no que respeita aos interesses de Portugal, e não duvido, que exaggere; mas he bem constante a pobreza, em que o reino se achava naquella epoca. Em taes circumstancias admira, que o *Conde da Ericeira* conseguisse estabelecer as fabricas, e conservallas por tanto tempo. O unico modo de lhes perpetuar a existencia era ir procurando capitaes

(1) *Carta II.* no *Jornal Economico* de Paris do mez de março de 1756.

por hum systema da mais rigorosa economia, e avançar lenta, e progressivamente com pé firme, para não perdermos terreno, como depois fez o Senhor Rei *D. José*. Como se não procedeo assim, e não soubemos aproveitar-nos das riquezas das nossas minas, a decadencia das fabricas era certa.

Apezar porém de termos retrocedido tanto em commercio, e manufacturas, não se julgue que o reino cahio em igual abatimento a todos os respeitos. O Senhor Rei *D. João V.* soube sempre conservar a dignidade do seu throno, e o esplendor da nação : fez respeitar o seu nome em toda a Europa ; e o seu reinado será sempre memoravel pela sua magnificencia.

Mesmo as fabricas nunca acabárão de todo : pelo contrario não só se conservárão algumas, porém outras se estabelecêrão de novo, como a do papel da villa de Lousã, para a qual mandou emprestar dinheiros da Real Fazenda, e a das sedas do Rato, que principiou no anno de 1734 por huma empreza de particulares, e foi a primeira pedra, sobre que o Senhor Rei *D. José* lançou depois os fundamentos da sua grande obra. Mas eu toco huma epoca, que merece ser tratada com mais extensão, e estou cançado. Continuarei este trabalho em occasião mais opportuna, se Deos o permittir.

FIM DO TOMO II.

ADVERTENCIAS.

I.

Na pagina 44, onde se trata das fumigações descobertas pelo Chimico Francez *Guyton de Morveau*, e pelo Medico Inglez *Smith*, para desinficionar o ar, houve troca de palavras, quando se disse, que o primeiro empregára o acido nitrico, e o segundo o acido muriatico: era a minha tenção dizer, que o primeiro *(Morveau)* empregava o muriatico; e o segundo *(Smith)* o nitrico.

A verdade he, que ambos empregavão hum e outro acido nas suas experiencias, pois trabalhavão em geral com os acidos mineraes; porém *Morveau* fixou o muriatico, como base, e fundamento das suas fumigações, de que pela primeira vez se servio no anno de 1773, para corrigir o ar contagioso da principal igreja de Dijon, e alguns mezes depois para suspender os horriveis progressos das febres, que se tinhão manifestado na mesma cidade. *Smith* adoptou o acido nitrico para as fumigações, que começou a fazer no anno de 1785 com bom successo no tratamento dos prezos de Winchester. Tambem fazia grande uso do acido muriatico; porém empregado em lavagens. Estes factos estão verificados na relação apresentada por *Chaptal* ao

Governo Francez sobre este assumpto, que *Morveau* ajuntou no principio do seu *Tratado sobre os meis de desinficionar o ar*, segunda edição de Paris em 1802, e pelo resumo historico de ambos os methodos, que contém a mesma Obra.

II.

Quando eu disse na nota da pagina 155, que nos arquivos do Conselho da Fazenda devia constar tudo o que respeita á Historia dos padrões de juro Real, ou da nossa antiga divida publica, não adverti, que o arquivo daquelle tribunal foi hum dos incendiados pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755.

INDICE

DAS

Materias, que contem este volume.